ECOS DOS SALÕES MEDIEVAIS

BARBARA LANE

Tradúção: Amadeu António

ECOS DOS SALÕES MEDIEVAIS

MEMÓRIAS DE VIDAS PASSADAS DA IDADE MÉDIA

Barbara Lane 1997

Dedicatória

Este livro é dedicado aos meus amados pais, John e Kathleen Lane; a todos aqueles tocados pelos tempos medievais; àqueles que se esforçam por purificar e transformar o resíduo psíquico ou kármico individual e coletivo; e aos visionários do passado, presente e futuro.

Índice

Prefácio: Fios Medievais Místicos: “Fonte de visão”

Sonhadores e Vendedores de Sonhos: “Órbita dos olhos de todos os homens”

Terapia de Vidas Passadas — Perspetivas Históricas sobre a Cura: “De amor e de mente sã”

Susan: “Almas de imperadores e sapateiros…”

NICK: “Deixando-nos as Estrelas…”

Dori: “Ilesa por entre a guerra dos elementos...”

Ann: “lágrimas secas ao acaso…”

Eric: “viverá ele novamente?”

Katharine: “Onde as almas se deitam em flores...”

Rich: “Sem Dano, sem Dores, sem ferida...”

Karen: “A alma segura, sorri…”

Felicia: “Sem descanso naquilo que perece...”

Paula: “Aqui em baixo tudo é incompreensível...”

Tee: “Uma coisa imortal como si mesma...”

Craig: “Cujos cidadãos não envelhecem...”

Helen: “Voem falcões, contem contos, cantem canções...”

Tecendo os Fios Místicos: “Pensamentos que VAGAM pela eternidade”

Um Novo Lar: “O vidro do Tempo quebra-se...”

Glossário

Os comentadores históricos

Eventos de reencenação e envolvimento
Notas finais
Bibliografia
Para leitura adicional

Agradecimentos

Com alegria e gratidão, quero agradecer àqueles que apoiaram a minha investigação e escrita, particularmente a Ann Longmore-Etheridge pela sua assistência profissional na edição e perícia histórica; à especialista histórica Susan Reed, por me ajudar a organizar o estudo, a recrutar os seus participantes e comentadores históricos, e por me dar um curso intensivo sobre a história da reencenação medieval. Estou também grata aos meus outros especialistas históricos: Bruce Blackistone, Stephen Hicks, Kathy Norvell, Paula e Larry Peterka, Lisa Steele e, especialmente, à Dra. Joann Moran, professora de história medieval e renascentista na Georgetown University.

Obrigada também a Jon Robertson da A.R.E. Press pela sua orientação gentil e apoio; a Katherine Lauder, por oferecer a sua casa como um refúgio para a escrita; e a Shirley Meyer, por ajudar a fazer a Idade Média ganhar vida ao partilhar uma mística aventura medieval europeia comigo. Agradeço aos meus pais, John e Kathleen Lane, por involuntariamente acenderem a minha paixão pela metafísica, e à minha mãe pela revisão de texto; a Karen Beary, cujo traje medieval me transformou numa elegante dama do século catorze; e ao Markland Viking Camp, por me deixar experienciar o seu estilo de vida do século nove. Um agradecimento sincero aos membros da Society for Creative Anachronism (SCA), historiadores vivos e atores de Festivais Renascentistas que foram corajosos o suficiente para partilharem neste livro as suas histórias e entusiasmo pela Idade das Trevas, Idade Média e Renascimento.

Prefácio

Fios Medievais Místicos

“Fonte de visão. . .”

— Vernon Watkins, poeta galês

Janeiro de 1996. Toda a costa leste tinha sido paralisada — isolada, fechada e bloqueada pelo pior nevão em quase um século. O tempo era a notícia principal — a única notícia. Condições perigosas impediam os mais corajosos de se aventurarem nas estradas. Por todo o lado, as pessoas afetadas pela tempestade estavam reunidas em volta de aparelhos de televisão, ansiosas pela última atualização. E nós não éramos exceção.

Membros da Society for Creative Anachronism, Inc. (SCA), ainda estavam vestidos com os seus trajes medievais, esperando para conhecer o seu destino. Seríamos capazes de deixar o que tinha sido planeado como um fim de semana de festividades da Twelfth Night (Noite de Reis) em todo o reino? Já tínhamos ficado retidos no hotel de estilo bávaro um dia extra. Os meteorologistas da televisão não pareciam esperançosos de que fôssemos regressar a casa tão cedo.

A neve fora do Red Lion Inn, na zona rural de Blacksburg, Virgínia, há muito que tinha enterrado os nossos carros, transformando-os em montes semelhantes a sepulturas no que tinha sido o parque de estacionamento — agora um pântano branco, imaculado salvo pelas tentativas fúteis de alguns "Scadians" (membros da SCA) para escavar. Outros entregaram-se mais graciosamente ao destino e ofereceram-se para ajudar a equipa do hotel, cansada e igualmente retida. Uma mulher entregou toalhas lavadas. Sua Majestade Real, a Rainha Brigit do Reino de Atlantia, deu um exemplo brilhante para os seus súbditos ao esfregar o chão da cozinha.

Recém-chegada aos eventos de reencenação medieval, eu já estava convencida de que não poderia ter ficado retida com um grupo de pessoas mais simpático, talentoso, autossuficiente e engenhoso.

Espreitei pela janela e observei os flocos brancos caírem numa cortina pesada. Apesar do movimento da tempestade, prevalecia uma estranha quietude. Dei por mim a imaginar como teria sido o mundo quando as pessoas que inspiraram estes medievalistas, e os Pré-Rafaelitas[1] antes deles, eram de carne e osso — dando passos reais sobre a terra. Talvez uma mulher da Idade Média tenha outrora espreitado para o exterior para um mundo similarmente coberto de neve, retida após a sua própria Twelfth Night ter chegado ao fim.

A Twelfth Night era um feriado medieval que celebrava a chegada dos três reis magos a Belém. A Twelfth Night era o décimo segundo dia após o Natal, quando ocorriam celebrações e a entrega de presentes. O Dia de Natal ainda retinha um ar de solenidade religiosa.

Visualizei a antiga foliã medieval retida pela neve, ocupando-se tal como eu estivera. Numa sala, anteriormente preenchida por mercadores reencenadores a vender as suas mercadorias, desde tecidos a armaduras, as pessoas agora curvavam-se sobre mesas espalhadas com jogos de estratégia militar. Outros agrupavam-se em volta de um tabuleiro de tecido para jogar o popular jogo da época "Trilha" (Nine Men's Morris), no qual um jogador planeia movimentos ao estilo do jogo do galo para reduzir o arsenal do seu oponente a apenas dois homens. Noutras mesas, as pessoas ponderavam os seus próximos movimentos num jogo de cartas moderno estrondosamente popular chamado Magic™, que, para os meus olhos de novata, parecia complicado, de base mística e algo semelhante a Dungeons and Dragons™. Aqui e ali, artesãos solitários pontuavam a sala, pintando ou desenhando silenciosamente.

Outra sala, usada durante a Twelfth Night para exibir artesanato medieval, desde pergaminhos caligrafados a bordados ornamentados, e de elmos blindados a hidromel caseiro, tinha sido agora convertida num salão de baile. Os instrumentos musicais que estavam a ser tocados incluíam flautas de bisel, um alaúde, uma charamela (um parente do moderno oboé) e um saltério (um instrumento semelhante a uma harpa que se coloca no colo e é tocado com um arco).

Os músicos acompanhavam os dançarinos, que rodopiavam, marcavam o passo, saltavam e deslizavam enquanto os espectadores marcavam o tempo. Em danças de roda lentas, solenes e formais, como a "pavana", os casais passeavam numa procissão desenhada para exibir as suas roupas sumptuosas. Estas eram intercaladas com danças circulares chamadas "bransles".

Noutros locais, batimentos hipnóticos de tambores marcavam o passo para dançarinas do ventre que ondulavam e se agitavam sedutoramente, com os seus trajes a tilintar e os seus zills *(címbalos de dedo metálicos)* chamando aqueles que estivessem ao alcance da audição.

Bardos, cantores e contadores de histórias congregavam-se perto de uma lareira no átrio, com as chamas quentes a estalar e a madeira a arder a lançar faíscas. Instalei-me na base de pedra da lareira para ouvir. O fumo acre picava-me os pulmões e os olhos. Uma mulher com uma roca de fiar estava sentada à minha frente. Trabalhava calmamente com linho e lã que tinha tingido à mão usando técnicas da época. Disse-me que a sua criação resultante seria a lã merino mais macia, que ela depois tricotaria para fazer um capuz. Ocasionalmente, parava o seu trabalho para juntar a sua voz em cântico com

os outros. Os cantores eram acompanhados por um harpista celta e um guitarrista enquanto cantavam baladas irlandesas e canções folclóricas saltitantes. Os restantes de nós entravam para os refrãos simples, frequentemente atrevidos. As melodias aqueciam a alma, enquanto o calor do fogo aquecia o corpo.

A noite anterior tinha sido cheia de pompa e banquete. Vestidos com pesadas capas de lã que chegavam ao chão, tínhamos caminhado penosamente por sessenta centímetros de neve até ao salão de banquetes.

Uma vez libertos das nossas capas e cestos de baixela, sentámo-nos em longas mesas de madeira. À medida que todos se reuniam, fiquei maravilhada com a cor e a complexidade das vestes dos foliões. Havia poucos camponeses, se é que havia algum, uma vez que eles se consideram parte da pequena nobreza não titulada, a menos que um indivíduo escolha conscientemente uma persona de camponês.

Vestidos amplos e majestosos de veludo e brocado roçavam o chão. Alguns eram de gola alta; outros mostravam um decote substancial. Os adereços de cabeça incluíam turbantes, capuzes, véus e os "hennins" em forma de cone das princesas de Walt Disney. Havia vestidos de corte isabelinos, kilts de habitantes das terras altas *(highlanders)*, e pessoas vestidas como hunos, cavaleiros, freiras e monges.

À medida que os servidores traziam os muitos pratos do banquete para a mesa, os cálices eram erguidos e gritos vigorosos de "Vivat! Vivat!" ecoavam pelo salão de banquetes para honrar os cozinheiros. A ementa incluía Welsh rarebit e um suculento bife assado, tarte de frango e salva, e agurkesalt *(uma salada fria de pepino)*, e tinha sido preparada por um mestre de cozinha e um esquadrão de voluntários. O Rei Cuan e a Rainha Brigit de Atlantia presidiram à longa refeição. Depois, realizaram corte para honrar os seus súbditos exemplares pelas suas capacidades ou serviço. Estes súbditos vinham dos cantos mais distantes do reino, vindos da Carolina do Norte, Carolina do Sul, Virgínia, Maryland e Washington, D.C.

Como convidada, eu tinha escolhido uma persona francesa temporária, "Jeanne Vivienne", e estava vestida com uma cotehardie de algodão branco, sobre a qual estava uma surcote sem lados de um brocado roxo-negro profundo. A surcote sem lados, um sobrevestido com os lados cortados para mostrar a forma das ancas, era comummente referida como as "Portas do Inferno", porque era considerada pecaminosamente arriscada. Para completar o traje, usei um véu de linho e um pequeno adereço de cabeça de veludo. Ao

início, o meu traje parecia peculiar, mas após um fim de semana, senti-me mais livre e mais bonita do que de camisola e calças. Este mundo e as suas charmosas afetações eram sedutores.

Após outra noite no hotel, juntei-me a um pequeno grupo que decidiu tentar chegar a casa antes que o próximo nevão previsto começasse. Embora os meteorologistas avisassem contra tais tentativas, seguimos em caravana em direção à área metropolitana de Washington, D.C. Avançámos centímetro a centímetro de volta a casa ao longo de uma autoestrada repleta de destroços e carros abandonados.

Quando parti, não fazia ideia de como chegaria até casa, uma vez que a minha boleia não ia para lado nenhum perto da minha localização. Felizmente, outro condutor ofereceu-se para me levar a uma paragem de comboio do Metro. Uma hora mais tarde, quando saí na minha paragem de Metro, o surpreso gestor da estação disse-me que eu tinha sido a única pessoa a sair ali em todo o dia.

Os passeios de Alexandria, Virgínia, estavam quase intransitáveis. Poucos carros em movimento ou peões eram visíveis. Enquanto eu lutava para chegar à minha casa, um polícia encostou num carro de patrulha e ofereceu-me boleia até à minha porta. Aceitei agradecida. Tinha sido uma viagem estranhamente encantada, do início ao fim.

Relaxando em casa, refleti sobre um estudo que tinha feito dois anos antes como parte da minha tese de mestrado. O estudo dizia respeito a reencenadores da Guerra Civil, e porque é que eles chegavam do trabalho e vestiam tão ansiosamente o passado Confederado ou da União. Usando as minhas capacidades como hipnoterapeuta de regressão, eu queria ver se conseguia descobrir quaisquer ligações diretas entre a sua obsessão com a história e as suas vidas passadas.

Agora, percebi que outros, muitos dos quais passam os seus dias a interagir com computadores, passam as suas noites a retirar-se para a Idade Média. Alguns deles realmente investigam, desenham e cosem o seu próprio traje. Alguns tecem o seu próprio pano, enquanto outros aprendem a bordar, fazem a sua própria cota de malha ou armadura a partir de arame e chapa metálica. Eles frequentam aulas de tiro com arco de combate, esgrima de época, espada e escudo, dança, tocar instrumentos de época, cantar, contar histórias, fazer hidromel e cerveja, preparação de banquetes e etiqueta de corte.

Quem são estas pessoas que navegam na Internet de dia e recriam a Idade Média à noite? Entre outros grupos, são membros da SCA, participantes em festivais renascentistas e habitantes de campos de história viva, tais como os da Markland Medieval Mercenary Militia, baseada na Costa Leste.

Este fenómeno tinha captado a minha atenção, e eu estava intrigada por saber por que razão estas pessoas são atraídas para recriar fatias de uma era muito distante (de 500 d.C. até 1600 d.C.), em vez de um único evento de tamanha magnitude como a Guerra Civil — quase ao alcance da memória viva.

Perguntei-me se teria os mesmos resultados que tive ao regredir os reencenadores da Guerra Civil, se regredisse os medievalistas. Detetaria quaisquer diferenças substantivas entre os dois grupos de reencenadores e as suas vidas passadas recordadas?

Felizmente, um dos meus reencenadores da Guerra Civil levou-me a Susan Reed, a então Baronesa de Ponte Alto (uma faixa de terra correspondente aos subúrbios interiores do Norte da Virgínia), que me convidou para assistir a um círculo de costura na sua casa. Mas em vez de estar armada com agulha e linha, vim com um gravador e um bloco de notas.

Na noite em que conduzi até ao seu "castelo", identifiquei imediatamente a casa por um estandarte com o brasão da "Baronia de Ponte Alto". A casa estava cheia de livros, aos quais as participantes do círculo de costura recorriam enquanto planeavam o seu vestuário para a próxima 24.ª Guerra Anual de Pennsic. "Pennsic", aprendi rapidamente, era "o" evento do ano.

Pennsic é um acampamento de duas semanas que atrai quase 10 000 "Scadians" à Pensilvânia em cada mês de agosto para participar em combates, compras, reuniões rituais de corte e competições em ciência, artes e ofícios. Archotes e fogueiras iluminam o céu noturno, enquanto encontros casuais em festas de acampamento acendem romances conhecidos por levarem ao casamento.

Ao conversar com as mulheres do círculo de costura, descobri que elas não usavam os seus nomes "mundanos" da atualidade, mas usavam antes nomes medievais inventados, falando como as personagens das suas personas. Ouvindo Susan falar como "Teleri, a Copeira", a personagem que ela estava a interpretar na altura, perguntei-me sobre as vidas passadas que seriam reveladas por sujeitos já habituados a agir e a falar como outras personas.

Também me perguntei sobre as dificuldades que enfrentaria ao tentar verificar vidas passadas que se estendiam por um milénio e por uma vasta área geográfica. Eu não podia viajar para locais e arquivos em todo o mundo, por isso precisaria de recrutar especialistas com especialidades tais como vestuário e guerra, que pudessem dar-me opiniões académicas tanto sobre os eventos como sobre as descrições dos meus sujeitos acerca do ambiente quotidiano das suas identidades recordadas.

Naquela noite abafada de julho de 1995, também aprendi que estava a lidar com gente de uma mentalidade diferente da dos meus sujeitos da Guerra Civil. Enquanto as mulheres discutiam o seu hobby, observei que elas eram de certa forma menos intensas em relação à autenticidade estrita do que os reencenadores da Guerra Civil. Enquanto alguns participantes levavam a sua investigação e interpretações muito a sério, outros apreciavam os eventos pelos trajes, entretenimento e comida. A gama de interesses era ampla: enquanto alguns apreciavam a privação da vida medieval, outros apreciavam-na nos seus detalhes.

Também aprendi sobre os festivais renascentistas, uma rede de feiras com fins lucrativos realizadas anualmente por toda a nação. Fiz uma nota mental para entrevistar alguns destes participantes de festivais, na sua maioria atores pagos, para ver se as suas vidas passadas — assumindo que as recordassem — poderiam adicionar informação importante ao estudo.

Pelo caminho, acabaria por descobrir a outra categoria de grupos medievalistas, incluindo a Markland Medieval Mercenary Militia, os Landsknechts alemães e outros, que competem por prémios de autenticidade em eventos de história viva. Analisar as suas vidas passadas recordadas juntamente com as outras parecia de grande importância. Seriam essas vidas mais ricas em detalhes, talvez refletindo a maior profundidade do seu conhecimento histórico consciente, do que os outros grupos?

Com a ajuda de Susan, comecei a reunir as perguntas para os meus sujeitos de regressão, que decidi que deveriam incluir tanto veteranos como recém-chegados relativos a eventos medievalistas. Susan também ajudou ao espalhar a palavra sobre a minha busca por sujeitos de regressão.

Em questão de semanas, o estudo ganhou vida própria. O telefone não parava de tocar com chamadas de voluntários. Selecionei uma mistura de homens e mulheres com variados níveis de envolvimento na SCA, festivais renascentistas e grupos de história viva, e comecei então a entrevistar os meus novos sujeitos.

Como viria a verificar-se, todos os treze conseguiram recordar vidas na Idade das Trevas, Idade Média ou Renascimento, tal como os meus sujeitos da Guerra Civil, que todos recordaram os seus papéis passados nos eventos do início da década de 1860. Seria possível que as vidas passadas medievais em que toquei revelassem as motivações ocultas que levaram estes medievalistas a recriar este período de tempo? Poderia isto, então, ser uma possível pista para o que experienciamos nas nossas vidas hoje?

Após as regressões estarem concluídas, levei as transcrições à Dra. Joann Moran, professora de história medieval e renascentista na *Georgetown University*, em Washington, D.C. A Professora Moran achou a maioria das regressões que reviu fascinantes, plausíveis, precisas nos detalhes gerais e geralmente consistentes com os factos históricos. Moran especializa-se nos aspetos sociais e intelectuais da história medieval, é autora de vários livros sobre a era e deu palestras sobre temas como a lenda arturiana, a vida das mulheres medievais e o misticismo na Idade Média.

Além do feedback da Professora Moran, decidi recorrer à riqueza de conhecimento acumulada por vários especialistas em reencenação de história viva, tais como o estudioso da Idade das Trevas Bruce Blackistone, de *Oakley Farms*, Maryland. Também pedi feedback a vários sujeitos que tinham, cada um, a sua área de perícia histórica.

Os meus treze sujeitos incluíam sete mulheres e cinco homens, cujas idades variavam entre os vinte e quatro e os quarenta e dois anos. As suas carreiras eram diversas. Dez tinham passado entre um e dezasseis anos como membros da SCA. Seis tinham passado entre dois e catorze anos a trabalhar em vários festivais renascentistas. Três tinham passado entre um e dezasseis anos como historiadores vivos.

Com a ajuda de Moran e Blackistone, e os comentários dos próprios sujeitos, eu iria sondar o que leva estes reencenadores a participar num hobby que consome o seu tempo e dinheiro, e guia os seus relacionamentos pessoais. Na minha busca, poderei ter vislumbrado um fio místico que os liga ao passado. Talvez através da reencenação, estes medievalistas tenham também tropeçado inconscientemente num portal para o seu passado. Agora, juntos, tínhamos passado pelo portão do seu subconsciente — permitindo a amplificação dos seus próprios ecos abafados vindos de salões medievais. Eu também fui transportada ao ouvir os seus ecos de uma era distante.

Nota da autora: Com as exceções de Dori, Nick e Helen, todos os sujeitos de regressão reencenadores deram permissão para usar os seus nomes

reais. Os textos reais das narrativas de regressão foram, em alguns locais, condensados e editados para melhorar a legibilidade. Apenas os diálogos de vidas pertencentes à minha investigação medieval foram incluídos. Embora este livro inclua as narrativas de vidas passadas de alguns dos seus membros, nem a autora nem a *A.R.E. Press* declaram que a filosofia da reencarnação é oficial ou extraoficialmente sancionada pela *Society for Creative Anachronism, Inc., Renaissance Festivals, Inc., Markland Medieval Mercenary Militia, Ltd., The Markland Viking Camp, La Belle Compagnie, Das Teufels-Alpdriicken Fahnlein* (Reencenação Mercenária *Landsknecht*) ou outras organizações ou indivíduos aqui nomeados.

1

Sonhadores e Vendedores de Sonhos

"Órbita dos olhos de todos os homens..." — Vernon Watkins, poeta galês **A *Society for Creative Anachronism, Inc.* (SCA): Reinventar o Passado** "Se existe um único lema da SCA," diz Susan Reed, membro de longa data da SCA, "seria 'Ao serviço do sonho'. Claro que cada participante tem a sua própria interpretação do que é o 'sonho'. "Para alguns," diz ela, "é um compromisso com o medievalismo vitoriano — romance grandioso e cavalaria numa forma pura, mas artificial." De facto, os ideais da Sociedade são talvez mais pré-rafaelitas do que verdadeiramente medievais, centrando-se nas virtudes da Távola Redonda Arturiana de cavalaria, cortesia e honra.

Os membros da SCA esforçam-se por recapturar a ambiência da Idade Média e do Renascimento, em vez das realidades frequentemente cruas e duras, como fazem as unidades de reencenação da Guerra Civil mais obstinadas com as quais estou familiarizada. Segundo Reed, muitos "Scadians" preferem o passado da forma como "deveria ter sido" — sem a pobreza extrema, o analfabetismo e as mortes prematuras por parto, peste e outras doenças medievais. Alguns até permitem anacronismos como grelhadores a carvão, autoclismos e desodorizante.

A SCA é uma organização sem fins lucrativos que conta atualmente com mais de 20 000 membros pagantes nos Estados Unidos, Canadá, Austrália, Grã-Bretanha e outros países europeus. Reed estima que "jogadores" adicionais mais do que duplicam esse número. Embora alguns "Scadians" retratem agora a vida na classe média e baixa, os membros geralmente retratam a classe alta e apreciam a vida na corte anterior a 1600 d.C.

Os membros da SCA pensam nos tempos modernos como a "Idade Média Atual" e no mundo moderno como dividido em treze áreas geográficas ou reinos. Cada reino é governado por um rei, que conquistou o título em combate, e pela sua rainha escolhida. Um reino pode ser subdividido em ramos locais, chamados províncias, baronias e condados. Barões e baronesas, como Susan Reed e o seu marido, são representantes oficiais da Coroa dentro do seu território.

Existem senescais para supervisionar os assuntos diários; autocratas para organizar eventos; marechais para supervisionar os combates e as regras de segurança relacionadas; tesoureiros para ajudar na contabilidade; cronistas para manter a população informada através de boletins informativos; e castelãs para acolher os recém-chegados, fornecer trajes de empréstimo (chamados "garb") e interagir com o público.

Mesmo com anacronismos nesta realidade medieval, Reed diz que, através das reencenações, os "Scadians" experienciam uma aprendizagem prática em áreas como fiação e tingimento, costura, trabalho em couro, ferraria e culinária. Através da investigação, os membros aprendem sobre os costumes medievais. Em banquetes, por exemplo, os "Scadians" vêm preparados para saborear iguarias medievais. Alguns usam os seus melhores modos medievais — comendo com os dedos, usando taças de água para os dedos entre os pratos, e brindando à Coroa e ao cozinheiro. Depois do jantar, jogam jogos medievais e dançam ao som de música da época.

Durante banquetes e outros eventos, explica Reed, os "Scadians" referem-se a si próprios e aos seus colegas pelos nomes historicamente plausíveis das suas personagens ou *personas*. Usam linguagem arcaica para se referirem a objetos modernos: os carros são "dragões", os telefones são "faladores de longe" e as aparelhagens eletrónicas são "menestréis em caixas".

Quando não estão em banquetes e folias, as atividades dos "Scadians" voltam-se para torneios de combate onde todas as precauções de segurança são tomadas — incluindo o acolchoamento dos combatentes e o uso de armas de rotim feitas à mão.

"Uma vez que o voluntariado é integral para a organização," diz Reed, "existe uma estrutura de prémios para reconhecer, recompensar e agradecer aos membros." Os "Scadians" que se destacam em áreas de serviço de combate, ou nas artes e ciências, são reconhecidos pela sua excelência — por exemplo, com os *Awards of Arms* ao nível do reino e os *Peerage Awards*. A

Nobreza — raramente concedida, segundo Reed — reconhece realizações distintas, polivalência dentro da Sociedade, bem como qualidades como serviço, autodisciplina, cortesia, compaixão e generosidade.

Seminários, aulas e guildas de artesãos aprofundam o conhecimento dos "Scadians". Revistas medievais, tais como a *Renaissance Herald*[1], a *The Chivalry Sports: Renaissance Catalog Magazine*[2] e a *Smoke and Fire*[3], fornecem tanto conteúdo editorial como publicidade dirigida ao membro da SCA. Os membros da Sociedade também encenam eventos para partilhar a sua cor e conhecimento com o público. Susan Reed diz acreditar que, à medida que os membros da SCA "caminham, não de costas para o futuro, mas para a frente em direção ao passado", as suas descobertas pessoais e históricas ajudam-nos a si mesmos e aos outros também.

Festivais Renascentistas: Vendedores de Sonhos

Entre fevereiro e novembro de 1994, 3,2 milhões de pessoas — algumas adornadas com trajes renascentistas, outras coroando as suas calças de ganga e calções do século vinte com grinaldas de flores — passearam por cerca de setenta festivais renascentistas espalhados pelos Estados Unidos. No festival renascentista em Tuxedo, Nova Iorque, durante a temporada de 1994, a Rainha Winifred e a sua comitiva, incluindo "William Shakespeare", fizeram uma visita à aldeia de Sterling no ano de 1589. Robin Hood casou-se com Maid Marian, enquanto um "jogo de xadrez vivo" colocou o bando alegre de Robin Hood contra membros da corte, com jogadores que lutavam com espadas para conquistar os seus quadrados. Para os de inclinação clássica, houve representações de *As Alegres Comadres de Windsor* de Shakespeare e do *Conto do Mercador* de Chaucer. Os visitantes interagiam com jocosos cantores reais de madrigais, sopradores de vidro, malabaristas em andas e o errante caçador de ratos da cidade.[4]

Mais abaixo na costa, em Annapolis, Maryland, um festival na aldeia de *Revel Grove* tinha sido declarado em honra de Sua Majestade o Rei Henrique VIII e da sua quarta futura noiva, Ana de Cleves. O próprio *Globe Theatre* de *Revel Grove* apresentou o conto consagrado pelo tempo de duas famílias rivais, os Montecchio e os Capuleto, e o amor proibido de Romeu e Julieta. O público ficou boquiaberto quando Johnny Fox, engolidor de espadas extraordinário, enfiou uma lâmina afiada pela garganta abaixo. As crianças gritavam de deleite com o espetáculo de marionetas *Punch and Judy* de Horn.

Espectadores famintos roíam pernas de peru fumadas gigantescas e passavam pela *White Tavern Inn* para erguer uma caneca às Corpulentas

Baladeiras Atrevidas. Artesãos e mercadores exibiam as suas mercadorias, de joalharia em prata a cerâmica, para seduzir os compradores a procurarem notas nas suas bolsas, enquanto cavaleiros de armadura a cavalo batiam-se em justa com espadas reais como prelúdio para a pompa do casamento real no final do dia.

Admitidamente, o público mal nota as discrepâncias históricas — que o *Romeu e Julieta* de Shakespeare ainda não teria sido escrito ou que as pernas de peru eram uma ave do Novo Mundo ainda não descoberta.

Como começou esta folia renascentista? Em 1963, Phyllis Patterson organizou a primeira *Renaissance Pleasure Faire*, no sul da Califórnia. A antiga professora do ensino secundário e treinadora de drama criou-a originalmente para educar e deleitar os jovens. Patterson respondeu a um anúncio no *Laurel Canyon Crier* para trabalhar num *workshop* de teatro de verão para oitenta crianças com menos de doze anos.

Determinada a envolver todas as crianças na produção, decidiu representar uma história do teatro desde contos de uma caçada na pré-história até ao musical da década de 1960, *Oklahoma*. Cada criança foi logo capaz de repetir a frase vitoriana que se tornou o tema do programa: "A ontogenia recapitula a filogenia" — o crescimento dos indivíduos repete a evolução dos seus antepassados através da história.

Enquanto investigava o teatro na Idade Média, Patterson tropeçou na obra de Pierre Ducharte, *Italian Comedy: The Improvisation, Scenarios, Lives, Attributes, Portraits, and Masks of the Illustrious Characters of the Commedie Dell'arte*.[5] O que encontrou foi a história de comediantes que viajavam de cidade em cidade em carroças puxadas por burros, representando peças onde personagens-servos gozavam com os seus mestres ricos. Como antecessores dos espetáculos de *Punch and Judy*, os atores eram especialistas em improvisação.

Com uma carroça como palco, os alunos de dez anos de Patterson vestiram a pele destes comediantes medievais. O programa de teatro foi um sucesso tal que muitas das crianças regressaram mais tarde ao quintal em socalcos de Patterson para mais experiência de improvisação. Alguns dos seus grupos apresentaram-se no *American National Theater* em Los Angeles.

Armada com uma nova visão de teatro para o povo, Patterson propôs uma feira como angariação de fundos para a *Pacifica Foundation*, que patrocinava a primeira estação de rádio pública da América. Patterson, que

tinha trabalhado em televisão e rádio, recebeu tempo de antena para pedir ajuda voluntária e a primeira *Renaissance Pleasure Faire*, perto de *Laurel Canyon*, tornou-se uma realidade.

Tendo ela própria deixado uma cidade de 300 pessoas em jovem, Patterson disse-me que quis recriar uma atmosfera "onde toda a cidade é o teu recreio; conheces toda a gente e eles cuidam de ti." Sentindo que as pessoas tinham um desejo de regressar às suas raízes agrícolas, esforçou-se por manter essa ambiência incluindo artesanato caseiro, interações pessoais e costumes populares na *Renaissance Faire*, embora esta se tenha tornado eventualmente uma "cidade" de 4 000 habitantes, incluindo 1 000 atores.

Hoje, o filho de Patterson é o gestor das duas *Renaissance Pleasure Faires* na Califórnia para a *Renaissance Entertainment Corporation*. Esta detém cinco festivais, incluindo no Norte e Sul da Califórnia; *Bristol Run*, Wisconsin; Estado de Nova Iorque; e Fredericksburg (Virgínia). Patterson diz que viu famílias com três gerações de atores de feira. A maioria são voluntários que passam por um mês de treino intensivo seguido por um compromisso de oito fins de semana no Sul da Califórnia e, após completarem outro programa de treino, um compromisso de seis fins de semana no Norte da Califórnia.

Patterson observa que, para muitos participantes do festival, a história torna-se uma paixão avassaladora e que muitos dos seus participantes mais entusiastas são, na realidade, programadores informáticos ou exercem outras profissões aparentemente incompatíveis, mas que se sentem impelidos a recriar o passado. Para eles, ela viu as Feiras Renascentistas criarem um equilíbrio nas suas vidas e oferecerem um sentido de comunidade. Muitos foram licenciados em artes liberais.

Acreditando que a aprendizagem deve ser um circo com todos os sentidos excitados, Patterson tinha como objetivo ajudar outros a perceberem que "a história é sobre a vida das pessoas, não sobre o Diário do Congresso." Por esta razão, as crianças das escolas locais vestem-se a rigor e assistem a *workshops* no local durante a semana. Patterson diz acreditar que a falta de celebração causa um desequilíbrio no mundo moderno. Desenhou as suas feiras para compensar isso. Preparou o cenário para os visitantes virem, vestirem-se a rigor e participarem diretamente na experiência. "O cerne do nosso sucesso é que tentamos esbater a linha entre visitante e participante. Toda a feira é um palco," disse-me ela.

Patterson concorda com a visão de James Redfield, autor de *A Profecia Celestina*, de estender a nossa consciência do tempo histórico. No seu livro, as personagens de Redfield descobrem que se deve aprender como a visão quotidiana do mundo se desenvolveu ao longo do tempo e como foi criada pela realidade das pessoas que viveram em eras anteriores. "Para compreenderes realmente onde estás hoje, deves levar-te de volta ao ano 1000 e depois avançar por todo o milénio experiencialmente, como se tivesses realmente vivido todo o período tu próprio numa única vida."[6] Tendo experienciado esta história mais longa, Redfield diz que se passa a viver num "agora mais longo".

Quase uma década depois de Patterson ter começado as suas feiras, um vendedor levou o conceito de festival renascentista para o Minnesota. Hoje, o Minnesota é a feira mais frequentada do país, atraindo 315 000 visitantes ao longo de catorze dias. Também classificadas entre as maiores em assistência estão as feiras de *Scarborough*, Texas, e Houston, Texas. Festivais renascentistas em Toronto, Canadá, e Richmond, Virgínia, são dois dos mais recentes festivais a abrir os portões para o passado.[7]

O *Maryland Renaissance Festival* celebrou a sua vigésima temporada em 1996. Em 1995, ao longo de nove fins de semana, mais de 250 000 pessoas acorreram ao local perto de Annapolis, Maryland. Segundo a administradora do festival de Maryland, C. J. Crowe, ao contrário da maioria das outras feiras, esta aloca o maior orçamento para entretenimento, paga aos seus atores, fornece os trajes dos atores e mantém um diretor de entretenimento e uma equipa durante todo o ano.

Os atores fazem audições perante um júri e são avaliados quanto à projeção, dicção, articulação e improvisação. Noventa e cinco por cento dos selecionados são atores locais com formação profissional. São apresentados na corte real, espetáculos de palco, rábulas ou atuações musicais desenvolvidas internamente, enquanto a maioria dos outros festivais depende fortemente de artistas que "fazem o circuito". "Ao início, é apenas um trabalho para os atores. Mas aqueles que amam o que estão a fazer acabam por ser picados pelo bicho da história," disse Crowe.

Historiadores Vivos:

Encarar o Passado a **Milícia Mercenária**

Medieval Mercenary Markland

Muitos historiadores vivos deram os seus primeiros passos históricos nos festivais renascentistas, transitando mais tarde para organizações como a SCA, e depois para grupos como a *Markland Medieval Mercenary Militia,* de College Park, Maryland. A organização sem fins lucrativos dedica-se especificamente ao estudo e reencenação de todos os aspetos da vida de aproximadamente 1 d.C. a 1500 d.C. com o objetivo da educação pública. Enquanto tentam manter-se fiéis às raízes históricas, os membros aprendem história em primeira mão e partilham o seu conhecimento. Os novos "Marklanders" podem escolher participar em vários campos de história viva diferentes: Romano, Celta, Viking, Anglo-Saxão e do século quinze. Os campos tentam recriar as vidas dos plebeus, incluindo os seus ofícios, jogos, rituais e costumes.

A agenda da organização evoluiu desde a sua criação em 1969, focando-se cada vez mais numa autenticidade estrita. O primeiro evento da Markland ocorreu quando alguns membros do clube de esgrima da Universidade de Maryland celebraram o 903.º aniversário da Batalha de Hastings com uma reencenação. O evento provou ser tão bem-sucedido que a batalha tem sido reencenada todos os outonos desde então. O grupo também se ramificou da Universidade de Maryland em *College Park* para a maioria da costa nordeste com membros e eventos.

As reuniões de negócios da Markland são chamadas de "Althyngs", tal como eram as dos islandeses Vikings que iniciaram o que é hoje a democracia mais antiga ainda existente. Os encontros sociais da Markland são chamados de "Fyrdmoots" — "Fyrd" é um termo do nórdico antigo para "povo" ou "as pessoas".

Além dos eventos públicos de história viva e competições, reencenações de batalhas e demonstrações em escolas e museus, os eventos não públicos dos Marklanders incluem banquetes, guerras e um acampamento educativo chamado "Camp Fence", onde se ensinam a fiação, a tecelagem, a escultura e outras artes em vias de desaparecimento.

Os Marklanders podem participar em várias formas de combate: combate recreativo ("rec") e combate fratricida ("frat"). O combate *rec* é uma batalha coreografada encenada para o público com armas de aço autênticas, embora não afiadas. Alguns combatentes assumem o papel de figuras principais, tais como o Duque Guilherme da Normandia ou o Rei Haroldo na Batalha de Hastings, e têm falas para proferir enquanto Marklanders não combatentes narram os eventos da batalha à multidão. O combate *frat* é um combate de

contacto total com armas de rotim acolchoadas que devem ser construídas para cumprir padrões de segurança aceitáveis e no qual as regras de conduta de combate devem ser obedecidas.

A *Horse Guild* (Guilda dos Cavalos), outro subgrupo da Markland, participa em desportos equestres, e a *Longship Company* possui e navega o seu próprio navio Viking de tábuas trincadas e uma embarcação de transporte mais pequena.

La Belle Compagnie

Outro grupo de historiadores vivos, *La Belle Compagnie*, retrata a vida inglesa durante o período da Guerra dos Cem Anos, representando uma companhia contratada de arqueiros, homens armados e homens de armas ao serviço de um cavaleiro inglês fictício, *Sir* Geoffrey Peel. A sua dama e o resto da casa civil e artesãos qualificados ligados a um cavaleiro medieval também são retratados.

Os *Landsknechts*

Estas tropas de pique alemãs do século dezasseis, vestidas de forma colorida, foram instrumentais na mudança do rosto da guerra, acabando para sempre com a era do cavaleiro montado. Este foi o início do fim da guerra como um jogo de homens ricos, de acordo com Paula Peterka, que com o seu marido, Larry, iniciou um grupo de reencenação *Landsknecht* na Costa Leste no início da década de 1990.

Tal como as suas organizações irmãs na Califórnia e na Pensilvânia, *Das TeufelsAlpdriicken Fahnlein* é uma corporação sem fins lucrativos dedicada a promover a educação histórica sobre as companhias mercenárias *Landsknecht,* cerca de 1495-1648 d.C., através de representações de história viva. Estes soldados alemães eram mercenários e ganhavam um excelente salário. Estavam obrigados, no entanto, a estar na reserva do Sacro Império Romano-Germânico e prometiam não aceitar quaisquer contratos contra a dinastia Habsburgo. As tropas traziam as suas esposas e filhos consigo para os seus acampamentos de campanha. Ao passear por um campo *Landsknecht,* os visitantes ouvirão alemão falado pelas tropas berrantemente trajadas e adornadas com joias e pelas suas mulheres. Muitas organizações militares modernas traçam a sua origem até à infantaria alemã *Landsknecht.*

A Idade Média

O termo “medieval” vem do latim *medius*, que significa “meio”, e *aevum*, que significa “idade”. A Idade Média refere-se, então, a um período da história europeia entre os tempos antigos e modernos. Embora os historiadores difiram, muitos identificam o período como começando com o declínio do Império Romano no século quinto e estendendo-se até aos anos 1500. Durante a Idade Média, a Europa incluía o Sacro Império Romano-Germânico, Inglaterra, França, Escandinávia, Espanha, Itália, Irlanda e uma série de estados da Europa de Leste.

A Alta Idade Média, do século V ao século X, é geralmente referida como a Idade das Trevas, quando apenas algumas escolas de igrejas e palácios mantiveram vivo o conhecimento dos romanos. Muitas competências artísticas e técnicas perderam-se, apenas para serem redescobertas centenas de anos mais tarde. Na primeira metade do século onze, a Europa Ocidental iniciou um renascimento económico, cultural e político, levando às glórias da Baixa Idade Média.

O Renascimento

O período de tempo pode ser vagamente definido como o final do século quinze e o século dezasseis. Como um grande movimento cultural, o Renascimento começou na Itália no início de 1300, com estudiosos, filósofos e artistas a estudarem as antiguidades clássicas da Grécia e de Roma. Espalhando-se gradualmente por toda a Europa Ocidental, o período de “renascimento” terminou por volta de 1620 d.C., tendo incluído a descoberta e expansão para o Novo Mundo; as maravilhas de Leonardo da Vinci; e as obras intemporais de William Shakespeare.

2

Terapia de Vidas Passadas

Perspetivas Históricas sobre a Cura

“De amor e de mente sã...” — Novo Testamento, II Timóteo 1:7 No início de maio de 1996, profissionais de regressão a vidas passadas assistiram à décima sexta conferência internacional de primavera da *Association for Past-Life Research and Therapies, Inc.* (APRT), em Rockville, Maryland. Os participantes direcionaram o seu foco coletivo para a terapia de vidas passadas no que diz respeito a períodos e eventos potentes da história.

Enquanto participava como uma das oradoras, discuti vidas passadas medievais com vários apresentadores e também os benefícios de investigar

vidas passadas. Fiquei surpreendida ao saber que não só tinham descoberto vidas medievais entre os seus clientes, como eles próprios tinham experienciado tais vidas.

Um orador proeminente, o terapeuta Dr. Joseph Costa, contou-me a sua própria vida passada como um cruzado vestido de armadura num campo de batalha. Costa disse que se lembrava de sentir uma lança a ser enterrada nas suas costas e a alojar-se entre as suas costelas. A ponta partiu-se dentro da sua armadura e chiava enquanto ele continuava a manejar a sua espada. Nesta vida, antes desta regressão, ele tinha experienciado dor crónica na zona onde o seu antigo eu tinha sido ferido.

Como terapeuta de vidas passadas, Costa tem visto uma percentagem substancial dos seus clientes regressar à era de monges, castelos e religiões devotas. Nalguns casos, disse ele, recordam vidas como zelotas religiosos. Costa acredita ter encontrado uma correlação entre algumas das vidas mais orientadas religiosamente e questões relativas a dinheiro nesta vida. Explica que curadores e pessoas com um foco espiritual nesta vida e em vidas semelhantes de um passado longínquo, muitas vezes ignoram o cuidado com as suas próprias necessidades e têm dificuldade em desenvolver um rendimento estável. Acredita que devem alterar os seus padrões de vidas passadas e expandir o seu sistema de crenças atual para terem sucesso.

Na sua prática de terapia de regressão a vidas passadas, Costa diz que se foca em resolver o que poderiam ser designadas como "lições da alma" e afirma ter perseguido questões recicladas e não resolvidas até à pré-história. Diz que as experiências dos seus clientes o levaram a acreditar que as almas não pensam em termos de moralidade, ou de bem e mal. Em vez disso, a alma está a fazer uma tentativa desesperada de equilibrar energias positivas e negativas. Quanto a grupos com a mesma essência de alma que reencarnam para experienciar os mesmos ciclos de energia e lições, Costa acredita que ocorre uma aprendizagem de grupo, bem como a resolução de lições da alma.

O Rabino Yonassan Gershom, que também falou na conferência, participou ele próprio em eventos da SCA. Ao procurar uma *persona* judaica histórica, o Rabino acabou por recorrer ao traje de monge para a sua própria proteção (da sua *persona* judaica medieval). "Para os judeus, a Idade Média não tinha qualquer semelhança com um festival renascentista", disse o Rabino Hassídico. "Durante o século treze, o Papa Inocêncio III foi responsável por encerrar pela primeira vez os judeus em guetos segregados. Isto fez parte da

história de 2 000 anos de perseguição de judeus na Europa que culminou no Holocausto."

Nos seus livros, *Beyond the Ashes* e *From Ashes to Healing*, Gershom partilha dezenas de muitos relatos que recolheu de mortes em vidas passadas às mãos dos nazis durante o Holocausto e acredita que ele e outros judeus levaram vidas passadas anteriores na Idade Média e em períodos históricos mais remotos — como judeus. Como coletivo, diz Gershom, as ligações judaicas sobrevivem para lá da campa, formando uma espécie de identidade tribal judaica. Se estas almas parecem encarnar repetidamente dentro da mesma cultura, mesmo correndo o risco de perseguição — isto levanta a questão: porquê? A escolha aparentemente feita de forma livre é um enigma constante e alimento frequente para aqueles que duvidam da viabilidade da reencarnação. "Se eu pudesse ter escolhido", diria tal pessoa, "nunca teria escolhido uma vida assim!"

A esta questão, o Rabino Gershom responderia que ser judeu envolve muito mais do que ser simplesmente perseguido. Aqueles que regressam como judeus fazem-no porque ressoam com os belos rituais, cerimónias e canções da cultura e religião judaicas. Os aspetos positivos do judaísmo superam em muito o sofrimento.

Os judeus são um grupo que tende a manter ligações entre si de uma encarnação para a seguinte. Outro grupo desse tipo era o dos índios nativos americanos. Recentemente, a terapeuta de regressão a vidas passadas Janet Cunningham conduziu uma série de regressões revelando que alguns dos seus sujeitos tinham encarnado como membros da tribo nativa americana Oglala no que são agora as Dacotas.

Ela cronificou a experiência no seu livro, *A Tribe Returned*. Nele, contou os assassinatos cheios de raiva e geradores de angústia dos membros da tribo que carregaram sentimentos resultantes de futilidade para as suas encarnações atuais. Também relatou o processo de cura que se seguiu à medida que alguns dos membros do grupo de almas reencarnados foram reconetados e trabalharam juntos através da sua raiva e luto. "Para mim, pessoal e espiritualmente, é uma história de amor que transcende o tempo e o espaço", disse Cunningham.

Outro grupo de mais de quinze pessoas, a maioria da área de *Lake Elsinore*, Califórnia, recordou sob hipnose ter vivido na cidade rural de Millboro, Virgínia, durante a Guerra Civil. A história foi contada pela Dra. Marge Rieder no seu livro *Mission to Millboro*.

Enquanto falava na mesma conferência, postulei que o meu primeiro estudo sobre reencenadores da Guerra Civil e o meu segundo sobre reencenadores da Idade das Trevas, Idade Média e Renascimento eram tentativas fundamentais de compreender o que pode guiar as nossas almas a regressar novamente e por que fazemos, em última análise, as escolhas de vida que fazemos.

Tal como eu, outros terapeutas tinham abordado o ciclo amargo da guerra ou da perseguição. Poderiam tais atos de desumanidade ser possivelmente o equilíbrio de energias positivas e negativas? Independentemente disso, este ciclo poderá nunca terminar até que os seus participantes reconheçam a alma por detrás do rosto do seu inimigo.

Talvez o que estivesse a ser revelado por estes terapeutas de vidas passadas fosse uma nova forma de cura que poderia ajudar a quebrar o círculo de negatividade que se manifesta na guerra ou nas relações quotidianas onde as pessoas odeiam devido a diferenças: cor da pele, religião, género, classe social, dogmas políticos ou sociais, ou tipo de corpo. Estes ciclos podem ser transcendidos. E a responsabilidade pessoal pode muitas vezes significar a escolha, como alma, de servir de lição para o resto da humanidade, para prosperar através do aperfeiçoamento da capacidade de perdoar e de amar.

A conselheira transpessoal e parapsicóloga Dra. Hazel Denning considera a aceitação da responsabilidade pessoal essencial para obter resultados da terapia de vidas passadas. Cofundadora e primeira presidente da APRT, Denning acredita que quando as pessoas percebem que estão todas numa jornada da alma e que cada experiência é uma oportunidade de crescimento, podem então curar-se e transcender a negatividade.

A Dra. Denning partilhou uma epifania privada comigo. Certa vez, enquanto tomava banho, disse a Deus que queria saber a razão "real" pela qual tinha um problema de saúde crónico. Instantaneamente, experienciou a recordação vívida de si própria como um cruzado. Era um homem deitado num campo de batalha vestindo uma túnica branca com uma cruz vermelha, manoplas nas mãos e um elmo.

A perna direita do cruzado estava fletida e uma lança tinha sido cravada através do seu rim. As suas emoções ao morrer tinham sido de raiva por estar separada da sua família, e horror e nojo perante a abominação da guerra. Depois disso, disse Denning, nunca mais teve outro problema renal e a raiva pela injustiça que tinha permeado a sua vida desde que se lembrava desapareceu.

Uma história semelhante de recuperação foi contada pelo psicólogo clínico Dr. Richard Levy. Sob hipnose, uma paciente recordou uma vida medieval nas Ilhas Britânicas na qual tinha sido reduzida à prostituição e ao roubo devido a uma gravidez ilegítima. O seu bebé morreu de exposição aos elementos, e a mulher acabou por morrer de fome.

A história triste, no entanto, tem um final feliz. Como resultado da sua terapia de regressão, Levy disse que a sua tensão arterial elevada normalizou, as hemorragias internas crónicas pararam e ela perdeu vinte quilos.[8] Levy disse que as pessoas carregam frequentemente velhos padrões negativos e perdem a capacidade de os identificar. Mesmo que identificados, no entanto, são incapazes de parar. Freud chamou a isto "compulsão à repetição".

O empoderamento pessoal resulta quando a energia da alma é elevada pela compreensão de antigos eventos kármicos. É isto que o Dr. Bruce Goldberg tem encontrado e abordado no seu livro, *Soul Healing: An Alternative to Getting Physically, Mentally, and Spiritually Well Again*. Dos clientes de Goldberg que recordam o regresso a vidas medievais, dominam as questões centrais em torno dos relacionamentos e da vitimização. Ele descobriu que as ligações cármicas são frequentemente descobertas com amantes atuais, familiares e amigos. No seu livro *Past Lives—Future Lives*, Goldberg descreve o caso de um cliente que recordou ser um soldado durante a Idade Média.

"Hans" queria usurpar um castelo após a morte do senhor, mas teve de enfrentar a viúva primeiro. Hans organizou uma rebelião, mas a viúva reuniu as suas próprias tropas e esmagou-a. Hans foi morto e, ao morrer, jurou vingar-se da viúva. Ela foi identificada como a atual esposa do paciente, com quem ele lutava periodicamente.

Em mais do que uma vida, o hipnoterapeuta Henry Bolduc viu-se como combatente nas Cruzadas. Numa instância, pareceu ser uma forma atraente de sair de uma pequena cidade. Inflamado por uma paixão para "salvar o mundo para Cristo", as personalidades de vidas passadas de Bolduc ficaram horrorizadas ao descobrir a traição de amigos, a ganância e outras abominações cometidas em nome da religião. Numa vida, ele nutriu um forte desejo de ver Jerusalém. No momento em que chegou ao topo de uma colina e pôde ver a cidade ao longe, morreu. Os seus companheiros de armas pontapearam-no para uma vala e seguiram em frente.

Dos clientes de Bolduc que recordaram vidas medievais, a maioria relembrou as Cruzadas. "Talvez os clientes selecionem subconscientemente

um terapeuta que viveu em civilizações semelhantes ou que lidou com temas parecidos", meditou ele. Algumas das regressões medievais dos seus clientes tocaram em vidas nobres, mas a maioria, descobriu ele, eram trabalhadores e donas de casa em cidades pequenas e obscuras.

Bolduc acredita que experienciar vidas passadas não serve apenas para resolver problemas ou meramente para satisfazer uma curiosidade. "Trata-se também de aprender mais sobre o eu eterno", afirmou. O psíquico Edgar Cayce referia-se a esta busca por compreensão como "o estudo maior de si mesmo". Por esta razão, Bolduc chamou a este trabalho "exploração de vidas passadas". Mais pessoas estão a procurar descobrir sobre as suas questões de vida espirituais e pessoais. Autor de *Life Patterns: Soul Lessons and Forgiveness*, Bolduc ensina as pessoas a traçar as suas vidas passadas num gráfico. À medida que cruzam os seus pontos positivos e os seus pontos desafiantes, começam a ver os padrões da sua alma claramente expostos diante delas.[9]

Além de observar mudanças eficazes, eficientes e permanentes na vida das pessoas através da eliminação de sintomas e do melhoramento das suas vidas, a psicóloga clínica Dra. Edith Fiore sustenta que outro resultado das regressões a vidas passadas é a superação dos medos da morte e do além. Muitos dos seus pacientes recordam vidas, geralmente nos EUA, de 1930 até aos seus nascimentos atuais. Na sua prática, Fiore descobriu que a maioria das vidas passadas que causam problemas são a vida passada imediata ou vidas bastante recentes.

À medida que os terapeutas e os seus clientes escavam os traumas do passado — sejam os seus próprios ou os de outrem vindos do inconsciente coletivo — ocorre uma cura tanto da dor individual como da dor coletiva.

"Estamos a sair dos nossos banhos de sangue e a limpar o resíduo histórico", defende o psicoterapeuta junguiano Dr. Roger Woolger. O autor de origem britânica de *Outras Vidas, Outros Eus* e *The Goddess Within* subscreve a filosofia hindu de que estamos a completar um ciclo mundial de 5 000 anos que tem sido dominado pela guerra. "À medida que nos aproximamos do ponto onde as coisas vão mudar e talvez recomeçar", disse ele, "é como se toda a história começasse a repetir-se.

"Tudo o que precisamos de fazer é olhar para o que está a acontecer nos países do Terceiro Mundo, para nos lembrarmos. O homem faz coisas horríveis. Existe o lado angélico e o lado sombrio, bem como o lado das sombras das glórias e conquistas escritas nos livros de história." Woolger

acredita, tal como os escritores do *Vedanta*, que durante estes "tempos finais" estão a surgir culturas religiosas rudimentares e condições medievais nos países do Terceiro Mundo.

Entretanto, milhares de anos de erros cármicos não resolvidos estão a vir à superfície nos indivíduos, na psique e na psique coletiva da época — mais abuso infantil, divórcio, etc. "É como se fôssemos todos forçados a fazer parte de uma limpeza enorme e sem precedentes de toda a história psíquica da nossa raça", afirmou. "A nossa esperança é transformar a nossa história de vítimas de uma inconsciência coletiva para novas energias", enfatizou Woolger.

"Cada um de nós carrega consigo um homem de dois milhões de anos", disse Woolger. Ele referiu que alguns chamam a este "resíduo" o inconsciente coletivo; outros os registos akáshicos. A capacidade de aceder a resíduos históricos da história está no "tempo sagrado da alma". Esta capacidade de se mover no tempo e no espaço não é um conceito moderno. Em apoio a isto, Woolger faz referência a Taliesin, um bardo galês do século nove que conseguia fazer recordação de vidas passadas.

O próprio psicólogo, enquanto estava deitado num sofá numa quinta remota em Vermont, recordou uma vida como um camponês rude tornado mercenário que se viu no centro de alguns dos mais hediondos massacres cátaros, nos quais habitantes de cidades francesas inteiras foram despedaçados e depois queimados em enormes piras. Numa contenda, foi ferido e abandonado como morto. O soldado, que nunca mais voltou a caminhar, passou o resto da sua vida numa aldeia com os cátaros até que ele, também, foi queimado.[8]

Woolger acredita que é papel do terapeuta agir quase como um xamã para ouvir compassivamente as vidas passadas dos seus clientes com um desapego amoroso, de modo a assisti-los na libertação, limpeza e purificação do resíduo de negatividade transportado desses tempos. Woolger encoraja os terapeutas a tornarem a luz mais brilhante ao trabalharem com a escuridão dentro dos seus clientes, porque ao tornar o sombrio consciente e ao unir as dualidades, isto poderá afetar a nossa evolução individual e planetária para a próxima era.

No seu trabalho, o Dr. Michael Newton move-se para além das experiências de vidas passadas para uma experiência de alma imortal e significativa no estado entre vidas. Ele investiga as atividades das almas. Descrevendo-se como um investigador implacável que avança cautelosamente

no mundo espiritual, começa o seu processo levando os seus clientes a um estado de hipnose muito profundo.

No seu livro, *Journey of Souls: Case Studies of Life Between Lives*, ele descreve a condução rápida dos clientes para uma vida passada e depois para o mundo espiritual onde todas as memórias estão armazenadas.[10] Ele chama à alma neste estado o "carácter imortal". Aqui, a alma descreve-se como uma massa de energia pura que é guiada por, nas suas palavras, um "Conselho de Anciãos". Estes seres superiores ajudam a aconselhar e a explicar os sucessos e falhas da alma e as suas escolhas para o futuro. Newton acredita que este estado é o mais próximo de Deus que conseguimos chegar e também que, com compreensão e amor, existe um lugar para todos nós evoluirmos antes do nosso regresso à Terra.

Após refletir sobre o envolvimento dos apresentadores da APRT e dos seus clientes em vidas medievais, eu tinha agora indicadores adicionais de que o período medieval era um marco histórico importante que fornecia, de facto, solo fértil para o crescimento e expansão da alma na sua jornada através do tempo e do espaço. Com uma perspetiva histórica sobre a cura e as ferramentas da terapia de vidas passadas, eu conseguia ouvir os ecos do resíduo das grandes guerras, civilizações e culturas medievais. As fascinantes histórias de vidas passadas dos treze reencenadores medievais e renascentistas variam de vidas de nobreza a servos, dos instruídos aos analfabetos, e de existências pacíficas a dolorosas. Talvez estas recordações cativantes criem coletivamente uma suntuosa tapeçaria de uma busca mais profunda na psique e na alma.

3

Susan

"Almas de imperadores e sapateiros..." — Michel Eyquem de Montaigne, século XVI Descrevendo-se como uma "mulher do Renascimento", Susan Downs Reed é uma figurinista histórica e artista gráfica com um mestrado em têxteis pela Universidade de Maryland, *College Park*. Escusado será dizer que os talentos desta mulher de trinta e oito anos são requisitados entre os reencenadores históricos, que devem ou fazer o seu próprio traje ou contratar uma costureira, como a Susan, para o fazer por eles. A Susan criou trajes para muitos períodos e propósitos diferentes, incluindo conjuntos medievais para cortejos de casamento inteiros. Além disso, a Susan

organizou um círculo de costura mensal, orientando os seus companheiros com informações históricas e de vestuário e assistência prática.

A Susan vê o seu envolvimento de longo prazo na reencenação como uma oportunidade para exercitar as suas conquistas académicas. Ela não só leva a autenticidade a sério, como encoraja outros a fazerem o mesmo, tornando o esforço agradável. Pelas suas contribuições para a SCA na área do vestuário, a Susan foi agraciada com a Ordem do Loureiro. Ao longo dos seus dezasseis anos como membro, recebeu também o prémio de artes e ciências, a Ordem da Pérola, pelo seu trabalho de ilustração num boletim informativo, bem como a Ordem do Golfinho Dourado por serviço. Ela leciona a outros "Scadians" uma vasta gama de cursos que inclui "Confeção de Gibões do Século Quinze" e "Família e Parentesco na Idade Média e no Renascimento", entre outros.

Além de estudar vestuário histórico, a Susan investigou a cultura doméstica da Idade Média. Ela é proficiente na arte do Serviço de Mesa de Honra, atendendo à mesa principal da nobreza presidente em banquetes e, por sua vez, tem outros sob a sua tutela. Outro dos interesses da Susan é a religião medieval. Disse-me que aprecia o papel predominante da espiritualidade na Idade Média, o misticismo e o simbolismo da arte sacra, vitrais e música religiosa.

O nome da *persona* principal da Susan é Teleri Talgyllawg — um nome inspirado no *Mabinogion*, uma compilação de contos galeses antigos que inclui uma das mais velhas lendas arturianas. Teleri significa literalmente "Copeira, funcionária ou mordoma". Um significado mais esotérico poderá ser "buscadora do Graal" ou "aquela que maneja os elementos da água e da emoção".

O nome galês, "Teleri", teve origem numa ilha do Mar da Irlanda, em frente a Dublin, em meados de 1400. No entanto, a Susan explicou que usa modas de diferentes períodos. Ela investigou e elaborou cuidadosamente cinco subpersonas, cujas vidas variam no tempo de 75 a.C. a 1700 d.C. Entre elas estão uma dama de companhia italiana da década de 1470, uma viúva portuguesa de um capitão do mar do século dezasseis e uma mulher católica inglesa que ajudou a colonizar a Virgínia no século dezassete. Preparando-se para a sua reforma do papel de baronesa em fevereiro de 1996, desenvolveu a identidade de uma mulher holandesa do século quinze que se retira para o convento.

Durante quase quatro anos, a Susan e o seu marido, Ken, detiveram os títulos concedidos pela SCA de Barão e Baronesa de Ponte Alto. Durante dois mandatos, atuaram como representantes pessoais do Rei e da Rainha do Reino de Atlantia na Baronia de Ponte Alto, que inclui partes do Norte da Virgínia. Como agentes da Coroa, ostentam as armas reais, presidem a todos os eventos locais, realizam corte e apresentam prémios. Segundo a Susan, esta enorme responsabilidade teve o seu custo para o casal que, por vezes, dedicou cada um vinte horas ou mais por semana e pelo menos dois fins de semana por mês ao serviço da Coroa.

A Susan disse-me que descobriu que a cortesia é a cola da SCA e acredita que os membros encarnam muitos valores tradicionais que já não prevalecem na sociedade moderna. A SCA, disse-me ela, é uma família alargada que valoriza o altruísmo, o trabalho árduo e a competência, e que honra as conquistas superlativas dos seus membros, independentemente de essas conquistas serem tangíveis ou intangíveis.

Quando discutimos as suas crenças religiosas e o tema do paranormal, a Susan relatou-me que teve experiências de *déjà vu* sugestivas de memórias de reencarnação. Quando criança, recordava uma praça numa cidade na Alemanha durante um período de tempo diferente. Como adulta, viu-se uma vez como um soldado alemão na Guerra dos Trinta Anos.

A Susan disse também sentir-se convencida de que a reencarnação era possível — que a conservação do espírito de uma forma para outra simplesmente faz sentido. Quando chegou a altura de a regredir, diminuímos as luzes da forma habitual e a Susan estendeu-se no seu sofá. Procedi então ao seu relaxamento com exercícios de visualização que ocuparam a sua mente consciente enquanto a guiava para o estado hipnótico. Em seguida, direcionei-a para uma vida que se correlacionasse com o seu interesse atual na reencenação e pedi-lhe que descrevesse o que via, sentia ou ouvia. Após experienciar uma sensação de rotação, como se estivesse a andar num carrossel rápido, a Susan começou a ver imagens.

"Vejo uma aldeia", disse ela. "A rua está suja. Existem cascas de amêijoas na estrada, bem como lixo e galinhas. A estrada termina. Existem edifícios de dois andares, todos com portadas e fechados. A maioria é castanha com grandes vigas de madeira, como pau-a-pique. Estão abandonados e a madeira está gasta pelo tempo.

"Um alpendre frontal parece uma banca de mercador. As árvores têm folhas serrilhadas. Há uma pessoa com um vestido vermelho comprido, de

gola alta, mas não é fluido. Um homem está vestido todo de vermelho. Ele tem um tom de cabelo castanho e um gorro castanho curto na cabeça. Sinto medo nesta aldeia. Está tão abandonada." A Susan estava visivelmente desconfortável.

"Estou a usar meias-calças castanhas com solas de couro. Os meus pés estão empoeirados. Sinto que viajei durante algum tempo. Estou a usar uma espécie de túnica. As mangas têm pregas nos ombros e é de lã de qualidade média. A túnica poderia ser de uma cor ferrugem-alaranjada ou ser apenas sujidade, de tão empoeirada que está. Sinto que tenho um gorro na cabeça. Tenho cabelo castanho com um corte à Príncipe Valente.

"Sou um homem de vinte e três anos em missão para o meu senhor. Estou a levar uma mensagem para uma propriedade. Não sabia que esta pequena aldeia estava aqui. A morte passou por ela e morreram todos. Está abandonada há muito tempo. Há decadência. Vejo um cão velho, preto e branco, que não é alimentado. Ele tem uma mancha sobre um olho. Há árvores, campos antigos, uma estrada de terra."

A Susan ficou aliviada ao descobrir que tinha passado pela aldeia abandonada e entrado numa cidade que era muito mais animada.

"Há multidões, ruído. É dia de mercado e está agitado numa cidade grande. Vejo tecidos a serem estendidos, bancas a abrir, pessoas a gritar. Uma senhora está a vender peixe. Há entusiasmo. Está viva."

A Susan esqueceu a sua ansiedade anterior ao começar a observar as várias personalidades entregues aos seus afazeres.

"Vejo um grupo de monges. Beneditinos e Franciscanos. Pergunto-me se irão lutar. São conhecidos por isso; não são exemplos de verdadeira caridade da igreja."

Agora, de volta ao rumo da sua missão, a personalidade masculina da Susan dirigiu-se à igreja. "Esta é uma igreja de cidade de bom tamanho. É simples. Estou à procura do Padre Alford. Ajoelho-me diante de uma estátua de Nossa Senhora. Há pessoas à volta da igreja; os cónegos estão a preparar-se para a Missa. Alguém me leva por um corredor até uma sala com lareira. O Padre Alford está sentado diante de um livro. Ele acena com a cabeça. Entrego-lhe o meu pacote. É uma bolsa de couro com um selo grande, antigo e muito manuseado sobre a aba e cordões pendurados. Não me disseram para esperar por uma mensagem. Ele faz-me sinal para sair."

Terminada a sua missão, o jovem relaxa e lembra-se da sua fome. “Estou à procura de um vendedor de empadas de carne. Estou com muita fome e cheiro algo bom. É uma empada de carne com especiarias.” Deliciando-se com ela, disse-me: “É doce, com canela, e também salgada.” Agora que já não estava esfomeado, focou-se mais uma vez nas pessoas ao seu redor.

“A velha que me vendeu a empada é baixa, artrítica e curvada. Tem um pano branco à volta da cabeça e está a usar algo cinzento e sem forma. É amigável.

“Alguns estão vestidos de forma mais colorida, outros não. Há um tipo musculado e corpulento, do estilo Henrique VIII, com um chapéu de pele. Está a usar vermelho escuro e tem vários anéis, um que parece uma ágata de musgo marinho. Há um homem de azul com ele. A sua roupa tem um corte semelhante à minha, mas é mais elegante e a sua lã é mais fina.

“Os vendedores de tecidos são fantásticos. Há roxo, azul, fios de prata e metálicos. Um mercador lança-me um olhar azedo. Ele sabe que não posso pagar por aquilo.

“Um grupo de miúdos está a jogar à apanhada. A maioria está esfarrapada. Uma rapariga ruiva com um barrete está a guinchar. Corre para debaixo de uma banca e quase derruba o peixeiro. Outro miúdo está a rolar um arco.

“Estou muito cansado. Os sinos da igreja estão a tocar. Talvez o serviço esteja a começar. Ouço o som de um cavalo. Vejo tachos, panelas, fitas, ferraduras, um ferrador, um ferreiro. Ouço o som de um martelo numa bigorna. Não é na rua, mas perto da aldeia. As bancas estão ligadas às casas. As casas têm dois e três andares. Inclinam-se para fora, arqueando sobre a estrada. Estão caiadas de branco com madeiras pintadas e são de um cinzento-acastanhado gasto pelo tempo.

“Um mercador com artigos de couro tem o sinal de Santa Ágata sobre a sua loja. Vejo uma bonita bolsa de couro branco. Está além do meu salário, embora não seja mal pago para um moço de estrebaria. O meu senhor é generoso com os seus presentes.”

Satisfeita por o moço de estrebaria ter terminado a sua tarefa, direcionei-o para regressar a casa.

“Trabalho principalmente na cozinha e sirvo às mesas. Mas o meu desejo é ser mordomo-mor. O mordomo-mor controla as propriedades e as provisões,

entrega-me a minha farda, contrata e despede pessoas, e sabe mais sobre os negócios do meu senhor do que ele próprio.

Não há janelas na cozinha e há um fogo aceso. Estou a comer as sobras. Pão, maçãs secas, *frumenty* — um guisado espesso com passas — e queijo duro.

Temos visitantes. O despenseiro espera que eles se retirem para o quarto, para não ter de os servir mais esta noite.

Uma criada de cabelos pretos está a lavar a louça. Tem as mangas arregaçadas e o rosto está vermelho de calor. Oiço o tilintar das colheres ao serem guardadas; as bilhas são colocadas no armário. Um dos cozinheiros está a adormecer a um canto. Há três cozinheiros e cinco servidores na sala.

A maior parte do tempo, sirvo, limpo e guardo os guardanapos", disse ele. "Troco as junças no chão do salão, embora tente que um servo júnior faça isso."

O jovem refletiu então sobre a sua carreira. "Desde os quinze anos que trabalho como criado de um aldeão próspero que possui muitas terras. Fui aprendiz dele para o ajudar a gerir a propriedade. Mas eu queria trabalhar na casa do meu senhor. Fui com ele ao assembleia local e atraí o olhar do mordomo-mor.

Sou ambicioso. O despenseiro está a ensinar-me a preparar o vinho, a pôr a mesa e a saber onde os convidados se devem sentar. Um bom mestre trinchante tem de conhecer alguns dos molhos. Quando o Marechal do Salão não está a olhar, observo-o. Ele acha que sou um arrivista. Está na casa dos trinta e sabe ler. Eu também sei alguma coisa. Aprendi com a minha mãe e com o homem para quem trabalhei. A maioria dos outros não sabe ler."

Em seguida, perguntei pela sua família. Ele ficou ligeiramente nostálgico. "A minha família está a mais de um dia de caminhada daqui. Não os vejo desde que saí da aldeia. Dedicam-se à agricultura."

Ele animou-se ao continuar a descrever a casa de que se orgulhava de fazer parte. "A residência do meu senhor tem um Grande Salão com uma lareira enorme ao fundo. Há arcos esculpidos em pedra, tapeçarias de parede com flores, janelas e junças frescas no chão. Há bancos ao longo da parede, as mesas estão separadas e existe uma passagem ao lado da lareira. Há pequenas câmaras com camas, mas a maioria de nós dorme no salão sobre palha com um cobertor por cima. Se tiver sorte, consigo um lugar junto à lareira. O

mordomo-mor e o marechal têm a primazia da escolha. O marechal já mandou os cães de caça de volta para o lugar deles.

A cozinha fica noutro edifício", continuou. "É uma sala grande com mesas no meio. Há uma lareira larga, um forno de padaria, caldeirões, tinas de água, barris de cenouras ou nabos secos e armários trancados. Apenas o marechal, o mordomo-mor e o despenseiro têm as chaves.

Gosto da ajudante de cozinha", admitiu subitamente. "Chama-se Mary. O meu nome é William. Ela cora quando meto troça com ela. Vem de uma família pobre e é uma trabalhadora jornaleira da cidade."

Depois de questionar William sobre a sua localização e a identidade do seu patrão, ele fez uma pausa e falou com um tom de reverência na voz.

"É York. Ele é o arcebispo. Frequentou Oxford e lê latim. Eu não sei ler latim. É o ano de Eduardo IV, no quarto ano do seu reinado. Nunca me dirijo ao meu senhor. Apenas lhe respondo, embora ele raramente fale com os seus moços. Apenas o mordomo-mor ou o marechal nos dizem o que fazer.

Ele não é espiritual, mas é piedoso e político. Trata de arranjar cargos na corte para os seus amigos. Aconselha o rei e vai muito a Londres. Eu não tenho estatuto suficiente para estar a par de mais nada. O camareiro-mor saberia mais, mas é provavelmente demasiado leal para discutir os seus assuntos. O camareiro-mor sabe o que se passa fora do país, embora eu não saiba."

Respondendo à minha pergunta sobre se acreditava na igreja, respondeu veementemente: "Com certeza". Passou então a descrever as suas atividades diárias.

"O sol está a nascer. Estou dentro do Grande Salão. Saio tropeçando até ao poço e deito água sobre o rosto. Depois, vou à arca procurar uma camisa mais limpa e entrego a outra à lavadeira. Penteio o cabelo e limpo as unhas. As pessoas no salão estão todas a começar a levantar-se. O camareiro-mor leva água para a câmara do meu senhor. Agora, estamos todos a reunir-nos no fundo da capela para ouvir a missa.

O meu senhor vai para Londres e estamos a ajudar a fazer as malas. Há roupas, linhos e louças. Ele vai ficar por algum tempo. O marechal, o despenseiro e o mordomo-mor estão a inventariar tudo. Os cavalos são trazidos dos estábulos e as arcas são carregadas em carroças."

Enquanto o pessoal se prepara para a viagem do arcebispo, William vê-se incumbido de outra tarefa.

"Sou enviado ao boticário para levantar uma poção. Levo uma carta. As ruas estão cheias como de costume. Ainda não é a hora de tércia. As pessoas estão ocupadas e as bancas estão a abrir. As portas estão a ser destrancadas e as mulheres estão a fiar. A botica tem muitas plantas a secar, frascos e um almofariz. Entrego a minha carta ao homem. Ele diz à mulher para trazer diferentes coisas que coloca no almofariz e tritura. Ela mede-as numa balança e embrulha-as num pedaço de pergaminho. Volto para o recinto e entrego o pacote ao marechal. Ele regista-o num livro para pagar ao boticário mais tarde.

Há recados para fazer. Eu ficarei para trás. Quando não há trabalho e temos apenas de cuidar de nós próprios, posso sair com os outros rapazes e ir à estalagem. Recebo anualmente vinte xelins", disse orgulhosamente. Temporariamente livre das suas responsabilidades, William tornou-se mais infantil.

"Estou a rir no pátio com outros três rapazes. É divertido. O John é um bocado parvo; é um simplório. Um rapaz goza com ele, mas o irmão mais velho protege-o e toma conta dele.

Outro chama-se John. Há muitos Johns. Ele às vezes é demasiado atrevido para mim. Entra às escondidas com uma rapariga da aldeia no salão. Eu quero manter o meu emprego. Há sítios onde se pode ir para esse tipo de coisas. A maioria dos rapazes que lá vai não é casada, por isso não é pecado — não é adultério, como quando o fazem e são casados."

Fiz William avançar na idade. Os pensamentos sobre raparigas e jogos saíram da sua mente e ele começou a fixar-se na sua carreira.

"Estou a meio ou perto do fim dos meus vinte anos. Rapazes da minha condição casam agora, embora os homens ricos casem mais tarde. Eles não herdam propriedades nem encontram uma viúva rica até mais tarde. Precisam da herança para viver tão bem como viviam quando cresceram. Estou a poupar o meu salário para me casar, embora não tenha ninguém em mente. O meu senhor arranjará alguém para mim — uma mulher que seja boa gestora, que fie bem e que tenha um bom ofício. Tirante o flirtar com as raparigas da aldeia e em viagens, cabe ao meu senhor decidir.

Não tenho muito tempo livre, exceto no inverno. Os meus passatempos são dançar e tocar uma melodia numa coisa parecida com uma flauta."

Depois de novamente fazer William avançar no tempo, ele experienciou a sensação de flutuar numa sala escura e vazia. Descreveu ter uma visão em túnel e apenas conseguia ver uma parede branca com uma escultura em madeira à sua frente. Depois, fixou a atenção nos padrões geométricos de uma janela que tinha pequenos vidros transparentes. Percebi que ele estaria provavelmente a morrer e que estava a olhar para trás, para a sua vida.

"Está claro, por isso deve ser dia. Há um livro à minha frente. Estou a ler e a rezar. Estou reformado. Administrei a casa. Tornei-me o marechal e gostei. Pude conhecer muitas pessoas importantes e viajei frequentemente. Para mim, Londres era um bocado cheia demais e cheirava muito pior. E depois havia a atitude atrevida de alguns criados, mas normalmente eles obedeciam.

Ao longo da minha vida, servi dois arcebispos. Nunca casei, mas permaneci servo do meu senhor. Às vezes era solitário, mas foi melhor assim. Alguns marechais casaram, outros não. Fiquei numa das casas da igreja. As propriedades do bispado eram confortáveis.

Preparo-me para a vida que virá através da leitura, da oração e indo aos padres para confissão. Servi bem o meu senhor e sinto-me orgulhoso. Pude fazer coisas pelos meus amigos. Embora não tenha visto muito a minha família, pude deixar boas dotes às minhas sobrinhas."

Agora, quando William começou a sentir as sensações físicas da sua morte, vi lágrimas a escorrer pelas faces de Susan.

"Tenho os olhos fechados e seguro as contas do rosário. É difícil respirar e não me consigo mexer. Continuo a esperar que o camareiro venha. Chamo por ele. 'Maria, ó Senhora, ajuda-me'. Vejo raios de azul. Peço a Deus que me perdoe. Não consigo chamar um padre. Rezem por mim."

Depois de Susan ter despertado da regressão, disse que se sentia atordoada e, mais tarde, contou-me que ficou surpreendida quando, durante mais de quatro horas após a regressão, sentiu um "campo de alta energia" a revestir-lhe o corpo. Esta sensibilidade inofensiva, mas aumentada, ao seu campo energético era um indício de que a regressão a vidas passadas de Susan fora mais do que uma experiência puramente intelectual.

Ela afirmou não ter familiaridade com algumas das coisas que viu e admitiu uma intensidade de emoções que era perturbadora. Mesmo assim, Susan questionou se o seu atual interesse pela gestão doméstica do século XV era o resultado desta vida passada ou se o seu conhecimento tinha influenciado o que experienciara. Ainda assim, Susan disse acreditar que as

suas memórias eram muito mais autênticas do que as suas atividades de recriação.

Para saciar a nossa curiosidade sobre se o conhecimento prévio de Susan tinha "colorido" a vida passada recordada, marcámos outra sessão, esperando regressar a outra vida medieval da qual Susan não tivesse conhecimento prévio.

Várias semanas depois, voltei a casa dela. Susan estava agora familiarizada com o procedimento e deu-me sugestões para a ajudar a entrar num estado alterado mais relaxado. Em pouco tempo, Susan encontrou-se como uma mãe na casa dos vinte e cinco anos, com dois filhos. Usando uma túnica azul e branca com padrões de losangos na bainha, estava sentada numa encosta ao entardecer, humedecida pelo orvalho, com um homem vestido com calças de lã e túnica.

Ele tinha cabelos loiros desgrenhados e bigode, e estava a comer a perna de um porco. Ela ouvia risos ao longe, cheirava o fumo da lenha e porcos a assar no espeto, via a luz de tochas a surgir sobre a colina e sentia um ar de excitação.

Logo, juntou-se a outros no meio de um festival de colheita de outono. Viu maçãs, sementes, nabos e vegetais de raiz à luz da lua cheia. Alguém tocava uma harpa semelhante a uma lira e cantava uma canção, enquanto outros se juntavam ao refrão.

"Estamos perto de um aglomerado de amieiros", disse ela. "Há estacas altas com ranhuras no chão. Clarões de chamas saltam do fogo. Estou perto do fogo brilhante. Meto a mão numa bolsa, tiro um punhado de algo parecido com runas vikings e atiro-o ao fogo. O homem anuncia que vamos renovar o nosso contrato de casamento por sete anos. Há muita alegria."

Ela riu-se e depois, abandonando a cena, moveu-se para o último dia dessa vida. "Estamos no sopé das colinas; as montanhas estão ao longe. A nossa casa tem um telhado de colmo e uma cerca de madeira. Estou lá dentro. Há ervas secas por todo o lado. A lareira fica no centro. Há lanternas de azeite por perto. Tenho estado com grandes dores. Estou a desfalecer e sei disso. Estão ali várias pessoas. Oiço pessoas a chorar. Cheiro flores de macieira e parti. Tenho cerca de trinta anos."

Mais tarde, Susan explicou que algumas dessas memórias lhe tinham surgido enquanto estava num estado meditativo, mas nunca de forma tão vívida ou detalhada. Sentia que a vida era pré-medieval, provavelmente antes

do ano 1 d.C. Disse sentir que a localização era a península dinamarquesa, muito antes de quaisquer tribos teutónicas terem migrado para a área.

Passámos para outra vida, uma da qual ela não tinha conhecimento prévio.

"Vejo edifícios cor de areia e um bazar do Médio Oriente. As pessoas usam túnicas largas e listradas, coloridas, e turbantes. Há atividade, como o agitar de panos e tecidos. Uma torre com janelas ergue-se, parcialmente em ruínas, como se estivesse suspensa no ar.

Sou um rapaz de dezassete anos e sou do Médio Oriente ou árabe. Estou a aprender a curtir peles. É um trabalho malcheiroso. Tenho as cinzas até aos joelhos. É viscoso. O rapaz sabe o que está a usar. Há uma pilha de peles por perto."

Sentindo agitação naqueles que o rodeiam, o jovem distrai-se do seu trabalho.

"As pessoas estão preocupadas, ansiosas. Parecem achar que algo de mau pode estar a acontecer. Há tensão no ar. Dois homens mais velhos numa loja conversam ansiosamente. Dizem-me para continuar a trabalhar. É um dia ensolarado e quente. Oiço o som de uma trompa. Tudo para. Ajoelhamo-nos todos para rezar."

Susan gemeu subitamente: "Oh não, outra vida curta! Entram cavalos. Muitas pessoas vestem roupas blindadas e montam cavalos pretos. Chacinam todos no bazar. Ali vem a espada para mim."

Avançámos mais uma vez. Desta vez, Susan era uma jovem numa cabana a fiar lã, enquanto uma mulher idosa contava histórias.

"Há uma mesa de cavaletes e pratos de madeira por cima da lareira. Uma cama está encostada à parede oposta. Há um colchão de palha no chão. Há portadas nas janelas, que estão abertas. A porta também está aberta.

A minha mãe foi ao rio lavar a roupa", continuou ela. "Há cinco grandes cubas dentro de casa para fabricar a cerveja. A minha mãe é uma cervejeira. Vivemos numa área vedada com outras casas por perto. As terras de cultivo ficam mais longe. O grão está a ser colhido. Os meus irmãos mais velhos foram ajudar.

A vida parece redundante. Corto vegetais, preparo o grão para ser fermentado, recolho ovos, ordenho vacas, alimento as galinhas, dia após dia."

Após este vislumbre da sua vida jovem e monótona, avançámos para a idade adulta. “Tornei-me a dona de uma taberna chamada ‘Louis Malle’. Fica perto de uma estrada muito movimentada, mas não perto de uma cidade ou área densamente povoada. A paisagem é plana. Estou na casa dos quarenta, o que é bastante velha. O meu cabelo está envolto em véus brancos. Tenho um vestido cor de mostarda. Parece ser a Holanda.

O meu marido é consideravelmente mais velho, na casa dos sessenta. Usa uma coifa branca e vermelha suja, um gibão com saia e sapatos pontiagudos de segunda mão comprados a um vendedor.”

Como adulta, tinha uma perspetiva um pouco diferente sobre a sua rotina habitual. “Não é um trabalho penoso, apenas tarefas comuns. Vamos à igreja ao domingo. A igreja tem maioritariamente paredes brancas com vigas castanhas ou pretas. Somos calvinistas. Um homem barbudo está a pregar com uma coifa preta, um barrete Tudor e longas vestes pretas. Ele está a falar monótonamente sem parar.”

Deixando a cena da igreja, Susan regressa à taberna.

“Seguro um molho de chaves. Tenho a vaga impressão de um filho. Parecia trabalhar na taberna. Se houve outros filhos, mudaram-se. A taberna tem dois andares. Metade é de madeira com telhado de colmo, portadas castanhas e beirais abertos. Há bancos em volta do canto da frente. Criadas de servir trabalham aqui.” Então a cena começou a recuar. Tornou-se cada vez mais pequena até ser apenas um pequeno feixe de luz e anéis concêntricos.

Quando a Susan regressou à consciência desperta, disse-me que ainda estava um pouco cética em relação às suas recordações, mas que tinha definitivamente recebido mais matéria para reflexão. Contou-me mais tarde que, após esta regressão, o seu corpo demorou dois dias a sentir-se normal de novo, descrevendo a sensação como se estivesse numa forma duplicada e formiguejante fora do seu próprio corpo. Devido, em parte, à forte sensibilidade da Susan a mudanças no seu campo energético, a experiência hipnótica afetou-a como uma "ressaca psíquica", mas dissipou-se de forma natural e segura. Talvez algum trabalho de cura, integração ou energia tenha tido lugar no processo.

Como, nesta vida, a Susan tinha estudado gestão doméstica e hierarquia em casas medievais, bem como vestuário histórico, questionou a origem de alguma da informação mais geral na sua primeira vida recordada como servo do arcebispo. No entanto, isso não explicava as incertezas, a nova informação

e os detalhes específicos — tais como localizações prováveis, datas, salários e o seu empregador — que a Susan e outros historiadores começaram a investigar e a confirmar. Estas novas confirmações permitiram à Susan dar mais crédito às suas experiências de regressão.

Por exemplo, a Susan disse que nunca tinha imaginado nada parecido com a cidade da peste que sentia estar cheia de fantasmas. Após a regressão, a Susan encontrou mapas antigos que indicavam uma aldeia medieval perto de York, provavelmente abandonada na altura da peste. No *Guide to English Heritage Properties*, ela também localizou uma aldeia medieval abandonada em Wharram Percy, cerca de quinze milhas a leste-nordeste de York. A Susan especulou que uma pessoa que se dirigisse a uma série de estabelecimentos religiosos ou cidades conhecidas poderia facilmente ter passado por lá. Outra aldeia medieval deserta ao alcance de York, embora muito mais distante do que Wharram Percy, é Gainsthorpe, a cerca de quarenta milhas a sudeste da cidade. O guia refere ainda que estes locais são apenas dois de 3.000 aldeias medievais abandonadas identificadas.

Uma possibilidade para a cidade animada do Fr. Alford é a cidade costeira de Scarborough. A Susan mencionou conchas de amêijoa na estrada, indicando uma área próxima do mar ou de um estuário. As conchas foram comummente usadas para pavimentação em áreas costeiras até tão tarde como este século.

Embora a peste, chamada "Morte Negra", tenha assolado a Europa em meados de 1300, matando quase metade da população só em Inglaterra, continuou a aparecer em pequenos surtos durante muitos anos, e os seus efeitos desmedidos ainda perduravam na década de 1460. Outras doenças além da Morte Negra também dizimaram grandes números de europeus e, potencialmente, aldeias inteiras. Mortes por varíola, a "doença do suor" e outros vírus assassinos eram experienciadas todos os anos, normalmente durante os meses de verão.

Estes surtos eram tão comuns que muitos dos que tinham posses passavam regularmente os seus verões no campo para evitar as cidades onde os contágios prosperavam. Henrique VIII, por exemplo, tinha pavor da peste, da varíola e da doença do suor, e mudava a sua corte regularmente para evitar o contacto com os infetados. Ele tinha tanto medo destas doenças que, no auge da sua paixão, fugiu de Ana Bolena quando esta adoeceu com o "suor".

Quanto ao grupo de monges que o jovem encontrou, a Susan descobriu que uma série de estabelecimentos religiosos estavam sediados em Yorkshire:

Cistercienses (existem vários locais remanescentes), Agostinhos, Beneditinos e Cartuxos. Havia também um número de estabelecimentos Franciscanos em Yorkshire. Estes eram geralmente estabelecidos em cidades. Portanto, não seria invulgar que os Franciscanos tivessem negócios com o Arcebispo de York ou outros dignitários da igreja. Poucos conventos Franciscanos ou Dominicanos notáveis sobreviveram.

Os Beneditinos foram fundados em 530 d.C., enquanto a Ordem Franciscana chegou a Inglaterra em 1224. Em 1524, os Franciscanos eram uma ordem enorme, bem estabelecida e ativa nos assuntos do país. Alguns comentadores notaram que uma potencial altercação entre os Franciscanos e os Beneditinos não era impensável.

Eduardo IV, o monarca em cujo reinado a Susan colocou a sua encarnação passada, foi rei de 1461 a 1483. Datar a viagem do rapaz para o quarto ano do seu reinado situá-la-ia em 1465 ou 1466. George Neville era o Arcebispo de York durante o reinado de Eduardo IV. O graduado de Oxford tinha reputação de patrono do conhecimento.

Os meus especialistas verificaram que alguns tecidos altamente caros da época eram tecidos, em parte, com fios metálicos — incluindo ouro. A comida era, de facto, desidratada para armazenamento. Também correta foi a colocação feita pela Susan da oficina do ferrador fora da rua principal, devido ao ruído forte e ao fumo negro e sufocante que produzia.

Os meus historiadores concordaram que as pessoas da época estavam habituadas a percorrer grandes distâncias a pé e que "mais de um dia de caminhada" não era considerado uma distância excessiva para o estrato da sociedade cujos deveres incluíam viajar. Embora possa ser verdade que menos de vinte por cento das pessoas alguma vez se afastaram mais de dez milhas do seu local de nascimento, também é verdade que mensageiros, tanto a pé como a cavalo, atravessavam regularmente a nação.

A Professora Joann Moran descreveu as referências do William a uma aldeia deserta, às fardas e à cidade como apropriadas para o século XV. Notou que os cónegos — membros do capítulo de uma catedral ou igreja colegiada — seriam invulgares numa igreja de cidade como a que a Susan descreveu, mas não impossíveis se a igreja fosse gerida pela Ordem de Santo Agostinho.

Moran não encontrou falhas na descrição do salão ou na vida e trabalho dos servos. Verificou também que era normal os homens casarem-se entre meados e o final dos seus vinte anos. Não seria invulgar um despenseiro ler,

mas Moran notou que seria invulgar este homem, trabalhando numa cozinha, ter aprendido a ler, mesmo que pouco, com a sua mãe.

Teria sido normal o boticário ler, ter embrulhado a poção em pergaminho e o marechal ter mantido um livro de registos. Embora o salário anual do William fosse um pouco elevado, Moran disse que estava dentro de um intervalo aceitável. No entanto, o uso que o William fez da palavra "moot" para uma assembleia já era arcaico no século XV. Numa análise final, Moran pensou que este marechal provavelmente não serviu na residência do arcebispo em York, mas sim numa das suas casas senhoriais.

Os meus especialistas em vestuário concordaram que o vermelho, o laranja e o ruivo eram cores padrão para o vestuário medieval, pois eram fáceis de obter no processo de tingimento natural. As mangas plissadas nos ombros e o corte de cabelo estilo "Príncipe Valente" eram típicos do século XV, observando também que o tecido fino e os mercadores ricos indicavam uma cidade próspera.

A Susan também estava correta quanto ao selagem exterior da mensagem que o William carregava. Tal documento seria, de facto, apertado por um cordão e o nó tornado impossível de desatar ao ser encapsulado em lacre, no qual era estampado um selo pessoal ou oficial.

A Susan também colocou corretamente a cozinha do estabelecimento noutro edifício. Os armários trancados eram, de facto, a norma, com cada superior encarregado de artigos individuais em gavetas de arcas e armários para os quais possuía uma chave.

As "tapeçarias de parede com flores" que a Susan mencionou como parte do decor do arcebispo eram provavelmente tapeçarias florais. Estas eram preferidas por todos os que as podiam pagar, pois alegravam a sala e ajudavam a isolá-la do frio e da humidade exterior. A maioria das grandes casas tinha pequenos vidros transparentes montados em chumbo em padrões geométricos consistentes com a descrição do William. O instrumento parecido com uma flauta que o William tocava era provavelmente uma flauta de bisel, um instrumento musical popular e comum da época.

Como marechal, o William recordou ter tido dificuldades com o seu pessoal, que conteria uma alta percentagem de rapazes adolescentes. Ainda existem livros da época para treinar rapazes destinados ao serviço doméstico. Os volumes discutem áreas como a correta colocação dos pratos e por que título se dirigir ao senhor, à sua família ou a outros visitantes; no entanto,

também continham decências gerais como "não cuspir nem assoar-se à mesa". Obviamente, os rapazes eram rapazes tanto naquela altura como agora.

William comentou que o seu senhor tinha uma mentalidade mais política do que espiritual. Isto era verdade em relação a George Neville, que manteve a sua posição ao longo dos reinados turbulentos de Eduardo IV e Henrique VII e era bem conhecido como um conspirador político.

Passando para a vida recordada da Susan numa cultura muçulmana, Bruce Blackistone afirmou que as cinzas eram usadas para ajudar a remover os pelos dos animais como parte do processo de curtimenta. A maioria dos meus especialistas sentiu que o seu conhecimento do Médio Oriente medieval apenas poderia verificar a probabilidade da cadeia de eventos que a Susan descreveu.

Ao avaliar a vida da antiga mulher dinamarquesa, um dos meus especialistas confirmou que harpas parecidas com liras eram usadas por Vikings e Saxões. A exposição de Sutton Hoo no Museu Britânico exibe um excelente exemplo de uma lira reconstruída. Foi também postulado que as estacas altas com ranhuras no solo poderiam descrever uma paliçada de madeira, uma estrutura de defesa comum em fortes de colina saxões e celtas, precursora do forte ocidental. O vestuário e a comida, particularmente os nabos, eram apropriados para a Europa saxónica.

Quanto à vida da Susan como produtora de cerveja, existia uma longa tradição de que as mulheres fabricavam cerveja, hidromel e outras bebidas de grão fermentadas. Isso recaía no domínio dos deveres domésticos, uma vez que raramente se bebia água quando outras escolhas estavam disponíveis. As pessoas tinham feito a ligação entre água má e doença, participando elas próprias na sua própria ruína ao despejarem lixo, fezes e animais mortos nos rios, lagos e riachos locais.

Também é verdade que depois de 1200 d.C. a classe média começou a emergir, e mulheres com competências especializadas, como o fabrico de cerveja, podiam participar com os seus maridos na construção de uma melhor fortuna familiar.

A taberna "Louis Malle" recebeu o nome de Louis de Mâle, Conde da Flandres em meados de 1300, situando assim a data daquela vida no final do século XV ou XVI. O vestuário que a Susan descreveu é consistente com o vestuário da Europa ocidental da época.

Como o conhecimento desperto da Susan sobre gestão doméstica e certos outros detalhes históricos era elevado, ela manteve-se desconfiada do seu processo de regressão. Ao mesmo tempo, ficou sobressaltada com a confirmação da nova e detalhada informação que o seu subconsciente trouxera à tona, bem como com a origem das suas reações emocionais e físicas durante e após as experiências de regressão — reações completamente fora das suas experiências de "história viva".

A natureza da hipnose, do subconsciente e das regressões a vidas passadas faz muitas vezes com que o participante sinta que está a "inventar uma história" — especialmente à luz do quadro filosófico das nossas crenças ocidentais, que não incorporaram, na sua maioria, a reencarnação. O subconsciente está também apto a recordar com mais prontidão o que está mais nitidamente gravado nas nossas almas — emoções e sentimentos.

Dada a natureza honesta e conscienciosa da Susan, seria natural que o seu conhecimento histórico exacerbasse estas preocupações. Ainda assim, a Susan, tal como outros, foi capaz de olhar para além dos elementos previamente conhecidos — temperando as suas preocupações ao focar-se também no que anteriormente era conscientemente desconhecido — indivíduos, vinhetas, detalhes e, especialmente, emoções e sensações realistas — o seu medo quando se encontrou numa aldeia deserta, sentimentos de fome e exaustão durante uma viagem, orgulho no seu trabalho, ou as suas lágrimas na hora da sua morte — que teria sido difícil para ela ter imaginado.

4

Nick

“Deixando-nos as estrelas...” —Anónimo Nick Neville é um homem de muitos talentos. Uma vez, para cunhar as suas próprias moedas medievais, criou uma estrutura de madeira para segurar as pesadas peças de metal de modo a que o cunho não batesse duas vezes e deixasse uma imagem desfocada. Descreveu-a como um "amortecedor de vibrações". Mais tarde, descobriu a "sua" invenção num museu. Na sua vida comum, o Nick tem uma patente pendente e mais vinte invenções em curso. O homem de trinta e seis anos disse-me, no nosso encontro em julho de 1995, que está sempre a criar e esforça-se por ser um "pau para toda a obra e mestre de muitas".

Quando lhe perguntei sobre a criação do amortecedor de vibrações, o Nick respondeu que estava a aceder às suas memórias ancestrais. O Nick acredita ter descoberto estas memórias em criança, quando se sentiu forçado a virar-se para o seu interior após sofrer traumas físicos e emocionais precoces.

O Nick diz que conseguia ler frases simples aos três anos e contou-me que lia os romances de ficção científica e fantasia de André Norton e Robert Heinlein quando tinha quatro anos. (O seu QI foi determinado mais tarde como sendo de 186). Particularmente atraído pelos mitos do Rei Artur e Hércules, gostava de investigar para descobrir se existiam factos históricos por trás dos contos.

Comparada com as lendas do Rei Artur, a juventude do Nick foi dolorosa. Informado de que nunca mais voltaria a andar depois de ter ficado gravemente queimado num incêndio doméstico, trabalhou para provar que os médicos estavam errados. Na faculdade, fez campismo e teve aulas de ballet e dança moderna.

O Nick contou-me que se interessava por cura desde que a sua avó, uma curandeira pentecostal, o introduziu à imposição das mãos. Ela visitava o hospital local para tentar curas e ele acompanhava-a. Os braços curtos do jovem mal conseguiam chegar aos pacientes nas suas camas, mas quando o contacto era feito, resultavam por vezes curas instantâneas. Ele acreditava que, juntos, os dois ajudaram a curar o cancro da sua mãe.

Esta compaixão pelas pessoas inspirou o Nick a licenciar-se em psicologia na Universidade de Eastern Kentucky. No entanto, a poucos créditos de obter o seu bacharelato, juntou-se à marinha e serviu como técnico neuropsicológico e assistente hospitalar durante seis anos.

Embora tenha dito estar disposto a lutar para defender a sua pátria, o Nick sentia-se ambivalente em relação à guerra. Explicou que, por um lado,

era um pacifista que praticava ioga há vinte e três anos. Por outro lado, era atraído pela competição da batalha. Não tinha interesse em estudar guerras históricas que tivessem ocorrido fora da era medieval.

O Nick ficou intrigado quando ouviu falar pela primeira vez da SCA. Seis anos depois de deixar a marinha, ligou-se ao Clan Cromlech, na Baronia de Ponte Alto, através do serviço de computador America Online. Após participar no seu primeiro evento medieval, o Nick sentiu que se enquadrava. Pouco depois, foi-lhe dado o título de *castellan*, um castelão que guarda as chaves da casa e é o coordenador dos recém-chegados, fornecendo-lhes trajes de empréstimo.

A sua própria *persona* de recriação, Micheal Gaidheal, ou Michael o *Highlander*, reflete o seu amor pelas montanhas. Ele data a sua identidade gaélica entre meados e o final do século XV.

Nick contou que está atualmente a ser treinado na arte do Serviço da Mesa de Honra. Na Idade Média, os jovens nobres eram designados para servir a mesa principal. Pensava-se que isto os ajudava a compreender os conceitos de fidalguia, serviço, honra e cavalaria. Os servidores formavam um cortejo e apresentavam a comida com pompa e circunstância. Nick disse-me que o termo "upper crust" *(a nata da sociedade, literalmente "crosta superior")* teve origem nas ações do *panter*, ou o mestre do pão. Ele cortava a crosta, considerada a melhor parte do pão, e apresentava-a cerimoniosamente ao senhor de maior estatuto.

Defensor da cavalaria muito antes de entrar na SCA, Nick apreciava o gesto de beijar a mão de uma dama. Também usava o cabelo comprido. De acordo com Nick, que tem raízes no Kentucky, a aristocracia daquela região mantinha uma tradição originária da Idade Média: a de os proprietários de cavalos usarem o cabelo puxado para trás num rabo de cavalo. Segundo a lenda familiar, um dos antepassados do seu pai fora o Grande Rei da Irlanda.

A linhagem real de Nick pode ser mais do que genealógica. Ele afirma que a sua namorada Dori *(ver capítulo 5)* possui capacidades psíquicas e teve vislumbres dele em vidas passadas, tanto como cavaleiro quanto como um *highlander* escocês. Ele, por sua vez, "viu" um relance de Dori num vestido medieval.

Quando questionado sobre outras experiências paranormais, Nick recordou a sensação de *déjà vu* na primeira vez que vestiu um gibão de couro medieval. Também sentiu uma estranha familiaridade ao ouvir as batidas

metódicas dos tambores e ao ver os castelos da Guerra de Pennsic à luz trémula das tochas. As fortalezas tocaram-lhe num ponto sensível, lembrando-o do seu desejo juvenil de construir um castelo.

Misteriosamente, Nick conhecia os passos de uma dança medieval chamada "The Needle in the Hay" (A Agulha no Palheiro) antes de alguma vez a ter visto dançar. Sentiu-se completamente confiante na primeira vez que se juntou à dança.

Embora nunca tivesse tido formação em marroquinaria, fabricou uma bainha para um amigo que, após investigação posterior, se revelou historicamente exata para aquele período medieval específico. Além disso, disse-me que fazer as suas próprias vestes parecia não exigir esforço. Nick chegou a comprar uma máquina de costura.

Sentindo-se confortável em calças justas (*tights*) e camisas folgadas, Nick sentiu-se imediatamente parte da era medieval. No entanto, afirma sentir-se extremamente desconfortável quando vestido com um uniforme da Guerra Civil dos E.U.A. Numa ocasião, Nick acompanhou Dori a um baile da Guerra Civil. Mostrou-me uma fotografia sua com um aspeto rígido e inquieto. Em contraste, uma fotografia sua com trajes medievais mostrava uma pessoa sorridente e relaxada.

Nick disse estar impressionado com o bom ajustamento das crianças criadas por pais da SCA. Observou que a associação lhes dá uma boa base para aprender autodisciplina e dedicação ao trabalho num ambiente que privilegia a honra, a liberdade, a imaginação e a recompensa. Porque valoriza a importância da formação precoce, Nick pensa criar um programa para jovens. Afinal, aos sete anos, um rapaz na Idade Média deixaria a casa para se juntar à residência de outro cavaleiro e treinar como pajem. Aos quinze anos, iniciaria cinco anos de serviço como valete do cavaleiro que era o seu mestre.

Nick admira princípios espirituais e dá seminários a grupos cristãos sobre a "Perspetiva Bíblica do Amor". Outro curso que leciona foca os aspetos místicos da Bíblia. Nick, que teve um bisavô que era um xamã índio *Blackfoot*, afirmou que as igrejas se esqueceram do misticismo, que é prevalecente na Bíblia.

O seu percurso espiritual, formação e "memórias ancestrais" permitiram a Nick comunicar com o que ele acredita serem outros planos de existência. Acredita que todas as memórias ancestrais estão gravadas no campo energético da alma e são acessíveis. Embora não acredite que as almas

humanas reencarnem necessariamente na Terra, pensa que é possível que as nossas almas continuem alguma forma de progressão interna depois de a essência da alma se mover para outro plano de existência após a morte.

A Regressão de Nick:

A Memória na Carne

Após terminarmos a parte da entrevista, Nick disse estar preparado para uma viagem ao submundo, às mentes dos seus antepassados, ou para onde o seu subconsciente o levasse. Entrou rapidamente num estado hipnótico e a sua primeira recordação foi a de cair. Sentia a língua grossa e a cabeça doía-lhe no lado esquerdo. Sentia pessoas à volta e via as pernas castanhas-escuras e os cascos pretos e brancos de cavalos.

"O meu corpo parece madeira em bruto", começou ele. "Não consigo levantar-me. Não quero estar aqui. Está escuro. Ninguém me pode ajudar." Subitamente, pareceu alarmado. "Estou morto. Alguém mentiu e ninguém me disse. Não era suposto eu estar aqui. Não fiz nada. Estou zangado por terem mentido.

Vejo um rosto", continuou. "É o meu. É chinês. Estou a girar e a rodopiar e depois fica tudo escuro. A dor é à esquerda e começa no pescoço, onde tenho as minhas enxaquecas. Mataram o meu avô com um pau e ele desmoronou-se. Tinham medo dele. Eu era muito novo, mas já conseguia andar e vestir-me sozinho."

Percebendo que ele tinha ido diretamente para a sua morte, conduzi-o para trás nessa vida, para antes da morte do avô. "Há uma floresta à nossa volta", começou ele. "Não faço ideia do nome do lugar. É perto de uma montanha. Algo parece uma tenda. É como um cesto virado ao contrário, mas é mais escuro lá dentro. Há uma lareira no chão com brasas quentes e cinzas cinzentas.

O meu nome significa 'rapaz', mas não o consigo dizer. Não consigo distinguir os sons e tons. Significam algo quando os juntamos. Soa como um zumbido, mas é mais distinto.

O meu avô veste calções e uma túnica cinzenta com um colarinho grande. São apenas dobras de tecido. Ele não é grande. Tem marcas no rosto, embora parte da pele ainda seja macia e lisa. O cabelo dele é comprido e parte

cai-lhe sobre os ombros. Está sentado de pernas cruzadas sobre um cobertor cinzento sujo. Não há mobília.

Sou o único a usar calças compridas vermelhas e uma camisa sem botões ou mangas. Não gosto de mangas porque não se consegue ver nada com elas. Não conseguia encontrar as plantas muito bem. Estamos sempre à procura de plantas. Às vezes os meus pés ficam tão frios."

Movendo os pés inquietamente no sofá, continuou. "O avô está sempre a colher plantas como hortelã e 'ka'. Bebo-a e faz a minha barriga parar de doer. Dói muito. Ele dá-a a outros também. Chá de bagas vermelhas sabe bem. Também me faz sentir melhor. Sou demasiado novo para estar doente, a não ser pelo facto de o meu corpo doer.

Comemos pássaros, muitas plantas e muita sopa", continuou. "É boa. Às vezes está demasiado quente e queima-me a barriga. Algo nela fazia queimar e depois a hortelã fazia passar. Ele punha a hortelã na minha taça. As ervas faziam-me cócegas na garganta. Depois, empurrava-as com água.

Às vezes ele apanha pequenos animais com as mãos. Tem uma faca com um aspeto engraçado, com bordas serrilhadas e pedaços partidos de rocha branca, mas não a usa a não ser para limpar os animais. Cozinhamos sobre o fogo com um pau e cozinhamos a sopa num saco pesado."

Agora era de manhã e ambos estavam lá fora a tirar casca das árvores para fazer "massa" na sopa. "A casca tem um gosto picante. Estava a ajudar o avô e ele estava a ensinar-me o que podia comer. Insetos sabem a doces. É a única coisa que sabe tão bem", Nick, como o rapaz, sorriu feliz.

"Ele abraçava-me muito e dizia-me que se ia embora em breve. Eu queria ir com ele, mas ele não respondia. Ria-se e falava de plantas. Às vezes falava e contava-me histórias. Eu não sabia o que significavam. Dormíamos durante o dia quando estava demasiado calor, mas às vezes eu tinha frio. Ele não conseguia andar bem. Tinha de se sentar muitas vezes. Eu tinha medo dele, mas ele era simpático para mim. Talvez não tivesse medo, mas não compreendia.

Viam homens e o avô dizia-me para estar calado. Perguntavam-me sempre coisas. Eu olhava para uma rocha ou para o céu e dizia-lhes onde deviam caçar. Eles iam lá e encontravam comida. Nunca perguntavam ao avô. Mas ele dava-lhes plantas. Algumas sabiam de forma estranha. Eu não gostava do cheiro e tapava o nariz. Eles não ficavam na tenda. Usavam

camisas e algo por cima das camisas. Usavam sapatos. Disse ao avô que não gostava de sapatos por causa dos pés fedorentos. O avô riu-se.

Mas eu gostava quando eles vinham porque traziam carne para comer. O avô gostava de um chá que o fazia rir. Bebia a cerveja escura que os outros traziam. Porque é que ele bebia? Cheirava sempre mal", disse Nick com nojo, "e ele entornava um bocado no chão."

Encontros e Conflitos

Passámos para outro episódio, quando a criança e o avô receberam uma visitante. "Uma vez veio uma mulher e ficou algum tempo. Veio de longe num cavalo com os pés lamacentos. Os pés da mulher doíam. O velho usou uma noz espinhosa que triturou. Depois os pés dela paravam de doer. Vi animais comer as nozes espinhosas, mas ele não me deixava aproximar daquela árvore. Dizia que era perigosa e apenas para ser usada em pés humanos.

Ela vestia um lençol sujo. Tinha o cabelo mesmo comprido e cheirava bem. Os dedos dos pés espreitavam pelos sapatos dela. Disse que eu era fofinho. Eu ri-me. Abraçou-me e disse que me amava. Era grande e macia, e sabia bem quando me abraçava. Gosto de abraços. Teria medo se não houvesse ninguém para me abraçar", disse ele num lamento.

"Ensinou-me a fazer um cesto", contou-me com orgulho. "Mostrou-me como dobrar a madeira brilhante, pôr peças por cima e atar tudo. Os meus desmanchavam-se sempre, mas ela limitava-se a rir. Contava-me histórias sobre animais que falavam. Isso é parvo. Não faziam sentido. Eu não sabia o que era ler. Não me lembro de ver nada de leitura", disse pensativo. "Também me ensinou a desenterrar raízes grandes e a atirá-las para o fogo. Sabiam bem. As raízes pequenas eram estaladiças. O avô gostava delas na sopa."

Regressámos agora à altura da morte violenta do rapaz, onde ele iniciara a sua descrição. Desta vez, ele compreendeu que os homens que mataram tanto o seu avô quanto ele próprio estavam zangados porque não tinham sido curados devido à sua falta de fé.

Passámos para a sua encarnação seguinte de que se recordava. Nick encontrou-se como um jovem que usava calças justas, uma camisa amarela com mangas bufantes e botas.

"O meu nome é Tadgh. Eu queria casar-me, mas o pai dela não gostava de mim. Ele tinha vergonha de mim porque eu não era rico como ele", disse desanimado. "Passava muito tempo no jardim com as plantas. Só estive naquele jardim uma vez, mas vi-a quando ela estava a visitar outra pessoa. Eu estava a ajudá-los com o jardim. Havia grandes poças de lama lá.

As mulheres no jardim vestiam-se de forma igual, com vestidos grandes e largos que caíam a direito até aos tornozelos e realçavam os peitos grandes. Usavam chapéus planos com copa. O vestido dela tinha riscas.

Os homens usavam calças e chapas metálicas brilhantes ou escuras que faziam barulho e rangiam quando se iam embora. Dobravam e apertavam o metal para ajustar. Demorariam muito tempo a voltar, mais de uma estação. Não estavam contentes por ir, mas era melhor do que estar aborrecido a tratar do jardim."

Sugeri então que Tadgh fosse para a sua própria casa. Obedecendo, ele moveu-se para outra cena. "Senti que corria para todo o lado. A maioria das pessoas andava a pé, embora alguns tivessem cavalos", explicou. "As casas estão todas suficientemente perto para se verem umas às outras. São todas casas sujas de madeira e terra. Algumas têm pedras na base. Os telhados são feitos de terra solta."

Já dentro de casa, Tadgh viu uma mesa e um par de bancos. "Há dois homens com os meus pais. Estamos todos prontos para ir para a cama. Os meus pais estão no sótão. O pano sobre a palha faz comichão. Durmo com a roupa vestida. Os dois tipos dormem comigo. Estão apenas de visita. Um ri-se muito e é sempre amigável. Eles deixam-me nervoso. Um usa as coisas brilhantes. Precisavam de comida e de um sítio para ficar."

Nick tinha estado a mexer as pernas e os joelhos nervosamente desde que começara a relatar esta cena. "Comeram sopa, pão e carne — o que comíamos normalmente. Nós não comemos porque não havia comida suficiente para nós.

A mãe preparava a comida enquanto eu ajudava com o fogo. Carregávamos água lá de baixo, do rio. Estava habitualmente lamacento perto da água.

Ela passava o dia todo fora a ajudar outros. Eu tratava do jardim. O pai não trabalhava, mas ajudava com a água. Bebia muito, algo com aveia. Estou sempre com medo", continuou nervosamente. "Toda a gente está com medo. A mãe não gostava dos tipos. Servia-os e depois desaparecia. Nenhum de nós gostava quando eles vinham. Um desaparecia com a mãe. Quando se iam embora, ela chorava. Depois o pai bebia outra vez e saía."

Neste ponto, perguntei ao Tadgh se conseguia identificar o país. "Não sei a data nem o país, mas o nome da terra é Glenfadden", respondeu. "É perto de umas montanhas pequenas e sai de lá um rio. A língua é gutural, como grunhidos. Ouço-a mas não a consigo dizer. Mas conseguia dizê-la na altura."

Nick avançou no tempo. "Disseram que eu abusei dela", gaguejou ele incrédulo. "Tivemos um acompanhante. Eles mentiram. Não conseguia acreditar que dissessem aquilo. Eu não o fiz. Não podia acontecer. Não quero pensar nisso. Mataram-me por causa disso", continuou emocionalmente. "Puseram-me numa mesa e cortaram-me a cabeça. O lado esquerdo da minha cabeça dói. Talvez um daqueles soldados que ficaram connosco tivesse agredido a minha mãe e também a minha namorada.

A única altura em que fui feliz foi quando a via. Não me lembro de nada depois disso. A minha cabeça dói. Quero matá-lo. Morri demasiadas vezes e recordo mortes violentas. As pessoas ou me amam ou me odeiam. Porque é que o meu estômago e a minha cabeça doem? Há uma dor aguda na minha perna esquerda", disse ele fazendo uma careta.

Depois de o ajudar a acalmar-se após recordar duas mortes violentas — ambas com danos na cabeça — Nick estava preparado para ir para outra vida. Desta vez, encontrou-se como um soldado mercenário.

"Luto muito", começou ele. "Adoro lutar e uso um machado com desenhos e linhas. Uso um vestido curto e um casaco de couro, às vezes com uma camisa por baixo. É um material que faz comichão.

Temos machados, espadas, facas e clavas. Os brilhantes têm escudos", continuou com naturalidade. "Na batalha, agarro-os e bato à volta dos escudos, para que deixem cair as armas facilmente. Também lhes bato no pescoço ou nos braços porque é mais fácil cortá-los logo acima da anca. Estão protegidos noutros sítios. Se não estiverem a usar sapatos de metal, bato-lhes

nos sapatos com um machado. Depois, é mais fácil matá-los. Mas a maioria deles usa sapatos de metal."

Com a maturidade veio uma atitude diferente. "Odeio lutar. É estúpido. Quando fiquei mais velho, estava farto de lutar. A maioria dos homens morria de qualquer maneira. Ia para as batalhas e não lutava", confessou o soldado.

“Mais tarde, quando os combatentes se feriam, traziam-nos até mim. Eu dava-lhes ervas, lavava e ligava a ferida. Se fossem atingidos no estômago ou na cabeça, dava-lhes ervas para dormirem e eles morriam. Se vivessem, ficariam com dores, por isso é melhor morrer”, determinou ele. Falava por experiência própria.

“Fui espetado no estômago uma vez. Ardeu o tempo todo pelo resto da minha vida. Às vezes comer ajudava por um bocado”, continuou. “A minha mão esquerda foi ferida por um machado e nunca mais a consegui esticar.” Observei que a mão esquerda de Nick estava firmemente cerrada num punho.

“Quando era difícil demais ir para a guerra, trazia os feridos para casa. A minha casa é redonda e feita de pedras, plantas, erva e muita lama. Vivia sozinho.

Tive uma mulher, mas ela morreu jovem. Estava doente. Estivemos casados cerca de quatro anos e não tivemos filhos. Mudei-me muito antes de conhecer a minha mulher e novamente após a morte dela. Consigo ouvir o nome da terra, mas não o consigo dizer. Eventualmente, voltei para casa. Não via muito a minha família porque viviam longe.”

Interessada em ouvir sobre a mulher do mercenário, pedi ao Nick que voltasse ao tempo em que a conheceu.

“Conheci-a quando fui a um concurso. A Agnes era cozinheira. A única vez que falei com ela foi sobre um braseiro. Fui pedir permissão para a cortejar. O pai dela disse que não, mas depois do meu combate, perguntou se eu ainda estava interessado. Depois disso, ajudava-a nas tarefas.

Casámos à maneira antiga, sem padre. Um homem velho falou e depois pôs-nos a dançar. Perguntou-nos as nossas intenções, depois pedimos aprovação e ele deu-a. A seguir, mandou-nos para o bosque por privacidade. Amo o bosque. Mais tarde, os nossos vizinhos vieram para uma grande festa e depois voltámos para o bosque. Estava tudo feliz. Ela mudou-se para a minha casa e deixou de cozinhar como profissão. Quando a minha mulher era jovem,

fazia roupa tecendo desenhos num pau. Só as pessoas ricas tinham teares. Mas ela tinha orgulho por termos uma panela de metal.

Trabalhei durante várias semanas ou mais para conseguir aquela panela. Trabalharia para quem quer que me pagasse, desde que pudesse lutar. Pagavam-me para lutar pelos tipos de armadura que podiam pagar cavalos. Quando era novo, lutava sempre por respeito ou era tratado como lixo. Chamavam-me 'o Audaz' e 'o Estúpido' pelas costas. Lutava com pessoas com quem não devia, mas nunca recuava. Como me viam era mais importante do que o meu nome, porque tinham de reconhecer a minha audácia. Não me senti seguro até ser mais velho e começar a curar pessoas."

Agora, pedi ao Nick para se mover para outro evento que tivesse partilhado com a mulher.

"Fomos à cidade para uma grande celebração", prosseguiu, parecendo despreocupado. "Conseguimos boleia numa carroça por uma estrada de lama que fedia. Havia muitos edifícios de dois andares, cores vivas e muita comida. Comprei à Agnes um cinto de couro curtido com uma fivela de bronze. Era a coisa mais cara que possuíamos e ela adorou. Ganhei o dinheiro num combate de luta livre.

Quando a multidão se moveu para o centro da cidade para ver a execução de um homem que tinha roubado um cavalo, todos acharam que era divertido, menos eu. Fez-me sentir zangado e ferido por dentro. A minha mulher disse que era por isso que me amava. Ela também não quis ir."

Mais tarde, regressaram a casa, e a personalidade antiga de Nick falou sobre os seus assuntos mais rotineiros.

"A minha mulher frequentava a única igreja da aldeia. Havia muitos padres lá. Não sei o nome da aldeia e não nasci lá.

Mais tarde, a minha mulher adoeceu. Tossia e cuspia sangue. Mesmo doente, continuava a ir à igreja. Os padres chamavam à doença dela 'o castigo de Deus'", disse amargamente. "A Agnes era uma curandeira que tocava nas pessoas, segurava-as por alguns segundos e elas melhoravam. Os padres chamavam-lhe bruxa porque ela não rezava primeiro." Com as palavras a soarem cruas, ele recompôs-se com dificuldade.

"Ela nunca falava, apenas ouvia os problemas das pessoas. Curava sem esperar recompensa. Até os ervanários e padres vinham ter com ela. Depois do

que os padres disseram, as pessoas que tinham sido curadas ficaram todas com medo.

Antes de morrer, ensinou-me a curar. Vinham pessoas ricas. Até os padres vinham ter comigo, mas sob o manto da escuridão. Alguns diziam que eu me importava demais.

Sentia falta da minha mulher e estava zangado por não poder lutar. A minha mulher e a luta eram as únicas coisas que eu queria. Imaginava que havia um Deus lá em cima, mas estava zangado com os padres, por isso ia lá para fora adorar Deus. 'Deus não vive numa casa, de qualquer maneira'", filosofou.

"Estava tão zangado", disse ele com emoção. "Foi difícil ter amigos até ser mais velho e curandeiro. Ia até à estalagem e bebia até cair. Era a única maneira de esquecer. A minha barriga doía nos primeiros copos de cerveja, depois a dor parava. Contava histórias sobre os meus dias de luta de juventude. Eventualmente, a minha raiva desapareceu à medida que envelheci."

Perguntei-lhe se tinha conhecimento de algum evento político de importância.

"Não ouço falar do mundo exterior", respondeu. "Vivo apenas um dia de cada vez." Quando perguntei se era alfabetizado, disse-me que não lia, nem via utilidade nisso. "Aquelas linhas rabiscadas simplesmente não faziam sentido para mim. Mas a minha mulher sabia ler um pouco. Alguém na família dela ensinou-a."

Agora, direcionei a personalidade de Nick para as horas finais da sua vida. O soldado reformado continuava zangado com a Igreja.

"Na minha morte, o quarto estava escuro e enfumaçado. Cheirava a fogo e as janelas estavam fechadas. Tive muita doença. Algumas pessoas estavam aqui comigo. O padre rezou, mas eu não queria o Deus deles. Que tipo de Deus chamaria bruxa à minha mulher?", protestou. "Será o Deus deles o diabo? Não queria o Deus deles. Que tipo de Deus é esse que faz os outros sofrer? A minha barriga dói. O padre deu-me algo para a dor e finalmente morri. Foi um alívio.

A minha mulher Agnes veio ter comigo e partimos juntos. Foi um pensamento feliz quando descobri que a Agnes ainda estava viva, no céu."

Aliviada por a sua passagem ter terminado de forma positiva, trouxe-o de volta ao seu estado consciente normal. Notei que o avô de Nick na primeira vida recordada fora um curandeiro, enquanto a mulher de "o Audaz", Agnes, também fazia curas pelas mãos. Na sua existência presente, o bisavô de Nick fora um xamã índio *Blackfoot*, enquanto a sua avó, uma curandeira pentecostal, introduziu Nick à imposição das mãos quando ele era criança.

Quando vi o Nick num evento da SCA cerca de um mês após a sua regressão, ele disse-me que nunca conhecera alguns dos procedimentos de combate que descrevera. Acabou por verificar com alguns cavaleiros da SCA, que confirmaram a prática de golpear os pés do inimigo.

Nick sentiu que a sua vida "chinesa" poderia, na realidade, ter sido mongol, embora afirmasse nada saber sobre a história mongol. Um dos meus especialistas, Craig Greenbaum, que estudou a cultura mongol, concordou que poderia ter sido mongol devido à descrição de Nick da cabana de taipa, estilo *hogan*, com uma lareira no meio, a língua gutural e o zumbido baixo, quase subvocal. Disse que o zumbido poderia possivelmente ser canto difónico chamado "khoomei", o que também era consistente com a cultura mongol.

Como jovem nesta vida, Nick disse que se tinha imaginado a fazer canto difónico, embora nunca tivesse ouvido falar disso. Além disso, na sua vida mongol, Nick recordou ouvir o avô sussurrar ou entoar informações. Craig relatou que os nómadas usavam uma tradição oral musical. Embora o rapaz nunca tivesse ouvido falar de escrita, Gengis Khan *(1162–1227 d.C.)* introduziu-a entre os mongóis.

Outros detalhes que ligavam essa vida aos nómadas da estepe incluem a menção a uma bebida malcheirosa, como cerveja, que o avô entornou no chão. Poderia ter sido "kumys", uma bebida feita de leite de égua fermentado. Era cerimonialmente entornada num ritual ao "Pai Céu" e possuía um odor vil. O kumys era feito num saco de couro pesado, provavelmente o estômago de um animal.

Também apropriadas para uma vida nómada na Eurásia, desde 2500 a.C. até ao presente, são as descrições do terreno montanhoso, o ato de matar animais com as mãos nuas como o avô fazia, a instrução sobre cozinhar e usar ervas, e o fabrico de cestos. Os póneis das estepes mongóis eram baixos, peludos e robustos, como descrito pelo rapaz.

Quanto ao vestuário do avô, a túnica cinzenta que era uma única peça de tecido poderia ter sido feita de pele de veado. O único detalhe inconsistente

com a vida real mongol foram as calças de um vermelho vivo do rapaz. Estas não teriam sido usadas pelos nómadas euroasiáticos, pois eles não tingiam as suas roupas de camurça.

Embora tenha achado a descrição de Nick sobre a habitação mais euroasiática do que ameríndia, Bruce Blackistone observou que ter cerveja implicaria o cultivo de grão e uma sociedade baseada na agricultura. Os ameríndios bebiam uma cerveja suave conhecida como "chicha" e faziam chá de plantas como sassafrás e *wintergreen*.

Além disso, recordou que os noruegueses medievais usavam casca de árvore no pão, o que era tomado como um sinal de pobreza. Isto estaria em linha com a sugestão da Professora Moran de que a vida poderia situar-se numa Europa muito remota. Além disso, as formigas de mel eram comidas por povos aborígenes e o consumo de insetos é comum a muitas culturas.

A segunda vida recordada de Nick, como Tadgh, estava cheia de detalhes que os meus especialistas concordaram situar num país celta — provavelmente a Escócia. A referência a armadura, sapatos de metal e uma estalagem poderia indicar uma data medieval mais tardia.

"Tadgh" é um nome celta e, certamente, o nome da aldeia que Nick mencionou, "Glenfadden", tem uma sonoridade inegavelmente escocesa. A localização da aldeia perto de montanhas pequenas e um rio ajuda pouco na identificação, pois toda a nação está coberta por tais montanhas. Rios e riachos são abundantes. Dois candidatos para a aldeia poderiam ser Glenfeochan e Glenfinnan, no oeste da Escócia. No entanto, é altamente provável que Glenfadden fosse um local que não resistiu aos ventos do tempo. A língua "gutural" que Tadgh falava poderia certamente ter sido o gaélico.

A descrição de Tadgh sobre a sua casa possuir um sótão, alguns bancos e uma mesa poderia ser verdade em todas as habitações das classes baixas da Idade das Trevas e Idade Média. Os sótãos eram áreas onde as crianças normalmente dormiam, enquanto os pais dormiam em baixo, perto do fogo. Como Tadgh observou, as casas de todas as classes eram sujas. A maioria tinha chão de terra e janelas sem vidro.

Objetos domésticos e mobiliário estavam continuamente cobertos por um pó fino de terra, pólen e poeira. As próprias paredes das casas eram geralmente feitas de lama misturada com cal e outras substâncias orgânicas que descamavam e esboroavam constantemente; as casas feitas de pedra eram calafetadas com lama ou cobertas nas paredes exteriores e no telhado por

torrões de erva. Poderia ter sido isto que Tadgh estava a tentar descrever quando disse que os telhados da aldeia eram de "terra solta".

Um dos meus especialistas encontrou um anacronismo no comentário de Tadgh de que dormia com a roupa vestida, dizendo que o povo da época dormia nu. No entanto, disse outro, há exceções a todas as afirmações generalistas, especialmente no que diz respeito ao comportamento daqueles que vivem em climas frios como na Escócia.

As calças justas de Tadgh, ou "trews", e a camisa amarela, ou "leine", só podem ser datadas vagamente antes de 1600. A sua descrição dos chapéus femininos de copa e planos é correta, mas menos se pode dizer sobre o facto de terem tecidos listrados. Sabe-se, porém, que os xadrezes eram comummente usados. A referência de Tadgh à visibilidade do decote é indicativa do vestuário feminino da era renascentista, com espartilhos que empurravam o busto para cima. Parece certamente que o "metal brilhante" com que os homens se vestiam era uma armadura de placas. É possível que fossem soldados aquartelados na casa dos pais de Tadgh contra a vontade destes.

Ao avaliar a terceira vida recordada de Nick como soldado mercenário, os meus investigadores de guerra medieval pensaram que o combate descrito parecia realista. Tanto Steve Hick como Bruce Blackistone referiram exames *post-mortem* de mortos de guerra, mostrando que o pé, a parte inferior da perna esquerda e a cabeça estavam entre os primeiros locais a serem feridos e eram protegidos com placas externas.

Mas Bruce observou que ferimentos na cabeça e abdominais eram vistos com mais otimismo do que "o Audaz" sugeriu, e embora a recuperação pudesse ser difícil, aos soldados era geralmente dada uma oportunidade de curar. Além disso, mercenários pagos, ou mesmo soldados pagos, eram característicos por volta do século XI.

Outro especialista comentou que a manobra de "o Audaz" de atingir os sapatos do inimigo teria sido um método eficaz de o distrair de segurar o escudo. Embora os "machados com os desenhos" pudessem ser incrustações de nós celtas, sugeriu que Nick poderia estar a descrever um animal zoomórfico comum em machados de origem escandinava e saxónica.

Isto, porém, dataria a vida do mercenário muito antes do século XIV ou do período posterior — proposto pela Professora Moran devido à referência à sua mulher ser uma bruxa e ao facto de ela saber ler um pouco.

De acordo com Bruce, estalagens do tipo “beber-até-cair” não surgiram antes da Idade Média e apenas em áreas muito frequentadas ou bem povoadas.

Vários comentadores ofereceram sugestões para o que o mercenário quis dizer quando afirmou que a sua mulher tecia desenhos em paus. Uma é que ela estava a praticar uma técnica de tecelagem antiga chamada “sprang”, que resulta num produto final muito parecido com rede ou macramé. Outra possibilidade é que a mulher estivesse a usar um tear de cintura, que era um tear muito simples que podia ser construído com alguns paus. Embora fosse um tear primitivo normalmente encontrado em períodos remotos, não era inconcebível que pudesse ter sido usado até ao final da Idade Média entre os pobres.

Os descritivos aplicados ao mercenário — “o Audaz” e “o Estúpido” — refletem a prática de identificar um indivíduo por atributos físicos e mentais, feitos, parentesco, local de residência, profissão e outros qualificadores. Estas designações seriam por vezes usadas pelos filhos do indivíduo. A casa real inglesa de Plantageneta, por exemplo, diz-se ter ganho o seu nome pelo uso de um ramo, “planta genista” ou giesta, do fundador da dinastia, Godofredo de Anjou.

Esta prática de especificar o indivíduo pelo uso de um descritivo acabou por levar aos apelidos que usamos hoje. Infelizmente, muitos descritivos baseavam-se em aspetos pouco lisonjeiros de uma pessoa ou da sua circunstância. Um exemplo disto é o apelido “Goldwater”, que se refere a urina, ou Boyd, que vem do gaélico *buidhe*, significando amarelo ou doentio.

A questão da aparente relutância da mulher em rezar por aqueles que tentava curar levantou dúvidas na mente dos meus comentadores históricos. Muitas práticas pagãs tinham sido camufladas pelo cristianismo desde os dias da conversão religiosa, quando S. Columba cristianizou o rei de Dalriada e o rei dos Pictos no final de 500 d.C. Embora fosse verdade que as pessoas ainda observavam costumes pagãos, seria altamente invulgar que aqueles que “mantinham os velhos caminhos” atraíssem calamidades sobre si mesmos ao ostentarem a sua desconformidade com a Igreja. O facto de as pessoas chamarem “bruxa” à mulher, mais uma vez, indica uma data do século XIV ou posterior.

Outras interpretações sugerem que o estômago ardente de "o Audaz" poderia ter sido uma úlcera, enquanto a doença da sua esposa poderia ter sido tuberculose. O vestido curto ou túnica com um casaco de couro, ou *leine*, seria considerado adequado à época, bem como a armadura de couro, o linho ou a

lã — todos materiais que provocam comichão. Vários comentadores apreciaram a descrição da casa e da estrada fétida e lamacenta, mas acharam invulgar que a esposa soubesse ler, mesmo que pouco.

Nick, que acredita ter acedido a memórias ancestrais, disse-me que a sua experiência de regressão a vidas passadas foi de uma natureza totalmente diferente. Confidenciou que, em oposição à alegria e realização que sente na recriação histórica, as vidas passadas recordadas eram cruas, carregadas de emoções fortes e dor.

Com a sua regressão já distante no tempo, Nick afirma que as suas enxaquecas crónicas e problemas de estômago diminuíram, talvez por ter descoberto a sua causa raiz. Se isto for verdade, vivenciar estas vidas durante o processo de regressão ajudou a pacificar, pelo menos, parte do passado — as experiências dolorosas de há muito tempo que continuavam a ensombrar a vida presente de Nick.

5

Dori

“Ilesa entre a guerra dos elementos...” — Joseph Addison, século XVII Enquanto viajava pela Escócia em 1993 com uma amiga, Dori Clark visitou Culloden Moor, o local da Batalha de Culloden. Foi aqui que o Príncipe Charles Stuart, o amado "Bonnie Prince Charlie" da nação escocesa, foi derrotado na sua tentativa de recuperar a coroa britânica para a Casa de Stuart em meados do século XVIII. A derrota não foi apenas um desastre para o príncipe; os clãs das Terras Altas da Escócia foram dizimados e aqueles que não morreram foram brutalmente reprimidos pelos ingleses.

Durante a sua entrevista pré-regressão, Dori disse que, ao olhar para o campo de batalha, viu a sua amiga transformada num membro de um clã escocês, vestida com um *kilt* e com uma expressão de fúria e ódio dirigida a ela. Nesse momento, Dori, que afirma ser vidente desde a infância, também se viu como uma *Highlander* escocesa.

Anteriormente, ao chegar à Escócia, Dori sentira-se compelida a visitar o Castelo Duart na Ilha de Mull, a antiga sede do clã MacLean. Mais tarde, a dupla visitou a Ilha de Skye. A amiga adorou a ilha, enquanto Dori mal podia esperar para se ir embora. Finalmente, Dori alcançou uma sensação de paz ao visitar um castelo obscuro na zona de Loch Ness. Estranhamente, antes da viagem, ela tivera uma visão deste mesmo castelo e de um casal escocês apaixonado, sentado junto ao lago. Também sentiu a presença de um homem mais velho, a quem respeitava e por quem daria a vida.

Ao chegar a Culloden Moor, Dori começou a juntar as peças do puzzle. Reconheceu que tinha pertencido ao clã MacLean, enquanto a sua companheira pertencera ao clã MacDonald e fora uma Jacobita. Embora Dori tivesse simpatias pelos rebeldes, apoiara os Realistas leais à Casa de Hanôver. Agora, Dori percebia que, devido à família com a qual se casara, fora forçada a lutar contra os seus próprios irmãos, um dos quais era a sua amiga da vida atual.

Uma vez consciente destas dinâmicas de vidas passadas, Dori disse ter alcançado uma compreensão que lhe permitiu desapegar-se das emoções negativas que as duas mulheres sentiam uma pela outra. Nesse momento, na perspetiva de Dori, a relação foi curada e ela obteve uma resolução.

Dori relatou que, numa excursão a outro castelo escocês, se imaginou como um cavaleiro rabugento de cabelos pretos, que usava uma armadura prateada e preta, bebia cerveja e descia a larga escadaria montado no seu cavalo. Mal acabara de ver a imagem, o guia referiu corridas de cavalos que tinham realmente ocorrido escadaria abaixo.

Ao visitar o memorial de guerra no Castelo de Edimburgo, Dori disse ter reconhecido uma espada pendurada na parede como sendo "sua" e sentiu-se à beira das lágrimas por ter de a deixar para trás. Após o seu regresso aos Estados Unidos, foi à Feira Renascentista da Pensilvânia e comprou uma espada de reprodução semelhante. Em casa, decidiu dormir com ela. Anos mais tarde, soube que não fora invulgar os cavaleiros dormirem com as suas armas.

Dori admitiu que sempre foi fascinada por espadas. A sua atração especial era por sabres e armas de esgrima. Após juntar-se à SCA, dedicou-se ao florete, ou esgrima de estilo renascentista.

A analista de vinte e nove anos de uma agência governamental em Washington, D.C., estava envolvida ativamente na recriação há apenas cerca

de um ano aquando da nossa sessão de regressão em julho de 1995 e, por isso, não estudava história medieval há muito tempo. Anteriormente, contudo, participara em recriações da Guerra Civil com uma devoção tipicamente intensa.

Dori contou-me ser descendente de uma família de Gettysburg cujo telhado foi atingido por uma bala de canhão durante a Carga de Pickett. Também conseguia listar cinco tios-avós que lutaram num regimento da Pensilvânia. Certa vez, Dori assistiu a um baile da era da Guerra Civil com Nick *(ver capítulo 4).* Atónita por terem dançado a valsa sem falhas, ela acredita ter captado o vislumbre de uma vida na Guerra Civil em que o casal dançara junto numa feira rural.

A sua recordação de outros detalhes do seu passado na Guerra Civil desencadeou uma série de experiências que levaram à sua eventual cura. No seu estado de sonho, Dori recordou ser uma mulher do Norte que se juntara à unidade do seu namorado Confederado. Mais tarde, num episódio de *déjà vu* em Blackstone, Virgínia, sentiu uma dor nas costas resultante de ter sido trespassada por uma baioneta enquanto presenciava a emboscada à sua unidade. Ainda mais tarde, encontrou um livro que confirmava detalhes dessa escaramuça.

Após a recuperação consciente destas memórias, participou no 125.º aniversário de Appomattox e viu-se em lágrimas quando os Confederados entregaram as suas armas. Mas, no final da cerimónia, Dori sentiu um encerramento. "Está feito. Não preciso de recriar a Guerra Civil agora. O meu interesse por ela diminuiu", disse-me a veterana de sete anos. "Talvez quando os recriadores sofrem de 'esgotamento da Guerra Civil' e deixam este passatempo absorvente, tenham resolvido, sem o saber, uma vida passada", especulou Dori.

Como Dori não só se lembrava das suas próprias vidas passadas, mas conseguia frequentemente ver as de outros quando "cruzavam o olhar", presumi que ela acreditaria na reencarnação. Mas ela disse-me que, embora costumasse acreditar piamente no conceito, estava agora a considerar as teorias de linhas temporais alternativas e memória ancestral. Independentemente da forma como escolhesse explicar as suas memórias, estava pronta para a sua experiência sob hipnose.

Esperando que Dori entrasse facilmente num estado de relaxamento profundo, uma vez hipnotizada, ela revelou-se estranhamente incapaz de comunicar eficazmente o que via. Tinha vislumbres de uma cena e esquecia-se

de que eu não a conseguia ver, descrevendo apenas os detalhes mais elementares. Cada vez que eu tentava recuperar informações adicionais de uma vida específica, ela saltava para a vida seguinte.

Acompanhar a regressão de Dori foi um pouco como montar um cavalo em fuga. No espaço de cerca de duas horas, ela galopou por doze vidas, incluindo a de um rapaz maia de dezoito anos a correr em volta de uma pirâmide e a de uma rapariga que caiu para a morte de uma janela de um andar superior numa era desconhecida.

Dori também vislumbrou a sua vida na Guerra Civil como uma mulher de vinte e três anos, de saia castanha e camisa bege. O seu cabelo soltara-se do coque e ela jazia morta num campo. Noutra vida, durante os anos 1600 na América primitiva, Dori viu-se como companheira de um capitão, lidando com o enjoo marítimo e polindo um sextante.

A primeira vida medieval de Dori, especulou ela mais tarde, datava do final dos anos 1400 ou início dos 1500 nas Ilhas Britânicas. "Sou um homem de vinte anos que usa botas de couro cru até ao joelho e calças justas cinzento-carvão. Uso uma camisa rasgada com um gibão castanho por cima", disse ela como o jovem. "Estamos num *pub* com bancos de madeira e pratos de madeira. A taberna é muito escura e as velas estão a extinguir-se. Não é luxuosa. Um homem grande e corpulento, com bigode e cabelo escuro, senta-se à minha frente a beber cerveja. Um grupo reuniu-se em segredo para contrabandear um líder político para França. Algo ilegal tem estado a acontecer. Por alguma razão, sinto-me culpado por isto. Houve uma grande zaragata e fui acusado de traidor por algo que não disse.

Estava a ir ao estábulo buscar o meu cavalo quando um homem grande começou a lutar comigo. 'Vais morrer por o teres traído', disse o homem. Fui esfaqueado no estômago", continuou Dori, "e consegui sentir a dor."

Após este final violento, Dori gravitou para uma morte ainda mais brutal, quando estalajadeiros entregaram uma jovem nobre a um nobre feio, malcheiroso e violento, com dentes podres. Ele cortou-lhe a garganta. Dori passou rapidamente para outra vida.

"Somos cavaleiros a marchar por uma estrada com armadura escura e elmos de aço com cones. Cavalos puxam carroças com bolas grandes e pesadas. Tiramos a comida aos aldeões", continuou o soldado. "Sou cruel. Não me importa o que acontece a estes camponeses. Sou um guerreiro. Não

preciso de mulheres. Arranjo uma na aldeia quando quero. Chamam-nos Sambus. O nome do nosso líder é Gullion. Chamam-me Boca."

Subitamente, Boca abandona a sua atitude arrogante. "Estou com a minha armadura e não me consigo mexer. Outro soldado está a rir-se e deixa-me aqui para morrer."

A seguir, Dori encontrou-se como uma jovem apaixonada. "Há um homem a cavalo com cabelo preto azeviche, botas pretas, bigode e luvas pretas compridas. Dou-lhe uma fita do meu cabelo e ele beija-me", diz ela a rir. "É um torneio nas terras do meu pai e ele luta por mim entre cavaleiros que usam túnicas de bombazina azuis e prateadas. Vejo uma bandeira triangular com a cabeça de um leão. Ao longe, há uma máquina estranha com quatro esferas que balançam e postes que se movem.

Agora, estamos a fazer compras numa feira e ele está a comprar-me luvas perfumadas", continuou agradavelmente, passando depois para outra cena. "Tenho o cabelo loiro-mel e as mulheres estão a arranjá-lo com fitas. Uso um vestido verde-limão com mangas finas e fluidas. O corpete é decotado, com algo branco a cobri-lo. A minha mãe tem um chapéu em cone com um véu. Este homem usa calças pretas e uma capa azul-escura com bordados a ouro, usada de lado. O meu pai é um homem de peito largo e cabelo grisalho. Veste um tom de laranja-queimado debruado a pele e uns chinelos pontiagudos esquisitos. Ele anuncia o nosso noivado. A mãe finge desmaiar."

Após o casamento, por motivos de negócios, o marido teve de deixar a sua noiva. "Não quero que ele vá. Ele vai servir alguém. Estou muito grávida. Diz-me para cuidar do nosso filho. Ele ainda usa a minha fita. Tiro os sapatos e caminho na relva. Não tive notícias dele", disse com um tom de solidão.

"Estou em trabalho de parto", disse subitamente. "Vem uma mulher da aldeia de Pickney. É velha e reconfortante. Estou a suar e com febre. O bebé não quer sair. Algo está errado", disse ansiosamente. "Não tenho mais forças. Estou encharcada. É como se ainda estivesse grávida, mas o bebé partiu. Ela põe-me um pano fresco na cabeça. O meu marido segura-me a mão. O bebé morreu", disse sombriamente.

"Nunca mais fui a mesma depois disso", disse reflexivamente. "Não conseguia ter filhos e nunca me perdoei. Sinto que falhei com ele e às vezes chorava. Vivi até aos quarenta anos, velha para alguém com a minha constituição. Ele ensinou-me a andar de novo e guardou sempre a minha fita."

Mais tarde, Dori contou-me que fora ver um filme recentemente estreado, *Lancelot, o Primeiro Cavaleiro*. Ficou estupefacta ao ver no filme várias semelhanças com a sua última regressão, incluindo as cores dos uniformes que os cavaleiros usavam no torneio e a "máquina esquisita", exatamente como a tinha imaginado na sua regressão. Embora Dori tenha dito não se lembrar de ter visto quaisquer antevisões do filme, questionou se poderia ter tecido inconscientemente uma promoção de filme não recordada numa vida passada vívida.

Susan Reed *(ver capítulo 3),* entre outros, comentaria mais tarde que o vestuário no filme *Lancelot, o Primeiro Cavaleiro* não era historicamente exato, nem as descrições de vestuário da Dori eram consistentemente de um único período. Susan, cuja especialidade é o vestuário histórico, sentiu que a experiência relatada por Dori tinha sementes de "realidade", mas estava entrelaçada com fantasia. A maioria concordou que a descrição do torneio, o chapéu pontiagudo da mãe (*hennin*) e os sapatos de bico curvado do pai (*poulaines*) faziam lembrar a Alta Idade Média, por volta de 1350 a 1434 d.C.

A investigadora Paula Peterka *(ver capítulo 12)* confirmou que as cores do vestuário mencionado eram exatas, embora a descrição de Dori não fosse específica, e que a referência a calças pretas poderia, na verdade, referir-se a polainas pretas.

A especialista em vestuário, dança e culinária medieval, Kathy Norvell, sugeriu que o vestido descrito por Dori era uma *cotehardie* e uma *surcote* ou *cyclas*, exceto que as *cotehardies* tinham habitualmente corpetes justos e decotados e mangas compridas. As capas eram frequentemente usadas sobre um ombro, disse ela, e Dori parecia estar a usar um "*partlet*", o equivalente medieval à atual "pechelière". Kathy identificou o período como o século XV.

Reconhecendo a "máquina esquisita" de Dori como uma "*quintain*" ou "máquina de justa" *(um dispositivo usado para a prática de justas),* Kathy mencionou que o poste com "braços" a sair dele teria provavelmente um braço com uma tábua ou escudo e outro com um saco de areia para derrubar o cavaleiro do cavalo. Steve Hick concordou que isto poderia ter sido uma máquina de justa.

Ann Longmore-Etheridge, que recria como Viking, identificou os elmos de aço com cones — descritos na vida de Dori como um "Sambu" — como os elmos usados pelos Normandos ou por alguns grupos de Vikings. Quanto à cota de malha ou couro que um guerreiro saxão usaria, Bruce, que também interpreta um Viking, notou que o equipamento de combate de um saxão era

bastante leve e flexível e não o teria fixado ao chão. Referindo-se à descrição primitiva das bolas pesadas, notou que as primeiras balas de canhão de pedra tendiam a ser pesadas, muitas com o tamanho de trinta polegadas.

Relativamente ao nome do líder de Dori, tanto Ann como Kathy Norvell concordaram que "Gullion" poderia ter sido uma versão francesa arcaica do nome "William". O equivalente moderno atual em francês é "Guillaume".

Após a regressão de Dori, não pude deixar de recordar as suas afirmações de ter consciência vidente desde a infância e os vislumbres periódicos do seu próprio passado ou vidas paralelas, bem como das de outros. Talvez por ser tão sensível, teorizei, ela tivesse tecido pedaços e fragmentos de várias fontes, ou até explorado o inconsciente coletivo ou a memória ancestral, como ela própria estava a começar a acreditar.

Independentemente da explicação, Dori disse-me que, após as regressões, sentia-se melhor em relação aos seus relacionamentos, conseguia receber amor e aceitar abraços mais facilmente. Também superou um antigo medo — já não tinha receio de ter filhos. Além disso, os seus amigos notaram que ela parecia marcadamente mais feliz.

Recordei como Dori sentira um sentido de encerramento em relação à Guerra Civil e perguntei-me por quantos mais anos ela continuaria o seu envolvimento com a recriação da Idade Média.

6

ANN

“Lágrimas, secas ao Acaso...” — Vernon Watkins, poeta galês

Ann Longmore-Etheridge é uma jornalista de trinta e três anos que vive na zona rural de Myersville, Maryland, e viaja cento e cinco quilómetros para ir e vir do seu escritório em Arlington, Virgínia, todos os dias. “Cubro questões de segurança privada e aplicação da lei”, disse-me quando nos conhecemos em agosto de 1995. “Isso é bem distante da história que eu amo.”

Aos sete anos, Ann ficou cativada por um drama da PBS que a sua mãe estava a ver na TV. *The Six Wives of Henry VIII* apresentava retratos simpáticos das rainhas do Grande Harry. Antes da nossa sessão de hipnose, Ann disse que a esposa que mais a fascinava, e que se tornou uma obsessão para toda a vida, era a desafortunada Ana Bolena, a segunda esposa do rei, decapitada em 1536 sob acusações forjadas de bruxaria, traição e adultério.

Ann passou a infância a brincar às "Barbies das seis esposas de Henrique VIII", recriando os elaborados vestidos da corte com os lenços e joias da sua mãe. "Lia tudo o que conseguia encontrar sobre os Tudors — livros para adultos e para académicos — muito acima do meu nível de compreensão. Não me importava se não entendia tudo. Só tinha de saber o máximo que pudesse sobre aquela época."

Com o passar dos anos, Ann diz que expandiu o seu interesse pelas Ilhas Britânicas, passo a passo, até que este se alargou para abranger toda a história da Inglaterra e da Escócia, incluindo todos os estratos da sociedade, do rei ao mais humilde plebeu.

Aos vinte e poucos anos, Ann casou-se com um homem com um profundo interesse em genealogia. Após alguns anos de investigação sobre o passado da sua própria família, Ann descobriu que, através dos antepassados da sua mãe (a "fidalguia da Virgínia"), era provavelmente descendente de muitas das personagens históricas que mais amava, incluindo Leonor da Aquitânia e os reis da Escócia. "Infelizmente", brincou ela, "não carrego um único gene Bolena no meu corpo."

Durante a nossa entrevista preliminar, Ann disse-me que, dada a sua predileção pela Inglaterra Tudor, era natural que gravitasse para o Festival Renascentista de Maryland, a uma hora de distância da sua casa de infância em Annandale, Virgínia. Aos dezasseis anos, já era uma "cliente habitual", e o festival parecia um mundo milagroso de trajes, roupas e comportamentos que a transportavam de volta aos anos 1500. "Era o ponto alto do meu ano", disse-me. "A verdadeira Inglaterra Tudor era tanto como a 'Ren Faire' quanto a vida real do século XX é como a Disney World, mas chegava perto o suficiente para me fazer feliz."

Eventualmente, Ann foi contratada para interpretar Elizabeth, Condessa de Shrewsbury, a formidável "Bess de Hardwick", como parte da corte real do festival. A astuta condessa, cujo marido foi o cavalheiro-carcereiro de Maria, Rainha dos Escoceses, era a mulher mais rica do país, superada apenas pela Rainha Isabel I — filha de Ana Bolena. "Acabei por interpretá-la como um

contraponto vilão e trapalhão para a rainha, que sempre a vencia, mas, na realidade, Bess de Hardwick e Isabel estavam em bons termos."

Com o tempo, Ann abandonou o que passara a entender como "pseudohistória" pela vida que se pode ter no Acampamento Viking de Markland. Disse-me que era membro de Markland desde o final da década de 1970, mas não foi até meados da década de 1980 que o foco da organização se voltou para a história viva séria. "Era isso que eu queria na altura", explicou ela. "Uma dose de realidade. Queria lama e sujidade, e esfregar potes de ferro com água fria numa manhã húmida e fria, enquanto os meus companheiros de acampamento se amontoavam em volta de uma fogueira a comer bagas secas e queijo de cabra. E foi mais divertido do que qualquer outra coisa que já tinha feito antes!"

Tal como os membros da SCA, Ann explicou que muitos membros de Markland casaram com colegas e começaram famílias juntos. Desde o seu envolvimento inicial, Ann estabeleceu a sua própria família de Marklanders. Juntamente com o seu marido, Mark, um arqueólogo que se tornou analista ambiental, o seu filho de quatro anos, Nicholas, e a boa amiga Teri, eles retratam uma família de mercadores Vikings, cerca de 950 d.C.

"O meu marido é Fordred — esse é um bom nome anglo-saxão e, claro, os Vikings estabeleceram-se fortemente no norte da Inglaterra. Houve um mestre de cunhagem chamado Fordred em York. O nome do meu filho é Snorri, que vem diretamente das sagas Vikings, e o meu nome é Sylvanna, que não é nada Viking", observa ela com embaraço. "Usei-o durante tantos anos em Markland que não aguentaria mudá-lo."

No início dos anos 90, Ann tornou-se co-líder do acampamento Viking. "Tem sido uma educação não só em história, mas em relações interpessoais modernas", refletiu. "Recentemente, as limitações de tempo fizeram-me afastar da liderança."

Ann viajou extensivamente pela Inglaterra e Escócia. Na sua primeira visita ao Reino Unido, disse que se sentiu como se estivesse em casa pela primeira vez na vida. Quando visitou Edimburgo, confessou ter tido uma sensação terrível e intrigante de que já lá tinha estado antes.

"É quase embaraçoso admitir isto", Ann hesitou em confiar mais. "Mas sempre tive um leve sentido psicocinético que me permite, por vezes, ler vibrações dos objetos que toco e ver vislumbres do que poderiam ter sido os

anteriores proprietários do item. Isto também acontece por vezes com lugares."

Enquanto estava hospedada num alojamento em Inverness, na Escócia, Ann diz ter presenciado uma aparição bizarra no seu quarto. À medida que o tempo "mudava", disse ter visto um homem num uniforme militar sentado numa secretária que "existia na minha própria posição física atual. O homem estava a escrever e olhou para cima dos seus papéis quando uma criada lhe trouxe chá." Disse que, no pequeno-almoço da manhã seguinte, ouviu o proprietário dizer a um hóspede que a casa tinha sido usada como alojamento para oficiais militares durante a Segunda Guerra Mundial.

Ao prepararmos o início da sua regressão, Ann questionou os possíveis resultados da técnica hipnótica, perguntando-se se o que poderia "recordar" seria uma confabulação construída a partir dos seus estudos históricos. Disse-me que queria acreditar na reencarnação, mas que era, no entanto, cética.

Ann nunca tinha sido hipnotizada antes e não entrou facilmente num estado hipnótico relaxado. Eventualmente, e após alguma dificuldade, encontrou-se como uma menina na década de 1690 (pós-medieval). "Martha", de seis anos, desfrutava da vida no Underhill Manor — "uma grande casa cinzenta".

Ann disse-me que Martha ajudava a mãe a limpar a casa senhorial e a tratar do jardim, enquanto o seu pai trabalhava nos campos. A família vivia na propriedade numa cabana de taipa com juncos no telhado. Aos domingos, ia com a mãe à pequena cidade de Westbrook, em Surrey, para vender ovos num cruzeiro de mercado em frente a uma igreja de madeira branca chamada St. Michael's. Entretanto, o seu pai mofava da igreja, chamando ao tipo de religião pregada lá dentro "papismo".

Depois de o sobrinho de Martha roubar um galo para alimentar a família, eles mudaram os seus pertences numa carroça para uma casa caiada de branco com vigas expostas, aninhada em colinas verdes. O seu novo alojamento tinha chão de madeira, lareira e chaminé, mobiliário de madeira simples e uma cadeira. O pai estava vestido com calças pretas pela altura do joelho e um gibão preto, enquanto o sobrinho usava roupas cor de ferrugem e um chapéu de abas largas. Martha vestia-se como a mãe, com sapatos e meias pretas, um avental e touca brancos, e um vestido verde e creme. A sua mãe também usava uma touca estranha com uma aba grande e um xale verde a cobri-la.

A criança brincava feliz com a sua boneca feita à mão e um pião no chão da casa da família. Aos sete anos, adoeceu. Sentindo-se realizada na sua curta vida — dizendo que tinha tido comida farta, brinquedos bonitos e um novo irmãozinho — morreu pacificamente.

Após a curta existência de Martha, Ann revisitou o que parecia ser uma vida medieval.

"A minha mãe usa uma saia cinzenta, um avental e um corpete castanho. Está a varrer a nossa casa. É um dia cinzento no pátio (*close*). As pessoas estão a trabalhar, a entrar e a sair, a limpar e a trazer a comida." Fiquei hipnotizado enquanto Ann falava agora com um sotaque escocês carregado.

"Tenho calças curtas, uma camisa, um colete e nada nos pés. O meu cabelo preto está um bocado despenteado. Está espetado. Sou um rapaz de oito anos. *Aye*." Disse que o seu nome era Robert.

"Vivemos junto à High Street. Somos a primeira porta ao fundo do pátio. Há casas por todo o lado em volta da praça", continuou Robert alegremente. "É apenas uma divisão com uma lareira, uma mesa, cadeiras e uma cama. Os meus irmãos são mais velhos e dormem lá em cima no chão. Eu durmo com a minha mãe. O meu pai morreu. Pereceu; estava doente.

A mãe trabalha para as pessoas na casa grande, em Andrew's Wind. Ela cuida da cozinha e cozinha. Eles também têm outros criados.

Ela conta histórias de fantasmas, ghouls e espetros. Coisas de morte e *selkies* — criaturas que tomam o lugar dos bebés. Diz que os viu. Eu não acredito nela. Ela pisca-me o olho."

Agora Ann, como Robert, sorriu e suspirou. "Estou a pensar no que o rei anda a fazer. Ele é o Rei Jaime Stuart da Escócia. Tem filhos por todo o lado, e é atraente. A mãe gostava de ser jovem. Ela fala da rainha doentia e diz que ela não deve vingar porque só bebe leite e não come. Tiveram um rapaz que morreu, por isso não têm filhos.

A minha mãe fala da família dela e brinca que a mãe dela era uma meretriz." Robert riu. "Ela é assim. Fala de coisas parvas, especialmente quando depena galinhas.

A maior parte do tempo estou com ela. Às vezes, vou para o campo pescar com os outros rapazes", explicou. "O riacho fica a um bom dia de caminhada... *Ta!* Não apanhamos nada de grande, mas comemos o que apanhamos. Ela gosta. É uma boa mãe.

Gosto de comer, pescar, brincar na estrada, rodar um arco, perseguir os meus amigos e virar a carroça de feno. Não vou à escola. A mãe não sabe ler. Eu quero ler, mas não sei como. Não acho que vá aprender a menos que um padre me ensine", disse pragmaticamente. "Ele é um dos únicos que sabe como.

Sou Robert Murray. A minha mãe é Catherine Murray. Ela trabalha para o Advogado MacDonald, que é um homem importante", disse orgulhosamente. "Os filhos dele leem. *Aye*.

Agora, vivemos num anexo, uma sala que foi construída encostada à casa. Os meus irmãos são aprendizes, um com um ferreiro, o outro com um fabricante de rodas estrada abaixo. Eles gostam. Trabalham o dia todo e voltam para casa à noite."

Deixando a juventude para trás, Robert Murray avançou para a sua idade adulta e responsabilidades posteriores.

"A minha mulher está a ter o nosso primeiro bebé. Uma parteira está com ela. Estou nervoso." Depois, respirou fundo. "Antes da manhã, a parteira diz-me que é uma menina. É bonita. Estou contente por estar tudo bem.

A minha mulher trabalhava noutra casa. Conheci-a lá", relembrou. "Eu estava a consertar carroças e rodas partidas. Sou aprendiz. Tenho dezassete anos e ela quinze.

Vivemos no andar de cima numa casa na High Street, perto da casa da mãe, e perto de St. Giles, no Grass Market. Há um jardim com um muro atrás. Parece estranho ali, no meio da estrada. Sobe-se a colina até à igreja. A rua é de tijolo.

Vivemos com os pais dela", continuou. "Estamos casados há cerca de um ano. O pai dela faz barris. Ele tem algum dinheiro. Daqui a um ano, poderei fazer rodas por conta própria."

Curioso, perguntei a Robert se ele alguma vez aprendeu a ler.

"Não tenho de ler. Para quê?", respondeu ele. "Sou velho demais para aprender a ler agora. Já não sou uma criança."

A cena seguinte encontrou Robert Murray pai de cinco filhos, quatro deles rapazes. "Estou a subir a rua. Está movimentada. Há pessoas por todo o lado. Sou atingido por uma carroça ou cavalo."

Perto da morte, refletiu sobre a sua vida. “Ainda vivemos na mesma casa com os sogros. O pai ainda é vivo. A minha aprendizagem correu bem. Teria querido ser um homem rico, mas tivemos o suficiente. Tenho pena de ir”, disse melancolicamente. “Parece cedo demais. Tentei ser um bom homem. Mas agora só sinto paz.”

Até ao último suspiro de Robert Murray, ele manteve o sotaque escocês. Quando passámos para outra vida, no entanto, Ann encontrou-se mais uma vez na Escócia, desta vez como mulher. Identificou o ano como 1563, mas já não falava com sotaque.

“Estou no meio de um campo. Os talos de feno estão amontoados em fardos. Estou a olhar para o meu marido e ele está a olhar para mim. Não sei o que vou fazer com ele.” Parecia perturbada.

“Ele tem andado com a minha irmã, Gowan. Ele ama-a. Eu sempre soube. Gostava que ele me amasse, mas não ama. O meu pai arranjou o casamento. Não se casa por amor. Estamos casados há apenas alguns anos e não temos filhos, embora os queiramos.

Ele cede-lhe em tudo. Ela é jovem, bonita e faz sempre o que quer. Não há nada a fazer senão continuar. Ele é simpático e bondoso, mas eu só queria que ele me amasse”, disse desanimada.

“Gowan quer estar comigo porque nos amamos. Ela é a minha melhor amiga. Quero que fiquemos todos juntos. Sempre cuidei dela. Sempre foi assim. Quando nos mudámos, ela veio. Ela não se quer casar.”

A jovem esposa recompôs-se. “Não trabalhamos no campo, mas fiamos, fazemos queijo, cozinhamos e gerimos a casa”, disse praticamente.

“É a minha casa. Recebi-a da minha mãe quando ela morreu. É em Dunblane”, disse ela. “A casa é de pedra com lama ou calafetagem nas paredes. O telhado é de colmo. Há outra casa ou barracão com relva a crescer no telhado. A primeira casa tem uma grande sala central com uma lareira e dois quartos no andar de cima. É bonita. Há algumas cadeiras boas. As portadas e as portas estão sempre abertas. É como estar na rua. É quente no verão. No inverno, vivemos na cidade.

O meu nome é Anne Langmore. O meu pai é Andrew Langmore. Ele é diácono e vive perto da igreja, do outro lado da estrada. Amo o meu pai. É um bom homem.” Continuou filosoficamente: “Ele pensou que arranjou um bom

casamento. Se ele soubesse, ficaria furioso. Obrigaria a Gowan a voltar para casa, mas eu não quero que ela vá.

O meu marido, James, vivia em Edimburgo, onde a família da minha mãe costumava viver. Talvez seja um primo...? Ele cria e negoceia cavalos. Vive do meu rendimento da quinta e dos cavalos", disse ela e fez uma pausa. "Seis homens trabalham na quinta. Cultivamos aveia e cevada. O gado tem cornos e manchas.

"Estou a usar um vestido com uma saia e um corpete verdes, e um chapéu", disse ela, desviando a atenção do assunto em questão. "Consigo ler a Bíblia um pouco. O James tenta ler, mas não se sai muito bem."

Neste ponto, a insatisfatória situação doméstica deteriorou-se ainda mais.

"Eu matei-a", admitiu Anne suavemente. "Estava a tentar ajudá-la a ver-se livre do bebé. Ela implorou-me, por isso fi-lo. Agora tenho de pagar. Ela está morta. Está morto. Ela não estava de muito tempo.

O meu marido vai fugir e deixar-me levar com a culpa. Ele não quer, mas não há nada que possa fazer. Não vale a pena morrermos os dois. O meu pai sabe do bebé. Diz que não me pode ajudar.

Vou perante o magistrado", disse ela. "Não é fácil pensar nisso. Cortam-me a cabeça à porta de casa. O meu pai arranjou as coisas para que fosse privado. Estou resignada e sinto-me traída. Não importa, porque não vale a pena viver. Voltarei a ver a minha irmã?"

Quando a Ann regressou do estado hipnótico, disse-me que os únicos detalhes que a deixaram genuinamente boquiaberta foram as descrições de vestuário e edifícios na vida da Martha. Não fazia ideia de onde viera aquela informação, nem tinha conhecimentos sobre a cultura ou o período.

Quanto a Robert Murray, Ann disse que o seu caráter, completo com o seu humor, gentileza e estoicismo, fazia lembrar uma personalidade escocesa que ela criara para um romance que estava a escrever. Além disso, disse ela, tem uma tendência para imitar sotaques. Contou-me que a experiência hipnótica fora muito diferente do que esperava: que se sentia totalmente em controlo mas, ao mesmo tempo, completamente fora de si. Sentiu também que pode ter respondido a algumas perguntas apenas para me agradar.

Mais tarde, numa carta, escreveu-me sobre Robert Murray: "O que temos aqui é um caso de 'quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha?'. Imbuí a personagem do livro com esses traços porque me lembrava

subconscientemente do Robert? Ou terá sido o Robert uma reconfiguração da personagem do livro?". Ann sentiu que não podia julgar adequadamente a sua experiência, a menos que pudesse visitar outra vida sobre a qual nada soubesse.

Consequentemente, regressou para outra sessão comigo. Desta vez, o estado de relaxamento hipnótico surgiu mais facilmente e ela depressa começou a descrever uma vida pós-renascentista que vivera na Alemanha ou na Suíça. Começou a contar uma história da qual estivera completamente alheia. Ann descobriu-se como uma mulher cujo nome soava a "Clayo".

Descreveu a sua vida numa pacata aldeia montanhosa chamada Albertfurt, que parecia ter muralhas exteriores. Clayo e o marido viviam num quarto no andar superior de uma casa privada. Ela trabalhava numa taberna e tinha algum parentesco com o proprietário.

Atordoada após a morte do seu jovem marido, Clayo mudou-se para casa do dono da taberna e da sua esposa. Mais tarde, voltou a casar-se, desta vez com um irmão do taverneiro — um mercador que, com a ajuda dela, se tornou bem-sucedido. Recordou-se a trabalhar em livros financeiros num quarto muito mais luxuoso do que aquele onde vivera com o primeiro marido, e que o trabalho a consumia. O seu passatempo especial era a criação de ovelhas. Viveu uma vida longa e acabou por morrer já velha, assistida pela neta.

Após a sua segunda regressão, Ann estava agora intrigada porque não conhecia a informação que recordara sob hipnose. Ficou também impressionada com os sentimentos de atordoamento que experienciara após a morte do primeiro marido. Além disso, surpreendeu-se por alguns dos detalhes que desconhecia antes das primeiras sessões terem recebido feedback positivo dos comentadores históricos. Embora Ann tivesse visitado as Ilhas Britânicas e estado em St. Giles, nunca ouvira falar de Westbrook, Dunblane ou Andrew's Wind. Ainda assim, algumas localizações não puderam ser rastreadas.

Apesar da sua orientação analítica e científica, esta nova informação influenciou positivamente a sua perceção do processo de regressão, dando mais peso às suas primeiras regressões e à possibilidade de o seu romance ter sido inspirado pela memória da sua vida como Robert. Chegou a antecipar sessões de regressão futuras que pudessem explorar mais detalhes sobre a vida da jovem Martha, bem como se uma amiga atual poderia ter sido a sua irmã escocesa Gowan.

Verificação de Factos:

Ann e as Memórias Escocesas

Ao verificar os factos das vidas recordadas por Ann, a investigação revelou que existe uma "Westbrook" em Berkshire, Inglaterra, embora nenhuma no mapa de Surrey. Westbrook fica numa região montanhosa no rio Lambourne. Muitas propriedades nas Ilhas Britânicas foram originalmente batizadas por localizações naturais. "Underhill" significava, sem surpresa, "um lugar na base das colinas".

Vários especialistas comentaram que o vestuário de Martha e da sua família era indicativo do tempo do movimento puritano. Bruce Blackistone sugeriu também que a dissidência religiosa do pai e a venda de bens ao domingo pela mãe podem ter contribuído para o ostracismo da família. Todos concordaram que as casas habitadas pela família tinham uma construção correta para o que parece ser uma vida em meados ou finais do século XVII.

Relativamente à vida de Ann como Robert Murray, o jovem referiu-se ao homem para quem a mãe trabalhava como um "*barrister*" *(advogado).* No entanto, na Escócia, os advogados eram chamados de "*advocates*", embora exerçam o mesmo trabalho jurídico que os *barristers* de Inglaterra.

Quanto ao Grass Market, era um prado gramado nos arredores das muralhas de Edimburgo, que fora edificado como área comercial após a Batalha de Flodden (1513). Era um local onde as pessoas iam comprar e vender animais. Esta informação deve datar a vida de Robert Murray para o reinado de Jaime V (1512–1542).

O jovem Robert mencionou um rei e a sua rainha, que era doentia e dificilmente iria "vingar", e que não tinham filhos. Jaime V casou com a Princesa Madeleine de França, que morreu sem filhos em 1537, e depois com Maria de Guise, que lhe deu uma filha, Maria (Rainha dos Escoceses), enquanto ele jazia no leito de morte após a calamitosa batalha de Solway Moss *(1542).* Qualquer uma destas esposas poderia ter sido a rainha sobre quem a mãe de Robert mexericava. Além disso, o Rei Jaime V teve um filho que morreu na infância. Os seus casos extraconjugais eram lendários, resultando em vários filhos ilegítimos, incluindo James, Conde de Moray. Estes são, portanto, os anos prováveis da infância de Robert.

A representação que Robert faz da alfabetização da população é inteiramente credível, tal como a descrição da sua casa de infância. Embora o facto de os Murray terem cadeiras devesse indicar alguma riqueza, é possível que as cadeiras tenham sido doadas pelo homem que empregava a mãe.

Vários especialistas concordaram que ferreiros, carpinteiros de rodas e tanoeiros eram ocupações legítimas e necessárias no mundo renascentista. Acreditaram que seria invulgar Robert ter casado antes de terminar a sua aprendizagem. No entanto, após um ano de casamento, o comentário de Robert de que em breve seria capaz de fazer rodas por conta própria indica que ele já poderia ser um oficial (*journeyman*) nessa altura.

Segundo a Professora Moran, a vida parecia autenticamente detalhada. Outros especialistas consideraram plausível que Robert Murray pudesse ter vivido com os sogros, nunca ter aprendido a ler e ter sido morto por um cavalo. Ficaram particularmente impressionados com a emoção, bem como com as expressões e idiomas desta regressão.

Passando para a vida de Ann em Dunblane, na qual se identificou com um nome quase idêntico (Anne Langmore), vários especialistas sentiram que a história era plausível e que a atitude pragmática de Anne era corretamente pré-moderna. No entanto, sentiram que, em vez de decapitação, Anne teria maior probabilidade de ser enforcada ou exposta. A investigação posterior de Ann, contudo, indicou que a decapitação era um castigo capital comum na Escócia naquela época. É verdade que as mulheres eram julgadas como bruxas por ajudarem outras mulheres a abortar. Mike Worling, da Universidade de Edimburgo, notou que o ano que Ann recordou, 1563, foi o mesmo em que surgiu o Decreto de Bruxaria (*Witchcraft Act*).

Anne descreveu o seu pai, Andrew, como um "diácono" ou leigo, com deveres semelhantes aos de um ancião na Igreja Presbiteriana. Ele devia ter uma influência considerável para conseguir arranjar uma execução privada. Dunblane é uma cidade moderna com raízes antigas, perto da linha das Terras Altas. Anne também descreveu corretamente o gado na Escócia como sendo malhado, e não o gado peludo das *Highlands* que se vê hoje.

Finalmente, na sua investigação pós-regressão, Ann deparou-se com "Gowan", o nome da irmã de Anne Langmore, no *The Concise Scots Dictionary*. Gowan tem dois significados no dialeto escocês das Terras Baixas: significa ou um botão-de-ouro ou uma margarida. Ann diz perguntar-se se Gowan seria uma alcunha para a amada irmã que trouxe tal tragédia à família Langmore.

Meses após as sessões de Ann, encontrámo-nos numa estação de metro na Virgínia. Ann estendeu-me a primeira página do *Washington Post*. A notícia principal referia-se ao massacre de crianças numa escola em Dunblane, na Escócia. Não pude deixar de recordar a própria morte prematura de Ann em Dunblane, quatro séculos antes.

7

Eric

"Viverá ele outra vez?" — Antigo Testamento, Job 14:14

Quando o Eric tinha seis anos, os pais levaram-no ao Metropolitan Museum of Art em Nova Iorque. Ali, recordou-se de chorar porque não podia ter uma armadura. Também se lembrava de odiar a escola, exceto quando a turma estudava a Idade Média. Nessa altura, não queria faltar por nada.

Quando conheci o Eric em julho de 1995, disse-me que se sentia inteiramente em casa como armeiro — um especialista na criação de cota de malha. Segundo o Eric, a malha é a rede de anéis de aço interligados inventada pelos Celtas por volta de 300 a.C., mais tarde copiada pelos Romanos e usada como armadura de eleição durante 1.200 anos.

O Eric é também um entusiasta combatente da SCA. O seu equipamento inclui grevas de aço, manoplas, um elmo de estilo francês, uma espada de duas mãos e um escudo. Pelos seus esforços de combate na SCA, bem como por conquistas em competições científicas, ganhou o título de "Lord". Também ocupou o cargo de *Shire Archer Marshall*, responsável pela segurança no campo de tiro com arco.

O seu interesse por espadas remonta à infância, quando usava estacas de tomateiro do quintal como floretes de esgrima. Conhecia instintivamente as guardas, uma década antes de se inscrever numa aula de esgrima na faculdade. Na Idade Média, disse-me ele, era mais difícil matar pessoas. "Era preciso chegar-lhes perto e bater-lhes na cabeça. A guerra era próxima e pessoal. Hoje em dia", disse ele com um esgar, "é uma bomba inteligente no bunker."

O jovem de vinte e seis anos, com longos cabelos ruivos, contou-me que já assistira a cinco Guerras de Pennsic. Para os seus amigos da SCA, o Eric é Lord Fergus de Hanua. A sua *persona* escocesa do século XII foi baseada, em parte, nos seus antepassados, o clã escocês Hanua. Diz que usar um *kilt* é um excelente iniciador de conversa.

Como membro da Casa de Colderwile, participa em combates medievais e em círculos de bardos onde canta canções atrevidas e conta histórias. No seu tempo livre, faz campismo, escalada, lê ficção científica e joga jogos de *roleplay*.

Quando lhe perguntei sobre experiências paranormais, o Eric confessou ter tido tantas experiências de *déjà vu* que as considera pequenos aborrecimentos. Acontecem cerca de uma vez por mês, explicou, e geralmente durante atividades normais como conduzir ou ver televisão. Quanto aos seus pensamentos sobre a reencarnação, disse considerar-se um agnóstico. Afirmou ser cético, embora estivesse aberto à possibilidade da sua realidade.

Preparei então o Eric para uma aventura na viagem no tempo.

"Estou sozinho numa floresta de árvores com agulhas (pinheiros)", disse ele, após entrar no estado hipnótico. "Está nublado. Cheiros a fumo vêm da chaminé. A casa é feita de pedras unidas com argamassa, tem telhado de colmo e uma janela pequena e quadrada com vidro. Pedras do leito do rio rodeiam-na. Cheiros do oceano vêm de longe.

Alguém está a subir o leito seco do riacho", continuou com fluidez. "Este homem com longos cabelos loiros usa uma camisa de cota de malha e um elmo castanho com proteção nasal. As suas calças são de couro. Tem barba loira e ombros largos. É muito grande. Está a aproximar-se. O leito do riacho está agora ao lado da floresta."

Os olhos do Eric tremeram e ele ficou agitado, enquanto continuava. "Sou uma criança descalça. Não sei se sou rapaz ou rapariga. Estou a ver este homem passar. Não o conheço. Não sei se vem ou vai para a guerra. Pensaria que estava a voltar, mas está demasiado limpo. Há um porto ou uma baía não muito longe.

Vi um coelho correr por entre as árvores", prosseguiu. "Tenho uma túnica castanha comprida. As mangas são compridas demais e desfiadas no fundo. Foi herdada. Vejo os meus pés. Estou parado na lama. Gosto de a sentir entre os dedos dos pés. É primavera. Sinto o pólen no ar. Acho que o homem estava a sorrir, mas não consigo ter a certeza. Tinha um escudo redondo. É um Viking."

O Eric começou a chorar. "Tenho medo", soluçou e começou a tremer. "Os Vikings matam pessoas, mas não sei quem eles são. Não há mais ninguém por perto." Subitamente, acalmou-se. "Acabei de perceber quem ele era. Sorriu para mim e limitou-se a passar. Estou a apertar algo."

Agora que o perigo passara, começou a observar o que o rodeava. “Há um celeiro com telhado de colmo com muito feno, mas sem animais. No celeiro, a peça que se põe sobre a cabeça do cavalo está pendurada. Não vejo uma baia, no entanto. Há uma ferraria. Vejo um machado de lâmina larga e um cepo. Um martelo está encostado a um poste de suporte. É um martelo de ‘três libras’, o que é fino para os dias de hoje.

A casa onde vivo está atrás de mim. Continua lamacento no fundo da colina. A floresta cobre a colina. Há um leito de riacho seco junto à casa, com apenas um fio de água a correr.”

Pedi ao Eric para mudar para a próxima cena. “Isto é muito mais tarde”, continuou ele. “Estou a segurar o martelo e a levantá-lo contra a bigorna de metal quente. Adoro ver as faíscas voar e o metal a ser moldado. Estou a fazer uma espada. Já fiz isto antes — aquecer e martelar a forma a partir de meio quilo de metal.

Estou no final da adolescência ou início dos vinte anos. Uso uma luva de pele de vaca ou ovelha. É uma grande luva de couro enrolada em aço. A bigorna de ‘300 libras’ é enorme. A forja é redonda e tem cerca de setenta e cinco centímetros de diâmetro. Foles grandes estão ligados e movem-se lentamente. Não há muito carvão, mas está a arder intensamente. É mais profunda do que parece. Um barril de água está por perto para temperar a lâmina. Cheira a carvão vegetal. Há pão a cozer no forno de pedra.”

Com isso, ele mudou para outra vida. “Estou agora numa planície relvada”, disse ele. “Um homem a cavalo está vestido com a armadura de um samurai. Ele segura uma *yari,* uma lança comprida com uma haste de quase dois metros e uma lâmina curva de vinte e cinco centímetros, golpeando as pessoas no chão. Tem um arco alto às costas. As aljavas estão no cavalo. As setas de bambu têm penas castanhas e medem quase um metro.

Estou a carregar algo. Sou um retentor, correndo atrás dele. A armadura dele tem acabamentos em ouro. Ele vai montado no seu cavalo. Os outros atrás de mim estão ocupados a correr sobre uma grande colina relvada. Ele está a parar. ‘Kagi-yari’ vem-me à mente, mas não sei o que significa.

À minha frente, do outro lado do riacho, mil homens com armadura estão em linha ao longo da planície. Estão todos vestidos de preto com bandeiras nas costas. Eu tenho uma bandeira branca ou verde, um brasão, um peitoral com abas lacadas, polainas pretas e armadura. Estou a segurar uma lança.

As pessoas estão a cantar. É um desafio aos nossos soldados que estão vestidos como eu, carregando lanças. Estamos a tentar atravessar o riacho, avançar e matá-los. Eles não estão a morder o isco. Estão a virar-se e a partir.

O nosso exército está a virar para norte, perto de um templo. Estou a correr atrás do meu mestre. A lança dele está apoiada na anca, mantida bem alta. Todos se colocam atrás dele."

Agora, a cena desapareceu. Sugeri que ele avançasse novamente. "Sou muito mais velho. Estou a beber sake. A minha mulher usa um quimono azul, prateado e dourado, atado atrás num coque vermelho. O seu cabelo preto tem dois pauzinhos espetados. Ela sorri para mim. Estou a falar com um amigo e a beber. Ela entrou e saiu, não de joelhos. Ele deve ser-lhe familiar. Trouxe-nos sake quente. O meu amigo tem um bigode fino e usa um chapéu preto parvo com lados planos."

Então o Eric seguiu em frente. Agora, usava uma tanga, estava a caminhar na água e segurava uma tocha numa mão enquanto puxava um pequeno barco com a outra. Notou uma sanguessuga na perna e sentiu crocodilos por perto.

Em seguida, descobriu-se como um homem chinês vestido com botas grossas, um casaco chinês volumoso e um chapéu de pele. O seu cabelo caía numa longa trança, e ele criticava um homem gordo que parecia inútil e vestia roupas de papel.

A sua encarnação seguinte foi como um asteca no México. Eric ganhou uma competição de lançamento de dardo e foi honrado sendo sacrificado com uma faca de obsidiana cravada no coração. A cerimónia assegurava que o sol nasceria. No momento da morte, o atleta sentiu-se eufórico, talvez por ter sido drogado.

Finalmente, após saltar por todo o globo, Eric recordou uma vida medieval como um cruzado francês.

"É terra de deserto. Vejo um muçulmano a cavalo", começou ele. "Vi a minha seta atingi-lo. Ele e o cavalo jazem no chão. Vou até ele e despojo o corpo.

Há uma imagem separada do mesmo lugar no topo de uma colina a olhar para baixo", continuou. "Há uma cidade com uma muralha à volta. É perto do oceano. Vamos saqueá-la e matar todas as pessoas lá dentro. Não são cristãos, por isso merecem morrer.

Usamos catapultas, lançamos pez a arder para dentro da cidade e usamos um aríete para derrubar o portão. No cerco, a torre atinge a muralha. Ouvem-se gritos enquanto avançamos no ataque.

Não me lembro da batalha, mas há sangue seco no meu corpo. Estamos a abrir os corpos para ver se engoliram alguma coisa. O sangue é maravilhoso. Eles precisavam de morrer. Tenho pena das mulheres e crianças que estavam no nosso caminho, mas olho para os homens mortos com nojo. Não eram cristãos.

Acho que é Israel", contemplou ele. "Viemos de França. Não sei a data. Sou membro da unidade de camponeses. Um grupo de cavaleiros está connosco. Temos estado a ridicularizá-los por virem montados em bois. Os mouros ficaram tão sobressaltados que quase deixaram cair as armas. É tão engraçado", riu-se ele. "A cidade começa por 'A'. Fica a norte de Israel. Não é Alexandria, embora haja uma biblioteca lá. Não nos importa. Cinzelo uma cruz numa parede de rocha ou coluna.

Oh, porra", exclamou. "Fui atingido no peito por uma seta. Ouvi o impacto e agora estou a morrer, mas não é assim tão mau. Sem dor, apenas um baque. Suponho que nunca chegarei a Jerusalém", suspirou.

Eric deixou a luta para trás e tornou-se uma criada de dezassete anos em Chambrean, França, no século XVIII. Estava a prender com alfinetes e a coser adornos num vestido verde, apertando o espartilho, arranjando as saias e achatando o peito da sua patroa. A jovem estava mais interessada no seu namorado, o moço da cavalariça, do que nas vaidades da senhora da casa.

A sua vida feminina foi apenas um descanso da guerra. Eric estava novamente pesadamente trajado e em campanha. "Estou a marchar pela floresta usando uma armadura de lamelas de aço e carregando um grande escudo. Estamos a norte da Gália. Temos de matar alguns bárbaros alemães. O meu capacete parece o do Marvin, o Marciano. É vermelho e eriçado, e o pelo aponta direito para fora.

É um capacete romano com uma crina no centro que termina numa cauda forcada. Uso um manto brilhante. A minha armadura é melhor que a dos outros. Alguns usam *loricas*. Caminhámos através das montanhas até à Alemanha ou à Gália. Alguém disse algo sobre elefantes estrada abaixo, mas é demasiado íngreme. Eles cairiam e morreriam. Não sei o ano.

Fazemos parte de uma coluna", continuou. "Vemos alguns gauleses a cavalo com lanças e espadas curtas, mas sem selas ou armadura. Não são uma ameaça para nós. Não querem lutar e estão a marchar para longe.

Há carros de guerra. É difícil porque temos de os carregar. Porque é que não os fazem mais leves?"

Passando para a cena seguinte, Eric parecia ter desembarcado na Grã-Bretanha com a sua companhia apenas para se deparar com uma civilização estranha. "Alguns são iguais, outros são diferentes", notou. "Vejo *kilts*. Não estão bem vestidos. São selvagens com os rostos pintados de azul.

O meu escudo está apoiado no chão. É quase um jogo. Eles atacam e nós trespassamo-los. Não têm armadura. Mal são humanos. São celtas. Tanto homens como mulheres atacam-nos, gritam e berram. Os seus ataques não são bem organizados. A primeira investida perturba-nos, mas superamo-la. A nossa companhia auxiliar não está a fazer o seu trabalho. Ficam com os rostos esmagados. Os celtas estão a lançar pedras com fundas compridas. Atravessamos o rio com estrondo e temos os cercado."

Em seguida, Eric mirou mais uma vida fustigada pela guerra. "Estou numa armadura de Templário montado num grande cavalo coberto por um pano com marcas. Uso cota de malha e uma crista com uma cruz no topo do meu elmo. Tenho uma lança pesada de quatro metros e meio com uma ponta larga na extremidade.

Um grupo de cavaleiros está a carregar a galope. Soa como um terramoto a rolar pela terra. O capacete de cada um é ligeiramente diferente. Os escudos são compridos e os cavalos são grandes. Ninguém conseguiria resistir a estes homens. Somos invencíveis. Lutamos pela Ordem. Não sei o país, mas vejo-nos em França a caminho da Polónia, atravessando a Alemanha.

Outros homens são asiáticos ou mongóis e muito mais pequenos", continuou ele jactancioso. "O inimigo são cobardes. Estão a fugir. Esperem. Algo está errado", disse ele ansiosamente. "As setas estão a fazer ricochete nos nossos escudos. Eu sei que isto é uma armadilha. Não devíamos estar a carregar. Estão por todo o lado, milhares deles. Estamos a ser massacrados. Não devíamos ter carregado."

A seguir, pegando nos fios de uma vida como parte de uma expedição de caça, Eric segurava a tromba de um amigável elefante asiático que transportava uma personagem proeminente numa carruagem luxuosa.

Enquanto um treinador segurava as trelas de duas chitas ofegantes que tinham sido treinadas para a caça, elas roçavam-se divertidamente contra a sua perna.

Ressaltando para outra vida, Eric viu-se a preparar para a batalha com uma lança comprida e um pequeno escudo. Não tinha armadura, embora outros homens tivessem. "O nome do nosso líder é Filipe da Macedónia", disse ele. "Tem um filho que pensa que sabe tudo. É um miúdo, mas é duro com os homens. Vou ver a expressão no rosto dele quando lhe cravar a minha lança nas costas", disse ele com um olhar sombrio.

Em seguida, envolvido na estratégia militar de atacar uma cidade murada, possivelmente Troia, Eric e outros soldados projetam uma torre de cerco sobre rodas e cobrem-na com as peles de cavalos mortos. Por brincadeira, alguém a remata com uma cabeça de cavalo. Queimam a erva e nivelam o chão próximo com terra para que a torre de cerco fique na altura certa. Depois, os homens sobem a muralha. A memória do Eric desvanece-se, provavelmente porque foi mortalmente ferido.

Na vida passada subsequente recordada, era um dia frio na costa da Irlanda enquanto Eric puxava uma rede de pesca. O mar estava agitado e o fundo do barco estava coberto de peixes com olhos grandes. Eric assobiava enquanto puxava o chapéu sobre as orelhas.

Vislumbrando ainda outra vida, desta vez Eric encontrou-se numa gruta no que ele pensava ser França. Segurava uma tocha. "Três tochas estão presas na minha bolsa às costas, juntamente com um fuzil, faca, isca e bainha. Oiço o som de água a pingar. A água infiltra-se pelas minhas botas de couro. Está lamacento. O fundo é de cascalho. É uma passagem muito longa e profunda. Alguém me desafiou. Estou de pé no fundo de uma chaminé natural na gruta. Há muitas estalactites e detritos ao longo da parede.

Grandes estalagmites parecem colunas de pedra. Passo horas a olhar em volta. Magoei o tornozelo, mas não estou preocupado. Deixo cair uma tocha, mas acendo outra. Tenho de voltar para trás. Gostaria de ter explorado tudo.

Está mais frio lá fora do que lá dentro", continuou ele. "Estou coberto de lama. Não há ninguém por perto. Estou desapontado. Atiro o resto da tocha para dentro da gruta e caminho de volta para a aldeia. As pessoas olham e dizem: 'Eu consegui'. Alguns riem-se e dizem: 'Isso é fantástico'.

Estão a usar túnicas, polainas e sapatos de couro com botas. Há uma igreja alta na aldeia. A maioria dos edifícios é baixa e decrépita. Há casas de madeira com tábuas e algumas são de pedra, enquanto os telhados são todos

de colmo. Não sei o nome da aldeia ou se sei ler, mas estou muito orgulhoso de mim enquanto caminho pela rua. As pessoas reparam em mim. Algumas dizem: 'Parabéns'. A maioria parece pensar: 'Caramba, como ele está sujo'. Caminho descalço com as botas penduradas ao ombro."

Na sua recordação seguinte, Eric estava a remar um barco juntamente com muitos outros homens. "O barco é bastante comprido e baixo em relação à água. É um *drakken*, um navio viking. Temos uma arma a bordo, um aríete feito de pinho que está escondido abaixo da linha de flutuação. Quando puxarmos as cordas, o aríete solta-se do navio. Nunca fica acima da água e foi concebido para se quebrar, para não termos de o desprender. Vamos a outro barco e abrir-lhe um buraco no lado.

Afundará imediatamente. Procuramos quem quer que seja. É o que fazemos. Vejo um pequeno barco de pesca. Têm medo de nós, mas não vale a pena atacá-los. É frustrante. Temos uma excelente arma, mas ninguém em quem a usar", suspirou ele em resignação. "Acho que estamos no Canal da Mancha, a oeste ou sul de Dover."

Focando noutra vida na água, desta vez a partir da perspetiva de uma embarcação inglesa, Eric avistou o que pensou ser um galeão espanhol através do nevoeiro. "Vejo um navio alto com uma grande vela quadrada. É tão alto que é instável no topo. O navio tem muitos canhões. Não me parece que carregue carga. Está alto na água. Não sabem que estamos aqui. Estamos a tentar passar furtivamente por eles. Espero que apanhe uma tempestade e se afunde. O navio segue o seu caminho e nós o nosso."

Agora, Eric evocou outra vida chinesa, desta vez como praticante de artes marciais. Depois, regressou para a sua segunda vida como mulher — uma menina que possivelmente foi morta por uma áspide enquanto brincava com ela.

Após explorar fragmentos de dezoito vidas, decidi terminar a sessão e trazer o Eric de volta à consciência plena. Eric ficou chocado com o facto de ter chorado e tremido violentamente na sua primeira vida recordada. Disse-me que nunca sentira o terror que recordara como criancinha quando notou inicialmente o Viking, e refletiu se poderia haver uma ligação entre esta memória e o seu desconforto perto de amigos da SCA que escolheram *personas* vikings.

Os meus especialistas na Idade das Trevas concordaram que a descrição de Eric de um Viking era exata em todos os detalhes. Um anacronismo,

apontaram, foi a menção de janelas de vidro numa era em que o vidro era um bem precioso. Uma data geral para esta vida, provavelmente localizada ao longo do Mar da Irlanda ou das áreas costeiras do Canal da Mancha, poderia ser 800 a 1000 d.C.

Bruce Blackistone, que é ferreiro a tempo parcial, concordou com Steve Hick que a bigorna parecia pesada e grande demais. Os martelos medievais eram pequenos devido à escassez de metal. Indicando que os martelos medievais tendiam a ser leves para os padrões modernos, sugeriu que talvez o Eric estivesse a descrever uma pequena marreta destinada a ser usada pelo ferreiro com uma ou duas mãos, sem assistente.

Também achou a menção de uma forja circular muito invulgar, uma vez que os europeus usavam uma *tuyere* (entrada de ar) de sopro lateral. Blackistone disse que, com toda a poeira, escamas e cinzas na forja, cozer pão ali dificilmente pareceria uma boa ideia. Nem o feno e uma ferraria combinam, acrescentou. A mistura teria criado as condições perfeitas para uma conflagração.

Aqueles comentadores que estudaram a guerra oriental medieval concordaram que as canções eram usadas por guerreiros samurais para insultar o inimigo e identificaram as bandeiras pretas e vermelhas dos guerreiros como cores medievais populares. Uma lança-foice de samurai indicaria um período bastante recuado, enquanto "Kagi-yari", um termo usado pelo Eric sem compreender o seu significado, era o termo correto para uma arma de haste antiga. Além disso, não era inconcebível que o samurai aprendesse arco e espada, uma vez que o treino cruzado não era invulgar.

Quanto à vida asiática em que Eric retratou um homem chinês a usar roupas de papel, os meus comentadores disseram-me que as roupas de papel eram usadas por mandarins para mostrar que não tinham de trabalhar. O indivíduo mencionado com longos cabelos entrançados, contudo, parecia ser mais um mercador ou habitante da cidade. Entretanto, um chapéu de pele poderia indicar uma cultura das estepes asiáticas.

Alexandria, Antioquia e Acre são todas candidatas a uma cidade começada por "A" de que o Eric se recordou na sua vida de cruzado, embora Alexandria fique a oeste de Israel — não a norte, como o Eric indicara. Um massacre bem conhecido ocorreu em Acre durante as Cruzadas, que provavelmente incluiu o ato implacável de abrir corpos muçulmanos em busca de saque.

Vários comentadores, no entanto, acharam difícil acreditar que um camponês europeu estivesse ciente de uma biblioteca numa cidade do Médio Oriente. Outros ficaram perturbados com o uso do nome Israel por parte de Eric, que não existia como estado até este século. Deve notar-se que Eric me disse ter traduzido a informação geográfica de que se recordava para termos modernos.

Outros sentiram que, para um camponês, ridicularizar um cavaleiro era extremamente perigoso, mas que era provável que acontecesse. O termo "unidade de camponeses" também foi problemático. As levas de camponeses fariam parte do séquito de um senhor de terras e não seriam uma unidade própria. Além disso, um arco longo seria muito provavelmente inglês, visto que os franceses preferiam a besta. A viabilidade prática do cavaleiro como arqueiro a cavalo foi posta em causa. Embora o tempo de vida da camareira francesa tenha caído fora dos períodos medieval e renascentista, forneceu detalhes precisos de vestuário e um ar de honestidade simples.

Os especialistas militares concordaram que o equipamento mencionado era invulgar para um legionário comum, embora os romanos fizessem uso extensivo de tropas auxiliares e o termo na vida de Eric como soldado romano fosse baseado em factos. "*Lorica*" era apenas um termo genérico para a armadura romana, enquanto "*lamella*" era uma placa de armadura metálica. A descrição pareceu, aos comentadores, ser a de um oficial do período final do Império. Notaram também que a crista de crina de cavalo era rara nos capacetes romanos e habitualmente encontrada em representações gregas anteriores, mas concordaram que as selas e estribos europeus ainda não tinham sido introduzidos.

Vários comentadores especularam que Eric faria parte da Legião XX, que foi enviada para a Britânia, e poderá ter entrado em confronto com os Pictos pintados de azul. (Os Pictos eram uma tribo celta do norte da Britânia e da Escócia.) Estes celtas usavam "*woad*" [pastel-dos-tintureiros], uma droga psicoativa, para tingir a pele de azul e desenhar padrões nos seus corpos. As suas mulheres ficavam habitualmente atrás das linhas de combate, para encorajamento. No entanto, a referência a elefantes poderia ligar esse tempo de vida à travessia dos Alpes por Aníbal em 183 a.C.

Esta possível referência a Aníbal, bem como vidas que pareciam estar ligadas a Alexandre o Grande, à Armada Espanhola, ao fabrico do cavalo de Troia, aos Cavaleiros Templários e às hordas mongóis, lançaram um ar de suspeita sobre a experiência de regressão de Eric.

Ainda assim, os especialistas indicaram que as manobras militares dos mongóis e a descrição dos cavalos na vida templária pareciam precisas. Adicionalmente, a cota de malha poderia ter sido usada por um cavaleiro teutónico por volta do século catorze.

Embora tenham achado a participação de Eric no saque de Troia artificial, consideraram a torre de cerco coberta com peles de cavalo uma proteção possível contra o pez a arder e uma interpretação interessante da lenda do cavalo de Troia.

Passando para a experiência de Eric na gruta francesa, determinou-se que as grutas de calcário abundam no sul de França, particularmente na Borgonha. A especialista em francês medieval, Lisa Steele, notou que casas de madeira e pedra com telhados de colmo sugerem o norte de França, onde as grutas são menos comuns.

Discutindo a vida de Eric como Viking num navio longo, Bruce Blackistone, capitão do navio longo *Fyrdracia*, foi enfático ao dizer que um ariete seria totalmente inviável e não poderia ser transportado debaixo de água porque o pinho de que era feito flutuaria. Se fosse fixado à proa de um navio longo, acrescentou, a estrutura da proa racharia.

Ao olhar para as vidas passadas recordadas por Eric no seu conjunto, vários comentadores sugeriram que Eric era uma pessoa instruída, com um profundo interesse em estudos marciais, que poderia ter confabulado estes tempos de vida a partir das suas leituras. No entanto, é importante lembrar que o facto de algumas vidas passadas parecerem ter sido parcialmente confabuladas não significa que o sejam. A recordação de Eric do terror de uma criança perante um assassino, ou de uma camareira entediada e com apetite sexual elevado, soam tão verdadeiras quanto outras podem soar falsas.

8

Katharine

"Where souls do couch flowers..."

—William Shakespeare, 1564-1616

Katharine Bradley cresceu perto de Valley Forge, Pensilvânia, onde a sua família podia frequentemente ser encontrada em trajes coloniais a guarnecer uma quinta com uma cabana de troncos onde George Washington

outrora estabelecera o seu quartel-general. À idade de cinco anos, Katharine lembra-se de passar os seus fins de semana a desenhar numa lousa, enquanto as suas duas irmãs usavam fusos manuais para fiar lã bruta em fio. Entretanto, a sua mãe demonstrava a confeção de pratos da época.

Mesmo com este foco familiar na Guerra da Independência, Katharine deu por si atraída pela era isabelina após a sua introdução no liceu às obras de Shakespeare. Gradualmente, descobriu que o seu interesse pelo período se alargou.

Aos catorze anos, a mãe de Katharine levou-a ao Festival Renascentista da Pensilvânia. Quatro anos mais tarde, foi uma progressão natural para Katharine participar como uma "seguidora de acampamento" num regimento escocês.

Mais tarde, enquanto frequentava a faculdade em Kutztown, Pensilvânia, Katharine juntou-se aos seus colegas de faculdade para se tornar uma *Scadian* [membro da SCA]. Perto dali, em Allentown, o Isenal College tinha um grupo medieval ativo que se tornaram os "companheiros de brincadeira" de Katharine.

Ainda na faculdade, Katharine — apelidada de "Lindi" — tornou-se dama de companhia da rainha. Durante dois anos, atendeu às necessidades da sua senhora antes, durante e após cada evento da corte real. Estes deveres ocupavam entre uma a cinco horas por dia e incluíam tarefas como bordar presentes para a rainha distribuir. A sua presença era também exigida em funções em cada fim de semana, muitas vezes durante o fim de semana inteiro.

Desde a sua reforma do serviço real, Lindi não tem sido complacente. A ama de vinte e quatro anos tem residido no Norte da Virgínia como membro da Baronia de Ponte Alto, no Reino de Atlantia. No seu primeiro ano em Ponte Alto, ganhou um *Award of Arms*, uma recomendação a nível de Reino por organizar demonstrações públicas da vida na SCA e servir como ligação com diversos grupos, desde os *Boy Scouts of America* até à Instituição Smithsonian. Também recebeu as "contas veneráveis" Baronais, que ela descreve como "palmadinhas nas costas", por ajudar a equipar eventos locais, e foi admitida na Ordem Baronal da Grinalda (*Baronial Order of the Garland*).

Katharine criou os seus próprios padrões de bordado, faz ponto de cruz e está a investigar o período medieval com esperança de iniciar uma guilda de

massagem, desde que descobriu que o médico da Rainha Isabel prescrevia massagens para a governante sobrecarregada.

Mas Katharine não se limitou a atividades mais tradicionalmente femininas. Passou três meses a treinar com armas pesadas até o seu médico lhe ordenar que parasse. A seguir, tentou esgrima — até o seu dedo ser partido pelo seu instrutor de esgrima.

Identificando os seus colegas *Scadians* como sendo oriundos de quase todos os quadrantes da vida, diz que já roçou ombros medievais com advogados e políticos, bombeiros, polícias e uma predominância de pessoas da informática. Para ela, o passatempo é um grande equalizador. Muitos novos membros são pessoas tímidas, explica ela, que, devido à atitude de boas-vindas e aos aspetos fantasiosos da SCA, florescem rapidamente. "Interpretando outra pessoa, é muito mais fácil flirtar", disse-me ela com um sorriso.

Katharine, que é de estrutura robusta, ficou espantada ao descobrir que muitos homens *Scadians* se sentem atraídos por mulheres grandes. Diz que a atitude é medieval. Barrigas majestosas e ancas largas eram um indicador visual da possibilidade de progenitura, bem como de grandes dotes, pois certamente as formas corpulentas não tinham de lutar por restos de comida.

Originalmente uma empregada de taberna, Katharine situa agora a sua personagem escocesa, Liadain Ni'Bhrollachain (que significa filha de Bradley), na década de 1580. O pai de Lindi era marinheiro. Após o pai ter sido morto no mar, Lindi viu-se enviada para fora da Escócia para viver na Europa com os seus avós. Lindi criou este cenário para se permitir usar uma variedade de estilos de vestuário diferentes. Admite que se sente mais confortável em vestes medievais do que em roupas do século vinte. Em relação aos seus acessórios, a sua ênfase é no conforto. "Se eles o tivessem tido, tê-lo-iam usado", sublinha ela.

Em preparação para a sua regressão, perguntei a Katharine sobre quaisquer experiências paranormais que pudessem ter ocorrido no seu passado. Respondeu que sentiu uma estranha familiaridade com algumas experiências de recriação histórica, embora não o consiga explicar. Nem consegue explicar a sua fascinação pela Escócia, exceto que poderá ter experienciado vários *flashbacks* de uma vida anterior vivida lá.

Quanto à reencarnação, Katharine disse que estava aberta à possibilidade. Classificou-se como ligeiramente cética, mas, no entanto, ansiosa por passar pela experiência de regressão.

Concluindo a entrevista, iniciámos a fase seguinte — a de relaxamento, que aquietaria a mente consciente o suficiente para desbloquear memórias de vidas passadas. Não ficámos dececionados.

"É de dia. Estou lá fora, sozinha", disse ela. "Estou a usar sandálias e um vestido solto até aos tornozelos. Sou uma adolescente com cabelo comprido, loiro-arruivado. Estou à espera que o meu irmão chegue a casa.

Há colinas e uma quinta que não está muito bem cuidada. Não tinha sido usada há algum tempo. Há uma casa degradada com um telhado de colmo", continuou ela. "As folhas estão a ficar verdes e a começar a brotar. É o início do verão. Não há muitas árvores, apenas um par delas perto da casa. A casa é feita de madeira, como uma casa de troncos. Estou de pé num pequeno jardim perto da frente."

Agora, pedi-lhe que entrasse na casa.

"Tem apenas uma divisão e cheira a almíscar, a mofo, a humidade. Há uma lareira num canto e um sótão no lado oposto está cheio de palha. No meio da sala há uma mesa. Não há muitas coisas por ali, apenas um par de plantas a secar perto da janela. Ervas, potes, panelas. Um cão de pastoreio chamado Brandy está a dormir no canto perto da escada para o sótão. Eu sou a Cassandra.

Toda a gente partiu. Tenho um forte sentimento de perda dos meus pais. Há uma colina lá atrás com as sepulturas dos meus pais. Nunca conheci a minha mãe. Morreu quando eu nasci. A morte do pai é mais recente — um acidente doloroso.

Há vizinhos, mas não perto", continuou ela. "A cidade é longe. O meu irmão está lá. Deixou-me a tomar conta das ovelhas. Acho aborrecido. Ele foi vender um pouco de lã e vegetais do jardim, para podermos sobreviver. Já não temos muitos rendimentos, mas o meu irmão recusa-se a deixar a quinta. Como ele é mais velho, eu ouço-o."

Neste ponto, perguntei o nome da cidade.

"Edimburgo? Não tenho a certeza", respondeu ela de forma vacilante. "Não tenho muita instrução. Só sei o que o meu irmão me diz, e ele não me diz muito. Ele tinha andado na escola antes de o pai morrer, mas depois voltou

para casa. Ele sabe ler e escrever o seu nome, também. Eu ainda não sei escrever o meu nome, mas ele está a ensinar-me quando tem tempo.

A maioria das raparigas não sabe ler nem escrever. Dizem que não é importante, mas eu não me importaria de aprender. Acho que seria bom."

Os seus pensamentos voltaram-se para questões mais prementes. "E se o meu irmão morrer?", perguntou ela. "Ele está a tentar encontrar-me um marido, mas não está a resultar. Não temos muito para oferecer. Normalmente é terra, dinheiro ou algo substancial. Apenas comigo e com ele, não podemos oferecer a quinta. É dele, não é minha. Além disso, não está à altura dos padrões dele."

Mais uma vez, focou-se no seu estilo de vida isolado. "Não consigo ver muitas pessoas. Uma rapariga ali depois da colina é simpática. Juntamo-nos onde as ovelhas pastam. O nome dela é Margaret. A família dela é abastada em comparação comigo. Têm mais ovelhas e ela ainda tem pais. Conversamos e vigiamos as ovelhas, corremos nos bosques e brincamos no prado.

Ela vai à cidade e diz que é apinhada de gente a viver muito junta. Há muito barulho e muitos rapazes. Sim. Nós gostamos de rapazes", a adolescente riu-se. "Eu gostava de ir e ver mais. Ela tem um irmãozinho, mas ainda não tem idade.

Às vezes vou a casa dela e costuramos. Ela mostra-me coisas que o pai dela trouxe da cidade. Ajudamo-nos nas tarefas. Cavalgamos os cavalos dela para cima e para baixo na pastagem. Nós só temos um, e o meu irmão não me deixa montá-lo muitas vezes, embora eu gostasse de o fazer um dia."

A rapariga centrou agora a sua atenção na sua relação com aquele que parecia ser o seu único parente vivo. "O meu irmão protege-me demasiado. Nunca me deixa ir a lado nenhum nem conhecer ninguém. Quando lhe pergunto, ele muda de assunto. Diz que sabe o que é melhor para mim. Ele é três ou quatro anos mais velho.

Ninguém parece querer a quinta", continuou ela. "Suponho que a possamos manter. Mantemo-la suficientemente bem, mas ele preferia viver na cidade e ganhar melhor dinheiro. Ele sente-se obrigado a manter a quinta. Não fala comigo sobre isso. Provavelmente ficaria preocupado se eu estivesse na cidade. Não conheço muitas competências para trabalhar na cidade. Ele não é mau na ferraria — ferrar um cavalo e fazer coisas. Poderia ser um aprendiz. Ele é muito bom a aprender. Aposto que conseguiria aprender qualquer coisa."

Neste ponto, pensei em tentar obter uma data específica de Katharine, agora Cassandra. "Não sei que ano é, mas eles vão ter um festival em breve. É um 'Boas-vindas à Primavera'. Há dança e jogos. Os rapazes mostram como são durões e lutam. Também dançam connosco. E há muita comida. Pelo menos o meu irmão deixa-me ir. É a única altura em que vou à cidade.

Costumo ser bastante tímida. Não conheço muita gente", disse ela calmamente. "O meu irmão gosta desta rapariga. Ela é snobe. Talvez tenha dinheiro, porém. Ele age de forma tola e desajeitada ao pé dela. Ela trata-o bem e age como se gostasse dele. Depois faz-se difícil. Não me parece o tipo de pessoa para viver numa quinta. Os pais dela são mercadores. Ela está a pressionar o Richard para se mudar para a cidade. Talvez ela gostasse mais dele."

Seguiu-se uma descrição detalhada do vestido da namorada do irmão. "Ela tem um vestido comprido vestido. É justo ao corpo e azul-celeste, mas mais escuro como o céu de inverno. Aperta com atacadores atrás e é debruado com uma gola e mangas. É um vestido completo, acabado, com uma camisa por baixo. É muito diferente das blusas e saias que eu uso na quinta. Eu uso uma camisa e enrolo pano à volta da cintura e ponho um cinto. As roupas dela foram feitas por medida. A maioria das nossas roupas veio da Mãe e do Pai. Eu ainda não caibo nas roupas da Mãe. Estão guardadas. O meu irmão cabe nas coisas do Pai. Ele é muito maior do que eu."

Agora, Cassandra virou a sua atenção para a comida do festival. "Comemos caça, frutas, carne, veado. Comeremos o dia todo, conforme sentirmos que é necessário. Toda a gente traz uma coisinha. Aqueles que são abastados trazem mais. É uma altura em que todos são tratados da mesma forma. Não acontece com muita frequência."

Direcionei Cassandra para ir para o fim da sua vida. Ela viu-se agora com idade entre os dezasseis e os dezoito anos. "Eu e o meu irmão estamos dentro de casa. Está muito calor." Isto foi interessante, pois o ar condicionado no meu escritório estava na potência máxima.

A voz dela começou a subir. "A casa está a arder. Não consigo sair. Não o consigo ver. Há fumo a mais. Ele está a gritar. Não o consigo entender. É muito doloroso. As paredes estão a cair sobre mim. Ele pode estar a gritar lá de fora. Estou confundida — desorientada. Há fogo por todo o lado. Uma viga cai do sótão e prende-me. Há muita dor, depois escuridão. Acabou tudo. Não sei o que aconteceu ao meu irmão."

Após refletir sobre a sua experiência, Katharine disse ter-se apercebido de que o irmão de Cassandra era o seu bom amigo Steve, que ela sente atualmente que a trata como uma irmã mais nova. Também relatou que tinha saltado para fora do corpo de Cassandra antes de a viga cair sobre ela.

Após um curto descanso, enviei Katharine de volta para outra vida. Recordou-se de ser uma mulher de "pele pálida" que tinha sido aparentemente encontrada quando jovem por nativos americanos. A sua morada era feita de palha em forma de cúpula ou madeira fina, com animais pendurados pelos pés perto da entrada frontal, e cestos e peles de veado no chão. Mais tarde, viu-se ostracizada de certas cerimónias, encontros sociais e do casamento devido à sua etnia diferente. Porque isto parecia ser pós-1650 d.C., decidi mover Katharine mais para trás no tempo.

"Estou dentro de uma casa grande, de visita", começou ela. "Vários de nós estamos sentados à volta, a conversar, a costurar e a fazer bordados. Alguns rapazes estão a jogar jogos de tabuleiro e a conversar ali perto.

Os homens estão a usar *houppelandes*, coisas grandes e fofas até aos joelhos com mangas elaboradas. Nós também as estamos a usar. As nossas são mais compridas, até ao chão. São todas de cores diferentes. A minha é de um vermelho bonito. Duas outras mulheres têm branco-sujo e azul, ambas feitas de tecidos bonitos. A de um rapaz combina com o meu vestido. O outro está de preto. Temos todos a mesma idade, cerca de catorze ou quinze anos.

É uma casa senhorial e pertence à mulher de azul", continuou alegremente. "Vim com o Stephen, o que está de vermelho. Ele é o meu noivo. Casaremos no próximo ano. Ele está a apresentar-me aos amigos dele. Eles são um bocado aborrecidos, não têm muita instrução, mas são simpáticos."

Fiquei grato por Katharine não estar a levar outra vida de isolamento.

"Eu tenho instrução", continuou ela orgulhosamente. "O meu pai ensinou-me em casa. Leio um pouco e escrevo um pouco de alemão. Consigo falar um pouco de francês. Já é difícil o suficiente ler alemão. O meu pai disse-me para não me exibir. O Stephen às vezes fica nervoso porque eu sei algumas coisas que as outras mulheres não sabem."

Curioso, perguntei onde vivia.

— "Nos arredores da Dinamarca," respondeu ela. "Foi onde o Stephen andou na escola. Ele conheceu o meu pai, que é professor na universidade. O

meu pai trazia-o a casa. Ele trazia imensos alunos a casa, mas eu gostava mais dele.

Quando voltarmos para casa, viveremos com o pai," continuou ela. "Ele tem uma casa para nós nos terrenos dele. Ele tem muito dinheiro e vive confortavelmente. O pai diz que trocaremos de casas quando formos mais velhos. O pai ainda não está pronto para abdicar da casa dele por nós. Ele dar-nos-á terras e um par de cavalos. Ele está feliz por nós.

O meu noivo é simpático," sorriu ela. "Não é nada feio. Cabelo loiro, olhos azuis, ombros largos. Eu tenho cabelo loiro. Ele diz que gosta da minha vivacidade e de falar comigo sobre o mundo e livros. Ele está a terminar os estudos.

Entretanto, eu não faço muito," disse-me ela. "Leio, saio, cavalgo ou vou à cidade e dou uma volta sozinha. O pai está a trabalhar e o Stephen está na escola. Encontro-me com ele para o almoço. Não tenho tarefas domésticas. Temos criados para isso. A minha mãe adoeceu e faleceu. O meu pai criou-me, um pouco como um rapaz."

Ela estava agora a começar a recordar-se de mais pormenores. "O meu nome é Martha. Estamos na década de 1490. Vivemos nos arredores de uma cidade na Dinamarca, no limite da povoação. É agradável lá. Não se pode ter um jardim e estábulos dentro da cidade porque não há muito espaço.

A casa do meu pai é ligeiramente mais pequena do que esta. Há uma grande escadaria junto à entrada e uma escada em caracol do meu quarto para a parte de trás da casa. A minha cama tem um dossel com cortinas. Quando eu era pequena, costumava fingir que era uma gruta. Agora, parece apenas bonita. Tudo o resto é bastante normal — cadeiras, mesas, maioritariamente de madeira ou pedra, algumas são esculpidas."

Martha ponderava agora sobre os seus futuros sogros. "O pai dele conhece o meu pai. Ele cobra dinheiro; é contabilista, ou trata dos impostos. O Stephen não fala sobre o pai dele. Eles não se dão bem, embora ele se dê bem com a mãe. Ela passa o tempo na cidade a escolher coisas para a casa, que só tem cinco quartos no andar de cima. Mas eles continuam a ser abastados e têm vinhas."

Pedi então a Martha que descrevesse as suas próprias atividades. "Não gosto de bordar. É aborrecido. Prefiro estar lá fora, a cavalgar, a brincar, a tratar do jardim, até a caminhar. Vemo-nos no verão, quando ele está na

universidade, aos fins de semana, entre as aulas. Vou à universidade para o chatear, a ele e ao meu pai."

Perguntei-lhe sobre a igreja. "Somos ambos católicos e vamos à igreja frequentemente," respondeu ela. "Tento sair o máximo possível. É aborrecido, com muita fala e muito tempo sentada. Não concordo com tudo. Algumas coisas soam severas, como ser condenado se não fores à igreja. Não creio que seja verdade. Se Deus ouvisse, ouviria onde quer que estivéssemos. O Stephen gosta da igreja. Ele lê latim, mas eu não consigo muito bem.

O pai não quer educar-me demasiado bem. Supõe-se que uma mulher dê filhos, seja uma boa esposa e cuide dos assuntos da casa. Como senhora da casa, deves ser uma dama, e saudar e atender os convidados. Aprendi com a minha tia como manter os criados na linha para que tudo esteja pronto quando o pai chega a casa. Ela tem uma atitude firme. É rigorosa. Eu gosto de tratá-los como seres humanos e falar com eles. Se fores boa para eles, eles serão bons para ti."

Pressentindo que ela estava pronta para avançar, sugeri que fosse para o último dia da sua vida. Ela viu-se no seu quarto rodeada pela família. "O Stephen está lá. Os nossos três filhos já passaram a idade de crianças pequenas. O nosso filho vai para a escola enquanto as filhas ficam em casa comigo. O meu pai faleceu."

Pedi-lhe que olhasse para os momentos altos da sua vida. Ela refletiu sobre o seu casamento ao ar livre com as flores em botão e descreveu a experiência de dar à luz como dolorosa, mas maravilhosa. Recordou-se de segurar os seus filhos e vê-los crescer. Quanto ao Stephen, tornou-se um académico e lecionou na universidade. O pai dela fora fundamental para lhe conseguir o emprego.

"Estou na minha cama de dossel. O meu corpo dói por todo o lado. É como se estivesse a desistir," suspirou ela. "Estou doente há algum tempo. Consome-nos, deixando-nos mais fracos. O médico diz que não há nada a fazer. Não era mau ao início, mas agora mal me consigo mexer."

E então Martha partiu.

Quando Katharine despertou, disse que encontrou uma enorme diferença entre as suas experiências de recriação histórica e de regressão. Na recriação, disse ela, apenas podia especular sobre como era a vida medieval, enquanto na sua regressão, ela sabia-o. Além disso, embora Martha gostasse de ler e de jardinagem, Katharine detesta estas atividades. Mais ainda, sustentou que

conhecia muito pouco da informação que surgiu nas regressões. Foi também capaz de fazer esboços do que viu enquanto hipnotizada, incluindo a sua casa e vestuário na sua primeira vida como Cassandra.

Vários dos meus especialistas concordaram que a casa de Cassandra parecia ser uma habitação simples de camponeses do final da Idade Média ou início do Renascimento. Foi invulgar, no entanto, ser do tipo cabana de troncos num ambiente de escassez de madeira como a Escócia, onde as casas dos pequenos agricultores eram normalmente construídas em pedra.

Este tipo de construção é muito mais comum em nações densamente florestadas como a Escandinávia, onde igrejas das Idades Escuras e Idade Média ainda sobrevivem. Apesar de os nomes que Katharine mencionou serem ingleses ou escoceses, a Professora Joann Moran especulou que este tempo de vida poderia ter sido passado na Escandinávia ou na Rússia.

A maioria concordou que as descrições de Cassandra sobre as suas roupas pareciam indicar a Escócia medieval dos séculos treze a quinze. Embora vários tenham questionado o uso de sandálias, todos concordaram que o vestuário ser deixado para os filhos pelos pais era uma ocorrência comum.

Após a revisão da Professora Joann Moran sobre a primeira regressão de Katharine, ela concordou que os comentários que Cassandra fez sobre o seu analfabetismo eram precisos. Também precisa era a ignorância quanto ao ano, que era frequentemente medido em anos de reinado dos reis. Infelizmente, Moran achou a vida da adolescente demasiado isolada para colher muito mais.

Vários dos meus especialistas questionaram o tom moderno dos nomes Brandy e Cassandra. Assumindo que o nome Brandy deriva da bebida *brandywine* [aguardente], deve datar de depois de 1600 d.C. No entanto, é possível que o nome derive de uma raiz escocesa das Terras Baixas ou gaélica.

Bruce Blackistone notou que Cassandra disse que a sua dieta incluía veado e sentiu que este facto poderia ser um ponto contra a validade da encarnação. Segundo Blackistone, a matança de veados era normalmente um direito da nobreza e era considerada "caça furtiva", uma ofensa grave em Inglaterra e na Escócia. No entanto, registos judiciais indicam que a caça furtiva era praticada frequentemente e certamente nem todos os caçadores furtivos eram apanhados, especialmente na desolação da Escócia medieval ou renascentista, escassamente povoada.

Deve também notar-se que Cassandra disse que comeu veado no festival da primavera, onde todos eram iguais por um dia. Talvez o veado fosse uma doação de membros da nobreza local para a ocasião especial.

Blackistone também apontou que Cassandra disse que eles "possuíam" a sua própria quinta, uma situação altamente invulgar na Escócia daquela era. É possível que a família de Cassandra tivesse um direito de posse sobre a quinta e que este tivesse sido passado pela família ao irmão de Cassandra, embora a terra fosse propriedade real de outra pessoa. Também era possível para o irmão de Cassandra frequentar uma escola de vila ou aldeia, o que era comum.

Outro enigma foi o desenho de Katharine do vestido usado pela namorada do irmão, que parecia ser de uma data muito anterior à do vestuário que Cassandra usava. Conjuntos de duas peças datavam geralmente de 1500 d.C. em diante. Em defesa de Cassandra, se a sua memória fosse da Escócia, então era apropriado que usasse uma subveste com uma peça de material pregueada (ou enrolada) que pudesse servir tanto de saia como de capa.

Cassandra também menciona montar os cavalos da sua amiga. Os cavalos eram símbolos de estatuto caros, muito além dos meios dos pequenos agricultores escoceses. Cavalos velhos e cansados usados para puxar o arado seriam ligeiramente mais plausíveis, embora provavelmente ainda uma raridade. A maioria dos pequenos agricultores teria usado bois para puxar os seus arados.

Ao avaliar o terceiro tempo de vida recordado de Katharine como Martha, os especialistas dataram o uso das amplas *houppelandes* no final do século catorze ou início do século quinze. Estas eram feitas de material pesado e elaborado com mangas maciças, geralmente usadas com um manto pesado por cima.

Também é correto que muitas casas na Dinamarca e estados vizinhos tivessem hortas nas traseiras. Ainda hoje, os dinamarqueses cultivam grande parte dos seus próprios produtos, mesmo em ambientes urbanos.

Também é viável que uma família da condição de Martha pudesse ter estábulos. No entanto, Bruce Blackistone questionou se a profissão do pai de Martha poderia ter sido suficientemente lucrativa para sustentar um estilo de vida tão extravagante.

Outros questionaram por que razão uma rapariga solteira do estatuto de Martha teria permissão para ir à cidade sozinha, além de que não seria provável encontrar uma mulher respeitável a visitar os recintos universitários.

Vários também questionaram a menção de Martha a encontrar Stephen para almoçar. Encontros e reuniões à hora do almoço são uma convenção moderna, tal como eram as compras da sogra de Martha. Em tempos medievais, Susan Reed indicou que eram os homens que faziam a maior parte das compras.

Martha identificar-se como católica era também a partir de uma perspetiva atual. Na Europa de 1490, disseram-me, nenhuns cristãos teriam ainda começado a chamar-se a si próprios "católicos". No entanto, em justiça, devemos ter em mente que os meus sujeitos falavam todos como visitantes de um tempo estrangeiro. Nenhum usou consistentemente linguagem arcaica, o que é raro em regressões. Mesmo quando uma memória é válida, continua a ser processada por um cérebro vivo que filtra a recordação através de uma "base de dados" moderna.

Susan Reed também se mostrou especulativa. "Fico com a impressão de que, se os sujeitos estão realmente a aceder a vidas passadas, são incapazes de se tornarem plenamente essas pessoas novamente," disse ela. "Podem sentir os sentimentos, mas são incapazes de assumir as mentalidades." Ela disse que ideias do século vinte ou traduções de ações e atitudes frequentemente se imiscuem no relato de um sujeito. Se um sujeito carece de conhecimento do período e da mentalidade da época, não substituiria ele equivalentes modernos por algo que está a perceber mas não a compreender?

"Por exemplo," continuou Susan, "Kathy Bradley relatou um incidente em que encontrou o namorado para almoçar quando o 'almoço' é uma refeição bastante moderna. Descartamos isto como 'inventado', ou estaria ela a experienciar algo como encontrar o namorado na cidade num dia de mercado, comprar um lanche num vendedor de comida, e traduzir isto para um equivalente moderno, como encontrar alguém para almoçar?"

A Professora Moran confirmou que não teria sido invulgar para uma rapariga daquela área aprender a ler um pouco de alemão e latim ou falar um pouco de francês. Escrever era menos comum para as raparigas, mas era-lhes ensinado por vezes através de instrução doméstica.

Na minha própria investigação, descobri que a Universidade de Copenhaga era a mais antiga e maior universidade da Dinamarca, fundada em 1479. Por volta de 1500, quase oitenta universidades tinham sido fundadas na Europa. Curiosamente, o modelo para a maioria das universidades no norte da Europa era a Universidade de Paris, que se desenvolveu a partir de uma guilda de professores na catedral de Notre Dame. As universidades que se desenvolveram a partir destas guildas eram geridas por corporações de

professores. Algumas universidades do sul da Europa começaram como guildas de estudantes naqueles casos em que a maioria dos estudantes eram pessoas maduras e profissionais.

Durante a Idade Média, os estudantes universitários não eram obrigados a ter completado a educação primária e secundária. Um jovem de catorze anos poderia ter começado a frequentar universidades, vagueando de uma para outra durante anos até atingir a idade adulta. Os estudantes eram geralmente ensinados oralmente e os livros tornaram-se mais disponíveis a partir do século doze em diante. Escrever era uma competência mais especializada. Isto foi antes da era da imprensa, e os livros eram ainda meticulosamente copiados à mão. Estavam a tornar-se mais comuns por volta do século quinze.

Na Idade Média, estes estudiosos eram ensinados, ou por padres de paróquias locais na casa de um bispo, ou através de escolas de mosteiros ou catedrais. Algumas crianças eram ensinadas por mestres-escola ligados a guildas.

A educação, ou a falta dela, foi um fio condutor através das vidas passadas recordadas por Katharine. Primeiro, ela ansiava por fragmentos intelectuais do seu irmão; mais tarde, estava rodeada pelo mundo académico, mas não podia receber os seus benefícios plenos. A sua busca pelo conhecimento continua na sua vida atual. Poderia isto indicar que os talentos e a aprendizagem que desejamos serão eventualmente alcançados — mesmo que seja noutra vida?

9 - Rich

"No hurt, no aches, no sore..." ?

—Anónimo, *My Happy Home*, Jerusalém, Século XVI

No dia em que conheci Richard Weissler, abri a minha porta para encontrar um jovem com cabelo castanho pelo ombro e feições esculpidas, que parecia ter acabado de sair do cenário do filme *Camelot*. À medida que o jovem de vinte e cinco anos entrava no meu escritório para participar no meu estudo, instalámo-nos no sofá para conversar. Fiquei sobressaltada com o seu comportamento calmo e com a sua presença tranquila, quase de outro mundo.

O Scadian de fala suave assegurou-me que era muito um produto do mundo moderno. Ele possui uma licenciatura em economia e outra em ciências de gestão, e um MBA. Um especialista em informática que transmite

mensagens de e para satélites, Rich explicou que, para ele, os computadores são ferramentas cativantes nas quais o utilizador começa com nada e, no entanto, no fim, expressa a sua própria criatividade, muito à maneira de um artista. Disse que sempre achou interessante o facto de muitos Scadians ganharem a sua vida mundana através do computador, ou serem entusiastas extremos do mesmo.

Como membro da SCA, Rich interpreta um cavaleiro combatente e conta com uma espada larga e uma acha de armas entre as suas armas. Antes de cada batalha, explicou Rich, ele lembra-se de que está comprometido com a honra e a cavalaria, e que a sua primeira prioridade é não ferir outrem nem ser ele próprio ferido.

Rich disse que se sente mais confortável no seu equipamento de combate do que em roupas modernas, preferindo, em vez disso, uma réplica de armadura italiana importada, uma cota de malha que ele próprio criou a partir de arame de aço, e outras vestes cosidas e bordadas à mão. O Scadian de um metro e oitenta e cinco diz que se apanha a "ficar mais direito" quando veste o seu traje.

Ficou animado ao contar-me como desfruta destes momentos roubados ao século vinte. A recriação, tal como o computador, disse ele, oferece-lhe a oportunidade de criar algo a partir do nada.

Em agosto de 1995, Rich mergulhou pela primeira vez na experiência medieval. Na altura da nossa sessão, ele estava envolvido na SCA há apenas catorze meses, mas já tinha ganho prémios por fabrico de cerveja e fora vitorioso num concurso de fazer hidromel. Rich disse-me que agora dedica entre vinte a quarenta horas por semana a atividades de recriação.

O seu interesse pela Idade Média, no entanto, foi despertado muito mais cedo. Rich, que nasceu em Ottawa, Ontário, Canadá, disse que a lenda familiar mantinha uma ligação genealógica entre a sua mãe e Maria, Rainha dos Escoceses, o que o fascinava em criança. Depois, como escuteiro de onze anos, foi introduzido ao *Dungeons and Dragons*, um jogo de interpretação de papéis e fantasia que abrange história, ciência, astronomia e ficção científica. Este jogo de imaginação empurrou Rich diretamente para a Idade Média, viciando-o em história e leitura, resultando na sua colocação no quadro de honra (*dean's list*) da sua escola secundária em Newport News, Virgínia.

Mais tarde, ainda no quadro de honra no *Virginia Polytechnic Institute and State University*, em Blacksburg, Rich viu pela primeira vez

demonstrações da SCA exibindo armaduras medievais, combate e vestuário. Tudo, incluindo o sistema feudal, o apelou. Quase imediatamente, juntou-se à Baronia do Diamante Negro (*Barony of the Black Diamond*). Após a faculdade, mudou-se para Martinsburg, Virgínia Ocidental, e mais tarde para Frederick, Maryland, onde Rich levou oito meses e contou com a ajuda da Internet para encontrar um novo lar, o *Shire of Highland Foorde*. Uma vez ligado, subiu rapidamente na hierarquia para se tornar o *Deputy Seneschal* (ou vice-presidente) do *Shire*.

Do ponto de vista de Rich, a Idade Média foi um ponto baixo na história da civilização, que produziu uma qualidade de vida algo semelhante à dos curdos da atualidade no Iraque, Irão ou Turquia. Na Idade Média, explicou Rich, um camponês francês típico tinha de lidar com uma pesada carga fiscal, exércitos saqueadores e a Peste Negra. Ele descreveu a vida como dura e curta, e apenas prazerosa (pelo menos aos seus olhos modernos) para os nobres. A sua esperança para a humanidade é que aprendamos a não repetir a guerra, que ele caracterizou como um jogo estratégico geralmente injustificado e quase sempre motivado por razões económicas.

Rich disse-me que passou um tempo significativo a investigar a Idade Média e que estava a começar a aprender artes como a caligrafia, a culinária medieval e a costura à mão. Ele próprio coseu o seu manto de lã vermelha de dezoito quilos, debruado a pele. No entanto, não se descreveu como um entusiasta da autenticidade extrema.

É importante para ele, disse-me, ser autêntico dentro dos limites de um orçamento, acrescentando que não é invulgar gastar entre 100 e 250 dólares por mês no seu passatempo. A despesa pode subir até aos 1.000 dólares em compras durante o evento anual da Guerra de Pennsic.

Além do seu amor pela história medieval, Rich disse que aprecia a camaradagem que existe entre os membros da SCA, descrevendo o sentido de comunidade como o de um grupo paroquial em que se pode confiar nos membros. Descreveu os seus companheiros *Scadians* como sendo eruditos e mais brilhantes do que a população em geral. Além da amizade, Rich tem desfrutado da aceitação, do reconhecimento e das infinitas possibilidades de aprendizagem e expressão criativa que encontra na SCA.

Rich contou-me a história de como obteve a sua personagem de recriação histórica. Ao ouvir uma canção de cariz brejeiro num banquete, Rich ficou vermelho, atirou um manto sobre a cabeça e tremeu. Assim, foi apelidado de Razmus, o Inocente (Raz, para abreviar) pelos seus

companheiros, sendo "inocente" interpretado como "desprovido de pensamento ou sem noção". Desde então, Rich embelezou a sua nova personalidade, decidindo que começou como um monge flamengo que foi excomungado e que depois se tornou um soldado de fortuna que marchou por França.

Passámos então da sua personagem para conceitos mais esotéricos. Como fizera com todos os participantes, perguntei a Rich o que pensava sobre a vida após a morte. Rich teorizou que a alma não desaparece na morte, postulando que o espírito remanescente, semelhante a um fantasma, pode influenciar a psique de uma nova pessoa. Além disso, disse-me que acreditava no karma e no efeito de ricochete das boas ações serem eventualmente recompensadas.

Ansiosos por descobrir para onde a experiência de regressão nos levaria, concluímos a entrevista. Ele esticou-se no sofá e eu iniciei o processo de relaxamento. À medida que o orientava de volta a qualquer vida passada anterior que pudesse ter vivido, ele teve de cerrar os olhos contra a luz solar antiga.

"Deve ser de dia. Vejo branco," disse ele. "Sinto o vento e o calor na minha perna. Não vejo nem ouço ninguém. Estou sentado a uma mesa, sozinho. É uma mesa pesada, grossa. Não, é uma viga," corrigiu-se à medida que as coisas se tornavam mais claras.

Agora, a respiração de Rich tornou-se laboriosa. "A viga é sólida. Está em cima de mim!" arquejou ele. "Não sinto a minha perna esquerda. Sinto o vento contra a minha perna direita. Parece molhado. Devo ter caído. Está muito escuro agora. Não consigo ver nada. Os meus braços estão dormentes."

A respiração pesada e tensa cessou. Julguei que estivesse morto, mas após um momento ele estremeceu e continuou. "O peso da viga está sobre o meu corpo. Sinto-me tonto. Sinto vento na minha mão esquerda, que está debaixo da minha mão direita. Não sinto a viga agora. Não me consigo mexer. Tenho uma dor na perna esquerda — uma dor aguda no pé."

Apesar da dor, ele estava consciente do que o rodeava. "Parece uma igreja. Lembro-me de vitrais. Há grandes pedaços de cor, um pouco de vermelho e muito azul. O vitral foi removido por saqueadores ou por pessoas da cidade que partiram. A igreja é de madeira tosca. O chão é de terra. Os bancos são troncos cortados ao meio. Não consigo perceber como estão fixos.

A igreja está vazia. O telhado parece intacto, mas não consigo distinguir de que é feito. Não vejo nenhumas vigas.

As paredes são de lama ou barro, não de tijolo. As janelas não têm vidros. Está tudo muito seco, por dentro e por fora. A igreja fica numa pequena colina. Uma área em redor da igreja foi limpa de árvores; há um caminho que desce a colina. Não há outros edifícios por perto. Não há ninguém por perto, ninguém lá fora. Está silêncio."

Ele estremeceu novamente e continuou. "Sinto-me tonto. Estou a tombar — como se os meus pés estivessem acima da cabeça e depois rodassem para o outro lado. Não sei por que não me consigo mexer. Há algo sobre o meu tronco e a perna esquerda. A perna esquerda está dormente, exceto o pé, e dói."

"Acho que estou destinado a morrer," disse ele com voz angustiada. "Não tenho arma. Penso em lobos. Tenho a imagem de um lobo nas patas traseiras como se fosse um homem. Parte de mim diz um lobisomem, mas não tenho conhecimento disso. Talvez seja isto que eu temo."

"A igreja está abandonada," continuou ele. "Ele disse que eles viriam. Nunca os vi."

Agora, Richard disse que a dor parara e que conseguia ver-se a si próprio. Percebi que ele provavelmente tinha saído do corpo.

"Estou preso debaixo de um banco. É muito pesado. O meu nariz está partido e a sangrar. Nunca vi um nariz empurrado para o lado daquela maneira. Está quase de lado. Comichão."

"Acho que sou homem," observou ele. "A minha túnica castanha está afastada da minha perna direita. A minha perna está num estado terrível. Há cortes longos do joelho para baixo. Mordidas de rato arrancaram pele do joelho. O meu cabelo é comprido e curto ao mesmo tempo; não está cortado, mas sim retalhado sem forma. O meu cabelo foi cortado com uma faca cega para o afastar do rosto. Não consigo distinguir a cor."

"Sou jovem — apenas um homem. Tinha pelo a crescer na cara... Algo está errado com o meu estômago. Sinto peso ali, mas não sinto nada. É um cinto ou uma corda, de cor mais clara que a túnica. A corda apertou quando caí."

"Oh Deus, as minhas mãos estão dormentes, ensanguentadas e cobertas de insetos," arquejou ele. "Oh, algo se contorce nas minhas entranhas." Ele

encolheu-se. "Larvas! Não dói tanto quanto se contorce logo abaixo da caixa torácica. Já não sinto o vento na minha perna."

Ele solta um arquejo horrível. "Aquilo não devia estar vivo! Sou eu, coberto de bichos. Sinto-me dormente e com frio. Tenho algo na mão direita. É macio e firme. É um rato ou um gato morto. Matei-o quando ainda conseguia mexer os braços. Estava a chegar perto demais."

"Algo está a comer o meu polegar esquerdo. Não dói tanto quanto é desconfortável. A pele foi arrancada do meu polegar esquerdo e da minha garganta..."

Agora, Rich afastou-se do seu próprio cadáver em decomposição.

"É primavera. Lá fora, a erva é de um verde novo. Há flores vermelhas e roxas no cume da colina. Não consigo dizer se a igreja foi saqueada. Apenas um vitral desapareceu. Pouco mais foi perturbado."

Rich teve dificuldade em sair deste tempo de vida. Após alguns momentos, orientei-o de volta ao jardim imaginário e pacífico onde peço aos meus sujeitos para se sentarem no início das suas regressões. Ali, disse-lhe para descansar e curar-se.

Depois de ele parecer revigorado e renovado, decidi orientá-lo para ir a qualquer vida agradável de que se pudesse recordar. Desta vez, encontrou-se num estábulo.

"É o romper do dia. Um pajem está a cuidar dos cavalos. Estou a preparar-me para uma viagem. Tenho uma mensagem para entregar," disse ele. "Estou a verificar a sela e os cascos. É um bom cavalo, por isso farei um bom tempo. Normalmente não sou mensageiro, mas vou cavalgar hoje pelo senhor com uma mensagem importante: 'O meu meio-irmão vai casar.' Vou entregar a mensagem ao pai da esposa dele."

"O meu pai é o senhor," disse Rich. "Ele tem outro título, como 'duque'. O meu meio-irmão será herdeiro de um ducado. É estranho pensar nele assim. Embora eu seja um bastardo, ele ama-me. Lutámos bem juntos. Ele viu dezasseis ou dezassete invernos. A esposa dele será mais velha que ele, na casa dos vinte," relatou ele e depois emocionou-se. "Estou dominado pela importância disto. Estou a preparar-me para ir. A língua parece estranha aos meus ouvidos, semelhante ao germânico, mas não a reconheço."

Terminados os preparativos finais, Rich montou o cavalo e iniciou a viagem até ao seu destino.

"Sinto o vento contra o meu peito. Monto um cavalo castanho-escuro e estou sozinho. O pajem não é tão bom cavaleiro como eu. Se cavalgar bem, deverei conseguir chegar num dia. É bom que consiga, pois não tenho mantimentos para mais do que isso. Mas a terra está limpa e a estrada é boa."

"Cavalgo quase abraçado ao pescoço do cavalo. Não há pomo na sela e o peso da sela está atrás de mim. Consigo manter-me nos estribos. Estou a fazer bom tempo. Estou dormente de segurar as rédeas."

Rich começa a respirar profundamente. "Não oiço nada a não ser o cavalo e o tinir da espada contra a sela. É uma espada leve, uma espada de cavalheiro... uma lâmina fina de uma polegada de largura com um punho fino envolto em arame e couro. Já matei com ela antes."

"Tenho problemas em segurar as rédeas. Fico dormente ao segurá-las. O cavalo está a abrandar para trote. Bebo um pouco de água. É ácida e tem um pouco de vinho seco. O vinho é importado dos rios. Grandes pipas de vinho cinzentas, baças, presas com metal — pesadas demais para eu levantar — descem o rio a flutuar."

"O meu objetivo é chegar antes do pôr do sol. A bolsa de couro cinzenta está sobre o meu ombro. Uso calções de montar de couro e roupas finas de azul e vermelho. As minhas pernas estão doridas de cavalgar."

A sua mão apertou-se e fechou-se. "O interior da minha mão direita está tenso devido a uma cicatriz de combate. Foi uma ferida de perfuração na parte exterior da minha mão. Foi bem tratada pelo próprio médico do meu senhor. Oh, mas dói. Despejei mãe-do-vinho nela. Ardeu! Sarou limpo, mas tem cãibras. Os músculos parecem nunca mais ter aguentado bem, mas ainda consigo segurar uma espada."

"A minha mãe não ficaria feliz com isso. Ela está morta. Foi morta quando eu nasci. Não nasci nobre. Costumava ser sovado por causa disso. O meu irmão levou-me para a mansão e o meu senhor disse que via algo de si próprio em mim."

"Tenho três irmãs. Uma é de uma rapariga de catorze anos na cidade. Outra irmã ilegítima ainda está viva. É bastante feia e já mais velha agora. A minha irmã legítima tem quatro anos. Só sei porque contei as estações desde que ela nasceu."

"A amante do meu pai, o senhor, é muito bonita. Ela tem marido. Ele não sabe que a rapariga feia não é dele. A rapariga é loira, enquanto o marido dela

tem cabelo escuro, tal como toda a família dele. Ele é de um povo germânico, mas o germânico soa estranho na minha boca. Ele tem uma compleição mais sólida do que a maioria da aldeia."

As suas reflexões param enquanto ele se foca novamente na viagem. A sua mão direita está agora seriamente enrolada de lado.

"Cavalgar é um trabalho duro. As minhas mãos estão com cãibras. Estou a prender as rédeas aos meus braços para não ter de as segurar. Sei que o meu pai fez um bom negócio com o vinho. Continuo ao longo de um rio que corre para norte."

Ao aproximar-se a noite, uma aldeia surge à vista.

"Há edifícios baixos, de um só piso. Os telhados de relva têm pedaços de madeira a sobressair das extremidades. A madeira só fica escura quando oleada. Há sete ou oito edifícios pequenos. As pessoas estão a trabalhar e a circular, sem repararem muito em mim. Uma pessoa idosa está a desatrelar um cavalo velho de um arado."

"Uma menina está a saltar em cima de sacos de trigo ou cereal. É bom ver que o cabelo dela está coberto por uma touca ou coifa. Ela usa uma camisa simples, desapertada, do mesmo material que a touca. Chega-lhe aos joelhos, não há punhos nas mangas e algo está a prender a camisa em dobras. O velho usa algo semelhante. Ele tem meias justas e calças simples não tingidas por baixo. Um jovem espreita por uma janela."

A mão de Rich ainda estava desajeitadamente enrolada, por isso sugeri que relaxasse. À medida que ela começava a ficar frouxa e plana, ele continuou. "Vou conseguir regressar à mansão para não ter de cavalgar com força. Dou rédea solta ao cavalo. Ele levar-nos-á lá. Vivo na mansão. O título 'Duque de Krasstein' vem-me à mente."

Quando lhe perguntei o seu nome, "Donovitch" foi a resposta.

"Não sei como referenciar o ano," continuou ele, "mas não há rei. O terreno é um pouco rochoso aqui. Não faz sentido, mas o sol está a pôr-se a norte da mansão do duque."

Finalmente, o jovem tinha chegado ao seu destino.

"Estou na mansão. Já é noite. As paredes parecem brancas. Estão iluminadas por tochas. Lá dentro há um pátio; os estábulos ficam à direita. Os

rapazes levaram o cavalo. Sou apenas um pobre filho bastardo. O homem do duque leva a bolsa e diz-me que terá uma mensagem de resposta pela manhã."

"Vão atribuir-me um lugar para dormir e dar-me algo para comer. Perdi o jantar, por isso recebo farinha seca e pão; água, nada de vinho. A comida é muito salgada. Agora, é suposto eu dormir nos estábulos. Ótimo! Bem, tirarei o melhor partido disso. Ao menos está seco."

Confiante de que Rich cumprira a sua missão e sabendo que o nosso tempo do século vinte estava a escassear, sugeri que avançasse para o último dia dessa vida.

"Estou num campo de batalha. Tive uma vida melhor que a maioria. Tenho barba e uma jovem esposa grávida. O meu meio-irmão ama-me. Tentei servi-lo bem. Cuidei das terras dele e ele prosperou. Vivi na mansão e administrei os campos dele, garantindo que ele recebia o que lhe era devido." Ele sorri. "O meu sobrinho tem o meu nariz. Vai crescer e ser forte."

"Há centenas no campo de batalha. Nem sei por que estamos a lutar. Estou a cavalo, a usar uma túnica de placas (*coat of plates*) — um grande número de placas de aço — e a minha espada. Há algumas bestas e lanças longas. Cavalgamos para a frente para encontrar o inimigo. É uma zona de bosque esparso e ligeiramente rochosa."

"Caio de cara e bato no chão. Sinto dor sob a axila esquerda, em direção às costas. Há muitos gritos; os cavalos são os que gritam mais alto. O meu irmão estava atrás de mim. Não o vejo. Ele estava no último terço dos homens montados."

Com o filho bastardo do duque morto em batalha, encerrei a regressão e trouxe Rich de volta à plena consciência de vigília. Estávamos ambos gratos por a segunda regressão ter sido mais animadora do que a primeira, que, na verdade, nos deixara a ambos perturbados.

Mais tarde, Richard dir-me-ia que durante a semana seguinte se sentira fisicamente exausto e decidira renunciar às suas atividades normais de recriação, incluindo os treinos de combate. Disse que se perguntava se a sua mente estaria a tentar curar-se. Entretanto, eu continuava assombrada pela sua descrição das larvas a contorcerem-se no seu estômago e dos ratos a rasgarem-lhe a garganta enquanto jazia a morrer no chão da igreja.

Após reverem as transcrições do seu terrível fim, os meus especialistas tentaram datar a vida, concordando que se situaria provavelmente entre a Alta

Idade Média e o pós-Renascimento. A igreja que Rich descreveu como estando rodeada de campos abertos poderia ter sido possível durante a Alta Idade Média, após a qual algumas aldeias desapareceram, deixando igrejas semiactivas no meio do nada. Os bancos também não foram usados nas igrejas até bem depois do Renascimento. Os frequentadores das igrejas medievais ficavam de pé ou traziam as suas próprias cadeiras ou joelheiras.

Susan Reed e outros pensaram que talvez uma viga tivesse caído sobre o jovem e ele a tivesse interpretado como um banco. Ela afirmou que, se o fim trágico de Rich tivesse ocorrido durante a Reforma numa área protestante, puritana ou calvinista, a sua igreja anteriormente católica poderia muito bem ter sido despojada dos seus bens valiosos e de alguns dos seus materiais, tais como janelas e pisos. Isto era especialmente verdade em Inglaterra, onde os mosteiros e conventos, encerrados por Henrique VIII, foram sistematicamente removidos de todos os itens de valor para a coroa. O eu anterior de Rich teria pensado neste processo de despojamento como *Roubo*.

Vários dos meus especialistas, no entanto, sentiram que a igreja tal como descrita não parecia despojada, mas sim rudimentar. Consideraram a descrição da igreja tosca com chão de terra batida inconsistente com os vitrais, uma mercadoria preciosa. Deve acrescentar-se, contudo, que os vitrais da Idade das Trevas consistiam em painéis muito pequenos e simples. Embora pareçam infantis face aos vitrais da Alta Idade Média, estas pequenas janelas eram o orgulho do estabelecimento religioso. É possível que a igreja rudimentar possuísse vários pequenos painéis primitivos, e que fosse disso que Rich se lembrava. Além disso, as técnicas de coloração ou esmaltagem desenvolvidas nos anos 1300 baixaram os preços.

Alguns dos meus especialistas pensaram que, pelo facto de Rich se descrever vestido com uma túnica castanha e um cinto de cor mais clara, com o rosto barbeado e o cabelo cortado pelo próprio, Rich poderia ter sido um monge, frade ou irmão leigo nessa vida.

Imagens sensoriais, sentimentos fortes e detalhes vívidos da morte prenderam muitos dos especialistas que reviram a transcrição. Ann Longmore-Etheridge ficou fascinada com a alma agarrada ao corpo mesmo depois de este começar a decompor-se. “O homem parecia estar convencido de que não era suposto estar morto,” disse-me ela. “Acho que isto faz lembrar o que acreditamos saber sobre algumas formas de assombração — que almas com assuntos pendentes se recusam a partir até estarem convencidas de que foram ouvidas e compreendidas. Outras parecem não estar conscientes da sua

passagem e permanecem no local, tentando perceber o que aconteceu — como se estivessem numa espécie de estado profundo de negação.

"Li relatos de entidades falecidas que ainda estão ligadas aos seus antigos corpos," continuou ela, "e que supostamente visitam a matéria em decomposição — simplesmente incapazes de a deixar para trás e seguir em frente. Tudo isto é consistente com as recordações de Rich."

Olhando para a segunda encarnação recordada de Rich, parecia claro que a localização era um território eslavo unido num grande império Lituano-Polaco ou na Boémia. A Alemanha não foi um país unido até ao século XIX, e as pessoas identificavam-se como sendo provenientes de uma série de pequenos reinos e ducados, em vez de se auto-denominarem "germânicas". (Um exemplo é o Ducado de Cleves, terra natal da quarta esposa de Henrique VIII, Ana.)

Vários especialistas ficaram surpreendidos com a relegação do jovem para uma cama nos estábulos. Regra geral, os bastardos eram impedidos de herdar, mas não sofriam maus-tratos devido à sua ilegitimidade. Muitos pais afeiçoavam-se aos seus filhos bastardos e tratavam-nos muitas vezes tão bem como aos filhos legítimos. Richard descreveu-se nessa vida como sendo bem vestido e um membro de confiança da família. Isto torna menos provável que ele tivesse sido tratado como um mensageiro comum, a menos que o duque recetor da mensagem não estivesse ciente do seu estatuto ou fosse simplesmente deliberadamente cruel.

A avaliação da idade de Rich por "invernos" ou outras contagens de estações, bem como a sua referência a "do romper da aurora ao crepúsculo" como expressão de tempo, estão corretas para a época. O Professor Moran afirmou que, de acordo com os padrões demográficos do norte da Europa, não seria invulgar um homem casar com uma mulher alguns anos mais velha que ele. Mas, para um homem casar aos dezasseis ou dezassete anos, seria cedo e apenas comum entre a aristocracia. E embora Rich possa ter querido dizer que a sua mãe morreu no parto quando disse que ela foi "morta", a ideia de que a sua mãe foi assassinada por dar à luz um filho ilegítimo não era inconcebível. Tais assassínios ocorriam, geralmente por mão de um membro da própria família da mãe.

Os meus especialistas concordaram que era prática comum adicionar água limpa ao vinho, embora a água por si só não fosse habitualmente bebida. Toda a água provinha de rios, nascentes, lagos, charcos, barris de chuva ou poços, sem qualquer processo de purificação como o que temos hoje, exceto

talvez a filtragem de matéria orgânica. Embora os mecanismos de contágio fossem desconhecidos, tinha sido feita uma ligação mental aos perigos da água estagnada e impura.

O Professor Moran supôs que "o rio que corre para norte" poderia ter sido algures entre o Elba e o Oder, indo para o Mar Báltico, mas suficientemente perto de onde o vinho estava a ser produzido. Isto, então, estaria provavelmente mais perto da Alemanha do que da Rússia. Bruce Blackistone também observou que o Reno, o Ems, o Wesser e o Oder correm todos para norte em pelo menos parte do seu comprimento.

Blackistone também identificou a *mother-of-wine* (mãe-do-vinho) como sendo uma aguardente ou destilado alcoólico que daria um bom antisséptico, mas referiu que não havia conhecimento de contaminação por germes nem provas sobreviventes desta prática específica.

Deve notar-se, contudo, que a descoberta do "Homem do Gelo" da Idade do Bronze, magnificamente preservado nos Alpes Italianos no início desta década, incluiu a descoberta de uma bola de fungo numa correia de couro. A especulação atual é que as pessoas da Idade do Bronze sabiam que este fungo tinha propriedades antissépticas. Nas suas mentes, apenas ajudava a melhorar uma ferida e era, portanto, transportado pelo Homem do Gelo como parte de um estojo de primeiros socorros primitivo. Deitar *mother-of-wine* numa ferida poderia facilmente ter sido uma "cura caseira" ensinada ao eu anterior de Rich milénios após a morte do Homem do Gelo. Quanto ao ataque final, Bruce indicou que os gritos e ferimentos eram exatos para um ataque pelo flanco.

Outros detalhes pareceram tanto verdadeiros como falsos para os meus especialistas. Os arados eram geralmente puxados por bois porque os cavalos eram caros. O uso de um cavalo atrás do arado sugeriria o século XIII ou posterior. Entretanto, o especialista em armaduras Stephen Hick observou que a armadura "*coat of plates*" (brandistaco) que Rich descreveu parece ser de um período anterior, enquanto a sua espada de cavalheiro poderia datar de depois de 1550.

No entanto, Hick ficou impressionado com o nível profundo de sensibilidade do mensageiro — desde a exaustão da viagem até às complicações físicas de uma lesão antiga.

Apesar de alguns detalhes aparentemente anacrónicos, vários dos meus especialistas concordaram comigo que as regressões de Rich se destacam como únicas. Embora a noção de ser um filho bastardo de um duque pudesse

inicialmente parecer “romântica”, as cãibras nas mãos de Rich e a dificuldade que sentia ao montar o seu cavalo não eram de modo algum glamorosas. Mais tarde, após reflexão, Rich disse-me que sentia que esta personalidade tinha sido mentalmente lenta — talvez com atraso cognitivo. Era difícil para mim conceber este especialista em informática brilhante e instruído, que rapidamente apreendia novos assuntos e ganhava prémios em novos campos de atuação, como tendo tido algum dia um atraso. Era igualmente difícil libertar-me das recordações do corpo quebrado de um jovem monge cuja única companhia na morte foram ratos e vermes.

10 - Karen

“The soul secur’d, smiles...” — Joseph Addison, Século XVII

Na terceira classe, a turma de Karen Beary realizou um estudo de três semanas sobre a língua francesa. Quando terminou, Karen sentiu-se desolada, como se o seu mundo recém-expandido tivesse subitamente encolhido de volta aos confins da sua escola de uma só sala na Pensilvânia ocidental.

A partir dessa altura, ao contrário do resto da sua família, Karen viveu para a sua próxima experiência com o francês. Cinco anos pareceram uma eternidade, mas finalmente, no oitavo ano, Karen retomou o seu estudo da língua. Diz ela que rapidamente se tornou a sua paixão avassaladora. Na faculdade, Karen obteve a sua licenciatura em literatura francesa com uma média de 3,95, sem nunca abrir um livro. Simultaneamente, obteve um bacharelato em ciências de comunicação/jornalismo.

A sua contínua paixão pela língua levou-a a viajar para o Quebeque, Canadá, para um programa de imersão linguística de verão de oito semanas. Enquanto estudava lá, relatou um incidente à sua professora no qual uma série de palavras francesas desconhecidas lhe escaparam espontaneamente da boca. A professora ficou atónita e recusou-se a dizer-lhe o significado do que ela tinha dito, chamando-lhe uma “maldição negra” francesa. Até hoje, ela não faz ideia do que disse ou onde teve origem.

A sua inclinação para o francês acabou por levar Karen a escolher uma *persona* de recriação histórica francesa do século XIV, *Ysabeau Madeleine de Gascogne*. Karen diz que admira as mulheres do sul da França medieval por terem sido pensadoras livres e mais independentes do que as suas homólogas medievais de outros lugares. “As mulheres da região de Languedoc tomavam decisões e não aceitavam lixo de ninguém”, explicou-me ela na nossa

entrevista. “Além disso, o vestuário do período adequava-se ao meu tipo de corpo. Que maneira fútil de escolher um país!”

Quando nos conhecemos num dia quente de verão em agosto de 1995, a vivaz ruiva de trinta anos, que ganha a vida como agente de compras de informática para o *USA Today*, era membro da SCA há três anos. Tinha crescido, explicou ela, numa pequena cidade, sem nunca sair de um raio de vinte e cinco milhas do seu próprio quintal.

Nascida com oito segundos de diferença da sua irmã Karla, as duas partilhavam uma relação próxima. A sua gémea falsa foi a primeira a envolver-se na SCA. Também deu a Karen uma flauta de bisel como presente de Noite de Reis, o que levou Karen a juntar-se a um ensemble de flautas.

Karen disse que teve alguns momentos difíceis como recém-chegada à SCA. Durante a sua primeira apresentação à Rainha Garlanda do *Midrealm*, Karen entornou chocolate *gourmet* derretido na *cotehardie* de seda vermelha real de Sua Majestade. Depois de se mudar para a área de Washington, D.C., chegou a uma reunião da SCA depois do trabalho vestindo um fato de executiva e maquilhagem. Mas diz que não foi aprovada até corresponder ao visual do grupo. (Rindo, disse-me que decidiu tirar a maquilhagem e usar o cabelo liso.)

Desde então, Karen tornou-se membro de uma família no *Clan Cromlech* (na Baronia de *Ponte Alto*) e fez um vasto círculo de amigos genuínos. Esta mulher otimista manteve uma apreciação infantil pela vida, acreditando que o riso é o melhor remédio. Apesar das suas primeiras experiências amargas, descreveu os eventos da SCA em que agora participa como um “rejubilo instantâneo”.

“É o Halloween 365 dias por ano”, sorriu para mim. “É libertador; faz-me sentir que sou uma pessoa diferente, quer esteja vestida com a minha sobreveste ‘*Gates of Hell*’ ou com o meu fato de dança do ventre.”

A nossa conversa voltou-se para os seus sentimentos sobre a reencarnação. Karen comentou que a teoria a fascinava, embora fosse geralmente cética em relação ao paranormal. Não tendo a certeza se poderia realmente ser submetida a uma regressão, estava, no entanto, pronta a tentar. Uma vez no estado hipnótico, Karen começou a receber imagens fragmentadas. Gradualmente, as impressões tornaram-se mais claras.

“Há uma névoa cinzenta,” começou ela lentamente. “Sinto o cheiro do oceano e vejo-me a olhar para um espaço amplo. Não é um dia totalmente

ensolarado. Acho que é de manhã. O sol está a nascer; é amarelo-alaranjado. O céu tem alguns pedaços enevoados de nuvens. Não parece quente, mas é confortável. Acho que não está ninguém por perto. Estou de pé num lugar mais alto que a praia, talvez num penhasco. É alto, mas não rochoso. Agora, ouço o oceano. Quero respirar fundo. Os meus pés parecem mais leves — como se eu quisesse correr."

Karen disse-me que os seus braços pareciam pesados. Isso era um bom indício de um nível aceitável de hipnose. Continuámos.

"Há pessoas no caminho. Um homem e um rapaz estão mais à frente, afastados de mim. Não os conheço. O rapaz tem cabelo escuro. O pai está a dar-lhe a mão. O homem veste uma camisa branca de mangas compridas, um colete e calças cinzentas sujas — nada de especial. O rapazinho tem calças castanhas e não tem sapatos nem camisa. O caminho é de terra castanha com pedras ao lado e erva rasteira acastanhada-esverdeada."

Abruptamente, Karen deixou de sentir o ar livre e, em vez disso, sentiu-se fechada. Sentiu um peso e calor acima do coração e as suas pernas tremeram. De repente, o que ela via tornou-se mais brilhante, como se estivesse ao sol. Perguntei-me se ela teria experienciado a sua morte. Em qualquer dos casos, ela tinha mudado por si mesma para uma nova cena.

"Estou descalça e tenho uma saia até aos tornozelos que é de um tecido castanho nodoso. É áspero, mas não pica. Tenho o cabelo comprido, castanho e ondulado, e a pele morena como um bronzeado. Acho que sou bonita. É um rosto diferente, bochechas diferentes, lábios cheios. Tenho cerca de vinte e três anos. As minhas mangas claras e bufantes não me apertam no pulso. Ainda bem," confessou ela. "Não gosto disso. Estou a virar-me e a saltitar. Sinto-me bem e quero sorrir.

"As casas são de um só andar. Há coisas do lado de fora, mas não são portadas. O telhado não é inclinado," observou ela. "Agora, está escuro e estou lá dentro. Vejo a minha mão no degrau de trás de uma cadeira. Tenho unhas curtas e dedos longos. Há uma prateleira com um pote cinzento que é de pedra ou barro. Por baixo disso há uma pequena lareira. Não há nada a arder nela. Parece vazia e escura. Não é o meu lugar. Não sei por que estou aqui. Onde está a porta para a rua? Sinto-me melhor.

"Agora, estou a caminhar numa rua pequena, poeirenta e não pavimentada. Consigo ouvir o arrastar dos pés. '*Scuff, scuff*'. Não há passeios

nem árvores, apenas uma estrutura que tem um telhado de colmo. Continuo a caminhar. Sinto coisas, mas não me sinto ligada."

Como ela se sentia um pouco desorientada, sugeri a Karen que chegasse ao seu destino.

"É noite," disse-me ela. "Vejo uma porta. Um homem com cabelo escuro e encaracolado atendeu e deixou-me entrar. Não tenho capa. Ele pergunta: 'Onde está a tua capa?'

"Há uma tigela de sopa na mesa. Tenho fome. Sento-me. Há uma colher e uma tigela. O guisado quente cheira bem. Não cheira a carne, mas a legumes, cenouras e nabos. Gosto. É bom.

"Ele senta-se também. Eu amo-o. Ele é atraente, com olhos verdes brilhantes. A camisa dele está aberta no colarinho. Tem mãos grandes. Toca-me no armo. Estou em casa. É aqui que eu preciso de estar.

"Há luz de velas. Vejo velas na mesa. A mesa e o banco são de madeira. Do outro lado estão duas cadeiras que têm lados retos com uma cavilha a atravessar o topo. Há vigas ao longo do teto, mas não estão ligadas ao teto. São parcialmente redondas. É uma divisão grande com uma mesa no centro, ao lado da porta. Há um talo pendurado, ervas a secar, ramos e folhas. Não cheiram mal. Não há morcegos nem pássaros. Isso é bom. Não há escadas, mas há outra divisão, provavelmente com uma cama."

Karen passou para outra cena.

"É dia. Estou lá fora, a lavar roupa de linho com outra mulher. Ela tem um avental, é mais velha, mais redonda e tem um brilho nos olhos. Está a sorrir. Ela está a fazer a maior parte do trabalho. '*Scrub, scrub*'. Estamos molhadas até aos cotovelos. É uma tina de madeira. Estamos a apanhar a roupa e a socializar. A menina que anda a correr é da minha vizinha do lado. Não tenho filhos, mas quero tê-los. É um dia ensolarado. O ar cheira bem e está limpo."

A excitação distrai as mulheres das suas tarefas.

"O que se passa? Tenho de ver. Grupos de pessoas andam por ali como num carnaval. A menina correu para lá. Os miúdos estão a brincar, a perseguirem-se uns aos outros.

"Tenho de ir ver o malabarista. Ele tem uma camisa castanha com um buraco no cotovelo. O cotovelo dele está de fora. Ele é baixo. O malabarista

está a lançar duas coisas ao ar e por trás das costas. Toda a gente está a ver. Ele está a lançar e a apanhar. Estou curiosa. Vi o seu chapéu em forma de cone. É engraçado."

À medida que Karen deixa o malabarista e se desloca para outro evento, levanta as mãos no ar. "Sinto algo," disse-me ela. "É de pedra ou madeira, e é plano. Continua. Tenho a impressão de que é como o lado de uma casa ou um muro. Tenho as mãos nele. É um muro alto de pedra. É curvo. Estou a caminhar sozinha. Está mais frio. Tenho algo na mão direita. Uma bengala? É redonda. A minha mão está no topo. Desço as escadas. Não são lisas. São frias e geladas. No fundo não consigo ver. É curioso. Não é estranho, mas é novo. Há uma brisa. É como se o chão estivesse cortado.

"Estou a caminhar. Não há perigo nem propósito. Há pressão na minha testa. Agora, a minha cabeça está virada para baixo. Há dor na minha cabeça. Estou agachada. Os meus braços estão estendidos para o lado. Consigo olhar e ver que o meu corpo se está a elevar — de pé, mas não a flutuar.

"Estou a respirar depressa e a correr," continuou ela, deixando-me a pensar se teria morrido, mas estivesse agora a retroceder. "Estou a inspirar o ar depressa. Tenho de ir depressa. Sinto algo a agarrar-me. O meu peito está apertado. Tenho de correr. Não sinto que esteja em perigo, mas não vou porque quero. Sinto o vento. O meu cabelo está a ir para trás. O vento está contra o meu rosto e a minha roupa. Estou a correr pelo bosque. Tenho de ter cuidado; não quero tropeçar. Se eu tropeçar, aquilo vai apanhar-me. Não tenho de fazer uma corrida. Há árvores e mato pela altura do joelho. Não me consigo esconder atrás dele, mas pelo menos consigo esquivar-me."

"Neste local, posso ficar aqui e observar. Estou atrás de uma árvore; a minha mão está na casca. Vejo a lua. Não está cheia, mas é bastante brilhante. Não é uma situação feliz. Sinto que me vão apanhar. Não tenho de correr; vou apenas ficar aqui. Há uma área aberta para além das árvores. Não consigo distinguir se alguém vem na minha direção. Isto é sério; não é um jogo. Sinto-me quente e pegajosa de tanto correr — como se a minha camisa estivesse colada a mim.

"Vejo uma casinha para além da abertura. A luz está acesa, a porta está aberta. Se eu deixar este lugar, não sei o que acontecerá. Se me apanharem... Não quero pensar nisso. Estou ansiosa. Vou para aquela casa. A casa é maior. Não quero olhar para dentro. Porquê? É mais brilhante. Não consigo ver nada. Há qualquer coisa na minha cabeça. Tive de a tirar. Estou nervosa. Estou rodeada de luz; como a luz de velas, mas maior.

“Não estou lá e não estou ansiosa. O que é isto? Sinto a moldura de uma porta. Sinto muito calor. Tenho uma dor na cabeça, como se estivesse a pensar demais. Tenho de resolver isto.

“Está mais brilhante lá dentro,” continuou Karen. “Vejo chávenas e coisas empilhadas. Vejo clarões.” Agora, Karen franziu a testa. “Uh-oh. Algo não está bem. Não posso ficar. Talvez tenha de encontrar alguém aqui. Há urgência. Ai! Tenho uma dor na cabeça.

“Agora é dia. Vejo melhor. Uma mulher familiar está comigo. Não quero estar sozinha.” Ela estremeceu. “Outra dor na minha cabeça. A pessoa é mais velha e está sentada, não querendo sair. Eu saio e volto para o esconderijo. Noto uma bolsa nas minhas costas e as minhas coisas.

“Tenho de continuar, mas é difícil partir. Ela é a minha avó, mas não posso voltar. Estou dividida. Tenho de a tirar de lá. Ela tem de vir comigo. Ela está a levantar-se e a ter dificuldades. Não se consegue mover depressa. ‘Avó, temos de ir.’ Estamos lá fora. As pessoas estão a aglomerar-se à nossa volta, a fechar o cerco. Estou com dificuldade em respirar.”

Agora, aquela vida parecia terminada, e Karen vislumbrou uma mão a passar um pente grande por um cabelo loiro. Karen disse que olhou para baixo e viu uma cruz de madeira abaixo da sua cabeça, pensando que talvez fosse ela quem a usava. Redirecionei-a de volta para a última cena. “Estou aqui. A avó não está aqui comigo. Ela partiu. Colapsou e está deitada no chão. A minha cabeça dói. A dor aguçou-se. Algo me atingiu. Não está claro. Não quero saber. Há uma multidão de pessoas aqui. A minha cabeça lateja.

“Sinto-me leve, mas a dor magoa. Vejo luz. Consigo ver-me de cima. Pareço bem. Sou a mesma eu com cabelo castanho comprido abaixo dos ombros. Sou maior e mais velha. Estou apenas ali deitada. Não quero saber o que aconteceu.

“Estava a fugir de um homem que me bateu. O homem era alguém que eu conhecia. Ele ia magoar a minha avó. Ela era tudo o que me restava. Não sei o motivo.”

Perguntei-lhe se conseguia recordar a área geográfica ou o período de tempo. “O campo francês; 1561 quando morri,” respondeu ela.

“De onde vêm os pontos azuis?” perguntou-me ela, angustiada. Para a acalmar, orientei-a a mover-se para a luz e depois a conversar com quaisquer seres espirituais que pudesse encontrar. Ela relaxou, dizendo-me que o seu

“conselho” estava lá para conferenciar com ela sobre as suas lições e propósito naquela vida. “Vai ficar tudo bem. Não te deves preocupar. Foi apenas um acidente,” foi a mensagem. Ela também recebeu um lembrete para a sua encarnação atual. “Tenho de encontrar o meu caminho novamente,” explicou ela. “É uma questão de amor. É espiritual. Para onde vai o meu espírito?”

Após alguns momentos de reflexão silenciosa e cura, Karen regressou à consciência normal. Nas semanas que se seguiram, Karen descobriu que a experiência de regressão a tinha afetado imenso. Disse-me que a sua confiança, capacidades e autoestima tinham expandido drasticamente.

Ao discutir a sua recordada vida passada, Karen disse acreditar que a mulher de pele bronzeada, cabelo ondulado e olhos amendoados poderia ter sido síria. Identificou também as dores intensas na cabeça como tendo vindo de um ferimento na cabeça e o seu marido como a causa da sua morte. Karen acreditava sinceramente na validade da sua experiência e reconheceu que não poderia saber os detalhes históricos de antemão, descrevendo o seu conhecimento de história como “terrível”.

Os meus especialistas concordaram que a descrição de Karen continha poucos detalhes datáveis, mas também não apresentava anacronismos preocupantes, salvo um. Karen mencionara velas na mesa da cabana típica da classe baixa para a qual tinha regressado. A classe baixa e até a classe média emergente usavam sebo e luzes de junco para iluminação interior. Mais uma vez, não podemos ter a certeza de que Karen não estivesse a descrever a luz de junco de uma vela de sebo moldada à mão, uma vez que o sebo é fabricado como as velas.

Um contraponto à vela possivelmente anacrónica foi um esboço que Karen fez do chapéu do malabarista. Uma pessoa moderna poderia descrevê-lo como um “chapéu de Smurf”. A sua forma distinta foi identificada pelos meus especialistas como um barrete frígio, usado extensivamente durante a Idade das Trevas. O facto de os historiadores não terem encontrado nada fora de lugar na sua experiência surpreendeu Karen, que afirmava, ao contrário de alguns dos meus outros sujeitos, ter pouco conhecimento de história. O que a assustou ainda mais, disse-me, foi que a reencarnação, algo em que tinha tão pouca fé, a tivesse afetado tão profundamente.

11 - Felicia

"No rest in that which perishes..." — Michelangelo, 1475-1564

Pouco depois da Primeira Guerra Mundial, a mãe de Felicia Eberling, Elizabeth, então com seis anos de idade, subiu a uma cadeira e cantou para oficiais de ocupação cheios de saudades de casa no restaurante alemão onde o seu pai trabalhava. A sua mãe acabou por receber formação como professora de piano no Conservatório de Música Potthof-Zimmermann, em Wuppertal.

Mais tarde, numa Alemanha controlada por Adolf Hitler, a jovem estudante de música tocaria melodias populares em cervejarias. Os clientes locais, vestindo o seu único conjunto de gala, incluindo sapatos engraxados e meias de seda do mercado negro, dançariam ao som das suas melodias animadas com a mesma convicção dos foliões que, meio milénio antes, dançavam para esquecer a destruição e o medo causados pela Peste Bubónica.

O pai e o avô de Elizabeth também tinham tocado em cervejarias com a banda de baile da aldeia. Sempre que o avô de Elizabeth, que dirigia a banda, estava com falta de pessoal, um dos seus seis filhos fazia uma viagem a uma casa de penhores, comprava o instrumento necessário e aprendia a tocá-lo sozinho para a atuação seguinte.

Nos Estados Unidos, nas décadas de 1940 e 1950, Elizabeth foi pioneira em trazer as flautas de bisel para a consciência pública, organizando sessões de flauta em sua casa e dando ocasionalmente apresentações do que era então um instrumento exótico e arcano.

Quando criança, Felicia Eberling seguiu os passos da família da sua mãe. Cantava a várias vozes desde que começou a falar e é autodidata em muitos instrumentos — incluindo a flauta de bisel, que aprendeu no sétimo ano. Aparentemente, herdou esta capacidade de aprender sozinha.

Embora Felicia não se sentisse atraída pela história do Renascimento, sentia-se atraída pela sua música. Ao ouvi-la, disse-me que evocava imagens de igrejas neogóticas cheias de incenso, adornadas com vitrais semelhantes a joias. Atraída pelas tonalidades e intensidades cintilantes de visão e som, parecia flutuar num banho de cores rodopiantes, com uma consciência aguçada de cada nota musical.

Mas esse não é o único tipo de música de que Felicia gostava. Nas suas caminhadas da escola para casa, através de um bairro difícil de Baltimore,

absorvia e movia-se ao ritmo da vibração da percussão africana, da dança do dragão chinês, da música étnica cubana, italiana e até cigana. Em casa, a sua mãe ensinava piano pelo método clássico.

Quando era criança, Felicia encolhia-se debaixo do piano, perto dos pedais, enquanto a mãe praticava durante horas a fio. Entretanto, o seu pai, cuja fala denunciava um toque do sotaque irlandês da sua mãe, era pedreiro de dia e capaz de dançar uma tempestade após o trabalho.

Com tais pais, não era de admirar que Felicia estivesse ansiosa por dançar tudo, desde ballet, sapateado e danças de salão, até salsa, dança irlandesa e dança folclórica internacional. No liceu, Felicia cantou num clube de madrigais. Também se juntou a um colega nadador-salvador para tocar duetos do Barroco Inicial. Mais tarde, numa biblioteca musical, a dupla deparou-se com uma gravação de música de alaúde isabelina. O alaúde tornou-se instantaneamente o instrumento favorito de Felicia.

Enquanto tocava ou ouvia música de alaúde, Felicia vislumbrava a sua casa de sonho com a sua decoração isabelina, janelas de vidro chumbado, marcenaria ornamentada e pátio com uma fonte.

Na faculdade, Felicia diz que se juntou a outra amiga para criar o seu próprio conjunto medieval/renascentista chamado *Vox Ventii*. A voz de contralto de Felicia era perfeita para as peças vocais daquela época, e ela disse que sabia instintivamente que a música dos séculos XIII, XIV e XV era cantada de uma forma clara e sem tremolo. Continua fascinada com a recriação da música tal como teria soado no passado, nos vários ambientes acusticamente carregados onde teria sido executada.

Na altura do nosso encontro, Felicia, vestindo roupas de pesquisa histórica, trabalhava a tempo parcial para o Festival Renascentista de Maryland como "Felicity Flutabec", uma musicista de rua, e também atuava na trupe de dança e música histórica de Markland, *Thrir Venstri Foetr* (Três Pés Esquerdos).

Felicia contou-me que tinha visitado o festival pela primeira vez com um amigo e ficou imediatamente encantada com o ambiente. Felicia fez uma audição no ano seguinte. Criou a personagem de Felicity, que foge da "quinta de ervas da família" para passar o dia na feira a fazer o que adora: tocar a sua *flute-a-bec* (flauta de bisel) sem irmãos chatos, irmãs ou porcos vadios para lidar. A sua personagem básica, Felicity Flutabec, faz agora parte do

repertório de *personas* do festival, disponível para ser usada por outros artistas do festival quando ela não está presente.

Ao interagir com os visitantes, especialmente os muito jovens e os idosos, Felicia explicou que por vezes sentiu como se estivessem a partilhar uma "bolha de fantasia encantada intemporal", com as suaves melodias Tudor e a doçura natural das flautas de madeira como o veículo cativante.

Para além do som da magia dos sopros de madeira, o deleite de Felicia no Festival Renascentista sempre foi improvisar com outros músicos. Os seus olhos encheram-se de lágrimas enquanto falava suavemente daqueles momentos em que escapa do aqui e agora e esquece que os atores estão fantasiados e as cabanas são adereços. Particularmente ao nascer do sol ou ao crepúsculo, o cheiro das fogueiras, a azáfama dos mercadores e ferreiros a montar loja, e vislumbres de trocas amigáveis salpicadas entre as árvores, fazem-na perder o fôlego. Exuberante em relação à música, Felicia vê o Festival Renascentista de Maryland como um "portal para a magia pessoal".

Felicia acabou por se juntar à SCA, que colhe os benefícios do seu talento quando ela toca sopros do final da Idade Média e do Renascimento (flautas de bisel, charamela, cornamusa e *krummbhorn*), cordas (viola de gamba baixo) e instrumentos de percussão (pandeiro e *doumbek*). Organizou conjuntos "de época" para reuniões "medievais", deu vários workshops e organizou a banda de dança renascentista *ad hoc* da SCA, "Demo Fodder". Pelo seu serviço, foi reconhecida pelo Rei e Rainha de Atlântia com o *Award of Arms*.

Na altura do nosso encontro em meados de agosto de 1995, Felicia tinha passado cerca de seis anos com a SCA nas Baronias de Storvik e Ponte Alto, e dez ou mais anos no Festival Renascentista. A ruiva de quarenta e dois anos, redatora técnica de Silver Spring, Maryland, possui um mestrado em literatura francesa e é antiga professora de francês e alemão. Sempre em busca de aventura, Felicia disse-me que procura subsídios e bolsas para estudar línguas estrangeiras.

Estas levaram-na à Universidade Laval no Quebeque, ao Instituto Goethe na Alemanha e a um projeto de escrita independente em Paris. Enquanto esteve na Alemanha, ficou encantada com a arquitetura medieval resistente e as ruas velhas e estreitas das aldeias. Felicia disse-me que se sentia mais em casa lá do que em Maryland. Onde quer que viaje, Felicia disse que leva a sua flauta de bisel e acaba por se conectar com outros músicos.

A paixão de Felicia transborda para a costura, leitura, escrita e canoagem; e desde computadores e culinária até ao interesse pelo tarot e cabala. Quando discutimos a sua vida espiritual, Felicia disse-me que, através da meditação, aprendeu recetividade, foco e como quebrar as suas barreiras internas e externas. Acredita que isto levou ao seu crescimento como musicista. "Parece que saltam faíscas quando toco bem ou alcanço um visitante, e especialmente quando me junto a outros e atingimos aquela boa vibração," assegurou-me.

Ao longo dos anos, Felicia gastou milhares de dólares em instrumentos musicais, partituras, livros e tecidos para os seus trajes. Sente-se mais graciosa nas suas saias de armação do que no vestuário do século XX, notando que altera a sua linguagem corporal e dá passos mais pequenos.

Perguntei a sua opinião sobre a possibilidade de ter reencarnado, talvez da era renascentista. Ela respondeu que não estava convencida da reencarnação, embora estivesse convencida da continuidade das almas. Disse que também acredita em diferentes dimensões temporais. De facto, relatou que, numa ocasião, pouco antes de uma tempestade elétrica, viu a breve aparição de um homem vestido com trajes renascentistas. Ele parecia estar num estúdio, a ler e a escrever, e também ficou sobressaltado com a intrusão dela. "Pareceu tão real," confessou ela.

Outra vez, novamente antes de uma tempestade, Felicia passeava por casas senhoriais com um século de existência que davam para Mount Royal Terrace, que outrora foi uma propriedade suntuosa e parque em Baltimore. Ficou perturbada quando um homem atraente, aparentemente desorientado, "apareceu do nada" e passou apressado por ela no caminho do passeio ali perto. Tinha cabelo de cor castanha e usava patilhas à *mutton-chop*. O seu casaco cinzento era cintado e as suas calças apertadas faziam-na lembrar calças de estribo. Num instante, ele desapareceu.

Quando estávamos prontos para começar, bani o meu gato inquisitivo, Finnegan, e iniciámos a experiência de regressão. "Vejo uma sala que tem painéis de madeira e couro preto nas cadeiras," disse-me ela. "Estou a olhar para mim própria. Tenho um vestido bonito. É um traje Tudor com muito veludo escuro, enquanto a parte interior é de damasco."

Parecia confusa e questionou se a pessoa, que não se parecia com a Felicia do século XX, era "ela" ou outra pessoa. Num momento, pareceu satisfeita por ser ela. "Estou a usar um toucado. Tenho cabelo castanho, uma tez bonita e estou entre o final da adolescência e os vinte e cinco anos. Estou

no jardim, focada na sensação de usar as roupas. O meu cabelo está apanhado. É estranho... Faço-me lembrar a Paula Peterka!" (Felicia conhecia a Paula do Festival Renascentista de Maryland. Paula é o sujeito apresentado no próximo capítulo.)

Descreveu-me o que a rodeava. "Há uma lareira alta que vai dar a uma chaminé rodeada de pilares. Vejo cadeiras de sala de jantar e uma grande mesa retangular de madeira de carvalho. Os arcos são abobadados.

"Sobreposto a uma lareira está um baixo-relevo de um cisne a nadar. A margem do lago está no canto superior esquerdo. Tenho uma mão nas costas da cadeira. Estou de costas para a lareira e a olhar para a mesa."

Nervosamente, Felicia revelou que o seu braço não parecia ligado e que não conseguia sentir a mão. Mexeu o dedo para ter a certeza de que ainda lá estava e depois voltou à sua descrição.

"À direita está o parapeito de uma janela e uma parede branca. A janela, rodeada por painéis, abre-se como uma porta e há hera do outro lado. O vidro não é transparente, por isso não consigo ver muito bem através dele. Os vidros da janela têm forma de diamante. Um gato está deitado no parapeito da janela, de barriga para baixo. É um padrão malhado amoroso com branco no queixo, peito, barriga, orelhas e botinhas pretas e cinzentas. A cauda está enrolada.

"Para além das janelas há um átrio com uma fonte. Há uma parede, pilares com arcos, ervas e flores. O sol vem de todo o lado. Portas enormes abrem-se para esta colunata do jardim. Isto deve ser um *palazzo*."

Percebendo que tem estado a descrever uma casa de campo, talvez na Itália renascentista, fez uma pausa para questionar se os átrios eram populares na altura. Também me disse que as roupas pareciam renascentistas italianas quando se movia nelas.

"Está muito calor. O jardim tem arbustos com folhas verdes mas não tem rosas. A fonte de granito é simples, com uma base redonda em camadas. A água acumula-se num tanque quadrado de peixes dourados e cai em cascata através de três taças em camadas.

"Os ladrilhos do jardim são pretos, cinzentos e brancos com um desenho cuidado. O chão na passagem está coberto com tijolos de terracota, com peças de azulejo vidrado azul e verde brilhante num bonito padrão de pirâmide. Além disso, há azulejos vermelhos e amarelos que são alegres e brilhantes.

Em contraste com o pátio mais recente, a passagem é mais antiga e não está decorada."

"Talvez a passagem corra entre a casa principal e os estábulos ou a cozinha, à direita da lareira. Há outra propriedade à direita. Esta deve ser uma casa mais antiga que foi ampliada. Ainda tem um átrio romano original. As ombreiras das portas têm um trabalho de marcenaria requintado do Renascimento, enquanto as janelas da passagem parecem Tudor ou do final da Idade Média."

Felicia via-se agora a si própria, aos trinta anos, no jardim, com um traje isabelino.

"Estou a usar um conjunto de brocado amarelo. Há um rufo à volta do meu pescoço, uma peça que desce pelas costas, mangas isabelinas e um espartilho pontiagudo. Pérolas simples estão cosidas no corpete e nas mangas. Tenho uma tiara de pérolas e o meu cabelo está apanhado. É da mesma cor. O corpete parece reto com uma saia de armação estreita que é simples demais para ser totalmente isabelina. Poderia ser um vestido italiano ou espanhol. É confortável. Talvez esteja a usar um espartilho que assenta bem," perguntou-se em voz alta.

"Não sou gorda nem magra, e tenho uma tez clara. Já passei o frescor da primeira juventude, já não sou uma rapariga jovem. Sou a senhora da casa; a adulta responsável. Esta é a minha casa e gosto de estar aqui.

"Agora, estou na sala de jantar. Um armário na parede guarda atoalhados na parte de baixo, pratos e vidro pesado na parte de cima. Os pratos grandes estão no aparador. É um ambiente acolhedor. Há um cão de caça preto, elegante e bem-educado, junto à lareira.

"Um homem numa cadeira está de costas para a lareira," continuou ela. "Ele veste roupas claras de estilo Tudor ou isabelino. As calças são fofas e largas com as meias cortadas nas coxas. A sua camisa é branca. Na camada exterior, há uma peça forrada a pele que cai pelas costas. Não combina. Ele tem um gibão castanho claro, uma capa curta e sapatos claros e confortáveis para andar pela casa.

"O seu pequeno chapéu redondo de estilo Tudor tem um alfinete e uma pluma branca. É muito estranho. Ele tem cabelo preto escuro com reflexos castanhos, sobrancelhas bem definidas, olhos animados, pretos, de traço franco-italiano, pele clara e ossos finamente esculpidos. É um pouco do tipo devasso, não muito em forma. Talvez seja do norte de Itália.

"Ele tem mais ou menos a minha idade, entre os vinte e os trinta anos. Somos baixa nobreza; abastados, mas não ostensivamente ricos. Há criados."

O humor de Felicia mudou da paz para a agitação. "Fui para o átrio para me recompor. Há algum tipo de mudança de vida importante. Poderá envolver perder tudo...? Há algum problema com este homem. Não sinto uma ligação próxima. Olho para ele e pergunto-me em que estado de espírito está. Estou a tentar encontrar alguma forma de estar confortável com ele. Será um afastamento?", pergunta-se a si própria.

"Não estamos em sintonia," continuou ela. "Há algo importante para ele em casa que é radicalmente diferente para mim e para a minha segurança, algo que afeta outros. O nosso poderia ser um acordo de negócios. Ele não é repulsivo, mas não há faísca. Sou eu que comando definitivamente a casa.

"Uma rapariga com um vestido verde-floresta vive aqui. Ela faz parte do estabelecimento. Será que pertence aqui? Talvez seja parente dele, não minha. Está a caminho de algum lugar. Está prestes a entrar na cozinha.

"Ela parece italiana ou espanhola, com um rosto oval e cabelo preto. A sua personalidade é definida, não é suave. Isto poderia ser um dote de casamento e ela está prestes a sair de casa. Está dividida. Talvez tenha de deixar o país."

Perguntei-me se a outra mulher poderia ter sido a fonte da sua ansiedade. Felicia indicou que sentia medo e pânico ao pensar em aprofundar questões relacionadas com a mulher de cabelo escuro. Movi-a para a frente no tempo para obter alguma perspetiva sobre o assunto. Ela foi para o último dia da sua vida.

"Sou de meia-idade avançada e estou na cama. Está frio, mas estou bem. Ele morreu e eu estou pronta para partir. Os anjos estão a chegar. Está um dia brilhante e ensolarado. Não me preocupo com a dor. Há outras coisas em que me concentrar."

Antes de ela fazer a passagem, perguntei-lhe o que tinha acontecido com a outra mulher. "Houve um entendimento com ela. Foi bom ela ter ido porque talvez ele estivesse interessado nela. As coisas melhoraram com o meu marido depois disso. Houve bons sentimentos e algum afeto entre nós. Foi uma parceria confortável. Embora não tenha havido filhos, a casa estava bem porque havia outros parentes para assumir o lugar."

Escavando por mais detalhes, perguntei-lhe como é que o casal sem filhos passava o tempo. Ela gravitou para uma atividade que ambos partilhavam.

"Ambos gostávamos de dançar. Como parceiro de dança, ele era um prazer, não era nenhum molengão. Havia uma faísca quando dançávamos. Ele tocava flauta e a *treble gamba*, um instrumento de cordas, de ouvido e saía-se razoavelmente bem por diversão. A música era terapêutica para ele. Eu também gostava de o ouvir tocar. Ele era um sonhador e passava muito tempo na biblioteca debruçado sobre tomos cheios de filosofia e metafísica.

"Ele sabe ler latim," continuou ela. "Teve uma educação medieval ou renascentista. Escreve poemas. Eu oiço por cortesia, não por interesse. Não me importa.

"Ele tem jeito para a diplomacia. Temos uma propriedade agradável e ele é um bom gestor de terras. Ele circula pessoalmente, por isso os seus camponeses conhecem-no de vista. Isso é invulgar em Itália. Olham para ele como um deus.

"Lido bem com os filhos dos outros. Eles falam comigo," continuou ela. "Trato da gestão diária da casa," falou com orgulho. "Tenho espírito empresarial e jeito para os negócios, mais do que para a diversão. Sou pragmática. Mantenho a casa a funcionar e os atoalhados trocados. Consigo ler razoavelmente por razões práticas, mas não de forma académica. Sou como um administrador, uma pessoa com autonomia. Não escrevo, mas faço a contabilidade.

"O nosso casamento foi como um acordo de negócios. Somos como companheiros de casa. Não estávamos apaixonados, mas havia algum afeto."

Nos seus momentos mais relaxados, Felicia disse-me que tinha jardinado e caminhado. Agora, perguntei-lhe o papel que a religião desempenhava nas suas vidas.

"Somos católicos, mas não terrivelmente sérios. É uma parte integrada da nossa rotina diária, como apertar os atacadores de um espartilho. Fazemo-lo sem pensar; como lavar os dentes. Temos missa na nossa pequena capela, e o capelão visita-nos. Embora sejamos aristocratas, somos baixa nobreza e não temos o nosso próprio capelão ou músico residente."

Curioso sobre a sua visão da política, incitei-a. "Preocupo-me com a Espanha e a França," respondeu ela. "Há sempre intriga. A nossa lealdade é

para com o Duque de Ferrara. O que quer que o duque faça, nós apoiamo-lo. O meu marido, Frederico, envolve-se em política e em empreendimentos académicos. O meu nome é Bianca."

Estes foram os últimos detalhes que Bianca recordou daquela vida terrena. Mas havia mais, e era de natureza não terrena.

"Está nublado e sombrio," disse Felicia inesperadamente. "É o mesmo lugar, mas parece que está deserto. É 100 anos mais tarde. Ou as plantas morreram ou é outono. Não há atividade; ninguém vive aqui. Talvez a família tenha perdido pessoas por infortúnio ou guerra. Talvez alguém nunca tenha voltado. A casa desapareceu. As nossas coisas desapareceram — pratos, louça, o grande castiçal que ficava no chão e segurava várias velas grandes. Não há água na fonte. A propriedade está em ruínas.

"Vejo uma pintura a preto e branco do caseiro barbeado, com nariz de falcão, olhos azuis e cabelo branco." O que Felicia disse a seguir deixou-me atónito. "Sinto-me como um fantasma a vaguear por este lugar." Teria o eu fantasmagórico de Bianca regressado para visitar a casa agora abandonada?

Quando movi Felicia para outra vida, ela voltou a parecer encontrar-se na mesma casa que tinha sofrido grandes renovações. Poderia ela ter sido atraída de volta para um lar, tal como outros são atraídos de volta para pessoas ou circunstâncias?

Agora, o seu estilo era o rococó do século XVIII e ostentava um grande átrio de entrada, chão de mármore branco, portas de vidro, tetos mais altos e uma escadaria graciosa com corrimão.

Desta vez, contudo, Felicia era um homem da classe ociosa, no início dos seus vinte anos. Um dândi vestido com uma peruca empoada, casaco azul-claro, meias brancas, tricórnio e usando uma marca de beleza; ele mostrava desprezo por si próprio e pelo seu estilo de vida opulento depois de ter falhado em seguir a sua inclinação pessoal de ir à aventura, comprando uma patente no exército. Sentindo-se preso pelo dever para com a família e a sede familiar, seguiu um caminho destrutivo. Embriagado e cheio de raiva, correu impetuosamente para os lagos de recreio e sofreu uma queda fatal.

Após regressar à consciência desperta, Felicia disse que a experiência de regressão lhe permitiu ver outro aspeto de si mesma, em vez de um evento externo que a pudesse ter afetado. Considerou o episódio de regressão como uma realidade, em contraste com a recriação histórica ou eventos de história viva.

Felicia ficou surpreendida ao saber que o Ducado de Ferrara era um ducado italiano que se tornou parte dos Estados Pontifícios em 1598. Durante cinco séculos antes disso, muitos dos duques de Ferrara tinham vindo da família Este.

Nenhum dos meus especialistas, incluindo um professor universitário de história italiana da Idade Moderna, encontrou nada historicamente fora de lugar no relato de Felicia sobre a vida quotidiana, vestuário e música no norte da Itália renascentista.

Todos concordaram que os painéis e o mobiliário — incluindo a chaminé, o vidro das janelas e o veludo — sugeriam uma pessoa rica com uma casa renascentista dispendiosa. Consideraram o estilo distintivo da planta da casa, com um pátio interior, reminiscente da arquitetura em redor da Florença e Veneza renascentistas. Os frescos eram comuns, tal como as colunatas em pátios centrais, cozinhas num edifício separado e a reconstrução de antigos sítios romanos.

Também concordaram com a autenticidade do vestuário, incluindo as calças largas de Frederico e o pequeno chapéu de coco isabelino. O vestido de Bianca numa cena posterior poderia ter sido um *farthingale* (verdugado) de estilo espanhol, que foi usado até cerca de 1590.

Tanto Frederico como Bianca eram nomes renascentistas plausíveis. O uso da palavra "*noodle*" por Bianca era um epíteto afetuoso para um tolo. Também era apropriado que Bianca fosse razoavelmente bem-educada, gerasse a casa e fizesse a contabilidade. Houve muitas mulheres de negócios pragmáticas na época que acumularam fortunas para as suas famílias através do seu julgamento astuto.

Para Felicia, a sua "casa de sonho" de infância, inspirada pela música, assumiu agora uma nova interpretação. Teria Felicia recordado a casa italiana que Bianca gerira? Ou seria a casa de Bianca meramente uma extensão imaginária da casa de sonho que Felicia tinha vislumbrado em criança?

12 - Paula

"Here below all is incomprehensible ... " —

Martinho Lutero, 1483-1546

Paula Peterka e o seu marido Larry passaram parte da sua lua de mel na *Renaissance Faire* de Long Beach, Califórnia. O par tinha-se conhecido três anos antes numa conferência em Fresno, na preparação para um festival no centro da Califórnia, no qual Larry retratava o Capitão da Guarda de Henrique VIII. Ambos tinham trabalhado em vários festivais renascentistas no estado sem nunca se terem encontrado antes.

Vários anos mais tarde, Paula interpretou a princesa alemã, Ana de Cleves, a quarta esposa de Henrique VIII, no Festival Renascentista de Maryland de 1994. Paula diz que considera Ana de Cleves como tendo tido a melhor vida das seis esposas de Henrique.

As primeiras impressões que Henrique e Ana tiveram um do outro foram desfavoráveis. Ana era alta e magra, enquanto Henrique preferia mulheres voluptuosas; Henrique era mais velho do que no retrato que ela tinha visto; Ana estava enjoada quando se conheceram; e as diferenças culturais e educacionais entre eles eram enormes. O casamento, por conseguinte, nunca foi consumado.

Ao contrário de Catarina de Aragão, a primeira mulher de Henrique, cuja intransigência prolongou o divórcio real do rei por dez anos, Ana concordou com a anulação após apenas seis meses de casamento. A sua obediência valeu-lhe o afeto duradouro de Henrique. Ele rebatizou a sua ex-mulher como "a Irmã do Rei" e deu-lhe 5.000 libras por ano e vastas propriedades, muitas das quais tinham sido confiscadas a Thomas Cromwell, que foi executado pelo seu papel na organização do casamento.

Quando nos encontrámos em meados de agosto de 1995, Paula estava a preparar-se para o seu segundo ano a retratar a Princesa Ana. Tinha passado

três temporadas de festivais renascentistas em Maryland e, antes disso, quatro anos na Califórnia, servindo na Corte de Henrique VIII e como Mestra de Protocolo.

Mas a jovem de vinte e nove anos nem sempre tinha interpretado a realeza nos festivais. Enquanto estava na Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA), a sua colega de quarto sugeriu que Paula aceitasse um emprego numa banca de flores na feira em Agoura. Na sua banca, Paula vestia-se como uma camponesa inglesa e conseguia observar uma tropa de recriadores militares alemães a praticar e a atuar. Eles intrigaram-na e ela juntou-se a eles para praticar o seu alemão.

Como participante oficial num festival renascentista na Califórnia, Paula recebia uma ajuda de custo em senhas de comida e usava os seus próprios trajes. Anos mais tarde, no Festival Renascentista de Maryland, Paula foi reembolsada em duzentos dólares pela confeção do seu próprio vestido para Ana de Cleves. Também recebia um pequeno salário.

Paula partilhou comigo a sua observação de que, em geral, os trabalhadores dos festivais renascentistas na Costa Oeste são compostos largamente por entusiastas do Renascimento, enquanto em Maryland muitos são atores profissionais.

Para além de trabalhar em vários festivais renascentistas durante quase dez anos, Paula e Larry têm sido uma parte vital de uma tropa alemã de história viva do século XVI, os *Landsknechts* ou "servos da terra". Paula e Larry foram atraídos pelas tropas mercenárias alemãs do Renascimento antes de se conhecerem. Em 1991, o par mudou-se para Alexandria, Virgínia, deixando a sua tropa para trás. Três anos depois, tinham recrutado soldados para iniciar a sua própria unidade local, *Das TeufelsAlpdriicken Fahnlein* (o Regimento do Pesadelo do Diabo).

O nome veio de um antigo ditado francês que se traduz como: "o *landsquenet* expulso do Paraíso não consegue entrar no inferno, pois faria o Diabo ter medo."

Estas tropas de soldados de infantaria alemães foram originalmente estabelecidas por Maximiliano I para resgatar Maria da Borgonha, a mulher com quem ele planeava casar, e fortalecer as suas propriedades nos Países Baixos. Ele posicionou unidades de 500 homens ombro a ombro com lanças de cinco metros e descobriu que podiam quebrar a carga de uma cavalaria. Este foi o início da infantaria moderna.

Paula explicou-me que a nova infantaria nunca teve falta de recrutas. Uma vantagem em tornar-se um *Landsknecht* era que em cinco anos ou menos, se sobrevivesse, um soldado poderia reformar-se como um homem rico. O escalão salarial mais baixo era de quatro marcos de ouro ou florins por mês — um salário considerável naqueles dias.

Em todas as épocas, o vestuário tem sido uma forma de identificar os superiores sociais. Na altura dos *Landsknechts*, os mercadores ricos tinham começado a vestir-se melhor do que os nobres e foram criadas leis sumptuárias para reforçar a hierarquia social. Estas leis ditavam o uso de designs de vestuário, tecidos e cores — tais como "tecido de ouro" e "tecido de púrpura" — por categoria.

Devido ao seu papel importante na sociedade, os soldados receberam imunidade às leis sumptuárias e aos *Landsknechts*, cujo amor por vestuário vistoso se tornou lendário, foi dada licença para usar seda, veludo, renda e designs de vestuário da sua preferência que tomavam a forma de calças de balão e mangas de cores vivas, com cortes revelando tonalidades opostas por baixo. As correntes de ouro e joias dos soldados eram um meio de riqueza portátil e, se necessário, podiam ser usadas para pagar o seu próprio resgate.

As suas esposas, também absolvidas das leis sumptuárias, vestiam-se de forma tão luxuosa como eles enquanto seguiam os seus maridos para a batalha, para cozinhar, coser e cuidar dos seus ferimentos como forma de manter a unidade familiar. Cada homem podia trazer apenas uma mulher consigo. Esta regra era imposta tanto pela estrutura organizacional militar como pelas próprias esposas. Qualquer mulher que fosse percebida como uma ameaça seria espancada, teria o cabelo cortado, seria expulsa do acampamento ou morta pelas esposas.

"Estas mulheres eram pragmáticas, práticas e viviam continuamente em modo de sobrevivência," disse-me Paula. "Olhavam a morte de frente regularmente." Durante a batalha, seguiam atrás dos seus homens, cortando as gargantas dos inimigos feridos, recolhendo armas descartadas e vasculhando os pertences nos corpos dos mortos.

"Mas elas conseguiam viajar," continuou ela. "Conseguiam viver acima da sua posição social e escapar ao tédio de estar atrás de um arado todos os dias."

A *persona Landsknecht* de Paula, *Anjabeth Bléde*, é uma esposa bávara de acampamento com competências que incluem fazer cerveja e queijo a

partir de natas gordas, fiar lã, bordar, cantar e tocar canções de época numa flauta de bisel e num saltério. Como "*Hauptfrau*" ou "chefe das seguidoras de acampamento", foi eleita para estar encarregue de todos os não combatentes. Como *Hauptfrau*, mantém a tenda do casal em ordem, cozinha guisados e papas, e assa carnes em lume brando. Também gere os aspetos burocráticos do acampamento, dirige a preparação de todas as refeições e assegura a autenticidade nos eventos. Raramente sai da personagem e conversa com um forte sotaque alemão.

Entre a gestão da unidade de *Landsknecht* e a participação anual do casal nos Festivais Renascentistas de Maryland, Paula diz que os Peterka têm menos de quinze fins de semana livres por ano. Paula admitiu que o casal gastou quase todos os momentos em que estão acordados, e 15.000 dólares ou mais, na sua vocação de uma década. No entanto, Paula disse-me que acha que o dinheiro e o esforço valeram a pena. Além de prosperar na interdependência tribal e no apoio mútuo entre os membros do grupo, ela gosta genuinamente de informar o público.

"Talvez se as pessoas entendessem a história, compreenderiam a condição humana, que não mudou muito", disse ela com seriedade. "Gosto de fazer as pessoas pensarem, de apreciarem 'o agora'. Para sobrevivermos no futuro, devemos compreender o presente; para criar um presente mais saudável, devemos saber o que aconteceu antes. Gosto de fazer a história ganhar vida para os outros."

Paula, que acredita na resolução de conflitos através de meios pacíficos sempre que possível, espera que, através do retrato gráfico da guerra e da brutalidade da era renascentista, a mensagem seja clara — a guerra significa que as pessoas morrem. Embora acredite na guerra como último recurso, ela não acredita na glorificação da guerra ou da violência. "Talvez quando as nossas melhores virtudes de honra, valor e coragem não estiverem ligadas à guerra, possamos livrar-nos dela", fundamentou.

A nossa conversa voltou-se para os seus pensamentos sobre a vida após a morte. Paula contou-me que foi criada por pais que eram um Batista do Sul tradicional e uma Metodista. Considerando-se cristã, disse que, no entanto, pensava que poderia ser mais justo e positivo permitir que uma alma regressasse novamente para "aprender as suas lições corretamente". Ela mantinha o ponto de vista de que "tudo é possível" e que ser fechado de mente era um "sinal de arrogância".

A mulher alegre, vibrante e terra-a-terra que, quando jovem, adorava contos de castelos, quisera ser Robin Hood ou Little John, e atuava desde os três anos, estava agora pronta para tentar uma nova aventura. Como historiadora viva, durante eventos com um elevado nível de autenticidade, recebera ocasionalmente vislumbres do passado enquanto perdia momentaneamente a sua identidade do século XX. Mas o que estava prestes a experienciar na hipnose de vidas passadas era inteiramente diferente.

Depois de Paula atingir o estado hipnótico, disse-me que via um céu de inverno, agulheiros altos e campos planos. Havia um homem barbudo a olhar para ela enquanto o seu corpo pesado e sem vida era arrastado para uma carroça e levado dali.

No momento seguinte, Paula tornou-se uma menina de seis anos que usava um avental. Ela riu-se enquanto observava o desenho floral no teto da igreja, o tecido a esvoaçar contra as paredes e a escultura de uma criatura estranha com uma boca grande. Admirou o vestido de veludo preto de uma paroquiana rica que a advertiu para não ficar a olhar nem a demorar-se. A vida da menina teve um fim triste após olhar para o rosto rosnante de um cão e ouvir a gargalhada de um homem.

Após duas mortes assustadoras, ela passou para o que parecia ser uma vida mais agradável.

"Vejo um caminho de tijolos", disse-me ela agora, "arbustos verdes, arcos num passadiço. É um jardim. Lá dentro, há uma grande sala branca com janelas altas e arredondadas. É um lugar acolhedor com detalhes sobre uma lareira grande. Há arcos ogivais de um lado e uma varanda à direita.

"Estou no salão. Estou a girar e a divertir-me demasiado para estar a trabalhar", disse ela alegremente. "Há pessoas por todo o lado. É uma festa. Temos todos cerca de catorze ou dezasseis [anos].

"Agora, estamos a jogar um jogo e não consigo ver ninguém. Estou de olhos vendados." Ela riu-se. "Eles fazem-nos cócegas e, antes de os agarrarmos, já desapareceram. Estou a bater com os pés. Sei que eles estão ali. Estendo a mão. Alguém me agarra pela mão. Não o vou largar. Toda a gente se ri.

"Tom, seu tonto!", disse ela de repente. "Estou chateada. O meu *French hood* de ouro com pérolas caiu. Estou a usar um vestido dourado de corte justo, na moda, que se abre em baixo e tem mangas grandes de pele penduradas. A Mary diz que tenho de dar um beijo ao Tom antes de recuperar

o meu chapéu. Eu gosto dele, mas não quero que ele saiba. Agarro o meu chapéu e saio disparada. Uma rapariga segue-me e diz que ele é muito atraente. Eu digo que não me importo, mas sei que devia agir de forma mais adulta. Há um corredor longo com pinturas e figuras com armaduras.

"Estou a tentar encontrar um lugar para endireitar o chapéu", continuou ela. "A rapariga agarra-me as duas mãos e pergunta-me com seriedade: 'Por favor, diz-me que virás'. Ela tem um rosto arredondado, olhos bonitos, farrapos de cabelo, e é doce. Agora, estamos as duas a rir. Estou a tentar pôr o chapéu direito. Pergunto-me onde estará a minha mãe. Ela consegue sempre pô-lo direito.

"Agora, estamos a meio do corredor no grande salão e ela olha timidamente para trás para mim. Um dos rapazes está no átrio da frente. Fazendo uma vénia profunda, ele diz: 'Senhoras, sentimos tanto a vossa falta'. Ela caminha para a frente, torce-lhe o nariz, e passamos por ele de braço dado. Quem me dera ter algo para lhe atirar."

Parece que a festa está agora a terminar. "É tarde. Estão a limpar tudo. Os músicos já se foram embora. Estavam lá em cima na varanda. Só restamos nós e os criados que estão a limpar.

"A minha amiga bonita está a usar um vestido vermelho semelhante ao meu. A Mary está de branco e dourado. A Nan está de azul. Gostamos da Nan. Devemos voltar, senão uma *dowager* de cara ranzinza vai tratar de nós", disse Paula apressadamente.

"Fizemos as nossas despedidas. Os pobres rapazes pareciam tão desanimados. É correto que pareçam assim quando partimos, embora provavelmente não seja sincero.

"É uma festa de Noite de Reis. Prolongam-se por semanas, desde antes do Natal até depois da Epifania. É tão bom aqui em Londres. Quem me dera poder ficar aqui", disse ela com nostalgia. "A casa é longe daqui, para o nordeste, no campo. Não me deixam vir para aqui sozinha. Isto é tão divertido. Só quero dançar, ficar acordada até tarde, divertir-me."

Terminadas as festividades, a jovem regressou ao campo, onde a vida não tinha emoção. "Em casa, sento-me e olho pela janela. Há terra limpa à volta da casa. A Mamã quer um jardim formal, mas provavelmente não o terá.

"Oiço o mestre a falar interminavelmente sobre as coisas mais aborrecidas. Eu e a minha irmã ficamos no andar de cima para as lições.

Depois fazemos bordados com a mãe. Isso é divertido. Bordamos *Spanish work* em camisas.

"O Pai sai muito", continuou ela. "É bom quando ele chega a casa, entrando ruidosamente pela sala da frente. Ele tem uma grande voz estrondosa. O Papá é maravilhoso. Ele costumava pegar em nós ao colo quando éramos novas", recordou.

"A nossa casa tem painéis de madeira escura por dentro. É suave ao toque. É agradável e quente, com janelas altas, um tapete sobre o chão de madeira e um par de cadeiras arredondadas. Os livros estão ali à esquerda. As janelas têm um efeito ponteado; são gradeadas. Gosto desta sala. O Pai passa aqui muito tempo. Ele é o homem mais rico da zona." O seu humor mudou. "Ele faz-nos rir", disse ela com uma gargalhada.

"A minha irmã Catherine é dois anos mais nova e mais esperta, mas não tão bonita como eu. Ela entende sempre as lições do Mestre Hawkins. Eu sei ler, mas as Matinas (orações matinais) são muito difíceis. Ninguém as vê a não ser o padre, por isso não preciso delas. O Mestre Hawkins tem cabelo escuro e um nariz torto, como um pássaro. Preferia estar lá fora a escrever ou a brincar do que a ouvi-lo falar interminavelmente.

"A Clara, a Sarah e a Sally são as criadas", continuou ela. "A Sally cuida da Cat e de mim. A Mamã tem damas a cuidar dela e um criado para cozinhar. Tratam-na por '*Madam*' e ao pai por '*Sir*'." A jovem continuou a descrever a sua casa e estilo de vida.

"A Cat e eu partilhamos uma cama com uma plataforma e uma bonita escultura em madeira pendurada nela. Se nos levantarmos cedo antes de a Sarah lá estar, escovamos o cabelo uma à outra. Todos os dias descemos e vamos à capela para as orações, embora eu preferisse muito mais dormir.

"Às vezes estou com a Mamã, outras vezes com o professor de música, ou o Papá leva-nos a passear a cavalo. A nossa refeição do meio-dia é o jantar. Num dia normal é agradável, mas quando vêm convidados, é grandioso.

"Depois, ouvimos o Sr. Nariz-de-Falcão", disse ela com um tom aborrecido. "Ele fala sobre latim e Erasmus (ele está impressionado com o Sr. Erasmus). Há a França, a Itália (nunca percebo bem), o continente, o império. Depois tenho tempo com a Sarah ou com a Mamã, e vou dar um passeio. Às vezes, escapo-me para ir brincar com os cães."

De seguida, Paula abordou o papel da religião na sua vida. “Rezamos a toda a hora. Há orações de manhã, ao meio-dia e à noite. Pensar-se-ia que Deus se cansaria disso”, escarneceu ela. “Há banquetes e depois jejuns sem leite, ovos, carne e nada mais do que peixe. Os dias de jejum da Quaresma são os mais longos. Dia após dia, comemos enguia fumada, arinca, nada mais do que peixe.”

Perguntei-lhe qual era a sua religião. “Que tipo de pergunta é essa?”, respondeu indignada. “A Mamã diz que as pessoas tentam criar problemas com a religião e Deus. Não temos nada disso agora.”

“Quem é o rei?”, perguntei.

“Chamamos-lhe ‘Majestade’”, riu-se ela. “Ele estava na festa. A Cat teve de ficar em casa. Espera até eu lhe contar. Ele tem uma voz como a do Papá. É atraente e demasiado grandioso para eu falar dele. Ele participa em justas; é atlético. Estão orgulhosos dele. Ele é Henrique VIII Tudor e chamamos-lhe ‘Meu gracioso Senhor’.” Ela sorriu.

“A sua esposa, a Rainha Catarina, é de Espanha. Ela tornou o *Spanish work* [bordado] popular. Toda a gente gosta deles. Como ele é bom e corajoso, e como ela é bondosa. Eu não sou importante o suficiente para estar nesse tipo de companhia.” Agora recordava a festa. “A minha avó estava lá na festa. Talvez me tenham enviado para ficar com ela para a Noite de Reis...?”

Sugeri então que recordasse outra cena significativa. “Um pajem trouxe-me uma mensagem. Não quero falar sobre isso”, disse alarmada. “Alguém morreu. É o John, o meu marido. Tenho um pergaminho nas mãos. Estou muito infeliz e estou a caminhar de um lado para o outro na sala”, estava visivelmente perturbada.

“Tenho vinte e seis anos. Esta é a minha casa. Estou aqui há seis anos. Não devo ficar perturbada à frente dos criados. Estou com muita raiva dele por ter morrido.” Agora, batia com os dedos ansiosamente. “O criado não sai daqui. Maldito seja. Está tanto calor aqui dentro. Quero sair daqui, andar a cavalo, fazer alguma coisa.

“Estou a atravessar o átrio da frente a chamar o James para me trazer um cavalo. Os meus empregados não me deixam ir. Têm medo que eu me magoe se ficar sozinha. Quero sair daqui. Não posso lamentar-me à frente dos criados, como uma camponesa. O James é educado, mas está a meter-se no meu caminho. Terei de lhe bater para o fazer sair do meu caminho.”

Nisto, começou a chorar. “Não entendo. Ninguém entende. Ele era o único que me entendia”, disse tristemente. “Amassei a nota e atirei-a para o chão.

“Tenho filhos. Mary, Henry e a pequena Catherine. O que lhes vou dizer?”, chorou.

Deixando o momento trágico para trás, avançámos seis anos.

“As cortinas estão fechadas. Consegui ficar com a casa. As crianças estão bem. A Mary tem quinze anos e é agora uma bela jovem mulher. É alta e vai ser muito bonita. O Henry é tal e qual o pai. A pequena Catherine tem sete anos.

“Casei-me outra vez”, disse ela. “Ele é bom para mim e para as crianças. Suponho que estamos confortáveis juntos.” Esfregou o estômago. “Vai passar. Sinto-me diferente. Nunca tinha sentido uma dor assim antes”, fez uma careta. “O pequeno Thomas tem uma quinzena [duas semanas de vida]. Se eu conseguir amar o bebé, posso aprender a amar o Thomas. Ele é o camareiro do duque. Ele tem entrado e saído do meu quarto, mas mantiveram as crianças afastadas.

“Dói tudo. Tenho dores no estômago.” O seu rosto ficou contorcido. “Está abafado, sufocante. Estou sentada, a puxar os lençóis e as cortinas da cama.” Estava agora a torcer as mãos. “Chamam o médico. O Thomas está perturbado. Estou a arranhar os lençóis e as cortinas. Há tanto sangue por todo o lado... Tenho de ficar aqui?”

“Não”, disse-lhe eu. “Vai para a luz.” Ali, encontrou a paz sem dor.

Ao regressar à plena consciência desperta, Paula era de opinião que esta tinha sido uma existência inglesa comum de classe média-alta ou de pequena nobreza confortável, embora não de alta nobreza. Mas muito lhe pareceu estranho — por exemplo, viu mobiliário que era diferente de tudo o que alguma vez vira.

Acima de tudo, confessou, ficou intrigada com a atitude da rapariga, que era inteiramente diferente da sua. A jovem mulher isabelina preocupava-se com o aspeto e com festas, e não se importava com a aprendizagem. Especulou que a jovem de dezasseis anos tinha sido enviada para as celebrações em Londres para que pudesse tentar entrar na corte.

Recordando a sua reação à morte do marido, Paula afirmou que se sentira presa, frustrada e devastada, mas que não podia deixar-se sofrer à

frente dos criados. “Eles sabiam que eu me mataria”, disse-me ela. Também se lembrou de pensamentos tortuosos sobre como diria às crianças sobre a morte do pai.

Após um casamento amoroso com John, ficou surpreendida por o seu casamento seguinte ter sido de conveniência. Disse-me que acreditava que o duque, do qual o seu marido era camareiro, poderia ter sido Norfolk ou Suffolk.

Durante o reinado de Catarina de Aragão (1509-1533), tanto Thomas Howard, Segundo Duque de Norfolk, como o seu filho, Thomas Howard, Terceiro Duque de Norfolk, detiveram o título.[2] Charles Brandon foi Duque de Suffolk durante a totalidade do reinado de Henrique VIII.[3]

Os meus especialistas explicaram que homens de estatuto, como a pequena nobreza rural, ou membros da classe profissional, como advogados ou mercadores ricos, detinham frequentemente cargos como camareiro de reis, duques e outra nobreza, gerindo os seus assuntos pessoais e financeiros.

As descrições de Paula sobre o que a rodeava foram consideradas exatas pelos especialistas. O mobiliário de madeira Tudor tendia a ser tingido de cor quase preta, e havia poucos tapetes e cadeiras, exceto em casas ricas. A maioria das grandes casas tinha, de facto, jardins formais. Os especialistas em armaduras comentaram, no entanto, que as armaduras não eram normalmente exibidas na casa, mas guardadas e mantidas numa armaria.

Em retrospetiva, Paula disse-me que não tinha a certeza se tinha visto armaduras em exposição ou guardas a usar armadura no corredor. Sentiu que a jovem nobre na regressão não se importava de uma maneira ou de outra, porque os guardas, tal como os criados, eram “como papel de parede”. Isto lembrou-me da sua incapacidade de saber exatamente que idade tinha em várias alturas. Este facto impressionou vários comentadores, tal como a ênfase nas orações e no jejum, que seriam autênticos e sugestivos de uma família religiosa.

Alguns desconfiaram dos nomes “Hawkins” e “Cat”, que têm paralelo com Sir John Hawkins, o famoso almirante de Isabel I, e a bem conhecida alcunha de Isabel I para a sua governanta, Catherine Ashley. Além disso, “Clara, Sarah e Sally” parecem ser nomes invulgares para este período.

A maioria dos especialistas, no entanto, encontrou muitos “pontos de contacto” históricos. Por exemplo, Catarina de Aragão trouxe de facto o ponto

de agulha "*blackwork*" de Espanha para Inglaterra e este tornou-se imensamente popular entre as classes abastadas.

O *French hood*, um toucado elegante que se curvava em redor da testa e descia para além das orelhas, estava a ganhar popularidade na altura. O mesmo acontecia com os vestidos de mangas penduradas e forradas a pele. A menção a livros também estava correta, uma vez que o número de volumes impressos aumentou à medida que o século XVI avançava. Entretanto, as mensagens poderiam ter sido escritas em pergaminho.

Paula mencionou também Erasmus, o humanista e escritor holandês, que era admirado tanto pelo rei como pela rainha como um proponente da nova aprendizagem e da educação feminina. À medida que o século passava, tornou-se cada vez mais comum que as filhas da nobreza e da *nouveau riche* classe média educassem as suas filhas. Tanto Sir Thomas More como o Rei Henrique VIII estiveram entre os que o fizeram, proporcionando educações completas às suas próprias filhas. Tanto as princesas Mary e Elizabeth, como a sobrinha do rei, a Lady Jane Gray, foram académicas de renome que liam, falavam e escreviam em latim e grego, bem como em francês e inglês. Certamente não teria sido invulgar que a personalidade anterior de Paula tivesse sido educada por um tutor privado.

Embora a família pudesse ser da classe média, ter uma capela nas instalações, uma variedade de criados, terras limpas e um professor de música eram indícios de riqueza e de um esforço consciente para subir na escala social. Isto era inteiramente possível durante o reinado de Henrique VIII. Os Bolena, por exemplo, vinham de origens de classe média. Mesmo membros da classe baixa podiam aspirar ao estatuto de nobre. O Cardeal Wolsey era filho de um matador de porcos.

Como disse a jovem rapariga, a década de 1520 foi de facto um período em que "as pessoas tentavam criar problemas com a religião e Deus". Em 1530, o reino estaria no meio do Grande Cisma — a separação de Inglaterra da Igreja Católica — impulsionado pelo desespero do rei por uma nova esposa que pudesse dar-lhe filhos varões. Quando o papa continuou a recusar a Henrique VIII o divórcio da sua esposa espanhola, que já tinha passado a menopausa, o rei separou a sua nação do papado e fundou a sua própria igreja anglicana para sancionar o divórcio da Rainha Catarina e um segundo casamento com Ana Bolena.

Os jogos de salão dos adolescentes no grande salão também receberam a aprovação dos meus especialistas. Identificaram um jogo como Cabra-Cega

porque a jovem estava de pé. No entanto, se ela tivesse de beijar o rapaz para recuperar o seu toucado, poderia ter sido uma variante do jogo chamado *Forfeits*.

Em tempos remotos, o grande salão estava repleto de músicos, sendo o centro de atividades sociais que incluíam as festividades da Noite de Reis. A etiqueta social exigiria que o Rei Henrique VIII fosse tratado como "Vossa Majestade".

Nas semanas que se seguiram ao nosso encontro, Paula afirmou ter tido clarões de outras vidas. Numa delas, contou-me, ficou presa num incêndio doméstico. Noutra instância, estava a lavar as mãos depois de trabalhar em mangas de couro vermelho para um dos seus recriadores de *Landsknecht*. Quando viu o corante vermelho descer pelo ralo, viu-se como uma enfermeira a tentar retirar uma bala de mosquete da perna de um soldado da Guerra da Independência. "As minhas mãos estavam mergulhadas em sangue e eu conseguia cheirar o fumo, ouvir gritos e ver canhões", disse solenemente.

Paula disse que também alcançou uma nova sensação de paz através da experiência de regressão. Antes da regressão, era atormentada por medos de ser fisicamente abusada ou mesmo assassinada. Depois, disse-me que o breve reviver das duas mortes no início da regressão tinha feito com que os seus terrores desaparecessem inteiramente.

13 - Tee

"A thing immortal as itself..." — William Shakespeare, 1564-1616

Sempre a brincar que tinha sido um bobo da corte numa vida passada, Thomas Earl Morris, conhecido pela maioria como "Tee", ficou sobressaltado com uma ocorrência que teve lugar há vários anos num museu em Washington, D.C. Ele ainda se recorda das tapeçarias de estilo mediterrânico que revestiam as paredes da câmara, da enorme mesa de banquete e das cadeiras antigas colocadas por perto.

Sendo ator de profissão, Tee relacionou o ambiente com o cenário do filme *A Lion in Winter* (O Leão no Inverno). Esta cena desencadeou um sentimento de comoção. "Jurei que já lá tinha estado antes", murmurou num tom suave, acrescentando que sentiu que estava num grande salão mal iluminado com uma lareira a rugir. "Senti que estava a fazer as pessoas rir.

Até ouvi gargalhadas roucas", disse ele. Descreveu o incidente como "assustador" e explicou-o como sendo "impossível".

Outra das sensações inexplicáveis de Tee ocorreu após a sua primeira visita a Londres. Embora os amigos o tivessem avisado para se "preparar para o choque cultural", ficou maravilhado ao descobrir que se sentia mais em casa em Inglaterra do que na sua cidade natal. Foi quando Tee regressou a casa, vindo da Grã-Bretanha, que disse ter tido a sua dose de choque cultural.

Também admitiu ter ocasionalmente "emoções estranhas, tipo *déjà vu*", quando se veste com o seu traje do Festival Renascentista de Maryland. Afirma sentir-se mais confortável em traje de época do que com as suas roupas atuais. Descrevendo a sua personagem como tendo a mente de MacGyver mas abençoada com a sorte de Wile E. Coyote (Coiote), Tee estava inquestionavelmente orgulhoso da sua criação, *Quinton Edmund Devonshire*. Quinton é um inventor do século XVI, fabricante de brinquedos, astrónomo e "académico do paranormal" que investiga os "*Q-Files*", que é uma paródia medieval de *X-Files*. Pode-se contar com Quinton para atividades extravagantes, como tentar voar ou contemplar os fantasmas na Torre de Londres.

"O Festival Renascentista não é um trabalho fácil", disse-me Tee. Os atores fazem improvisação num palco ao ar livre com informação histórica usando um sotaque britânico. Ele, tal como os outros atores, usa o que chamam de "fala isabelina" durante mais de oito horas por dia, o que inclui três atuações em palco, interagir com os visitantes nas ruas da aldeia e cantar na taberna do festival.

Estudou combate de palco e explicou-me que o seu papel é parte ator e parte duplo. "O horário da *Ren Faire* faz a representação tradicional parecer fácil", suspirou. "Além disso, sou um ator que fez a sua investigação histórica."

Apesar das longas horas, Tee retira um prazer imenso da sua participação. Desempenha o seu trabalho com dedicação, talento e humor, abordando-o como "um grande desenho animado da Warner Brothers passado no Renascimento". Tee poliu a sua técnica de atuação a tal ponto que se juntou agora a uma trupe de improvisação que atua em Alexandria, Virgínia.

Como ator, Tee diz apreciar a estrutura do Festival Renascentista de Maryland. Explicou-me durante uma entrevista pré-regressão que os atores e atrizes fazem audições para os seus papéis. Uma vez selecionado, o elenco é

treinado e todos têm um papel numa linha narrativa. Ensaiam durante todo o verão.

Embora Tee nunca tivesse participado em eventos da SCA, tinha-se juntado recentemente aos *Landsknechts* (ver capítulo 1). A sua personagem do século XVI é *Wolfgang Idlehartz,* apelidado de "*Dogfood*" (Comida de Cão). Wolfgang é um recruta jovem e entusiasmado que está ansioso por se tornar conhecido. Confessou que se sente mais confortável no seu traje de reprodução autêntica do festival renascentista do que no seu uniforme de *Landsknecht*. Recordou um sonho em que ia trabalhar para o seu emprego regular como designer gráfico vestido com o seu traje do festival. "O engraçado foi que ninguém notou", sorriu.

Tee também me disse que prefere o ambiente da *Ren Faire*. Tendo uma inclinação para o romance do Renascimento, era o cenário perfeito para o jovem loiro de vinte e seis anos conhecer a sua namorada, uma vendedora com cabelo vermelho-sangue.

Na sua vida mundana, Tee vive em Laurel, Maryland, e possui um bacharelato em comunicação de massas e teatro pela Universidade James Madison em Harrisonburg, Virgínia. Estudou representação na Universidade de Londres e Shakespeare no *Globe Theater*. Tee também teve instrução formal em esgrima.

O artista disse-me que era fascinado pela pompa, incluindo a da guerra medieval. Disse que admira a perícia que a guerra exigia em tempos passados e que todos os participantes tinham uma oportunidade de lutar. "Hoje em dia", disse ele, "com o premir de um botão, uma cidade inteira pode ser eliminada".

Pelo quinto ano de escolaridade, Tee diz que estava apaixonado pela lenda do Rei Artur e pelo filme *Excalibur* — tudo o que tivesse a ver com a busca do Santo Graal. No liceu, em Richmond, Virgínia, começou a jogar *Dungeons and Dragons*. Nessa altura, escrevia contos baseados nas suas personagens de *Dungeon and Dragons*.

O filme *Dead Again* (Morrer de Novo), que lidava com a reencarnação, fez Tee considerar pela primeira vez a possibilidade de vivermos novamente. Tee também admitiu que estava nervoso por ser hipnotizado e pelo que poderia aprender com a experiência. Assegurei-lhe de que era inofensivo e iniciei os exercícios de visualização. Ele deslizou facilmente para o estado hipnótico e em poucos momentos estava a rir-se dos sapatos que se via a usar. Eram de camurça preta com saltos pequenos.

"É noite", disse-me ele. "Estou zangado com alguma coisa. As pessoas têm medo de mim e eu não me importo", disse ele. "Estou num beco, a bater contra uma porta de madeira de uma casa, a tentar derrubá-la.

"Um tipo gordo atrás de mim levanta uma faca e esfaqueia-me no ombro. Caí. Sinto-me tonto. Vejo um vitral com círculos e casas brancas. Oiço vozes mas não consigo ver ninguém, como se estivessem todos dentro de casa."

Subitamente, Tee acordou espontaneamente. Depois de o relaxar novamente no estado hipnótico, Tee viu-se num *pub*, vestido com roupas e sapatos semelhantes aos que usa no festival renascentista, embora não tivesse as mesmas características físicas que tem agora. O homem tinha cabelo curto, barba, bigode e era alto e musculado. Tee é barbeado.

Em seguida, viu-se como um rapaz de seis anos, a correr por um campo plano de erva alta e dentes-de-leão. "Estou descalço e a usar calças e uma camisa branca com mangas bufantes. O meu cabelo é comprido e estou a rir-me", disse ele alegremente.

"O meu pai traz um piquenique. Estou feliz por vê-lo. Ele veste roupas básicas como eu. Tem barba e o seu rosto tem traços redondos e pesados, mas não é corpulento." A alegria de Tee transformou-se rapidamente em tristeza ao saltar para a cena seguinte. "Ele morreu com a peste. Sou demasiado novo para saber o que se passa", relatou ele.

"Agora estou com uma tia. Ela tem duas filhas pequenas. A minha tia não sorri muito; é muito conservadora. A minha mãe pode ter morrido no parto."

Mudando para o próximo evento significativo, viu uma cruz católica ornamentada. "Estou dentro de uma igreja muito grande, possivelmente uma catedral, e vejo outros rapazes vestidos com túnicas. Oiço sons a ecoar pela igreja. Estou a tentar não me mexer muito, mas é difícil. Não estou feliz por estar aqui", disse o rapazinho com ar sombrio. "A minha tia pôs-me aqui porque não queria ter trabalho comigo. Ela não gostava de mim. Não consigo distinguir o período de tempo."

Quando o movi para a frente, o rapaz encontrou-se no seu próprio funeral. "Consigo olhar para o caixão. Estou pálido. Não tenho mais de catorze anos. Não estão aqui muitas pessoas, ninguém próximo de mim. Os que aqui estão, estão aborrecidos por terem de estar aqui. Só querem acabar com isto. A minha tia pagou o funeral, mas não veio. O meu corte de cabelo

parece do século XII ou XIII e estou a usar uma camisa de noite simples. Talvez seja nobre, já que estou a ter uma despedida com ritos fúnebres formais.

"Eu era triste e muito reservado. Morri de desgosto. 'Não era um rapaz feliz', diziam eles. Ninguém me conhecia. Sentia-me patético e não conseguia perceber porquê. Sentia-me sozinho, mas não percebo porque morri tão jovem. Parece que tive uma vida boa, mas morri solitário. Arrependo-me de não ter feito algo. Lembro-me de ser feliz quando tinha seis anos, mas tinha medo da minha tia. Sei que estou morto."

Após alguns momentos de silêncio, ele passou para outra vida. Tee ouviu grilos e descobriu-se sozinho numa aldeia à noite. "Estou a usar uma capa de lã preta, botas altas de couro e um gibão de lã. Levo um punhal e tento não ser visto. Não consigo ver o meu rosto porque me estou a mover depressa, quase a correr junto a algumas casas. Não sei para onde vou. Estou a ser perseguido. Estou num beco sem saída", sussurrou ofegante. "Estou à espera. Não vem ninguém. Estou a ouvir, mas não ouço nada. Acho que estou bem. Puxo a capa à minha volta, sento-me e adormeço."

Não ficou claro se o evento seguinte teve lugar nesta vida ou noutra. Tee viu-se no meio de um bazar. "As pessoas andam de um lado para o outro, a gritar e a apregoar as suas mercadorias. Acho que sou um comerciante em Marrocos. Pago a um mercador por algo para comer. A carne está demasiado cozinhada, mas serve. Estou ansioso por chegar a casa.

"Pareço-me com o Errol Flynn, com um bigode fino, uma pêra, cabelo preto comprido e traços esculpidos. Estou a usar cores e padrões, enquanto outros usam túnicas brancas. Eu destaco-me, mas não me importo. Sinto que nada me pode tocar enquanto caminho em direção ao navio. Não gosto do cheiro marroquino. É pútrido."

Ele fez uma pausa e eu sorri. Parecia apropriado que um ator descrevesse outros por comparação com outros atores. Ele sorriu também, mas por uma razão diferente. "É melhor continuar a caminhar. Vi uma bailarina do ventre. É demasiado tentador. Crianças correm por todo o lado."

Sem aviso, Tee disse-me que alguém o atacou pelas costas. Foi derrubado ao chão. "Este tipo gordo ia bater-me na cabeça com um cacete", continuou ele ofegante. "Ele está zangado comigo. Ele é demasiado branco para parecer marroquino. Está a gritar. Ele acha que foi enganado num negócio.

"'Olha, o que está feito, está feito. Tu concordaste com o negócio', disse-lhe alguém." Aparentemente, os assuntos de negócios foram logo resolvidos com o mercador zangado, e Tee seguiu caminho para o barco atracado.

"Vou-me embora hoje e estou pronto para ir para casa. O navio é bonito. Estou orgulhoso porque sou o dono. No navio, a tripulação não me presta muita atenção. A carga é canela. O cheiro é agradável a pairar pelo navio. Temos alojamentos apertados."

Ao chegar ao seu destino, Tee disse-me que parecia semelhante a uma pintura do porto de Boston, embora pensasse que o porto que via era em Inglaterra. "Estou a sair do navio. Toda a gente está a ficar louca. As pessoas estão felizes por me ver. Vou encontrar-me com a Rainha Isabel. Ela está a saudar-me no navio... Ou será na corte? ... Ela está orgulhosa e a dizer-me que fiz um bom trabalho. Ela parece-se com a atriz Miranda Richardson.

"Estou tão descontraído com isto. Não percebo. Estou tão calmo, feliz e relaxado. Ela está a elogiar-me imenso. Estou com um joelho no chão e ele está a ficar dorido. A Rainha não largou a minha mão. Outros estão com ciúmes. O vestido dela é dourado com pérolas e padrões bastante grandes. Ela tem um cabelo vermelho brilhante. Acho que ela está a meter-se comigo. Não", decidiu ele, "não está, mas está entusiasmada por eu estar ali.

"Ouvi 'Sir Walter' e virei-me. Não tenho a certeza se sou eu. É uma festa e estou a falar com diferentes pessoas sobre o Novo Mundo. Sinto-me demasiado extravagante para ser Sir Walter Raleigh. Eu achava que ele era um tipo enfadonho", disse-me ele.

Tee avançou para um encontro com uma exótica mulher francesa. "Estou em aposentos privados com uma mulher. Ela é muito bonita, com cabelo preto escuro e sotaque francês. Está feliz por eu ter voltado. Está a tornar-se romântico; intenso e apaixonado. Velas estão acesas, janelas estão abertas. Acho que somos amantes, não casados."

A cena de amor desapareceu e Tee disse-me que sentia o vento a soprar no seu cabelo. Tendo zarpado novamente, estava no oceano. "Vejo água até onde a vista alcança. Não sei para onde vou, mas sinto-me contente", continuou ele. Depois, o mar tornou-se turbulento. "Surge uma tempestade e sacode-nos violentamente. Quase sou arrastado borda fora, mas acho que estou bem. O navio está em mau estado. Eu diria que estamos à deriva."

Especulando sobre o resultado, orientei-o para o último dia da sua vida. "Vejo o meu rosto e o meu corpo em decomposição no fundo do mar. Morri

no mar. Foi uma morte horrível. O navio está debaixo de água. Talvez o navio se tenha afundado quando batemos num recife de coral. Metade da tripulação foi eliminada pelos selvagens numa ilha."

Agora, pedi ao Tee para explorar uma vida diferente. "Acabei de lançar fogo", começou ele. "Estou a entreter as pessoas dentro do pátio do castelo. É como um carnaval ou um festival. Oiço música e azáfama. Estou a usar o que um bobo da corte usaria — vermelho e amarelo brilhante com guizos no chapéu. Estou a fazer malabarismo agora. As crianças e os adultos adoram.

"Vejo o nobre. Ele está separado dos outros. Não me está a prestar atenção. Está muito sério. Ele parece-se com um Sean Connery sem cabelo, com uma barba mais farfalhuda e um ar mais severo no rosto.

"Terminei o meu ato. Uma pequena serva traz-me vinho ou água. Ela é muito fofa e tem cerca de seis anos. Estou visivelmente cansado. Sento-me debaixo de uma árvore perto do palco. Alguém se aproxima e diz algo sobre eu estar sentado e não estar a trabalhar. 'Bom Senhor, com pessoas como vós, o meu trabalho nunca estaria feito'.

"Alguém me atirou uma moeda. Dei-a à menina. Uma rapariga mais velha, elegante, aproximou-se de mim, sorriu-me e entregou-me uma rosa.

"As pessoas estão vestidas de forma diferente. Os nobres de visita têm cores brilhantes de vermelhos, azuis e dourados. As mulheres têm o decote exposto, mangas bufantes e espartilhos. As famílias e os criados usam camisas de trabalho simples e calções em cores baças e terra. Há tantos estilos que é difícil descrever."

Tee disse então que o período era muito anterior à última vida, identificando-o antes dos anos 1100. Instei para com ele a ir para o último dia dessa vida. "É quatro anos mais tarde. Vejo a rapariga que me deu a rosa. Ela está a chorar. Apanhei a peste. Tínhamos estado casados há pouco mais de um ano. Não tínhamos família, mas éramos felizes e eu tratava-a bem. Ganhava a vida como o bobo da corte."

Com isso, comecei gradualmente a retirá-lo do estado hipnótico. Tee teve dificuldade em abrir os olhos e foram precisos cerca de dez minutos de sugestões fortes e enfáticas para o trazer de volta ao século XX.

Uma vez que as duas primeiras vidas eram demasiado vagas para comentar, os meus comentários históricos começaram com a vida do adolescente que se sentia rejeitado pela tia.

Teria sido comum para um rapaz da classe alta ter sido um estudante numa escola de canto de uma catedral durante os séculos XIII e XIV. Ele disse que o seu pai tinha morrido com a peste. A peste bubónica chegou pela primeira vez à Europa em 1347-1349, mas houve surtos periódicos de peste até meados do século XVII. A palavra peste também pode ser aplicada a qualquer número de doenças infeciosas da época.

Havia problemas com o vestuário de que Tee se lembrava. Os meus especialistas concordaram que, se o período de tempo fosse o século XIII, as "calças e a camisa bufante" não faziam sentido, nem a camisa de noite. A figurinista Susan Reed disse-me que, quando leu a transcrição, imaginou uma vida do século XVII devido ao vestuário e aos cortes de cabelo.

Embora Tee tivesse assumido que era nobre devido ao funeral formal, o Catolicismo tinha um conjunto formal de rituais de enterro usados para todos os níveis da sociedade. Tee também afirmou ter visto um caixão, presumivelmente feito de madeira. No entanto, o uso de esquifes para o enterro não era comum — a maioria das pessoas era enterrada apenas envolta em mortalhas simples.

Houve um consenso geral de que a vida do marinheiro isabelino parecia ser fantasiosa. A actriz Miranda Richardson interpretou Isabel na popular comédia britânica, *The Black Adder*, e poderia ter sido evocada pela mente de Tee para desempenhar a rainha da sua regressão.

A ideia de que o marinheiro e mercador pudesse ter sido o grande favorito de Isabel é tentadora. No entanto, a referência de Tee a Sir Walter Raleigh não correspondia à vida do verdadeiro corsário, explorador, colonizador, cientista e poeta — mas não mercador — que não morreu afogado no mar, mas foi executado por Jaime I em Tower Hill em 1618.

Contudo, deve notar-se que o meio-irmão de Sir Walter Raleigh, Sir Humphrey Gilbert, morreu de facto no mar. Ele estivera numa expedição à Terra Nova, onde reivindicou a terra em nome da rainha. No seu regresso a Inglaterra, ele e a sua tripulação perderam-se no mar. Poderia ter sido razoável ele acompanhar o seu meio-irmão, Sir Walter Raleigh, à corte. Afinal, Tee disse ter ouvido o nome "Sir Walter", mas não tinha a certeza se este lhe era dirigido.

Também teria sido possível, embora improvável, um mercador ter conhecido a rainha apenas por abrir uma nova rota comercial.

Alguns terapeutas de regressão postulam que, quando uma pessoa recorda ter sido famosa, pode, em vez disso, ter vivido na mesma época ou na proximidade do indivíduo bem conhecido. Dado que a pessoa notável tinha uma posição de destaque nos assuntos da era, a outra alma poderia potencialmente personalizar as suas memórias sobre ela.

É correto que houve vários períodos na Idade Média e no Renascimento em que mercadores italianos e franceses comerciaram com o Norte de África, especialmente após o século XIII, quando os Mouros foram derrotados e Gibraltar ficou aberto à navegação do Mediterrâneo para o Atlântico.

No entanto, vários dos meus especialistas ficaram consternados com a menção a bailarinas do ventre no bazar, concordando que tais dançarinas não seriam vistas nas ruas de Marrocos até ao final do século XIX. Além disso, a canela não vinha de Marrocos, mas de Ceilão e do oriente. Um comentador perguntou-se se Tee se teria enganado ao referir-se a Marrocos, em vez das Molucas, as Ilhas das Especiarias ao largo da Indonésia.

Em defesa de Tee, Paula Peterka reconheceu que, como actor, Tee poderia ter tendência a descrever as pessoas que viu durante a sua regressão em termos de outros atores. Também considerou possível que um bom rendimento pudesse ter sido derivado de uma carga de canela. Adicionalmente, salientou que o porto de Inglaterra na era isabelina assemelhava-se ao posterior porto de Boston.

Também era improvável, mas possível, que um mercador conhecesse a rainha se tivesse aberto uma nova rota comercial. No entanto, uma inconsistência que encontrou foi a falta de guardas no navio do mercador para proteger a sua preciosa carga.

Quanto à última vida recordada de Tee como bobo da corte, a maioria dos meus especialistas identificou-a como sendo do século XV ou posterior, e não dos anos 1100 como Tee pensara. As mangas bufantes, os espartilhos e os decotes expostos datam todos a vida de um período posterior. A descrição das roupas do bobo era semelhante às usadas pelos bobos de uma era posterior — cerca de 1540. Mais uma vez, situando a vida muito depois do século XII.

Apesar de alguns anacronismos nas descrições de Tee, recordei as outras provas convincentes das suas experiências de *déjà vu* em cenários e trajes medievais e a sua familiaridade com Londres. Havia também a compulsão de Tee em representar, obtendo o seu mestrado, estudando no estrangeiro e

trabalhando na maioria dos fins de semana de verão na *Renaissance Faire* para sustentar um forte impulso interior de se imergir no passado medieval.

Quer as recordações de Tee fossem uma mistura de fantasia ou vislumbres de vidas passadas genuínas, a viagem valeu bem a pena. Quando fiz o acompanhamento com Tee algumas semanas mais tarde, ele disse-me que os seus pesadelos recorrentes sobre a solidão tinham cessado desde a nossa sessão juntos.

14 - Craig

"Whose citizens do not age..." —

Vernon Watkins, poeta galês

Usando uma coroneta na cabeça, Corun McAnndra, Barão de Storvik, sentava-se num trono no grande salão, concedendo prémios e mercês a súbditos merecedores. Como representante local da Coroa ou, como ele próprio se descrevia, "o relações-públicas do rei", ele reconhecia jovialmente os seus súbditos pelas suas conquistas e serviço. No meio da pompa e circunstância, nunca deixava de manter uma postura real. Mas quando não estava a presidir à corte, o Barão Corun podia ser visto a segurar uma caneca e a cantar melodiosamente com alguns dos seus súbditos vestidos com cores vibrantes.

O ano, 1995 d.C. O evento, o *Post-Pennsic Revel* da Baronia de Storvik da SCA em College Park, Maryland. Eu estava presente naquela noite amena de setembro, juntamente com os seus vassalos de Washington, D.C., e dos condados vizinhos de Maryland.

O nome do Barão, Corun McAnndra, é irlando-galês. Aparentemente, a sua *persona* histórica tem a capacidade de transcender um período de tempo entre meados dos anos 900 e os anos 1600. Aparentemente, ele também consegue saltar entre culturas. Naquela noite, estava vestido como um Mongol.

Corun explicou mais tarde que, após um incidente numa Guerra Pennsic onde procurou segurança numa casa mongol, se juntou àqueles que o tinham acolhido. Após um período experimental de seis meses, foi oficialmente aceite como membro da "*Dark Horde Moritu*". "*Moritu*" é uma palavra mongol para "pessoas que cavalgam".

A horda retrata uma tribo mongol do século XIII, durante o reinado de Gengis Khan. Amando sempre os cavalos, ele idealizou uma nova narrativa para a sua personagem: ele teria sido um andarilho celta que se juntou a estes cavaleiros nómadas.

Ser membro de uma horda mongol ressoou bem com Corun — ou Craig Greenbaum, como é conhecido no mundo mundano. O engenheiro de sistemas informáticos expressou gratidão pelos seus "*andas*", que significa irmãos e irmãs de sangue. O grupo unido adere a um código de conduta rigoroso concebido para respeitar, proteger e apoiar cada um dos seus membros.

Em jovem, Craig sentia-se fascinado pelas culturas chinesa, japonesa e, eventualmente, mongol, e iniciou o estudo de três artes marciais. Cresceu com contos do Rei Artur, Robin Hood e o Príncipe Valente, que se expandiram para a mitologia nórdica e grega.

Craig nasceu metade judeu e metade gentio. Criado como luterano, frequentou escolas geridas pela igreja em Toledo, Ohio. No liceu, tornou-se parte do movimento cristão juvenil e, mais tarde, voltou-se para o ioga, a filosofia budista e a busca pela autorrealização. Desde os vinte anos, disse ele, considerava-se um budista zen.

Esta filosofia, aliada à sua crença de que a vida é uma escola e que há sempre algo maravilhoso ao virar da esquina, sustentou-o em tempos traumáticos. Manteve um deslumbramento infantil, que ele acredita ter-lhe permitido parecer anos mais novo do que a sua idade.

O seu interesse vitalício pela filosofia e religião, e a sua atração pelo passado, não diminuíram o entusiasmo de Craig pela ficção científica. Brincando, descreveu-se como "tendo nascido 500 anos demasiado tarde ou demasiado cedo".

Na altura do nosso encontro, ele quase completara a licenciatura em artes plásticas, com especialização em teatro, pela Universidade de Kent State, Ohio. Adicionalmente, tocava piano e guitarra, cantava baladas irlandesas, participava em danças folclóricas inglesas e lia Shakespeare. Chegou a costurar e a bordar o seu próprio traje, serviu como cronista, ou escritor, da *newsletter* da baronia, e deu aulas a colegas *Scadians*.

Quando conheci o Craig, a SCA já mantinha o seu interesse há mais de doze anos, em parte porque lhe permitia expressar os seus interesses artísticos e dramáticos. Craig também gostava da história, espiritualidade e mitologia entrelaçadas ao longo dos vários períodos temporais.

O multiculturalismo do passatempo também atrai Craig. Ele observou, por exemplo, que a SCA serve como uma válvula de escape sociológica; por exemplo, para loiros de olhos azuis que gostavam de recriar culturas árabes, enquanto um *Scadian* afro-americano poderia selecionar uma *persona* francesa.

Para Craig, a SCA é "a grande fuga" do mundano, onde, numa noite, se pode conviver com vários outros tempos e povos. Sente-se mais confortável a cumprimentar as pessoas como "meu senhor" e "minha senhora" do que com saudações modernas. Chegou a apanhar-se a fazer uma vénia à passagem do seu chefe, a ajeitar a "saia" antes de se sentar e a fazer uma vénia sobre uma mão numa receção de casamento.

Quando perguntei ao Craig sobre o paranormal, ele descreveu as suas muitas experiências de *déjà vu*. Quando se encontra num tal estado, cria um "jogo" ao tentar deliberadamente mudar algum detalhe daquilo que parecia tão familiar.

Quando perguntei as suas opiniões sobre a reencarnação, ele especulou que, quando morremos, pedaços individuais de nós próprios podem reformar-se e juntar-se a outros para criar um novo espírito. Também sentia fortemente a validade do carma, o conceito de que somos responsáveis pelas nossas ações nesta e noutras vidas. Craig acreditava que, para ele, a reencarnação era mais uma possibilidade do que a existência do céu e do inferno.

Após completar a nossa entrevista, o Barão de Storvik esticou-se e preparou-se para a hipnose. Após um período de relaxamento, começou lenta e minuciosamente.

"Estou lá fora, sozinho", disse calmamente. "As minhas botas são de couro macio. A minha túnica de lã, de corte largo, está cingida por uma faixa. Tenho cabelo escuro comprido e não sou jovem, nem velho."

A sua consciência mudou para o que o rodeava. Continuou, dizendo: "Há montanhas abertas e não há árvores. Vejo uma charneca, urze e cabras. Está frio, mas ainda não é inverno. Estou de pé e à espera."

Esta informação levou muito tempo a surgir. Esperando que se tornasse mais fácil, orientei-o para a cena seguinte.

"É dia, mas está escuro", disse-me ele. "Estou numa floresta com árvores altas. Há uma clareira. Vejo uma fogueira. Outros homens estão sentados à volta. Conheço-os; estamos juntos. Talvez seja um grupo de caça", meditou. "Há lanças e arcos, mas não há cavalos. Os homens estão vestidos com túnicas de lã e mantos de pele. Estão a conversar e a comer carne."

A sua voz era agora quase um sussurro, tendo mudado da sua ressonância rica, profunda e animada de quando estava acordado. Ele parecia estar a receber imagens individuais sem movimento ou som, embora conseguisse sentir ocorrências e imaginar movimento. Novamente, movi-o para a frente.

"É dia. Vejo alguém com um elmo, escudo e lança. Acho que é um Saxão, ou talvez um Dinamarquês, com cabelo loiro comprido. É um homem de meia-idade com um manto, couro e cota de malha. É um estranho.

"Os dois da fogueira estão apenas ali parados. Acho que o homem loiro é um guia e que estamos numa patrulha de reconhecimento. Estamos a reunir-nos para proteção. Talvez estejamos a formar uma aliança contra um inimigo comum para proteção mútua e não agressão mútua. Há dois grupos diferentes a tentar viver juntos e a partilhar a terra. Eu sou o porta-voz. Apertamos as mãos." Craig sentiu uma corrente subjacente de tensão, mas não de urgência intensa.

Ainda havia longas pausas entre os pedaços de detalhe que emergiam. Laboriosamente, ele avançou para outra cena. "Estou sozinho no topo de uma colina arredondada num forte na aldeia. É suficientemente grande. Há cabanas de madeira e colmo espalhadas pelos campos de cereais. Estou a voltar da

aliança e sinto-me bem. Estou no portão. Há um longo salão de reuniões, currais para os animais, edifícios, uma ferraria."

Prosseguiu suavemente. "Estou fora do grande salão. Vem luz dali de dentro. É hora de jantar. Toda a gente da aldeia está lá. Há uma jovem a usar um vestido azul com broches, e cabelo loiro comprido entrançado. Ela é bonita. É a minha filha, a minha única filha. A minha mulher morreu. Sou o líder ou '*thegn*'."

"Tenho uma cabana no forte. Há uma cama de madeira, uma mesa e um banco. A cabana tem um telhado de colmo com um poste central e uma lareira. A minha filha dorme noutro lugar e o quarto dela é semelhante. É perto do grande salão."

Nesta altura, senti que era hora de mover o Craig para o último dia da sua vida. Ele encontrou-se na cama.

"Não estou doente, apenas velho. Não contamos [os anos], mas sou velho e grisalho. A minha filha está casada. Há outros no quarto, mas estão indistintos."

Com isto, orientei o Craig a progredir para qualquer outra vida medieval que tivesse vivido. Fiquei surpreendida quando o Craig anunciou que era agora uma jovem mulher na casa dos vinte anos.

"Estou a usar sapatos com fivelas, meias e um vestido preto até ao chão com um colarinho branco quadrado. Tem saiotes e botões à frente. Uso um avental e o meu cabelo está debaixo de uma touca.

"Sou uma criada na copa", continuou ele. "Estou a fazer pão na mesa. A cozinha é aberta. Há paredes brancas com lambris de madeira castanha escura. Janelas de vidro soprado com vidros amarelados prensados dão para a rua. Parece uma vila ou pequena cidade, mas não sei onde. Isto é uma casa senhorial na cidade.

"No salão de jantar, há pratos redondos na lareira e pequenos candelabros na parede. Há uma mesa comprida de madeira simples."

Nesta altura, sugeri que a criada se movesse para outra divisão. Quando ela não conseguiu cumprir, perguntei-me se teria sido restringida a uma certa área devido à sua posição social. Ela moveu-se, em vez disso, para a cena seguinte.

"Agora é noite e estou na sala de jantar. Estou a segurar uma travessa, a servir a senhora e o seu marido. Ela está vestida de forma simples, com um vestido branco e cinzento com renda e uma touca. Estão nos seus cinquenta ou sessenta anos. Ele veste um casaco de redingote indistinto.

"Sou a única a servir. A refeição é carne de vaca e pão. Os pratos, taças e as grandes travessas são todos de estanho."

Com isto, Craig saiu da hipnose com um solavanco. Aparentemente, a vida da serva era monótona e insignificante e ele não sentira necessidade de continuar. Craig especulou que a vida tinha tido lugar na Inglaterra Tudor. Embora Craig tivesse conhecimentos sobre a história celta primitiva, afirmava ter muito pouco conhecimento sobre a cultura do norte da Europa dos séculos XVI e XVII.

Também me disse que tinha sentido uma maior sensação de "vida real" nas suas experiências de regressão do que durante as aventuras de recriação histórica, quando apenas ocasionalmente vislumbrava a história autêntica.

Quanto ao período histórico da primeira vida recordada pelo Craig, os meus especialistas em Idade das Trevas identificaram-na como sendo escandinava do século VII ao XI. Alguns dos especialistas, contudo, preferiam situar a vida na Grã-Bretanha ou Irlanda da Idade das Trevas, onde os Vikings se estabeleceram extensivamente. Também consideraram exatas as suas descrições de um "grande salão", um salão de reuniões e o vestuário típico das mulheres saxónicas ou vikings.

O termo "*thegn*" ou "*thane*" refere-se a um chefe local, explicaram os meus especialistas. Também correta foi a menção do Craig aos broches usados pela mulher de cabelo loiro. As mulheres escandinavas usavam grandes broches convexos em cada ombro. As mulheres saxónicas tinham abandonado esta moda, mas continuavam a usar broches — milhares deles têm sido encontrados por arqueólogos e entusiastas de detetores de metais no Reino Unido, Europa e Escandinávia.

Ann Longmore-Etheridge especulou que o aperto de mãos descrito pelo Craig poderia ter selado um pacto de ajuda mútua entre um celta nativo e um recém-chegado à comunidade escandinava. Os Vikings estabeleceram-se por toda a Escócia e particularmente na área do *Danelaw* em Inglaterra. Prosperaram nas ilhas Hébridas, nas Shetlands e nas Órcades.

Bruce Blackistone concordou que o *thegn* teria dormido dentro do recinto, perto ou dentro do salão. No entanto, contestou a cabana mencionada

pelo Craig, preferindo um aposento ou estrutura de dormir mais bem equipada para o *thegn*.

Quanto à vida da criada, os especialistas sentiram que a localização era a Flandres (Holanda), os Países Baixos, a Bélgica ou Inglaterra, entre 1570 e a década de 1680, devido ao vestuário "protestante" simples e sóbrio da mulher, à decoração da casa, aos utensílios de mesa e à popularidade das casas de cidade estreitas nos Países Baixos. Paredes brancas com lambris de madeira castanha escura e candelabros de parede eram muito típicos.

Quanto ao enquadramento temporal desta vida, a maioria concordou situar-se algures entre cerca de 1580 a 1700. No entanto, o colarinho branco quadrado e os botões à frente do vestido da criada levaram Paula Peterka a sugerir um período posterior — os anos 1700.

O que parecia ser a vida monótona de uma jovem copeira foi uma surpresa para Craig, o Barão de Storvik. Embora a sua primeira vida recordada como porta-voz de um grupo de celtas se assemelhasse ao seu papel de liderança na SCA e à sua *persona* irlando-galesa, a sua falta de conhecimento sobre esta vida feminina despertou a sua curiosidade. Recordei-me do Craig me ter falado do seu prazer em cozinhar para poucas pessoas, mas não para banquetes majestosos. Coincidência? Talvez. Ou talvez um resquício da sua vida como copeira.

15 - Helen

"Fly falcons, tell tales, sing songs..." —

Robert de Blois, Século XIII

Algumas das memórias mais antigas de Helen Caldwell são da sua fascinação por Joana d'Arc, a santa católica francesa. Aos oito anos de idade, cortou os caracóis dourados da sua boneca, vestiu-a com uma túnica branca e deu-lhe o nome da santa.

Enquanto os seus amigos viam o *Mickey Mouse Club*, *Romper Room* e *Mister Rogers Neighborhood* na televisão, Helen devorava *Beowulf*, os *Contos de Cantuária* e as obras de Shakespeare. Enquanto os seus amigos queriam brinquedos modernos, Helen queria uma harpa celta. Recorda-se de os outros colegas do sétimo ano acharem que ela era "louca" por gostar de Shakespeare. Até a sua mãe, que se licenciara em história medieval, afirmava que Helen era um "retrocesso a outra era".

Em jovem, Helen escrevia poesia romântica e criava entrançados celtas. Admiradora de longa data do Rei Artur e de Robin Hood, Helen sempre ansiara ser Maid Marian e imaginava-se com um arco ao ombro. Mais tarde, viria a aventurar-se no tiro com arco.

Ainda criança, Helen desenhava figuras de fantasia de damas excêntricas vestindo trajes requintados e graciosos. Décadas mais tarde, como membro da SCA, costura vestuário medieval para si e para outros que guarda uma forte semelhança com os esboços que outrora concebeu durante as brincadeiras de infância. A sua perícia como costureira permitiu-lhe sustentar-se com trabalhos encomendados por outros membros da SCA.

Helen ficou cativada com a sua primeira experiência nas atividades da SCA enquanto tirava a licenciatura em teatro na Universidade do Estado da Flórida, e juntou-se à associação em 1990. Quando conheci esta mulher de trinta e quatro anos em outubro de 1995, Helen explicou que a SCA lhe proporcionara um terreno fértil para escrever poesia e canções, tocar guitarra clássica, fiar e tecer, e continuar a desenhar entrançados celtas.

Naquela tarde fresca de outono, a bela e esbelta mulher, de longos cabelos escuros e fluidos, entrou no meu gabinete com o braço numa tipóia. Mesmo com as suas roupas do século XX, fiquei impressionado com o quanto parecia ter saído de algum romance medieval.

De forma natural, Helen contou-me que tinha ferido o braço direito durante um treino de combate com espada de duas mãos. Foi, como descreveu, "espancada como uma cria de foca". Helen explicou que frequentava os treinos de combate para aprender técnicas de espada e escudo, envergando normalmente armadura vários dias por semana.

Ato contínuo, a versátil mulher disse-me que deixara a sua primeira fornada de hidromel de sidra de maçã a fermentar num garrafão na sua cozinha. Pelos seus diversos talentos, Helen fora distinguida com o primeiro *Award of Arms* a nível de reino por feitos tanto nas artes como no combate.

Helen, que pertence ao *Shire* de *Highland Foorde* no Reino de Atlântia, é conhecida pelos seus colegas *Scadians* como *Lady Mari ferch Rhodri*, galês para "Mary, filha de Roderick". A sua *persona* é a da filha de um pequeno senhor galês do final do século XII ao início do século XIII, cuja família se mudou para França na altura das Cruzadas Albigenses. Com esta *persona*, conseguiu combinar o seu interesse pela cultura galesa com o romance das "cortes de amor" da Rainha Leonor da Aquitânia. Estas sessões na corte eram fóruns para desenvolver diretrizes sobre questões como o modo como um cavaleiro deveria tratar uma dama e o seu colega cavaleiro.

De facto, Helen disse que adorava a forma tremendamente cavalheiresca e cortês como os *Scadians* se tratam uns aos outros. Também apreciava a forma como valorizam a vida. Embora se descrevesse como uma mulher intensa que gostava de viver a vida ao máximo, disse que frequentemente contemplava a vida no além. Na verdade, desde que era adolescente, Helen acreditava na reencarnação. Acreditava que Deus não desperdiçaria uma alma que pudesse não se ter aperfeiçoado à primeira tentativa.

Helen estava ansiosa por prosseguir com a regressão. Já estava familiarizada com várias formas de meditação e relaxamento e entrou facilmente num estado hipnotizado. Fiquei estupefacto quando as primeiras palavras que lhe saíram da boca soaram a francês.

"*Le Jor!*", disse ela em resposta à minha pergunta sobre se era dia ou noite.

"O quê?", perguntei estupefacto.

"O dia", disse ela. Arrependi-me de ter chamado a atenção para a sua língua, pois isso aparentemente fê-la reverter para o inglês. No entanto, continuou com um sotaque francês. Era agora uma rapariga de quinze anos.

"É a nossa casa na Aquitânia", continuou entusiasmada. "Oh, vejo a Mamã e o Papá a negociar o meu casamento. Um senhor trouxe o filho com ele. São lá de baixo, perto de Montpellier, num lugar que começa por 'Mont', talvez Montélimar. Não é muito longe da minha casa. É na região de Languedoc, no sudeste de França, e ainda faz parte da Aquitânia. O filho é três anos mais velho do que eu e o seu nome é Raymond.

É reservado, mas parece suficientemente simpático. É um pouco tímido e calado, mas não envergonhado. A Mamã diz que não me devo preocupar porque o pai dele é apenas um senhor e não um *vicomte* como o Papá. 'Eles são um ramo menor de uma família muito poderosa, a sua fortuna pode subir, e isto não é uma descida de estatuto para nós', diz ela.

"Vou ter saudades do Perigord, a terra da minha pátria, que é uma pequena parte da Aquitânia", disse a jovem de quinze anos com nostalgia. "Ainda há tanto para negociar, como o meu dote. Tenho de ter roupas novas. Não posso ser a senhora do castelo com as roupas com que andei à solta nos últimos dois anos. Geralmente ando vestida com lã resistente, tenho o meu cabelo loiro entrançado para trás e uso luvas quando monto a égua cinzenta pela floresta. Vou ter de assentar e concentrar-me na minha tecelagem, diz a Mamã — nada de cavalgar a toda a brida pelas florestas do Perigord nunca mais.

"Ela diz que posso usar seda para o meu casamento. Este é o primeiro vestido de seda a ser feito para mim logo desde o início. Embora use linho fino e lã fina, raramente uso seda, exceto quando peço emprestados os vestidos da Mamã para visitas especiais.

"É engraçado ouvir a Mamã falar", continuou alegremente. "Ela é normanda inglesa e teve um casamento bem arranjado. A Duquesa, a Rainha de Inglaterra, arranjou-o. A Mamã era uma das suas damas de companhia. Foi para Poitiers com a rainha quando esta estava a ter problemas com o marido. O meu nome é Aliaenor e recebi o nome em honra da Rainha. É difícil estar à altura do nome da Águia [Rainha Leonor] porque ela sempre voou tão alto.

"Sou a mais nova de sete. Duas irmãs morreram novas. A Mamã diz que tem sorte por ter tido cinco a viver e a crescer. Um irmão é monge. É para isso que ele nasceu. Ele já esperava. Talvez venha a ser abade. O meu irmão mais velho herdará. Duas irmãs estão ambas bem casadas e a criar famílias. São abençoadas com filhos varões. É uma coisa boa porque os seus maridos mantê-las-ão. Pela forma como a maioria dos homens vê a questão, é uma grande vergonha se uma mulher não der à luz crianças."

Agora, Aliaenor mudou para a cena do seu casamento. Falando como Aliaenor, Helen manteve-me em suspense. O seu estilo articulado, aliado à sua animação e ocasionais explosões emocionais, tornava a sua história ainda mais cativante. Fiquei espantado com os detalhes que ganhavam vida à medida que fluíam sem esforço da sua boca com um sotaque francês.

Mas o meu lado analítico entrou em ação. Eu já tinha conduzido outras sessões de regressão em que os detalhes surgiam com a mesma naturalidade. No entanto, o meu sujeito tinha experiência em contar histórias em poesia e música. Ela era também uma costureira de trajes de época, pelo que a sua prestação foi, de facto, um deleite.

Notei que Helen, que se sentia confortável com técnicas de meditação, tinha alcançado facilmente um nível profundo de hipnose. Quando acordada, Helen era também animada, artística, articulada e até "parecia o papel". Embora tivesse algum contexto histórico, eu não podia descartar a ligação emocional ou de alma que ela parecia ter estabelecido. A minha mente regressou alegremente ao dia do casamento de Aliaenor.

"É um dia bonito para um casamento. Talvez seja maio. Há o primeiro indício de calor de verão e um céu sem nuvens", disse entusiasmada. "O meu vestido é de seda azul e amarelo pálido. O que está por baixo é amarelo pálido. A *cyclas* azul é da cor do céu.

"Pela primeira vez não tenho de usar um estúpido de um bendeiro* e um véu. Sou uma noiva e virgem, e quero usar o meu cabelo solto e descoberto apenas com um aro. Esse é o meu direito", insistiu ela. "A Mamã chama-me pirralha mimada." Ela riu-se. "A Mamã diz que tenho de me habituar a véus e bendeiros a toda a hora depois de hoje. Não poderei tirá-los às escondidas no bosque. Está bem. Isso é amanhã. Isto é hoje!"

**(NT: Benda (termo arcaico para fita de cabeça). Fita, ou Ligadura.)*

No dia do seu casamento, a jovem experienciou toda a gama de sentimentos — da ansiedade, medo e resignação ao orgulho e autoconfiança. Helen descreveu Aliaenor como sendo dolorosamente jovem e enganadoramente frágil. Conseguia sentir a constituição leve de Aliaenor, de "ossos de pássaro", braços e pernas longos e desajeitados, dedos finos e afilados, e ombros fortes de cavalgar.

Após o casamento, Aliaenor mudou de residência. O casamento parecia ter sido uma experiência que trouxe sobriedade à jovem mulher.

"Gosto da minha nova sogra. Chamo-lhe *ma mère*. Ela é muito simpática. Parece que já a conheço", continuou ela. "O meu novo marido é agora o senhor. O pai dele morreu pouco antes de nos casarmos.

“Ele tenta ser bondoso. Suponho que consigo tolerá-lo. Ele é suficientemente simpático, mas simplesmente não fala muito. Deixa-me tocar o meu alaúde, aliás, ele encoraja-o, mas não posso sair do castelo sem escolta nem vaguear pelo bosque. Não que a Mamã alguma vez tenha gostado muito disso também.

“A vida de casada é razoável”, tagarelou. “Não percebo por que fazem tanto alarido. A Mamã diz que com o tempo virei a amá-lo, mas não amo. Pelo menos tenho um filho; um bebé! Ele não é terrivelmente forte nem doentio, mas é pequeno para a idade.

“A Mamã tinha razão sobre eu trabalhar na minha tecelagem. Pelo menos posso tecer os meus bosques e trazer a floresta para dentro da fortaleza. A tapeçaria é a minha salvação, embora não possa trabalhar nela muito tempo”, disse Aliaenor com apreço. “Há tanto que precisa de ser feito — garantir que o linho é preparado e fiado corretamente para as camisas, atoalhados de casa e mantos de lã. Essas coisas nós fiamos e tecemos. Os tecidos bonitos, nós compramos.

“Uma das tecedeiras é uma mulher velha. Ela cria-me dificuldades. Tenho de ir procurar a minha sogra. Ela não me ouve. *Ma mère* diz que sou demasiado gentil para o meu próprio bem.

“Além da tecelagem, passo tempo no jardim e na cozinha, e tempo com o meu filho. Às vezes o meu marido deixa-me ir à caça com ele. Sou uma excelente cavaleira e caço com falcões. Ele acha que sou tão frágil, mas isso é tonto. Estive em trabalho de parto durante vinte horas com o nosso filho. Isso não é ser frágil!

“O meu marido trabalha arduamente com os seus cavaleiros da casa, escudeiros e homens de armas”, relatou. “Treinam arduamente no pátio exterior todos os dias. Raymond diz que é apenas uma questão de tempo até haver problemas aqui.

“*Ma mère* é cátara, embora não seja uma das perfeitas. Os padres dizem que os cátaros são maus e fazem coisas cruéis. Não é verdade, por isso simplesmente ignoramos os padres, embora eu seja uma boa filha da Igreja. Vou à missa. Mas não vejo o que há de tão errado no que *ma mère* faz. Ela é boa, bondosa, e não cospe na cruz, não profana a hóstia, nem faz nenhuma das coisas vis que eles dizem. Mas deixarei a teologia para os padres. Esse é o trabalho deles.”

A história de Helen, ou melhor, de Aliaenor, era fascinante. Era como se ela estivesse a protagonizar o filme que se desenrolava diante de mim. Ansiosamente, sugeri que ela avançasse para uma cena significativa.

"A minha bebé morreu. Tinha apenas algumas semanas de vida. Adormeceu e não acordou", disse tristemente. "Tenho vinte anos e já devia ter outro bebé saudável por esta altura.

"Michel, o meu filho, mete-se em tudo. Tem agora quatro anos." O pensamento no filho elevou-lhe o ânimo. "Raymond deu-lhe a sua própria espada de madeira e um escudo. Ele aterroriza o curral e persegue os cães. É realmente uma figura", disse rindo e avançou para outra cena.

"O meu marido vai levar-me a Carcassonne para o torneio. Vamos levar a mãe dele connosco", continuou. "O céu está nublado e a erva está verde. Estou a usar um vestido de lã verde-sálvia suave e sinto o peso das minhas tranças enroladas sob o meu bendeiro. Comprámos seda nova, e especiarias, e quermes para tingir lã. É um cor-de-rosa profundo e belo. Foi tão caro, mas valeu a pena. Estou cansada daquele vermelho de garança que me faz parecer doente. Prefiro cores ricas, tecidos finos e um corte justo nas minhas roupas em vez de muita joalharia."

Em seguida, indicou que o seu marido estava à procura de alguma assistência militar e que, além das compras, talvez a viagem pudesse revelar-se proveitosa.

"O capitão dos homens de armas está a ficar cego, mas Raymond não o vai reformar porque ele é muito orgulhoso. Devíamos encontrar alguém para o ajudar, mas ninguém na guarnição provou ser um taticista suficientemente bom. Um bom comandante consegue visualizar a batalha, vendo-a no olho da sua mente a partir de cima como um pássaro, e consegue antecipar de onde virá o inimigo. O capitão consegue ver as coisas dessa forma, mas temos de lhe encontrar ajuda.

"A Grande *Mêlée* é esta tarde. Raymond espera ver aqui alguém promissor, embora esteja demasiado ocupado a falar de política com os outros senhores. As bancadas estão cheias. *Ma mère* e eu estamos a assistir.

"Aquele cavaleiro normando. O que está ele a fazer tão a sul? Ele é muito bom, muito rápido. *Ma mère* diz que ele conhece as suas táticas. Ele fez recuar um pequeno grupo, espalhou-os, deu a volta e entalou os seus oponentes no meio. O seu grupo venceu. Foi muito mais rápido do que o normal.

"Acabei de chocar toda a gente", exclamou entusiasmada. "Arranquei o meu véu *(mas não o meu bendeiro e barbette)* e acenei-o na direção deles. O normando aproxima-se e apanha-o. Digo-lhe que, se ele desejar ficar no sul, o meu marido e eu teríamos prazer em contratar os seus serviços. Ele chamou-me '*Bella Donna*'.

"'Não sabe o meu nome', disse ele. Eu respondi: 'Não preciso de saber o seu nome, meu senhor. Tudo o que preciso de ver é quão bem combate. Mas um nome seria bom'. O nome dele era Richard de Giscors, e disse que seria meu vassalo na vida e na morte. Isso é bonito. Alguém lhe ensinou maneiras e cortesia. *Ma mère* pergunta que idade tem. Não tem sequer dezoito anos.

"Raymond está absolutamente furioso comigo por causa do véu e bate-me. 'Não tem o direito de me bater por uma coisa tão insignificante como essa', grito eu. Ele diz que está inclinado a não honrar o juramento que fiz a de Giscors para o contratar. Digo-lhe que, se o fizer, ficará desonrado. Ele diz que não pagará o seu soldo. 'Pois bem, pagarei eu. Precisamos dele. Diz que se aproximam problemas. O seu precioso capitão está a ficar cego. Como pode ele enfrentar qualquer perigo se este chegar? Como seria ele capaz de se preparar para a guerra, de liderar na guerra se não consegue ver?'"

Aliaenor parecia perturbada. "Deixei o Raymond mesmo zangado. Ele nunca me tinha batido antes. Tenho hematomas que se vão notar no rosto. Mas, de manhã, o Raymond vai apoiar-me. Ele não gosta, está zangado. Diz ao Richard que, se ele não gostar do pagamento, pode discuti-lo comigo. Eles odeiam-se um ao outro. Indignado, Raymond afasta-se. Deixa o novo vassalo para me conduzir para fora do palanque.

"Richard diz: 'Ele bateu-lhe. Porquê?'. Eu conto-lhe. Ele diz: 'É muito leal. Dê-me o que puder pagar-me. Não aceitarei nem mais um pouco'. Eu disse: 'Poderia ir para outro lugar. Outro senhor poderia pagar-lhe mais'. Ele respondeu: 'Dei-lhe o meu juramento ontem. Não o retirarei'. Felizmente para mim, Richard arrecadou alguns ganhos consideráveis no circuito de torneios.

"Ele descinge a espada, entrega-ma e ajoelha-se. 'Repito, sou o seu homem na vida ou na morte. Não partirei a menos que mo ordene'. O que mais posso eu fazer senão aceitar o seu juramento? Ele é muito correto. Não há nada no seu comportamento de que o Raymond se possa queixar. Assim, vamos para casa."

O tempo passa. O incidente foi esquecido. Aliaenor viu-se grávida e depois a dar à luz uma menina. O tempo, acreditava ela, era por volta de 1208.

“Ela é saudável e muito forte”, disse Aliaenor sobre a sua bebé. “Nunca sorri, mas é uma bebé muito sossegada. *Ma mère* chama-lhe ‘a nossa pequena freira’ porque ela é tão grave. Dou-lhe o nome de Almucs.

“O Raymond está muitas vezes fora em Carcassonne e Béziers, a corte do Conde da Provença. O Raymond pode ser primo distante do conde”, continuou ela. “Em casa, ele está sempre sombrio. Quando ele parte, fico sempre tão contente. O próprio ar parece mais leve quando ele se vai embora.

“Há uma trupe de jograis”, disse alegremente. “Eles interpretam as canções dos trovadores. Às vezes também ensinam música. São músicos itinerantes, indo de cidade em cidade.

“Querem que eu toque para vocês?” A sua gargalhada encheu o meu gabinete enquanto descrevia o pegar no seu alaúde. “De repente, sinto que o Richard me está a observar. Porquê? Ele faz isto muitas vezes. Viro-me para olhar para ele e ele levanta-se e retira-se para as sombras. É muito estranho.”

Agora, voltou a focar-se nos filhos.

“Almucs é uma criaturinha forte. Está a crescer depressa. Michel tem agora seis anos e já tem idade para o seu primeiro pónei. Michel, tem cuidado”, avisa Aliaenor. “Não!”, grita ela. “O pónei dele escorregou na lama e caiu em cima dele. Ele bateu com a cabeça com força e não está consciente.”

Aliaenor ajoelha-se, segura o filho nos braços e chora. Richard levanta-o e carrega-o para dentro. “O Michel é demasiado pesado para mim. Ele nunca acorda, mas para de respirar após três dias”, disse ela, em sofrimento, descrevendo a sensação de exaustão por não ter dormido desde o acidente.

“Suponho que isso signifique que tenho de dormir com o Raymond outra vez. Não quero ter outro bebé. O parto da Almucs foi tão difícil. Suponho que tenho de tentar. Ele precisa de um herdeiro.”

Logo após essa tragédia, outra se abateu sobre a família. Isto levou a mais conflitos conjugais. “A Almucs apanha uma febre pulmonar e morre pela Noite de Reis. Não consigo conceber de novo. Não é como se o Raymond viesse à minha cama com frequência. Ele veste-se de carmesim e preto e bebe pesadamente o vinho tinto escuro local. Está a tornar-se realmente cruel. Acusa-me de coisas feias, como ter um caso com o Richard. É absurdo.

“Não, não o vou expulsar. O capitão está cego como um morcego. Não consegue ver o próprio nariz à frente da cara. ‘Não, ele não é meu amante, cortesmente ou de outra forma! O que se passa contigo? Achas que sou

tonta?', grito eu. 'Não, não me acuses de ser estéril. Sabes perfeitamente bem que não sou estéril. Dei-te três filhos. Não é culpa minha que tenham morrido. Bem, foste tu quem deu ao Michel aquele pónei meio quebrado.'"

Raymond continuou a bater em Aliaenor para lembrar tanto a Richard como a ela que ela era propriedade sua. Aliaenor acreditava que ele a teria morto, não fosse o facto de querer manter a boa vontade da família dela.

Após os últimos acontecimentos de cortar o coração, encorajei Aliaenor a avançar no tempo. Agora, ela centrou a sua atenção na política.

"O papa declarou uma cruzada contra os cátaros. Isto é uma loucura. Porque estão a fazer isto?" Ela estava visivelmente perturbada. "O Richard está a rir-se. Diz que não se trata de religião; trata-se de poder, dinheiro e terra. O rei francês quer anexar o Languedoc, a Provença — todo o sul. É um homem ganancioso e quer sempre o que não é dele."

Levou a mão à boca. Engoliu em seco e sussurrou. "Acaba de chegar um mensageiro dos nossos vizinhos, os nossos amigos de Montpellier. Béziers foi saqueada. A cidade inteira foi totalmente destruída e cada homem, mulher e criança está morto. Todos eles, cátaros e fiéis por igual. Não pouparam ninguém. Que tipo de animais são eles?", lamentou-se. "Chamam-se a si próprios 'cruzados'. O próprio Cristo deve esconder a cabeça de vergonha.

"A única coisa boa nisto tudo é que o Raymond quase nunca está em casa. Quando está, queixa-se porque sou estéril. Digo-lhe que se ele estivesse em casa, talvez eu concebesse. Então ele bate-me mais um pouco", continuou ela. "Ele não tem tempo para se preocupar em pôr-me de parte. Suponho que é suficientemente bom para mim. Não me nega roupas finas e sedas. Não impede a minha música. Apenas me bate. *Ma mère* diz que tenho sorte. Outras mulheres ficam com ossos partidos; eu fico apenas com hematomas.

"O Richard não acha que os cruzados virão. Não somos um castelo assim tão grande. Ninguém fora da família, exceto o Richard, sabe que *ma mère* é cátara. Ele fala com ela frequentemente."

Então, numa tarde de verão, Aliaenor regressou ao seu trabalho. "A casa está no solário, uma sala do castelo voltada a sul. Há teares e damas a fiar. À parte dos linhos caseiros para as camisas, tenho pouca roupa nova. A minha verba para vestuário serve para pagar o soldo do Richard.

"Estou a supervisionar a tecelagem. Estão aqui raparigas jovens. Os pais delas devem vassalagem ao meu marido. Estou a ensinar-lhes coisas que é

necessário uma dama saber. *Ma mère* está comigo. Guillaume, o capitão, e Richard entram. Dizem que os cruzados estão dentro dos portões."

Subitamente, a boca de Helen abriu-se e ela gritou.

"Eles acham que somos cátaros! Estão lá fora, a queimar tudo. Vão destruir-nos se puderem. Não posso permitir. O meu marido partiu. Somos apenas nós. Tenho de os comandar. Não sei o que devo fazer. Não fui criada para isto."

Ela torcia as mãos ansiosamente. "Não somos cátaros! Porque estão aqui? O que farão? Queimar-nos a todos? O Richard diz que não deixará que queimem nenhum de nós. Ainda bem para o Raymond que ele está na Provença, longe daqui.

"Estamos a preparar a mesa e a desenhar um mapa", disse ofegante. "O capitão dos homens de armas já não tem força para liderar isto. O tenente está ao meu lado. *Ma mère*, Guillaume, Richard e eu desenhamos um mapa do castelo, da terra onde estamos e da forma como o terreno desce. Tentamos perceber por que lado virão, que tática tomarão.

"Digo ao Guillaume para levar *ma mère* e as damas — são todas tão jovens — para o ponto mais alto da torre de menagem. Eu tenho de ir para as muralhas. Eles estão fora das muralhas. O Richard diz que eu devia ir para a torre. Digo que não irei. Na ausência do meu marido, o meu lugar é nas muralhas, onde ele estaria. Está um calor abrasador e é um suplício estar nas muralhas neste dia de final de junho ou início de julho.

"Dizemos-lhes que não somos cátaros. Não somos heréticos. Eles não se importam." Ela gritou: " 'Não deixem que nos apanhem!' Tenho medo e o tenente segura-me. Diz-me que não deixará que me queimem. Mas é isso que os cruzados fazem aos heréticos. Temos poucos arqueiros, não os suficientes.

"Há uma chuva de setas a cair em arco. Apanhei um virote — uma seta — no pulmão. O meu sangue está por todo o lado. Devem ter atingido uma veia. O Richard segura-me e chama-me '*amica*'. O sangue está sobre nós os dois. Sinto os braços dele sobre os meus ombros e oiço a sua voz enquanto o sangue enche o meu pulmão perfurado, ensopando o corpete do meu vestido." Ela levantou a mão. "Vejo-o a chorar. Não sabia que ele me amava. A escuridão engole-me. Estou bem morta. Estão a carregar o meu corpo para dentro da torre e para a capela."

Ela arquejou. “Queimam *ma mère* por ser cátara. Quão pouco *ma mère* gritou nas chamas. Talvez se tenha drogado quando o castelo caiu. Levam o Richard como traidor porque é normando. Deixam todos os outros em paz. Decapitam-no por traição porque o pai dele jura vassalagem ao rei de França. Não ouvem o que ele tem para dizer — que o seu pai devia vassalagem ao rei de Inglaterra, por isso ele tinha todo o direito de ser vassalo de um vassalo da falecida rainha. Além disso, ele devia-me vassalagem e o que faria ele, abandonar a sua dama? De Montfort não se importa. Pelo menos acaba depressa, embora a sua cabeça decepada seja espetada numa lança.”

Em seguida, Helen recordou uma vida na Gália durante a qual ela, como uma jovem de catorze anos, deu à luz um rapaz que foi o resultado de um rito sagrado. Durante uma visita aos seus pais, romanos emboscaram-nos, massacrando tanto a mãe como a criança.

Agora, Helen viu-se como uma dançarina no templo egípcio de Karnak. Enquanto dançava para celebrar as cheias que cobriam os campos, pisou um escorpião.

Na sua vida seguinte, Helen foi uma dançarina de touros em Cnossos. Culpando-se pela morte de outra dançarina que tinha imitado o seu estilo, descuidou-se, escorregou e foi colhida.

Finalmente, Helen regressou a outra existência medieval. “Estou descalça e visto uma camisa de linho caseiro pela altura da panturrilha. Tenho o cabelo comprido e despenteado pelos ombros. Sou uma menina de quatro anos, apelidada de Alys”, disse precocemente.

“Raparigas adolescentes da aldeia estão a dançar à volta da árvore das fadas. Fazemo-lo todas as primaveras. É tonto! Os padres abanam a cabeça. As raparigas querem casar e ter bebés. Foi o que a minha mamã disse. Sou demasiado nova. Tenho de crescer primeiro.

“Todas as raparigas da nossa aldeia estão aqui. Estão a usar roupas de festa. Os vestidos são ajustados, apertam com atacadores à frente e têm cores bonitas — vermelhos, azuis e verdes, e alguns amarelos.

“A Marie tem flores entrançadas no cabelo”, continua orgulhosamente. “Ela é irmã da minha mãe, mas é muito mais nova. Está a dançar no círculo. São três passos para a esquerda, depois dois para a direita. Depois repetem. Às vezes dão pontapés quando dançam para a esquerda. Estão a cantar, mas não consigo ouvir as palavras.

"É suposto eu estar a vigiar os gansos, mas o dia está demasiado bonito para ser desperdiçado. Tenho tarefas para fazer. Também fio todos os dias, mas não faz mal porque posso levar o trabalho para onde quer que vá. A mãe ensinou-me há um par de anos, assim que consegui segurar no fuso sem o deixar cair. Quando fizer cinco anos, ela vai ensinar-me a pentear a lã, para eu saber como deve ficar. É isto que a mãe faz.

"Vão acabar de dançar em breve. Tenho de voltar para a quinta ou a mãe bate-me. Sempre que ela acha que estou a ser preguiçosa, bate-me. De poucos em poucos dias, dá-me uma palmada nas costas. A rapariga do lado diz que o pai dela lhe bate até ficar negra se ela não fizer tudo bem à primeira. Escapamo-nos para brincar, mas não acontece com muita frequência.

"Vigio os gansos e certifico-me de que não fogem. Fiamos lã para as nossas próprias roupas", disse Alys com responsabilidade. Agora, os seus pensamentos voltaram-se para a família e a casa.

"Somos só a Mamã, o Jean, o meu irmão de oito anos, e eu. O Pai está a lutar com o nosso rei francês. Ele é apenas um soldado de infantaria. Está fora há muito tempo, desde antes da primavera. O Jean teve de fazer toda a lavoura esta primavera. Ficou com bolhas terríveis nas mãos. As mãos dele estavam a sangrar, mas ele fez tudo. Tem sido uma primavera seca. Precisamos de chuva. Se não houver chuva, pelo menos temos muita lã para trocar, para arranjar cereal da Normandia, onde quer que isso seja.

"Todos os dias levantamo-nos assim que o sol nasce", continuou. "Eu apanho os ovos enquanto o Jean reacende o lume. A Mamã começa um pequeno-almoço de cereais cozidos e pão. Passamos bem para camponeses, embora outros passem melhor. Têm mais filhos e mais ajuda. Perguntei à Mamã porquê. Ela disse que os outros bebés não viveram além dos primeiros meses. Fomos os únicos dois que sobreviveram."

Entretanto, a Tia Marie de Alys, cuja família era financeiramente mais estável, visitou-os. Tinha notícias sobre uma rapariga local. "A *Tante* Marie diz que a sua amiga Jeanne ficou 'completamente louca'. Quer cortar o cabelo para combater. É um pouco mais velha que a Marie. Ninguém percebe por que ainda não casou. É peculiar. Suponho que não queira. A Mamã disse à Marie para se calar e não me dar ideias. Eu gostava de ir para a guerra para proteger o pai."

Subitamente, a conversa mudou. "Estão a falar sobre o tempo abominável e quão alto o trigo devia estar agora. Também sobre formas de

esconder o cereal que esperamos colher, caso o exército venha e tente levar tudo. É o nosso país. Somos nós que temos de nos matar a trabalhar para cultivar comida.

"A *Tante* Marie diz que a guerra leva os maridos e os filhos para morrerem. Não sei o que ela quer dizer com morrer. Já vi galinhas mortas. Além dos velhos e dos novos, não conheci ninguém que tenha morrido.

"Falamos do costume", continuou Alys. "Como correrão os pomares. Se o linho já está a brotar. O que há para fazer na quinta. Quantos impostos são devidos. A Mamã diz que terá de pagar os impostos em galinhas outra vez. Disse que lhes dará as mais magras. A sua família merece as gordas.

"A Marie disse que os soldados queimaram as cidades perto de Paris e mataram toda a gente, até as crianças. Levam tudo, todo o cereal. Tenho medo. Não sei quem são os outros soldados, se franceses, ingleses ou borgonheses.

"Agora, a Marie está a falar do rei. Ouviu dizer que ele está a ficar velho e a morrer, e há rumores de que o delfim não é o filho. É tão tonto. Quem quer saber? Eu não quero saber quem é o rei, apenas que tenhamos comida para comer e roupas quentes, e que o Papá venha para casa. A Mamã ouve a Marie, abana a cabeça e diz: 'Isso é em Paris. Deixem-nos preocuparem-se com isso. Eu tenho colheitas para cultivar e filhos para criar.'"

A conversa terminou e Helen, falando como Alys, foi até à vila.

"Na aldeia, as casas parecem-se com as de toda a gente. Algumas têm pedra perto do chão. As paredes têm grandes vigas preenchidas com barro e lama, e depois caiadas. Alguns telhados são de feno ou palha; alguns têm telhados de ardósia. Portadas cobrem as janelas. Temos um boticário e uma igreja. Cada vila tem uma.

"Alguns soldados e cavaleiros estão a avançar lentamente a cavalo. Estão a usar armadura e a carregar os elmos. O sol brilha na sua armadura brilhante. Os piqueiros a pé carregam coisas engraçadas como machados de cabo longo com pontas. Estão a usar jaquetas acolchoadas. Não parecem terrivelmente cansados.

"É o Papá. 'Mamã, o Papá chegou a casa'", gritou Alys entusiasmada. "Ele diz que não pode ficar. O lugar é um pandemónio. Toda a gente tem alguém a chegar a casa." Ela riu-se. "A Mamã diz que vamos matar o ganso para o jantar de hoje para celebrar.

“O Papá não quer falar sobre a luta; ele só quer ver as colheitas e o gado. Ele não se orgulha de algumas coisas que fizeram na guerra. Não sei o nome da nossa terra, mas ele disse que tiveram sorte e apenas perderam um par de homens em poucos meses. Tem de voltar dentro de apenas alguns dias.

“Ele diz que estão todos loucos. Preocupam-se com coisas que não interessam. Não se importam se o tempo está bom e se as colheitas estão bem, ou se as pessoas vivem ou morrem. Tudo o que lhes interessa é saber quem é o valentão no topo da colina.”

Após a partida do pai, a saúde de Alys tornou-se precária. Ela tossiu. “Está a chover. Tenho uma tosse terrível e não me sinto bem. Acabei de fazer cinco anos. A Mamã está a tentar manter-me na cama. Parece preocupada. Também disse que temos de ter cuidado com a comida este inverno, mas que devemos conseguir.”

Enquanto permanecia na cama, os seus pensamentos voltaram-se para a guerra. “A guerra é a mesma coisa vezes sem conta. A Jeanne louca realmente foi e juntou-se ao exército. Cortou o cabelo e deram-lhe uma armadura. Tem sorte de certa forma”, suspirou a criança. “Muita gente tem febre pulmonar e morreu. A Mamã e eu achamos que eu tenho. Ela põe ervas no meu peito e dá-me caldo. Ou fico boa ou não fico. Mas a minha febre continua a subir e os meus pulmões estão a encher-se de fluido.

“Estão a enrolar-me. A Mamã está a chorar. A Tia Marie também está a chorar. O meu irmão está a tentar não chorar. Estão a carregar o corpo para o adro da igreja. Quase toda a aldeia está lá. A Mamã compra algumas missas com uma galinha ou um ganso. Não consegue comprar muitas. Um padre está aqui.

“Tenho sorte de estar fora dessa vida”, filosofou ela. “Tanta coisa está a correr tão mal. A França não é nada mais do que um pântano. Com as guerras, nunca para. Melhor morrer jovem e depressa do que crescer e cair no caminho de um soldado de infantaria ou morrer por salteadores.”

Ao acordar, Helen comparou a sua sessão de hipnose a um afogamento psíquico, sentindo-se totalmente arrastada pelos dramas das vidas. Em resposta às minhas perguntas sobre a sua exposição ao francês nesta vida, disse-me que tinha sido “péssima” a francês, tendo tido de repetir a disciplina na faculdade.

Helen disse também que, numa visita anterior a França, ficara cativada pela área onde Aliaenor cresceu, mas detestara Carcassonne. Vários anos

antes da sua regressão, também sentira uma espécie de *déjà vu* enquanto estava sobre uma mesa a desenhar um mapa. Durante a sua regressão, sentiu que "conhecia" o capitão idoso e a sogra naquela vida e viu os seus rostos atuais sobrepostos aos antigos.

Acreditava também ter reconhecido o seu vassalo Richard, que é agora um formidável espadachim da SCA. Adicionalmente, embora Helen soubesse que Simon de Montfort estivera encarregue das Cruzadas e que toda a gente fora morta em Montségur, não conhecia detalhes sobre Béziers e Carcassonne.

Após a sua regressão, Helen fez alguma pesquisa e descobriu que o horizonte de Carcassonne era agora moderno e que as muralhas eram agora de construção vitoriana, um cenário que teria visto na sua viagem a Carcassonne. Mas o que tinha "visto" na sua regressão eram muralhas que pareciam mais antigas, uma cidadela mais pequena e um horizonte que tinha uma variedade de edifícios novos e velhos. Talvez a sua visita ao sítio medieval tivesse ajudado a desencadear memórias subconscientes da cidade medieval como esta fora.

A sua pesquisa posterior indicou que o Perigord ficava na extremidade sul do antigo ducado da Aquitânia, enquanto Giscors ficava numa secção disputada da Normandia chamada "o Vexin".[1] Na última parte do século XII, descobriu que os senhores de Giscors deviam vassalagem aos duques da Normandia e aos reis ingleses, até que renunciaram à vassalagem a Henrique Plantageneta, prestando-a, em vez disso, aos reis franceses. Adicionalmente, disse que os senhores de Giscors estavam associados aos Cavaleiros Templários e indissociavelmente ligados ao *Prieuré de Sion* e aos Cátaros.

Helen pensava que a sua cidadela ficava em Montélimar, que não conseguiu localizar até um ano após a regressão, quando a encontrou nas margens orientais do Ródano. Os nomes mais próximos que encontrou que correspondiam à localização que tinha em mente foram Montréal e Minerve, com Montlieu por perto.

Helen deduziu que a morte de Aliaenor teria ocorrido entre 1210 e 1212 d.C., acreditando que não estaria tão aterrorizada por ser queimada antes de ouvir os relatos do saque e massacre de Béziers.

Helen acreditava que a sua mãe tinha sido normanda inglesa e falava ambos os dialetos de francês. Especulou que a mãe de Aliaenor seria provavelmente de perto de Sussex, junto a Kent, perto da corte real onde era dama de companhia da rainha.

Ela também teorizou que a sua mãe poderá ter dado à luz Aliaenor mais tarde na vida ou, talvez, como fruto de um segundo casamento, uma vez que ela teria muito provavelmente estado presente antes da prisão da Rainha Leonor pelo seu marido, o Rei Henrique II. Helen supôs que houve intervalos entre as gravidezes da mãe, tendo Aliaenor, sendo a mais nova, nascido por volta de 1185-87. A Rainha Leonor esteve presa pelo marido até ao final da década de 1180. Assim, a mãe de Aliaenor não poderia ter estado com a duquesa depois de 1175.

Vários dos meus especialistas desaprovaram a ideia de que Aliaenor tivesse sido exposta ao ambiente do amor cortês. No entanto, como outros salientaram, Aliaenor era a homónima da Rainha Leonor da Aquitânia e filha de uma viscondessa que servira a rainha. Helen concorda e acredita que, se a mãe de Aliaenor tivesse estado com a duquesa em Poitiers, teria sido profundamente influenciada pelas "cortes de amor", que os trovadores dizem ter sido instituídas pela Rainha Leonor e pela sua filha com o Rei Luís de França, Marie, Condessa de Champagne.

Embora os historiadores sejam céticos quanto à existência real destas "cortes de amor", eles reconhecem os poetas trovadores que habitualmente cantavam sobre jovens homens que cortejavam mulheres inalcançáveis. Aliaenor, uma mulher casada, enquadrava-se nessa categoria para Richard.

Os meus especialistas localizaram dois lugares na região com o prefixo *Mont*, tal como Helen afirmou na sua regressão. Montauban, perto da cidade de Toulouse, e o castelo de Montségur, a famosa última resistência dos Cátaros, construído em 1206 para Raymond de Perella (a sua filha Esclarmonde esteve entre os 210 Cátaros queimados vivos quando Montségur caiu perante os cruzados após um cerco de dez meses em março de 1244).

Raymond era um nome comum na área; de facto, Raymond de Toulouse era Conde da Provença e outro Raymond era Conde de Béziers (saqueada em 1209 pelos cruzados) e Carcassonne (também saqueada).

Os detalhes na vida de Aliaenor que suscitaram suspeitas incluíram a limitação da herança ao irmão mais velho. Aparentemente, este não era o padrão padrão do sul de França. Em vez disso, a terra era dividida entre todos os filhos e gerida por um ou dois. Além disso, cavaleiros e escudeiros da casa eram menos comuns no sul de França do que noutras áreas, e os proprietários de terras ali tendiam a contar com tropas mercenárias. Um ditado popular da época era "os Francos para a batalha; os Provençais para a mesa". No entanto,

os especialistas indicaram que não seria invulgar encontrar um cavaleiro normando no sul de França.

A decapitação de Richard por traição foi questionada por alguns dos meus comentadores. Eles sentiram que o juramento de vassalagem do pai de Richard não seria vinculativo para o filho e, portanto, ele não deveria ter sido decapitado por traição. No entanto, como Bruce Blackistone colocou, "Quando um castelo é tomado por assalto, as subtilezas legais ficam pelo caminho". E, como vimos, "não poupar ninguém" era o lema dos cruzados.

Um dos especialistas militares disse acreditar que o estilo de torneio que Helen descreveu era avançado para o século XII, mas correto para o século seguinte. Depois, houve o problema com os bendeiros. De acordo com os especialistas em moda, a alegria de Aliaenor por não ter de usar véu e bendeiro no dia em que casou estava correta — residindo o erro na suposição de que ela já usava bendeiros e véus. Não se esperava que as mulheres jovens e solteiras usassem coberturas de cabeça, que eram o fardo das mulheres casadas.

As expressões de tempo também foram um problema. As pessoas mediam o tempo na Idade Média pelas "horas" canónicas de cerca de três horas cada. Havia poucos relógios, nenhum deles preciso, e a maioria encontrava-se em igrejas, onde era importante saber quando rezar o conjunto correto de orações para uma hora canónica. Aliaenor, por exemplo, disse que estivera em trabalho de parto durante vinte horas, quando deveria ter dito algo como "do crepúsculo até ao crepúsculo seguinte". Em sua defesa, devo mais uma vez afirmar que a memória do século XII a expressar-se através de um filtro mental do século XX pode ser a razão para estes anacronismos. Nenhum dos casos exclui a possibilidade de se tratar de uma memória de vida passada.

Houve também alguma dúvida sobre o comentário de Aliaenor de que ia à missa e que isso a tornava "uma boa filha da Igreja". Este conceito só se tornou definido no Quarto Concílio de Latrão em 1215, presumivelmente após a morte de Aliaenor.

Os detalhes sobre os quais Helen estava correta incluem a menção ao quermes, um corante vermelho muito caro. Aliaenor também falou de seda, que estava então disponível a partir de Espanha — também extremamente cara. Teria sido apropriado para uma mulher do estatuto de Aliaenor casar-se com um homem abaixo da sua posição. Isto era frequentemente visto quase como nós vemos um investimento que poderia compensar se o noivo e a sua família fossem promissores.

Helen datou ela própria o fim desta vida entre 1210 e 1212. Isto tornaria correta a presença de Simon de Montfort, o líder militar da cruzada no saque do castelo e na decapitação de Richard. Apenas seis a oito anos mais tarde, ele acabaria por encontrar a própria morte durante a tomada de Toulouse.

A própria Helen ficou surpreendida quando Aliaenor viu um tear vertical — acreditando que estes já não estariam em uso naquela era. Isto não é necessariamente verdade, de acordo com Susan Reed, que explicou que, embora teares de novo estilo tenham começado a entrar em uso por volta do ano 1000 d.C., não seria invulgar ter mantido um tear vertical.

O que perturbou alguns comentadores foram as referências a pessoas famosas nas suas regressões — a Rainha Leonor e a mulher descrita como Joana d'Arc. Eles acharam improvável que ela pudesse ter sido exposta a duas figuras tão notáveis.

Passando para a vida de Helen como a criança Alys, se aceitarmos que a mulher "Jeanne louca" era Joana d'Arc (1412-1431), então a aldeia onde a criança vivia seria Domrémy, na Lorena. O pai de Alys estaria muito provavelmente a lutar com o Rei francês Carlos VI, que morreu em 1421. A sua menção a Carlos VI situa-a no quarto ano antes da morte dele em 1421. Acredita-se que o início da carreira militar de Joana tenha sido em 1427. Joana seria demasiado jovem para ter lutado com Carlos VI.

Embora improvável, deve ser levado em consideração que a "Jeanne louca" possa ter sido uma mulher inteiramente diferente. Os meus comentadores disseram-me que as mulheres se vestem como homens e vão para a guerra desde o início dos tempos. A lenda diz que a Rainha Leonor da Aquitânia e a sua comitiva feminina, por exemplo, participaram numa cruzada à Terra Santa vestidas como Amazonas.

Quando os maridos estavam fora a lutar noutras batalhas, era tradicionalmente a esposa que se tornava a protetora oficial do lar em caso de ataque. Por exemplo, Catarina de Aragão, a primeira esposa de Henrique VIII, dirigiu uma campanha militar bem-sucedida contra os invasores escoceses enquanto o seu marido estava em França, lutando com muito menos sucesso pelo seu antigo direito àquele trono.

A guerra que a criança recordou teria sido a Guerra dos Cem Anos, um período de campanhas separadas, quase contíguas, para resolver a disputa entre os Plantagenetas ingleses e os franceses sobre quem deveria governar a

França. (Henrique VIII era neto de Eduardo IV, e a sua invasão de França pode ser vista como um pós-escrito infeliz a esta disputa belicosa.)

A roda de fiar foi inventada no século XIII, mas os fusos de mão continuaram a ser usados pelos pobres, e são-no até hoje. Outra área problemática para os meus especialistas foi se uma criança de dois anos teria a destreza manual para fiar com fuso de mão e se uma de quatro anos conseguiria fiar com proficiência suficiente para ajudar realmente a sua família.

Ann Longmore-Etheridge rebateu a crítica comentando que tinha visto crianças pequenas a usar fusos de mão em eventos de história viva e que não importava se Alys era proficiente o suficiente para ser útil — o que era importante era que Alys praticasse para se tornar útil um dia. Susan Reed acrescentou também que Alys dissera que aprenderia a pentear a lã aos cinco anos. Embora isto possa parecer uma tarefa mais fácil, requer mais força física.

Outro trabalho que exigia força era lavrar. Mais uma vez, alguns comentadores questionaram se o irmão de oito anos de Alys teria força para guiar um arado pesado. Outro contrapôs perguntando se o rapaz na verdade espicaçava o boi enquanto outra pessoa lavrava. Era costume as mulheres ajudarem nos campos.

Todos concordaram que o facto de Alys dizer que não conhecera ninguém que tivesse morrido exceto os novos e os velhos era invulgar para um membro de uma sociedade onde adultos saudáveis eram ceifados regularmente por doenças ou acidentes. Também era raro, disseram, uma pequena aldeia ter a sua própria igreja, mas comum os camponeses casarem-se relativamente tarde.

Além disso, Lisa Steele, especialista em França medieval, disse que os carregamentos transconcelhios de cereais eram bastante infrequentes devido ao enorme volume de qualquer suprimento razoável, especialmente porque quase tudo ficava rio acima da Normandia. Pior ainda, se esta fosse realmente a Lorena do século XV, a Normandia estava em mãos inglesas e era improvável que comercializasse cereais com uma aldeia francesa. De acordo com a pesquisa de Lisa, não parece ter havido uma colheita particularmente má na Lorena em meados do século XV.

Helen estava correta ao descrever soldados a usar jaquetas acolchoadas e a carregar piques e alabardas (“machados com cabos longos”). Também é

verdade que, por volta do século XV, muitos impostos e dízimos eram pagos em moeda, embora a maioria dos agricultores ainda preferisse pagar em cereais ou animais.

Após a sua regressão, Helen disse-me que a experiência fora desconfortavelmente parecida com o descascar de uma cebola. Ficou contente por regressar ao mundo mais agradável da recriação histórica medieval. "Graças a Deus que existem antibióticos, leis de divórcio e de proteção para mulheres agredidas", refletiu gravemente. "E nenhuma Inquisição." E com isso, Helen sorriu.

16 - Tecendo os Fios Místicos

"Thoughts that wander through eternity..." — John Milton, Paraíso Perdido

Em todos os casos, os sujeitos que participaram no meu estudo adquiriram uma obsessão pelo passado que começou quando eram crianças. Aos cinco anos, Eric saiu do Museu Metropolitan de Nova Iorque em lágrimas porque não podia ter uma armadura. Aos sete, Ann tornou-se fixada em interpretar as seis esposas de Henrique VIII. No sétimo ano, Felicia aprendeu sozinha a flauta de bisel com uma estranha sensação de facilidade.

Após um interesse absorvente que remontava à infância, Karen foi finalmente capaz de se lançar de todo o coração no estudo do francês no oitavo ano. Em jovem, Dori era fascinada por espadas e transformava-se fielmente em Robin Hood em cada Halloween. O interesse de Paula por castelos europeus cresceu constantemente ao longo da sua infância.

Rich jogava *Dungeons and Dragons* enquanto estava nos Escuteiros, e Nick, Susan e Tee eram infatuados com os contos do Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda. O interesse absorvente de Craig tornou-se a mitologia nórdica. Embora tenha crescido a recriar a era da Guerra da Independência com a sua família, Katharine sempre preferiu a época e a obra de Shakespeare e envolveu-se em festivais renascentistas quando era adolescente. Em jovem, Helen desenhava e cosia moda medieval. Num ímpeto de criatividade, cortou parte do cabelo da sua boneca Barbie, vestiu-a com uma túnica e mudou o seu nome para Joana d'Arc.

Todos os treze sujeitos foram assombrados pela Idade Média ou pelo Renascimento em crianças. Durante o meu estudo anterior sobre recriadores

da Guerra Civil, descobri que três quartos dos participantes estavam profundamente ligados à era por volta da idade da escola primária. O Dr. Ian Stevenson, um respeitado investigador da reencarnação, descobriu que existe uma ligação profunda com vidas anteriores em algumas crianças pequenas até à idade de sete anos, e isto é consistente com ambos os meus grupos de sujeitos. Os sujeitos de Stevenson, no entanto, geralmente diminuíam a sua ligação às pessoas, lugares e eventos das suas vidas passadas, enquanto os meus sujeitos mantiveram o seu interesse durante a adolescência e a idade adulta.

Os meus sujeitos tinham uma média de sete anos de participação na SCA, Markland, festivais renascentistas ou outros grupos de recriação histórica. Três quartos destas sete mulheres e cinco homens eram solteiros. Todos, exceto um, tinham um mínimo de dois anos de faculdade; oito tinham licenciaturas e três possuíam mestrados. Oito dos seus programas de licenciatura estavam relacionados com a expressão dos seus interesses históricos, incluindo ciência política, têxteis, literatura francesa e teatro. Quase um terço tinha carreiras relacionadas com a história.

Estas estatísticas sobre interesses de carreira e educativos são consistentes com a teoria do diagnosticador psíquico Edgar Cayce de indivíduos que trazem para as suas vidas atuais os talentos e interesses de outras vidas.

Durante esta avaliação, notei que os recriadores medievais eram mais jovens e tinham completado mais graus académicos do que os doze recriadores da Guerra Civil no meu estudo anterior. Apenas um quarto desse grupo possuía licenciaturas em história ou áreas relacionadas, enquanto um terço tinha empregos na área. No entanto, em média, tinham estado envolvidos na recriação da Guerra Civil durante catorze anos — o dobro do tempo dos recriadores medievais — e uma percentagem muito maior era casada.

Tal como vários dos recriadores da Guerra Civil no meu estudo pareciam mais confortáveis nos seus uniformes do que em roupas do século XX, também o traje medieval parecia de alguma forma mais adequado do que calças de ganga ou fatos para a Helen, o Rich e alguns dos outros. Embora me digam outros recriadores que este é um fenómeno generalizado, não é universal: algumas pessoas usam as roupas arcaicas com naturalidade, enquanto outras não. Para aqueles que o fazem, simplesmente parece certo. Familiar. Como se já tivessem feito tudo antes.

Houve diferenças entre os dois grupos que recriavam períodos de tempo tão divergentes. Em geral, achei os medievalistas interessados em toda a cultura e estilo de vida do período, em vez de se focarem especificamente em batalhas e movimentos de tropas, como era o caso de alguns dos recriadores da Guerra Civil. Os grupos medievais também tendem a ser mais uma via para socializar e namorar, uma vez que muitos membros casam entre si e têm descendência para quem um fim de semana passado como Viking ou Celta se torna uma parte normal da vida desde o nascimento.

Os meus sujeitos descreveram a recriação medieval como uma forma de satisfazer uma vasta gama de necessidades. Citaram o ganho de experiência prática em artes e ofícios arcaicos, a descoberta de um círculo social de apoio e o ganho de reconhecimento pelos seus talentos e dedicação. Outros falaram em encontrar um sentimento "tribal" ou comunitário, estimulação intelectual e crescimento pessoal. Também serve, revelaram eles, como uma fuga do mundo real, um fórum para a educação pública e um veículo para a viagem no tempo.

Embora um terço do grupo medieval se descrevesse como "especialistas em diversão", outro terço como "especialistas em autenticidade" e os restantes como uma mistura de ambos, eles pontuaram coletivamente o seu grau de seriedade na recriação em sete ou acima.

Muitos destes medievalistas juntaram-se ao passatempo depois de assistirem a um evento da SCA ou de história viva, ou a um festival renascentista, ou como resultado de um amigo que participava. Da mesma forma, roupas, situações ou pessoas familiares tornam-se frequentemente gatilhos subconscientes para a recordação espontânea de vidas passadas.

Três quartos dos meus sujeitos medievais afirmaram ter experienciado algum tipo de *déjà vu* ou experiência espiritual, paranormal ou inexplicável. No geral, eles pareceram inicialmente mais abertos à possibilidade da reencarnação do que os recriadores da Guerra Civil, que falaram com maior cautela filosófica.

Antes das suas regressões, a maioria dos medievalistas que regredi admitiu abertura de espírito em relação à reencarnação. Quatro já eram crentes convictos. Outro era um defensor veemente da memória genética ancestral. Após as suas regressões, durante as quais todos os sujeitos relataram vidas passadas na Idade Média ou no Renascimento, mais de metade daqueles que não estavam totalmente convencidos da reencarnação antes das suas regressões disseram-me que o seu nível de crença tinha aumentado em 20%.

Isto foi semelhante aos recriadores da Guerra Civil, três quartos dos quais estavam quase 20% mais dispostos a considerar a possibilidade da reencarnação.

Tal como os recriadores da Guerra Civil, os medievalistas também consideraram as suas regressões muito mais “vívidas” e “reais” do que as suas várias experiências de recriação, numa média de 40%. Ao contrário da recriação moderna, onde a alegria abunda, sob hipnose, os meus sujeitos não recordaram muitos banquetes e folia. Em vez disso, provação, medo, frustração e tragédia foram os temas principais expressos.

Enquanto no estado hipnótico, seis dos recriadores medievais disseram que viram ou experienciaram memórias de vidas passadas como instantâneos, com cada cenário distinto. Sete, ou 54%, disseram que viram as suas histórias como um “filme” em exibição contínua.

Esta análise coincide com a dos meus sujeitos da Guerra Civil, que apresentaram um número ligeiramente superior de indivíduos a descrever as memórias como imagens em movimento, por oposição a fotografias — uma divisão de quase 80/20.

Durante as suas regressões, quatro recriadores medievais e cinco da Guerra Civil notaram que não eram capazes de fazer pequenas alterações nos seus "argumentos", mesmo sob minha orientação. Isto, espero eu, é uma indicação de que não fui capaz de os influenciar indevidamente pelo poder da sugestão.

Naturalmente, a influência potencial mais significativa sobre estes sujeitos foi o seu próprio conhecimento histórico. Numa escala de um a dez, sendo um "nenhum conhecimento" e dez "conhecimento especializado", a maioria dos sujeitos classificou o seu nível de conhecimento sobre a era acima de cinco. Ao avaliarem o seu conhecimento em áreas de interesse especial, como o bordado ou o fabrico de cotas de malha, os meus sujeitos avaliaram essas competências numa média de cerca de sete.

A maioria também disse sentir-se bastante confortável a agir e a falar como as suas "*personas*". Isto levanta novamente a questão de saber se os personagens de vidas passadas que recordaram eram meramente extensões teatrais adicionais de si mesmos. Sem surpresa, os recriadores da Guerra Civil também se classificaram acima da média na sua capacidade de realizar diálogos na primeira pessoa caracterizados.

Após as regressões, pedi aos meus sujeitos que estimassem a percentagem das suas recordações de vidas passadas que sentiam poder ter sido criada a partir do seu conhecimento histórico atual. A estimativa média foi de 55%. Sem surpresa, os recriadores da Guerra Civil também se classificaram com uma pontuação elevada no seu conhecimento da Guerra Civil e extremamente elevada no seu conhecimento de recriação. O conhecimento deles deu-lhes a capacidade de observar uma grande profundidade de detalhes durante as suas regressões.

Ao comparar o nível de detalhe nos relatos de vidas passadas dados pelas oito pessoas que estiveram em grupos medievais durante mais tempo (entre cinco a dezasseis anos, sendo a média de 10,5 anos), o nível médio de detalhe foi o dobro do das cinco pessoas mais recentes, que estiveram envolvidas uma média de 1,9 anos.

Houve também uma diferença vasta, de quase 30%, entre os dois grupos na sua classificação do conhecimento histórico prévio da informação que surgiu durante as suas regressões. Isto parece indicar que o nível de detalhe numa regressão pode estar diretamente ligado à quantidade de "vivência" que um recriador experienciou no ambiente de acampamentos de recriação e outros eventos. No entanto, isto também poderia indicar uma capacidade acrescida de reconhecer detalhes únicos do período temporal que um participante menos experiente poderia observar durante a regressão, mas falhar em descrever devido à falta de familiaridade.

Deve também notar-se que os meus especialistas medievais não encontraram nada de errado com as memórias de vidas passadas de três sujeitos, bem como com uma vida recordada de um quarto sujeito. Destes, dois eram membros relativamente novos que se classificaram com um nível extremamente baixo de conhecimento histórico, enquanto os membros mais antigos também tinham classificado o seu conhecimento histórico como moderadamente baixo.

Ao comparar os cenários de regressão dos medievalistas com as suas *personas* de recriação inventadas, notei que em onze casos, em pelo menos uma das vidas recordadas de cada um (alguns recordaram mais do que uma), havia uma semelhança cultural ampla — por exemplo, tanto a *persona* como a encarnação anterior viviam algures nas Ilhas Britânicas. Em sete casos, havia alguma ligação com o papel social, função, habilidade ou sistema de crenças da *persona*. Por exemplo, Tee recordou ter sido um bobo da corte na sua

quinta vida recordada. Ele é agora um comediante do Festival Renascentista de Maryland.

Adicionalmente, seis sujeitos recordaram vidas nos países da sua própria ascendência. Isto poderia significar que os sujeitos foram atraídos para recriar uma memória ancestral subconsciente. Ou que regressaram novamente a uma cultura semelhante. Isto está em harmonia com as teorias de reencarnação Orientais e Ocidentais — por exemplo, as leituras psíquicas de Edgar Cayce — de que as nossas ações, preconceitos e juízos de valor continuam de vida para vida. É também consistente com a literatura de terapia de vidas passadas, que sublinha a observância de padrões recorrentes de pensamento e comportamento.

Isto leva-nos a considerar a possibilidade de que a cura pode resultar da recriação de padrões anteriores, muitas vezes dolorosos, na esperança de os identificar e quebrar, criando depois novos padrões que melhorem a vida no seu lugar. As evidências mostram que a recriação histórica, mesmo sem regressões de vidas passadas ou uma crença na reencarnação, é uma excelente técnica para a cura interior.

Dez dos sujeitos de regressão medieval (um recordou uma vida fora da Idade Média) traçaram medos, fobias e preocupações de saúde atuais até vidas recordadas. Destes, quatro relataram mudanças positivas nestas áreas após a experiência de regressão.

Nick, que aprendeu através da regressão que tinha sido decapitado, foi libertado de um tipo de enxaqueca debilitante. Paula, que poderá ter morrido às mãos de um homem vicioso, deixou de ter medo de ser vitimizada. Tee, que disse ter morrido de solidão como um adolescente medieval, notou que os seus pesadelos recorrentes sobre a solidão terminaram.

Dori, que se lembrou de perder um bebé no parto durante uma vida passada, deixou de ter medo de dar à luz. Dois outros afirmaram ter encontrado um novo sentido de confiança e apoio, enquanto vários descreveram a regressão como espiritual ou iluminadora. Todos, exceto um, conseguiram identificar como a experiência de regressão afetou positivamente as suas vidas pessoais.

Mais de metade dos recriadores da Guerra Civil notaram que as suas regressões mudaram a sua perspetiva sobre a recriação. Além disso, três das suas mortes ou ferimentos de guerra recordados possivelmente relacionam-se com problemas de saúde atuais.

Entre os meus sujeitos da Guerra Civil, encontrei apenas um (uma mulher) que recordou ter mudado de sexo. Entre os recriadores medievais, mais de metade — cinco mulheres e dois homens — mantiveram o mesmo género nas vidas medievais. Os outros seis recordaram vidas como ambos os sexos. Dos seis, três tiveram mais vidas no seu sexo atual, duas mulheres tiveram mais vidas masculinas e um homem teve tanto uma vida masculina como feminina. Contando também as vidas que ficaram fora do período medieval, cinco sujeitos continuaram a recordar vidas apenas como o mesmo sexo que têm hoje.

Ao compilar as classes sociais representadas nas vidas passadas dos meus sujeitos, descobri que todos, exceto dois, se enquadravam em: religiosa (um), pequena nobreza ou nobreza (oito), classe média (quatro) ou classe baixa (vinte e oito). Descobri também que a classe social durante a Idade Média nem sempre dependia do estatuto financeiro. Havia também alguma fluidez e mobilidade ascendente — especialmente durante os séculos XVI e XVII — uma época de grande convulsão religiosa e social.

Para determinar os níveis sociais das encarnações passadas dos meus sujeitos, selecionei certas características para cada tipo. A "pequena nobreza/nobreza" possuía extensões de terra, eram cavaleiros, combatiam a cavalo, detinham um título ou falavam de outras circunstâncias sugestivas da classe alta. Por exemplo, isto incluiu tanto o filho bastardo do duque como o rapaz solitário que fora enviado para uma escola monástica.

Os critérios da classe média incluíam quaisquer vidas em que o indivíduo fosse instruído, um profissional ou um comerciante internacional. Incluídas nesta categoria estavam a esposa do professor universitário, a esposa de um camareiro, a filha de um mercador abastado e a esposa de um mercador.

A classe baixa era composta por *yeomen* — aqueles que detinham terras com arrendatários sob as suas ordens, artesãos, marinheiros, soldados e camponeses — que detinham uma faixa de terra para si próprios. Também foram incluídos o artista, o proprietário de uma taberna, vários criados e o nómada.

Dos que recordaram uma vida como nobreza, todos — exceto um — também recordaram ter sido da classe baixa noutras vidas. A distribuição percentual das vidas passadas, de acordo com os padrões sociais medievais, foi de 2% religiosa, 19% pequena nobreza, 9% classe média, 65% classe baixa e 5% indeterminada.

Estas percentagens são semelhantes às do estudo massivo de vidas passadas relatado no final da década de 1970 pela psicóloga e investigadora Dra. Helen Wambach. O estudo de Wambach incluiu 1.100 sujeitos com 1.088 vidas passadas relatadas, aproximadamente 44% das quais foram na Idade das Trevas, Idade Média e Renascimento. Wambach descobriu que quase 67% das vidas recordadas eram da classe baixa e 28% eram da classe média.

Embora a minha percentagem da classe alta tenha sido superior e a da classe média consideravelmente inferior, suspeito que estas diferenças reflitam os nossos próprios critérios para categorizar a classe social recordada pelos sujeitos, bem como a nossa tomada de decisão individual sobre algumas das descrições mais vagas.

Curiosamente, nesta vida, cinco medievalistas ganharam títulos, papéis de nobreza ou ganharam prémios de destaque. Três destes recordaram ter tido vidas na nobreza. Uma baronesa hoje foi uma criada na altura, enquanto quatro sujeitos que se lembraram de posições na classe da pequena nobreza no passado não têm títulos ou posições na recriação medieval de hoje.

As classes nobres representaram um quinto das vidas medievais recordadas pelos meus sujeitos. Esta é a mesma percentagem que encontrei entre os recriadores da Guerra Civil — apenas dois em cada dez soldados eram oficiais. Mas os de nascimento nobre não saíram incólumes. Dois foram mortos nas cruzadas, vários suportaram casamentos sem amor e outro pode ter tido um ligeiro atraso mental. Um morreu de melancolia na juventude, enquanto outro recordou uma morte horrível no mar. No estudo de regressão de Wambach, ela também descobriu que aqueles que relataram vidas na classe alta não as recordavam como tendo sido particularmente agradáveis.

Muitas das vidas da classe baixa foram também dolorosas e desprovidas de glamour. Houve recordações de comer insetos como uma iguaria, cheirar odores pútridos e vidas de labuta, pobreza e luta.

Todos os meus sujeitos experienciaram emoções e sensações físicas, descrevendo muitas vezes vividamente o que viam, sentiam ou ouviam sob hipnose. Expressaram medo, ansiedade, raiva e luto, bem como dor física. Isto é comparável às memórias dos meus recriadores da Guerra Civil. Nove em cada dez soldados da Guerra Civil recordaram não saber para onde iam, sentir fome, sede e cansaço, sofrer com o frio e a exaustão de marchas forçadas. Muitos descreveram graficamente o seu medo durante a batalha e a agonia de

ferimentos que levaram à sua morte — ou aos quais alguns sortudos sobreviveram.

Mais de metade das vidas medievais recordadas não continha uma menção à religião. Isto poderia ser visto como surpreendente, considerando o papel que a igreja desempenhava na vida quotidiana medieval. Em alguns casos, o indivíduo poderia estar tão consumido por questões pessoais ou ter tido vidas tão breves que a religião do dia-a-dia parecia sem importância. Das dezanove vidas que continham referências à religião, uma era de um monge ou assistente religioso; uma trabalhava para um arcebispo; uma era de um cruzado e outra de um membro da ordem dos Cavaleiros Templários. Houve doze vidas católicas. Menções a outras religiões incluíram o Catarismo, Islamismo, Calvinismo e Protestantismo. Houve duas referências a rituais pagãos e outra (possivelmente uma vida mongol) tocou na cura popular e pelas ervas.

Quanto à literacia, personalidades em 14%, ou seis vidas, eram capazes de ler — embora quatro dessas (todas mulheres nessas vidas) se descrevessem como lendo apenas um pouco. Dessas, duas disseram que os seus maridos eram muito melhores a ler. Duas disseram que aprenderam o pouco que sabiam com um membro da família. Uma mulher lembrou-se de ser capaz de ler coisas práticas, mas era incapaz de escrever. Apenas uma mulher recordou ter tido um tutor e conseguia ler algum latim. Dos cinco que disseram não saber ler, um homem, o mercenário, afirmou que a sua mulher sabia ler um pouco, embora ele não soubesse. Em trinta e duas vidas, não houve qualquer menção à leitura.

As vidas em tempos medievais não duravam, em média, muito tempo. A idade média da população situava-se entre os dezassete e os vinte e um anos (trinta anos nos anos 900, de acordo com uma fonte), e a idade média da morte por volta dos trinta e quatro. No entanto, as estatísticas de morte são enganadoras. Deve ser lembrado que mais de 50% de todas as crianças morriam antes dos cinco anos.

As mulheres jovens morriam frequentemente no parto e os homens jovens por violência. E depois houve as pestes. A Peste Negra sozinha matou de um quarto a metade da população do Ocidente entre 1347 e 1352. Todos estes fatores tendem a obscurecer o facto de que muitas pessoas viviam bem até aos sessenta anos e além disso.

As estatísticas de idade de morte dos meus sujeitos estavam em harmonia. Das quarenta e três vidas medievais recordadas, dezasseis

recordaram personalidades que foram assassinadas ou executadas judicialmente, enquanto cinco morreram em acidentes como incêndios, atropelamentos por carroças ou picadas de víbora. Seis morreram de doença, quatro de velhice e uma como resultado de parto.

Em doze casos, não houve menção ao tipo de morte. No estudo de vidas passadas de Wambach, ela determinou que cerca de 21% das mortes medievais foram violentas, 15% foram acidentais e 60% morreram de causas naturais. No meu estudo, 37% morreram violentamente, 12% por acidente e 26% morreram de causas naturais (incluindo o parto). Embora os níveis de morte violenta relatados pelos meus sujeitos sejam ligeiramente superiores, é possível que, no processo de regressão, os sujeitos gravitem para mortes traumáticas para resolver as questões por trás delas. Wambach concordou, descobrindo que os sujeitos que relataram regressões a mortes violentas resolveram muitos dos seus medos e fobias.

Em onze vidas, ou 26% dos casos, as pessoas morreram entre os cinco e os vinte anos. Dessas, sete morreram antes de atingirem os quinze. Dos que morreram até aos vinte anos, seis foram mortos, dois tiveram doenças fatais, dois tiveram acidentes e um morreu de "solidão", que devemos classificar como uma causa natural. Aparentemente, as mortes violentas entre jovens continuam a ser prevalecentes hoje em dia. Wambach descobriu uma estatística do Departamento de Saúde da Cidade de Nova Iorque de que, em 1976, o homicídio foi a causa de 53% das mortes de jovens não brancos dos quinze aos vinte e quatro anos, enquanto outros 33% morreram de acidentes.

Enquanto vivas, as personalidades medievais encontraram-se numa variedade de cenários — de florestas a quintas, de cabanas pobres a casas senhoriais. Apenas seis personagens de vidas passadas pareceram ter vivido num ambiente urbano. Uma área urbana medieval poderia ser caracterizada por ter a sua própria carta foral, ser independente e habitualmente ter comércio, mercadores e mercados.

Dois exemplos claros são Robert Murray (Ann Longmore-Etheridge), que habitava perto da “High Street” de Edimburgo, e a serva (Craig Greenbaum) que vivia numa casa de cidade. As localizações rurais consistiam em aldeias agrupadas em redor das sedes da nobreza. Assim, uma vida num castelo ou mosteiro seria classificada como rural.

Avaliando a geografia das vidas passadas dos meus sujeitos, oito vidas em quarenta e três foram demasiado inespecíficas para determinar uma área geográfica. Das outras trinta e cinco, as Ilhas Britânicas detiveram a

preponderância de vidas, com dezassete, ou quase 50%. O local seguinte mais popular foi a França com quatro vidas, os Países Baixos com duas, a Polónia com duas e duas vidas "saxónicas" de enquadramento geográfico incerto. Itália, Dinamarca, Alemanha, Palestina (visitada pelo cruzado francês), Médio Oriente, Mongólia, China e Japão tiveram uma vida passada cada.

A distribuição das dezassete vidas nas Ilhas Britânicas inclui quatro de local inespecífico, sete em Inglaterra, cinco na Escócia e uma na Irlanda. Atualmente, *personas* das Ilhas Britânicas são populares entre os recriadores medievais e historiadores vivos. Embora tenha havido uma profusão de vidas recordadas nas Ilhas Britânicas, a maioria dos sujeitos recordou vidas noutros locais também. Daqueles cujas vidas não foram demasiado vagas para identificar, apenas Helen regressou em ambas as suas vidas medievais à França. As suas outras vidas, que ficaram fora do período medieval, foram de localidades e culturas completamente diferentes.

Mas independentemente das localizações das suas vidas passadas, estas experiências foram muito mais reais do que as suas atividades medievais atuais. Como disse Helen Caldwell: "A recriação é um jogo em que tentamos exemplificar e recriar apenas os pontos mais refinados da era medieval. As minhas vidas francesas foram demasiado cruas para isso." Ou Nick Neville, que disse que "a recriação é alegria e banquetes. A experiência de regressão foram memórias vívidas de emoções fortes e dor."

Ou o comentário de Tee Morris: "A *Ren Faire* é um ambiente 'seguro' comparado com a 'realidade' da minha regressão." Ann Longmore-Etheridge achou "absolutamente tudo" diferente na regressão em relação à sua participação em festivais renascentistas e eventos de história viva. Segundo Rich Weissler: "A recriação é divertida e continua a ser maioritariamente eu. Nenhuma das regressões foi divertida! A 'pessoa' na minha segunda regressão era 'mentalmente lenta'."

Craig Greenbaum encontrou um sentido maior de vida real nas suas regressões do que aquele que encontra apenas fugazmente em alguns eventos de recriação e nunca em festivais renascentistas. Susan Reed, que se foca na autenticidade, saboreou os detalhes do período e a falta de distrações modernas nas suas vidas passadas. A observação de Katharine Bradley foi: "Ao fazer as atividades do festival, apenas podes especular como era a vida. Na regressão, tive uma sensação de como era realmente!"

Para Felicia Eberling, a regressão foi "realidade" diferenciada das atividades de recriação histórica moderna, que descreveu como "festas de

máscaras". Felicia diz que a sua base de realidade não muda por meio do passatempo. No festival renascentista, que ela descreve como "um trabalho de entretenimento", ela encontra a magia em fazer música, não em mudanças de tempo/espaço.

No seu passatempo, estes medievalistas tentam, de algum modo, recriar o passado, focando-se na alegria. Mas estarão eles realmente a tentar curar experiências antigas gravadas nas suas almas e na alma do inconsciente coletivo? Será, de certa forma, uma catarse? Estariam eles a reviver as suas próprias vidas passadas ou a mergulhar em memórias ancestrais? Seriam as suas memórias apenas peças montadas a partir das suas imaginações e/ou conhecimentos? Em que mergulharam eles quando se submergiram no seu subconsciente sob hipnose?

O propósito deste estudo não foi apenas procurar respostas. Foi tanto sobre explorar as próprias perguntas. Porque somos motivados a fazer o que fazemos? Porque escolhem estes recriadores dedicar o seu tempo, dinheiro e recursos emocionais à antiguidade bolorenta?

Embora estas regressões não provem que a reencarnação existe, as crenças daqueles que participaram no estudo mudaram drasticamente após as suas regressões, porque o que foi desenterrado para eles durante as mesmas foi muito mais gráfico e realista do que o que conheciam anteriormente. Poderiam as suas experiências emocionais de vidas passadas ter sido uma indicação da natureza eterna da alma?

Não posso deixar de me perguntar se a identificação de motivações subconscientes, possíveis vidas passadas e "lições de alma" são apenas o passo primário que nos permite atravessar e ir além das emoções que estas memórias despertam. Talvez precisemos de sair da velha armadura que nos protegeu na nossa cansativa jornada através do tempo. Talvez seja tempo de dissolver as nossas espadas de ódio, violência e separatismo — emoções que conduziram à guerra.

Em vez de conflito, temos a oportunidade de escolher as novas ferramentas do perdão, da verdade, do amor e da compaixão, com as quais podemos transcender as nossas experiências e transmutar a nossa dor. Este é, de facto, o solo fértil para o crescimento e expansão da alma na sua jornada através do tempo. À medida que fazemos isto, podemos criar uma realidade baseada na harmonia em vez de no conflito. Ao fazê-lo, não só nos curaremos a nós próprios, mas elevaremos a humanidade.

Talvez os medievalistas que escolheram viajar comigo, bem como outros recriadores, enquanto continuam os seus passatempos medievais, parem agora ocasionalmente para escutar os ecos, por mais ténues que sejam. Quer eles lhes sussurrem através das árvores, dancem com as faíscas de uma fogueira, ou reverberem com o tinir das armaduras ou o riso e a folia de um grande e glorioso banquete, talvez ouçam algo antigo que os agite.

E talvez, da próxima vez que os convidados visitarem um festival renascentista, possam permitir-se alguns momentos de quietude para olhar para dentro e sentir ou ouvir os seus próprios ecos vindos de salões medievais.

17 - Uma Nova Casa

"Times' glass breaks..." — Vernon Watkins, poeta galês

Ao romper da aurora, montámos silenciosamente um conjunto de tendas Viking de lona em estrutura de "A" entre as árvores imponentes. Um calafrio abraçava o ar. Alguns dos participantes armaram-se cavando uma fogueira, enquanto outros descarregavam o resto das provisões. Escudos redondos e coloridos com um umbo de ferro repousavam contra cepos e rochas. À parte do acampamento, um barco de transporte de madeira, batizado como *Gyrfalcon*, tinha sido puxado para terra, com a sua vela amarela a enfunar-se com a brisa. Os remos da pequena embarcação estavam a ser amarrados uns aos outros para formar uma das tendas.

À medida que transformávamos a clareira num acampamento Viking, falava-se dos critérios rigorosos de autenticidade esperados de todos os competidores. Disseram-me que, vários anos antes, o acampamento Viking tinha perdido pontos porque uma recriadora fora observada com as pernas rapadas.

A competição *Military Through the Ages* (MTA) realiza-se todos os anos em março em *Jamestown Settlement*, na Virgínia, uma reconstrução da paliçada de 1607 que cresceu até se tornar o primeiro assentamento inglês bem-sucedido no Novo Mundo. Os grupos em competição abrangem a história desde a Idade das Trevas até à Guerra do Vietname.

Antes de chegarem os primeiros visitantes, às nove da manhã daquele sábado de meados de março, todos os acampamentos coloridos estavam no lugar, os participantes vestidos com trajes autênticos e cada unidade tinha-se tornado a sua própria bolha de tempo, congelada num único dia de uma

grande campanha militar. Estas incluíam as campanhas de César, Napoleão, Boudica, Kaiser Guilherme e U.S. Grant.

Com o meu estudo sobre vidas passadas medievais terminado há meses, a magia e o mistério da recriação medieval continuavam a encantar-me. Tinha "brincado" com os *Scadians* e vagueado entre artistas de festivais renascentistas. Agora, fora convidada a participar com historiadores vivos numa competição. Achando isto uma conclusão adequada para o meu projeto, vesti alegremente o traje de uma Viking.

Para nós, era o início da primavera de 860 d.C. no Acampamento Viking. Nicholas, o filho da minha anfitriã Ann, brincava no campo atrás do acampamento com outros jovens nórdicos. Nicholas, com quatro anos, que assistira ao seu primeiro MTA num cesto com a idade de um mês, empunhava uma espada de madeira. O seu nome Viking era "Snorri", uma designação autêntica e também apropriada, pois tinha ressonado (*snored*) durante todos os seus primeiros eventos.

Entretanto, os adultos Vikings conversavam com os visitantes recém-chegados, explicando que o nosso acampamento estava situado na ilha de Jeufosse, *Francia* (França). Durante a década precedente, este acampamento Viking no rio Sena fora uma base para os dinamarqueses e noruegueses que devastaram o campo franco. As mulheres e crianças nórdicas tinham agora vindo para sul para se juntarem aos seus homens na fortaleza da ilha. O plano dos Vikings era atacar Paris, a sudoeste, e depois estabelecerem-se permanentemente nas terras que tinham roubado aos francos.

Os guardas, vestidos com cotas de malha e elmos nasais, armados com machados e espadas curtas, montavam guarda alternadamente perto do botim confiscado nos saques a cidades destruídas. Lingotes de prata, braceletes, moedas, vidraria bizantina, ouro em barra e contas de vidro transbordavam de uma arca marítima de madeira. Um relicário cravejado de joias fora roubado de um mosteiro. Os velhos ossos no interior — o que os francos chamavam "relíquias" — tinham sido deitados fora por não serem sequer bons para dar aos cães. Peças de capas de livros ornamentadas estavam a ser transformadas em joias, enquanto outros livros roubados seriam devolvidos mediante resgate. Detetei desdém na voz de uma mulher Viking quando comentou que o deus dos francos era um deus fraco e tonto. Afinal, não era ele um deus de paz, enquanto o deus Viking, Thor, era um forte deus de guerra?

Voltando a minha atenção para a fogueira, observei uma mulher inclinada sobre um pesado caldeirão de ferro pendurado num tripé. O pote

parecia antigo, mas fora encomendado recentemente a um ferreiro pelo valor de 250 dólares. A cozinheira mexia o guisado lá dentro, que consistia em cebolas desidratadas — e agora reidratadas —, pastinacas, cogumelos, cenouras, lentilhas, nabos, couve e grãos de aveia.

Suspenso de um segundo tripé, um caldeirão rebitado mais pequeno continha pedaços de coelho e chalotas num caldo de legumes. Uma enorme perna de cabra assava num espeto. Trutas, inteiras com cabeça e tudo, estavam espalhadas sobre as brasas de madeira de carvalho. Na outra extremidade da fogueira, um segundo coelho assava, enquanto o vinho, roubado de um mosteiro, era misturado com frutas e especiarias e aquecido num pote de cerâmica.

Juntando-me aos outros, ajudei a formar pequenas bolas de massa e depois a achatá-las com as mãos. O pão achatado resultante, que consistia em farinha e um pouco de líquido para ligar, parecia uma pequena panqueca. Sylvanna (Ann) fritou-o numa chapa. Fazer pães levedados num acampamento itinerante era quase impossível, daí este equivalente Viking da bolacha de marinheiro moderna.

Servi-me de um pouco do pão achatado quente e cozinhado. Era delicioso quando barrado com mel ou queijo de cabra. Ao longo do dia, voltaria à mesa coletiva para petiscar cerejas secas, maçãs, ameixas e peras. Tal como os outros, comi num prato de madeira (*trencher*) e bebi num copo de vidro soprado à mão, do tipo "*beaker*", que não tinha base, exigindo que o utilizador o segurasse até que a bebida no interior fosse consumida. Outros no acampamento bebiam em cornos de gado encerados e tigelas de madeira.

Enquanto desfrutava da minha refeição, sentei-me numa arca marítima coberta com uma pele de ovelha e olhei para os meus pés. Calçava sapatos de camurça de porco do tipo "*turn shoes*" — sapatos cosidos do avesso para esconder e proteger as costuras. Como eram vários números acima do meu, tinha-os enchido com lã não cardada. Outros enchiam os seus com erva e palha, embora alguns tivessem a sorte de ter meias feitas em *naelbound* (*naelbinding* é uma técnica arcaica de tricot com uma única agulha).

As minhas roupas eram simples: usava uma túnica de linho castanho claro que me chegava aos tornozelos e um avental tubular de lã cor de camelo mais curto, com uma faixa decorativa tecida em cartões no decote. Para criar este adorno, um baralho de cartões de madeira perfurados com buracos fora cuidadosamente enfiado. À medida que o tecelão baralha os cartões num padrão repetitivo, o desenho emerge.

Eu e as outras mulheres Vikings também usávamos dois grandes broches de bronze em forma de carapaça de tartaruga nas alças da frente dos nossos aventais. Geralmente, os broches estavam ligados por um fio de contas de vidro, cerâmica e osso esculpido. Pendurados em correntes seguras pelos broches, as mulheres usavam artigos de higiene, como uma colher de ouvido (para remover cera) e pinças, bem como outros artigos utilitários, incluindo um estojo de agulhas ou tesouras.

As esposas principais usavam também as chaves das arcas de mantimentos da família penduradas nos seus broches. Os homens Vikings podiam ter várias esposas, bem como escravas concubinas. Embora eu usasse os broches, um colar e um búzio pendurado — uma recordação das viagens de um parente masculino — não usava chaves. Durante o fim de semana, eu era Birgita, a prima solteira de Sylvanna.

Por cima da minha roupa, usava um manto anglo-saxónico de pala, de lã azul clara, para me manter quente durante as primeiras horas da manhã. Estava apertado ao ombro por um broche penanular de ferro, o equivalente da Idade das Trevas a um grande alfinete de ama. O meu cabelo estava coberto com uma touca de linho que se atava sob o queixo. Tinha sido copiada de exemplos encontrados em York, Inglaterra, e Dublin, Irlanda — ambas cidades Vikings.

Várias vezes durante o dia, vagueei para fora da bolha temporal Viking para visitar outros acampamentos. A cultura, o vestuário e a atmosfera de cada período, bem investigados e documentados, eram visualmente deslumbrantes. A energia, o talento, o empenho e o espírito de cada historiador vivo eram igualmente cativantes.

Após passar pela reconstrução do *James Fort,* entrei nos acampamentos mais modernos, todos situados numa colina suavemente inclinada que levava ao rio. Confrontada subitamente com os acampamentos da Guerra Civil, senti-me agora como um ser primitivo, e os soldados e as suas esposas de saias de armação pareciam de facto muito estranhos. Mas quando me aproximei deles, tornámo-nos novamente velhos amigos.

Conversei com eles sobre a Batalha de Antietam e outros eventos relacionados com a guerra com os quais me familiarizara durante o meu estudo anterior, no qual trabalhei com as memórias de vidas passadas de recriadores durante a Guerra Civil. Desenvolvera uma profunda afeição pela década de 1860 enquanto conduzia o estudo e a investigação de evidências. Agora, como antes, quando mencionei o estudo e o livro resultante, *Echoes*

from the Battlefield, alguns dos soldados relataram experiências estranhas de *déjà vu* que tinham tido no campo de batalha, experiências que os faziam questionar-se.

Agora, contudo, acabara de terminar um novo estudo sobre recriadores da Idade das Trevas, medieval e renascentista. À medida que o crepúsculo se aproximava, sabia que tinha de voltar ao Acampamento Viking. Sorri com nostalgia para os cavalheiros e damas da Guerra Civil nos seus trajes de gala e despedi-me.

Enquanto subia penosamente o caminho de volta para a extremidade oposta do acampamento — e do espetro temporal —, senti-me um pouco como a Dorothy com os seus sapatos vermelhos. Olhando para os meus sapatos de camurça de porco demasiado grandes, lembrei-me de que a minha nova casa estava longe, no passado. Ao tropeçar nos meus atacadores de couro cru pela trigésima vez, ri-me para comigo. Mais à frente, vi o nosso Acampamento Viking. Ouvi o Snorri rir e acenei à Sylvanna e às outras mulheres Vikings que estavam sentadas em redor da fogueira.

Glossário

Considere estas as suas cábulas de regressão medieval. Agradecimentos a Kathy Norvell e Susan Reed por fornecerem as definições.

Vestuário

- **BARBETTE (Bendeiro):** Uma faixa de linho para o queixo passada de uma têmpora, por baixo do queixo, até à outra têmpora. Usada com uma fita — uma faixa de linho tipo coroa — e o véu — um lenço de linho branco fino ou seda que cobre o pescoço. Os véus (*wimples*) ainda são usados por algumas freiras católicas.

- **CHEMISE (Camisa):** Uma túnica interior ou combinação. Geralmente branca, era usada por baixo da peça de vestuário exterior.

- **COTEHARDIE:** Uma peça de vestuário que se ajusta ao tronco, ombros e braços, substituindo a túnica por volta do século XIV. As *cotehardies* dos homens chegavam frequentemente a meio da coxa, enquanto as das mulheres eram compridas até ao chão, com saias amplas. No final do século XIV, era a peça interior preferida para a "*houppelande*".

- **CYCLAS:** Uma sobreveste da moda para homens e mulheres, semelhante a um tabardo. Inicialmente usada como um simples comprimento de material com um buraco para a cabeça e costuras laterais cosidas apenas da cintura para baixo.

- **DAMASK (Damasco):** Um tecido reversível com desenhos tecidos.

- **DOUBLET (Gibão):** Um casaco justo masculino com mangas, usado sobre a camisa entre os séculos XIV e XVI. As meias (*hose*) eram seguras por fitas que se prendiam ao gibão.

- **FRENCH HOOD (Toucado Francês):** Um toucado único em semicírculo, supostamente introduzido na moda da corte inglesa por Ana Bolena aquando do seu regresso da corte francesa na década de 1520.

- **HENNIN:** Usado em muitos países europeus durante o final de 1400, o toucado em forma de cone subia até um metro e vinte de altura e era adornado com um véu.

- **HOUPPELANDE:** Uma peça de vestuário com mangas grandes e penduradas, dobras maciças e grandes extensões de tecido. As mulheres usavam *houppelandes* até ao chão, enquanto as dos homens podiam variar entre o comprimento total e a altura da coxa.

- **JERKIN (Colete/Sayo):** Um casaco curto e justo para homens, muitas vezes sem mangas e usado sobre o gibão, dos séculos XVI e XVII.

- **KERMES (Quermes):** Um corante vermelho feito a partir dos corpos secos de certos insetos mediterrânicos.

- **KILT:** De origem escandinava, designa uma peça de vestuário como uma túnica comprida, arregaçada acima dos joelhos para facilitar o movimento.

- **LAMELLA (Lamela):** Uma placa de metal tal como usada em armaduras.

- **LORICA:** Um escudo grande e quadrado carregado pelos soldados romanos.

- **MAHEUTRES (Mangas):** Mangas acolchoadas nos ombros, por volta do século XV.

- **MAIL (Cota de Malha):** Uma armadura corporal flexível feita de pequenos anéis de metal, escamas ou elos de corrente.

- **PATTENS (Tamancos):** Socos ou sandálias de madeira que aumentavam a altura e mantinham os pés do utilizador fora da lama.

- **PLATE ARMOR (Armadura de Placas):** Por volta de 1400, os fatos de armadura de placas foram desenhados para cobrir todo o corpo. Elmos de aço, manoplas (luvas) e sapatos completavam o conjunto. Um fato de armadura podia custar tanto quanto uma pequena quinta.

- **POULAINES (Poulaines):** Sapatos medievais pontiagudos, frequentemente muito longos, cerca do século XV.

- **SURCOAT (Sobreveste):** Uma peça de vestuário exterior, frequentemente sem mangas.

- **TABARD (Tabardo):** Um manto de mangas curtas, brasonado, usado pelos cavaleiros sobre a armadura para a proteger do sol e do pó.

Empregos, Papéis e Funções

- **CHAMBERLAIN (Camareiro):** Assistente de aposentos para a realeza ou nobreza; um oficial principal na casa de um nobre; um alto funcionário em certas cortes reais. Também, um tesoureiro.

- **FARRIER (Ferrerador):** Um ferreiro que ferra cavalos.

- **JONGLEUR (Jogral):** Um menestrel itinerante da Idade Média em França e Inglaterra.

- **LIEGE MAN (Vassalo/Homem de Vassalagem):** No direito feudal, um súbdito obrigado a prestar serviço e lealdade ao seu suserano, que tem direito a essa lealdade.

- **MARSHALL (Marechal):** Um oficial da casa encarregue dos aspetos cerimoniais de qualquer reunião ou responsável pelo pessoal que cuidava dos cavalos.

- **MONIER (Monetário):** Um oficial nomeado para cunhar e produzir moedas. Era obrigado a colocar o seu nome nas moedas que cunhava.

- **PERFECT (Perfeito):** Um líder espiritual da fé Cátara. Iniciado por um batismo de imposição de mãos e possuidor de uma

compreensão total dos ensinamentos. Considerado um adepto e parte da hierarquia Cátara.

- **STEWARD (Senescal/Administrador):** Um oficial da casa encarregue da administração geral dos assuntos domésticos. Os Stuarts reais da Escócia descendiam do senescal de um rei.

Outros Termos

- **BAILEY (Pátio Exterior):** A muralha exterior de um castelo medieval ou qualquer uma das muralhas que rodeiam a torre de menagem ou o espaço imediatamente dentro das muralhas do castelo.

- **CATHARS (Cátaros):** Membros de uma seita religiosa que foram perseguidos por heresia.

- **CLOSE (Adro/Recinto):** Uma área fechada, como um quadrângulo, próxima de uma catedral, delimitada pelo arquidiaconato, vicariato e residências. Também, um espaço aberto parcial ou totalmente fechado por um grupo de habitações.

- **DREKKAR:** Um navio longo Viking.

- **ERASMUS OF ROTTERDAM (Erasmo de Roterdão):** Filósofo de meados do século XVI.

- **FRUMENTY (Frumenty):** Um prato de trigo fervido em leite e geralmente temperado com açúcar, especiarias e passas.

- **GREAT HALL (Grande Salão):** Espaço principal de habitação de um nobre da Idade das Trevas, no qual se comia, dormia e ocorria o entretenimento. Mais tarde, o termo para a sala de banquetes ou área de reunião num castelo ou casa.

- **HIGH STREET (Rua Principal):** A rua principal de uma vila ou cidade.

- **HIGH TABLE (Mesa de Honra):** A mesa principal num banquete onde se sentavam a nobreza e os convidados presidentes.

- **MAIN CHAUD e BLIND MAN'S BLUFF (Cabra-Cega):** "Jogos de salão", o primeiro jogado sentado, o segundo jogado de pé.

- **MATINS (Matinas):** O serviço de oração matinal pública. A primeira das sete horas canónicas.

- **MOOT:** Uma assembleia inglesa antiga de homens livres para discussão, deliberação ou administração da justiça.

- **MUNDANE (Mundano):** Como os *Scadians* chamam a tudo e a todos que ainda fazem parte do mundo do século XX.

- **PICTS (Pictos):** Uma tribo do norte da Escócia que pintava os seus corpos de azul para a batalha, na qual lutavam nus.

- **POPERY (Papismo):** Um termo hostil para as doutrinas ou rituais da Igreja Católica Romana.

- **PUND (Pund):** Uma libra, antes de 900 d.C.

- **QUINTAIN (Quintana):** Um poste com "braços" — um com uma tábua ou "escudo" e outro com um saco de areia para derrubar o cavaleiro do cavalo. Usado no treino de justas.

- **REVEL (Rejubilo):** Uma reunião dedicada à dança, teatro, conversa e refrescos.

- **RUSHES (Juncos):** Na ausência de tapetes, os juncos eram espalhados pelo chão e deixados acumular. Periodicamente, eram varridos e trocados. Geralmente estavam cheios de comida podre, ossos e migalhas de pão.

- **SYLKIE (Selkie):** Uma foca que pode assumir a forma humana.

- **TA:** Uma possível expressão de auto-ironia.

- **THEGN (Thegn):** Um título saxónico ou escocês antigo que significa "líder". Também grafado "*thane*".

- **TIERCE (Terça):** A terceira das sete horas canónicas.

- **WATTLE-AND-DAUB (Estuque de canas e barro):** Um método comum de construção de casas na Idade Média. Varas ou estacas eram entrelaçadas com ramos ou canas (*wattle*) e depois cobertas com lama ou barro (*daub*).

Os Comentadores Históricos

- **Bruce Blackistone:** Bruce descreve-se como funcionário público a tempo inteiro, ferreiro a tempo parcial e capitão sazonal de navios Viking. Em 1970, fundou a Milícia Medieval de Markland. As suas

áreas de especialização são a Alta Idade Média, com ênfase nos Vikings e Anglo-Saxões.

- **Craig Greenbaum:** A especialidade de Craig reside nas culturas e filosofias asiáticas. É engenheiro de sistemas informáticos com formação em teatro.

- **Stephen Hick, M.S.:** Investigador de esgrima europeia dos séculos XIV e XV, especialmente na Alemanha e Itália. Possui mestrado em ciência da computação.

- **Ann Longmore-Etheridge:** Jornalista e editora, licenciada em História. Os seus estudos focam-se na era Viking e nos reinados dos Tudors.

- **Joann Moran, Ph.D.:** Professora de história medieval e renascentista na Universidade de Georgetown, especializada em aspetos sociais e intelectuais.

- **Susan Reed, M.A.:** Consultora de trajes históricos com mestrado em têxteis. Membro da SCA há mais de dezasseis anos.

- **Kathy Norvell:** Especialista em traje medieval, dança e culinária, com foco nas Ilhas Britânicas dos séculos XV e XVI.

- **Paula Peterka:** Analista de sistemas e licenciada em ciência política. Investigadora da história europeia, especialmente sob os Plantagenetas e os Tudors.

- **Larry Peterka:** Especialista em história medieval e renascentista europeia e um dos fundadores da *Tudor Rose Society*.

- **Lisa Steele, J.D.:** Advogada especializada em litígios fiscais, com vasta publicação sobre economia senhorial e história francesa.

- **Jeff Tyeryar:** Historiador amador com interesse especial na Inglaterra anglo-saxónica pré-conquista. Licenciado em História e Direito.

Notas de Fim (Resumo)

- **Prefácio:** O movimento Pré-Rafaelita (1848) procurou inspirar-se na natureza e na Idade Média para infundir pureza e moralidade na arte.

- **Capítulo 1:** Referências a manuais de heráldica renascentista e à *Commedia Dell'arte*.

- **Capítulo 2:** Menção a casos de regressão relacionados com o Holocausto e a Guerra Civil Americana, além de obras de Michael Newton sobre a "vida entre vidas".

- **Capítulo 12:** Fontes sobre a vida de Ana de Cleves e dicionários de biografia nacional.

- **Capítulo 15:** Crónicas dos Plantagenetas e bibliografia sobre a Cruzada Albigense e os Cátaros.

- **Capítulo 16:** Estudos fundamentais de Ian Stevenson sobre reencarnação e as estatísticas de Helen Wambach sobre vidas passadas sob hipnose.